



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**CLARICE CRISTINA CORBARI**

**ATITUDES LINGÜÍSTICAS:**  
**UM ESTUDO NAS LOCALIDADES PARANAENSES DE IRATI E**  
**SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE**

Salvador  
2013



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**CLARICE CRISTINA CORBARI**

**ATITUDES LINGUÍSTICAS:  
UM ESTUDO NAS LOCALIDADES PARANAENSES DE IRATI E  
SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota  
Coorientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Salvador  
2013

CLARICE CRISTINA CORBARI

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO NAS LOCALIDADES PARANAENSES  
DE IRATI E SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jacyra Andrade Mota (UFBA)  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)  
Examinadora externa

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)  
Examinadora externa

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)  
Examinadora interna

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcela Moura Torres Paim (UFBA)  
Examinadora interna

Salvador, 17 de dezembro de 2013.

Esta tese é dedicada a todas as minorias linguísticas e a todos aqueles que lutam pela valorização e manutenção da diversidade linguística brasileira.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta tese. Em especial, agradeço:

À orientadora desta pesquisa, Jacyra Andrade Mota, pelas incansáveis leituras e pelos apontamentos, colaborando para meu amadurecimento teórico (processo que nunca está completo) nesse terreno novo e fascinante para mim, que é a Sociolinguística.

Às professoras Vanderci de Andrade Aguilera (coorientadora) e Aparecida Feola Sella, pelo constante estímulo à pesquisa e pela confiança sempre depositada em mim, a despeito de minhas limitações.

Às professoras Suzana Marcelino Cardoso e Vanderci de Andrade Aguilera, pelos valiosos apontamentos e sugestões no Exame de Qualificação.

À professora Marcela Moura Torres Paim, por, gentilmente, aceitar fazer parte da Banca de Defesa desta tese.

Às professoras Aparecida Feola Sella e Célia Marques Telles, pelo empenho em constituir o Doutorado Interinstitucional (DINTER UNIOESTE/UFBA), possibilitando, a mim e a outros professores da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a conquista do doutoramento.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, por possibilitar que me afastasse de minhas atividades para cumprir estágio na Universidade Federal da Bahia e para concluir minha pesquisa.

Às colegas da minha área de ensino, no *campus* de Marechal Cândido Rondon, por suprirem as lacunas da minha ausência.

À amiga e colega Any Lamb Fenner, por compartilhar preocupações, leituras e pontos de vista.

Aos amigos e familiares queridos, pelo estímulo e pela compreensão.

## RESUMO

Esta tese apresenta uma investigação sobre atitudes linguísticas manifestas por falantes de duas localidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, situada na região Sudoeste, na fronteira com a Argentina, e Irati, localizada na região Sudeste. Essas localidades constituem cenários sociolinguísticos complexos graças a seus contextos de fronteira e/ou imigração. Buscou-se investigar se a situação de línguas em contato gerava atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades, em virtude de suas realidades sócio-históricas e geográficas peculiares. Para nortear o estudo, foram utilizados princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, da Psicologia Social, da Etnografia da Comunicação e da Sociologia da Linguagem, partindo do pressuposto de que língua e identidade étnica estão intimamente relacionadas e que, conseqüentemente, atitudes em relação a uma língua refletem atitudes em relação ao grupo que a fala. O *corpus* foi coletado pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009) por meio de entrevistas com dezoito informantes em cada localidade, selecionados de acordo com as seguintes variáveis: a) três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos; b) três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e c) os dois sexos. A entrevista compôs-se de um questionário elaborado com base em critérios próprios de pesquisa dessa natureza, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades investigadas, com perguntas específicas para avaliar atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e também aos seus falantes) de cada localidade. A análise do *corpus* foi guiada pela abordagem mentalista, que concebe a atitude como um elemento complexo, formado por três componentes – o cognitivo, o afetivo e o conativo. Os resultados indicaram, de modo geral, atitudes positivas (de prestígio) dos informantes em relação às línguas e aos seus falantes em ambas as comunidades. Houve, porém, por parte de uma parcela pequena dos informantes, manifestações de preconceitos fundadas em visões estereotipadas, culturalmente construídas, ou mediadas por questões identitárias. Diferenças na manifestação de atitudes linguísticas entre uma comunidade e outra, embora pouco significativas, mostraram-se contingenciadas por fatores geográficos e sócio-históricos de constituição das comunidades.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas. Variedades linguísticas. Identidade étnica.

## ABSTRACT

This thesis presents an investigation on language attitudes of speakers from two localities in Paraná: Santo Antônio do Sudoeste, situated in the Southwest, on the border of Argentina, and Irati, situated in the Southeast. These localities constitute complex sociolinguistic scenarios due to their border and/or immigration contexts. The aim was to investigate whether the situation of language contact resulted in different language attitudes in both communities because of their particular socio-historical and geographical realities. The study is guided by theoretical and methodological principles of Sociolinguistics, Social Psychology, Ethnography of Communication and Sociology of Language, on the assumption that language and ethnic identity are closely related and that, consequently, attitudes towards a particular language reflect attitudes towards the group that speaks it. The *corpus* was collected by the Project *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Language beliefs and attitudes: a study on the relation between Portuguese and contact languages) (AGUILERA, 2009) through interviews with eighteen informants in each locality. The informants were selected according to the following variables: a) three age groups: 18 to 30 years old, 31 to 50 years old, and 51 to 70 years old; b) three levels of education: elementary, secondary and higher education; and c) both sexes. The interview consisted of a questionnaire based on criteria inherent to research of this nature, adapted to the sociolinguistic and cultural reality of the communities under investigation, with specific questions for exploring attitudes towards the languages in contact and Portuguese (and also towards their speakers) in each locality. The analysis of the *corpus* was guided by the mentalist approach, which conceives attitude as a complex element, consisting of three components – cognitive, affective and conative. The results showed, in general, positive (prestigious) attitudes of informants towards the languages and their speakers in both communities. There were, however, by a small portion of the informants, manifestations of prejudice based on culturally constructed stereotypes or mediated by identity issues. Differences in the manifestation of linguistic attitudes between the communities, albeit minor, were contingent on geographical and socio-historical factors of constitution of the communities.

**Keywords:** Language attitudes. Language varieties. Ethnic identity.

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1	–	Representação do processo de ocupação do Paraná.....	19
Figura 2	–	Localização do município de Irati no estado do Paraná.....	21
Figura 3	–	Localização do município de Santo Antônio do Sudoeste no estado do Paraná.....	25
Gráfico 1	–	Proporção de monolíngues e bilíngues entre os informantes de Irati.....	100
Gráfico 2	–	Língua(s) falada(s) pelos pais na interação com o informante iratiense durante a infância.....	102
Gráfico 3	–	Língua(s) falada(s) pelos avós na interação com o informante iratiense durante a infância.....	103
Gráfico 4	–	Língua(s) usada(s) pelo informante iratiense na interação com os pais e avós durante a infância.....	105
Gráfico 5	–	Uso das línguas de herança e do português em Irati no decorrer do tempo.....	105
Gráfico 6	–	Identificação das línguas faladas em Irati.....	107
Gráfico 7	–	Citação de exemplos de palavras ou expressões em polonês pelos iratienses.....	109
Gráfico 8	–	Citação de exemplos de palavras ou expressões em ucraniano pelos iratienses.....	111
Gráfico 9	–	Citação de exemplos de palavras ou expressões em italiano pelos iratienses.....	113
Gráfico 10	–	Citação de exemplos de palavras ou expressões em alemão pelos iratienses.....	116
Gráfico 11	–	Locais em que se ouvem línguas diferentes do português em Irati.....	117
Gráfico 12	–	Percepção dos informantes de Irati sobre o comportamento social e linguístico dos falantes dos diversos grupos étnicos quando alguém se aproxima do grupo.....	123
Gráfico 13	–	Crenças dos informantes sobre o uso de línguas diferentes do português em lugares públicos de Irati.....	126
Gráfico 14	–	Crenças dos informantes de Irati sobre o uso de línguas diferentes do português em serviços religiosos.....	129
Gráfico 15	–	Crenças dos informantes sobre a inclusão das línguas faladas em Irati no currículo escolar.....	132
Gráfico 16	–	Relações de amizade dos informantes com membros dos diversos grupos étnicos de Irati.....	135
Gráfico 17	–	Percepção do informante sobre a sinceridade das amizades com membros dos diversos grupos étnicos de Irati.....	136



Gráfico 18 –	Percepção do informante sobre a falsidade das amizades com membros dos diversos grupos étnicos de Irati.....	138
Gráfico 19 –	Ocorrência de desentendimentos com membros dos diversos grupos étnicos de Irati.....	139
Gráfico 20 –	Avaliação de quem fala melhor em Irati.....	142
Gráfico 21 –	Avaliação de quem fala pior em Irati.....	143
Gráfico 22 –	Avaliação do desempenho dos falantes de português em comparação com o dos falantes das outras línguas faladas em Irati.....	144
Gráfico 23 –	Avaliação estética geral das línguas de herança faladas em Irati.....	146
Gráfico 24 –	Avaliação da língua mais bonita em Irati.....	147
Gráfico 25 –	Avaliação da língua mais feia em Irati.....	148
Gráfico 26 –	Disposição do informante iratiense para aprender línguas adicionais.....	151
Gráfico 27 –	Tendência de reação frente à possibilidade de morar em bairro constituído de membros de um grupo étnico específico, em Irati.....	154
Gráfico 28 –	Tendência de reação frente à possibilidade de relacionamento afetivo com membros dos diversos grupos étnicos de Irati.....	158
Gráfico 29 –	Tendência de reação frente à possibilidade de consulta a profissionais da área da saúde pertencentes aos diversos grupos étnicos de Irati.....	159
Gráfico 30 –	Proporção de monolíngues e bilíngues entre os informantes de Santo Antônio do Sudoeste.....	162
Gráfico 31 –	Língua(s) falada(s) pelos pais na interação com o informante santo-antoniense durante a infância.....	163
Gráfico 32 –	Língua(s) falada(s) pelos avós na interação com o informante santo-antoniense durante a infância.....	164
Gráfico 33 –	Língua(s) usada(s) pelo informante santo-antoniense na interação com os pais e avós durante a infância.....	165
Gráfico 34 –	Uso do português, das línguas de herança e do espanhol em Santo Antônio do Sudoeste no decorrer do tempo.....	165
Gráfico 35 –	Identificação das línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste.....	167
Gráfico 36 –	Citação de exemplos de palavras ou expressões em espanhol argentino pelos santo-antonienses.....	168
Gráfico 37 –	Citação de exemplos de palavras ou expressões em italiano pelos santo-antonienses.....	173
Gráfico 38 –	Locais em que se ouvem as línguas diferentes do português em Santo Antônio do Sudoeste.....	176
Gráfico 39 –	Percepção dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste sobre o comportamento social e linguístico dos falantes dos diversos grupos étnicos quando alguém se aproxima do grupo.....	182
Gráfico 40 –	Crenças dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste sobre o uso de línguas diferentes do português em serviços religiosos.....	184
Gráfico 41 –	Crenças dos informantes sobre a inclusão das línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste no currículo escolar.....	185

Gráfico 42 –	Relações de amizade dos informantes com membros dos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste.....	189
Gráfico 43 –	Avaliação de quem fala melhor em Santo Antônio do Sudoeste.....	193
Gráfico 44 –	Avaliação de quem fala pior em Santo Antônio do Sudoeste.....	196
Gráfico 45 –	Avaliação do desempenho dos falantes de português em comparação com o dos falantes das outras línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste.....	199
Gráfico 46 –	Avaliação estética geral das línguas diferentes do português faladas em Santo Antônio do Sudoeste.....	201
Gráfico 47 –	Avaliação da língua mais bonita em Santo Antônio do Sudoeste.....	202
Gráfico 48 –	Avaliação da língua mais feia em Santo Antônio do Sudoeste.....	203
Gráfico 49 –	Disposição do informante santo-antoniense para aprender línguas adicionais.....	204
Gráfico 50 –	Tendência de reação frente à possibilidade de morar em bairro constituído de membros de um grupo étnico específico, em Santo Antônio do Sudoeste.....	208
Gráfico 51 –	Tendência de reação frente à possibilidade de relacionamento afetivo com membros dos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste.....	210
Gráfico 52 –	Tendência de reação frente à possibilidade de consulta a profissionais da área da saúde pertencentes aos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste.....	212

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 –	Tipo de funcionamento bilíngue e de sobreposição de domínios nos sucessivos estágios de aculturação dos imigrantes.....	42
Quadro 2 –	Matriz dos informantes de Irati.....	90
Quadro 3 –	Matriz dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste.....	91
Quadro 4 –	Organização das perguntas do questionário em blocos para fins de análise.....	96
Quadro 5 –	Atribuições dos informantes às línguas, aos falantes e aos modos de falar.....	236
Tabela 1 –	Campo conceitual das palavras ou expressões em polonês citadas pelos informantes de Irati.....	110
Tabela 2 –	Campo conceitual das palavras ou expressões em ucraniano citadas pelos informantes de Irati.....	112
Tabela 3 –	Campo conceitual das palavras ou expressões em italiano citadas pelos informantes de Irati.....	115
Tabela 4 –	Campo conceitual das palavras ou expressões em espanhol argentino citadas pelos informantes de Santo Antônio do Sudoeste.....	170
Tabela 5 –	Campo conceitual das palavras ou expressões em italiano citadas pelos informantes de Santo Antônio do Sudoeste.....	174

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DAS LOCALIDADES DA PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
2.1	PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO PARANÁ: UMA SÍNTESE.....	18
2.2	A LOCALIDADE DE IRATI.....	21
2.3	A LOCALIDADE DE SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE.....	25
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>31</b>
3.1	LÍNGUA, DIALETO E VARIEDADE.....	31
3.2	COMUNIDADE LINGUÍSTICA E COMUNIDADE DE FALA.....	35
3.3	CONTATO LINGUÍSTICO, BILINGUISTO E DIGLOSSIA.....	38
3.4	LÍNGUA E IDENTIDADE ÉTNICA.....	50
3.5	ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	59
3.6	ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E ESTIGMA.....	65
<b>4</b>	<b>PESQUISAS ANTERIORES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS.....</b>	<b>73</b>
4.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	73
4.2	PESQUISAS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS REALIZADAS EM COMUNIDADES BRASILEIRAS .....	74
4.3	PESQUISAS BASEADAS NOS CORPORA DO PROJETO <i>CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS EM CONTATO</i> .....	84
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>87</b>
5.1	AS LOCALIDADES.....	87
5.2	OS INFORMANTES.....	87
5.3	O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	92
5.4	O <i>CORPUS</i> .....	93
5.5	O TRATAMENTO E A APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	94
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE IRATI.....</b>	<b>100</b>
<b>7</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE.....</b>	<b>161</b>
<b>8</b>	<b>ATITUDES LINGUÍSTICAS EM IRATI E SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....</b>	<b>213</b>
8.1	ÍNDICES COGNOSCITIVOS DA ATITUDE.....	213
8.1.1	Línguas de aquisição e de uso dos informantes: um retrato da situação de bilinguismo nas localidades pesquisadas.....	214

<b>8.1.2</b>	<b>Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas nas localidades: um retrato dos domínios de uso do espanhol e das línguas de herança.....</b>	<b>217</b>
<b>8.1.3</b>	<b>Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e ensino das línguas faladas nas localidades: a valorização das línguas étnicas e a necessidade de políticas de educação bilíngue.....</b>	<b>220</b>
<b>8.2</b>	<b>ÍNDICES AFETIVOS DA ATITUDE.....</b>	<b>229</b>
<b>8.2.1</b>	<b>Descrição e avaliação do círculo de amigos do informante: as experiências pessoais como balizadoras das atitudes.....</b>	<b>229</b>
<b>8.2.2</b>	<b>Avaliação das línguas e dos falantes pelo informante: identificação dos atributos dados às variedades e aos modos de falar dos diversos grupos étnicos.....</b>	<b>233</b>
<b>8.3</b>	<b>ÍNDICES COMPORTAMENTAIS DA ATITUDE.....</b>	<b>238</b>
<b>8.3.1</b>	<b>Identificação das tendências de reação: a disposição dos informantes para aprender uma língua adicional e para empreender relações pessoais e profissionais com membros de diversas etnias.....</b>	<b>239</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>242</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>249</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Paraná possui grande extensão geográfica – 199.316 km<sup>2</sup>, segundo dados do IBGE (2012) –, abrigando inúmeras línguas e etnias diferentes, grande parte delas herança da imigração europeia, e outras de comunidades oriundas dos países hispanófonos que fazem fronteira com o estado (nas regiões Oeste e Sudoeste), além das comunidades indígenas espalhadas pelo seu território. Essa realidade propicia sobremaneira a diversidade linguística e cultural, justificando as palavras de Wachowicz (1982) ao afirmar que, provavelmente, o Paraná seja o maior laboratório étnico do Brasil.

As diferentes línguas ou dialetos e suas respectivas culturas já vêm sendo descritas em inúmeras pesquisas, como no ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), no ALERS – *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALTENHOFEN; KOCH; KLASSMANN, 2002) e em *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010), cujos dados apontam, por exemplo, para a presença de certos traços linguísticos remanescentes dos colonizadores da região, bem como derivados dos contatos linguísticos típicos de região fronteira. Já antes disso, pesquisas na área da Geolinguística resultaram na elaboração de atlas linguísticos de dois municípios paranaenses: o EALLO – *Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina* (AGUILERA, 1987), e o ainda inédito *Atlas Linguístico de Ortigueira* (AGUILERA, 1993), possibilitando verificar o que ocorre em regiões de colonização recente e de intensa imigração.

No campo das atitudes linguísticas, destaca-se o projeto interinstitucional *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), com a colaboração da professora Aparecida Feola Sella (Universidade Estadual do Oeste do Paraná). O projeto coletou dados em localidades paranaenses fronteiriças e/ou ocupadas por populações multiétnicas, os quais vêm sendo analisados por alunos de Pós-Graduação *stricto sensu* de várias instituições de ensino superior do Paraná, grande parte deles sob orientação de Aguilera. Ressalta-se, porém, que as pesquisas desenvolvidas em nível de Mestrado analisaram dados de uma única localidade, o que abre campo para o desenvolvimento de estudos de abordagem comparativa de comunidades com perfis distintos em alguns aspectos. É nessa perspectiva que esta tese se serve dos *corpora* obtidos em Irati e em Santo Antônio do Sudoeste para empreender a análise comparativa das atitudes linguísticas de falantes dessas localidades.

Torna-se necessário, aqui, esclarecer que a escolha das designações ‘crenças e atitudes linguísticas’ ou apenas ‘atitudes linguísticas’ reflete abordagens teórico-metodológicas do pesquisador. Os títulos dos trabalhos existentes sobre o tema, como se verá na Seção 4, também refletem essa distinção, que será explicitada na Seção 3 (Subseção 3.5). Embora esta tese utilize dados de projeto intitulado ‘crenças e atitudes linguísticas’, optou-se por uma abordagem que concebe as crenças como apenas um dos componentes da atitude, de modo que a designação ‘atitude’ será preferida no texto, optando-se por ‘crenças e atitudes’ somente quando se relatam discussões de autores que adotam essa concepção que separa crenças de atitudes.

Do ponto de vista sociolinguístico, autores como Gómez Molina (1996), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004) destacam a importância dos estudos das atitudes linguísticas porque elas a) atuam de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; b) constituem fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; c) permitem ao pesquisador se aproximar do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que os falantes usam; e d) influem na aquisição de segundas línguas.

Diante dessa realidade, parece pertinente, portanto, dedicar-se à análise das atitudes linguísticas presentes em comunidades bilíngues, uma vez que investigações dessa natureza podem fornecer indícios para a análise do comportamento linguístico dos falantes em relação à variação, revelando os elementos que atuam nas relações sociais entre os diferentes grupos. O estudo das atitudes linguísticas no Brasil e, especialmente, no Paraná é bastante propício pelo contato linguístico e cultural que se estabeleceu entre grupos étnicos das mais variadas origens em virtude das correntes migratórias e, nas regiões fronteiriças a outros países, das relações laborais e comerciais.

As características das localidades escolhidas justificam a investigação das atitudes frente à fala local, tipicamente heterogênea, pois convivem nessas comunidades diversas línguas minoritárias, o que pode favorecer juízos de valor depreciativos sobre essas línguas, já que, segundo Calvet (2009, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam”. Como são várias as línguas minoritárias existentes no estado do Paraná, é possível que os juízos de valor depreciativos sobre essas línguas sejam frequentes e notórios. Trata-se de uma atitude discriminatória que tem sua origem no julgamento que é feito da língua minoritária, seja por seus falantes, seja por quem com eles conviva. Reconhecer as verdadeiras causas e as condições em que esse fenômeno se concretiza constituiria, assim, uma contribuição para o

objetivo de fortalecer a identidade linguística dessas comunidades, desmistificando crenças que podem perpassar várias gerações.

Os municípios paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste têm em comum o fato de constituírem cenários sociolinguísticos complexos; entretanto, apresentam diferenças geográficas, socioeconômicas e histórico-culturais. O município de Irati, localizado na região Sudeste do Paraná – portanto, numa posição mais central no estado –, tem sua população formada basicamente pela mescla de diferentes etnias de origem europeia, especialmente poloneses e ucranianos. Tais características, aliadas ao fato de que alguns municípios limítrofes possuem perfil sócio-histórico semelhante, podem conferir à localidade um ambiente mais tradicional, voltado à preservação dos usos e costumes dos grupos étnicos que ali se estabeleceram, como atestam os eventos culturais realizados no município (IRATI, 2012).

Já o município de Santo Antônio do Sudoeste, localizado na região Sudoeste do Paraná, na fronteira com a Argentina, foi inicialmente ocupado por caboclos e, posteriormente, colonizado por descendentes de imigrantes europeus vindos dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Acrescente-se a esse cenário o contato entre brasileiros e hispânicos que atravessam continuamente a fronteira entre Brasil e Argentina, especialmente motivados pela necessidade de intercâmbio comercial, gerando uma permanente interação linguístico-cultural.

As constantes e dinâmicas trocas linguísticas e culturais que se estabelecem entre os diferentes grupos étnicos, nessas e em outras comunidades com o mesmo perfil, levam o português, em contato com as línguas de origem desses grupos étnicos, a mudanças nos diferentes níveis – morfossintático, lexical e fonético. Acredita-se que tais mudanças não são influenciadas apenas pelo contato em si, mas também, em grande parte, pela postura tomada pelos falantes diante dessas línguas, rejeitando alguns modos de falar e preferindo outros. Assim, os perfis diferenciados dessas duas comunidades podem revelar também diferenças com relação ao modo como os falantes das línguas em contato avaliam a sua própria variedade e as demais variedades, já que, conforme Fishman (1999), o uso da língua e as atitudes linguísticas variam de acordo com os contextos sociais em que transpiram. Não se pode pensar, portanto, na língua desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico (AGUILERA, 2008a).

Tendo em vista o cenário até aqui delineado, duas perguntas emergiram como instigadoras de pesquisa: 1) a situação de línguas em contato nas localidades de Santo



Antônio do Sudoeste e Irati gera atitudes em relação aos falantes de outras variedades e/ou em relação à sua própria variedade, incluindo-se o português? Caso ocorra essa situação, 2) de que modo essas atitudes se manifestam nas diferentes localidades?

Com base no problema de pesquisa – desdobrado nas duas perguntas anteriores –, foram lançadas as seguintes hipóteses iniciais: a) ocorre estigmatização das diversas línguas e variedades faladas em ambas as regiões e, por consequência, de seus falantes, criando conflitos linguísticos e identitários em diferentes esferas sociais; b) ocorre preconceito ou estigmatização em relação ao uso da fala dialetal de herança e da variedade linguística de português com interferências do dialeto de herança pelo próprio grupo étnico, e em relação às variedades dialetais ou à variedade do português com interferência dos respectivos dialetos de outros grupos étnicos; c) ocorre o prestígio da variedade do português padrão, ou, mais especificamente, da norma culta do português; e d) as atitudes linguísticas se mostram diferentes quando comparados os dois municípios, dado que cada um deles apresenta características geográficas, histórico-culturais e socioeconômicas distintas.

Desse modo, o objetivo geral do estudo, conforme posto inicialmente no projeto de pesquisa, foi *analisar as manifestações de atitudes linguísticas presentes na relação do português brasileiro com línguas de contato nas localidades de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, desdobrando-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) descrever atitudes linguísticas de falantes das duas localidades em tela;
- b) identificar o valor social atribuído pelo falante à sua variedade e à variedade do outro;
- c) verificar em que medida existe preconceito linguístico ou estigma quanto ao uso das variantes locais;
- d) analisar os dados sobre manifestações linguísticas indicativas da cultura das regiões a que a pesquisa está circunscrita;
- e) comparar os dados relativos às duas localidades, verificando em que medida se assemelham e se distinguem, e buscando identificar quais são os fatores responsáveis pelas distinções e/ou semelhanças.

A tese se organiza em nove seções. A Seção 1 tem caráter introdutório, com vista à contextualização geral do estudo. A Seção 2 apresenta o contexto sócio-histórico dos *loci* de pesquisa, por se entender que os indivíduos são moldados no e pelo espaço social em que estão inseridos. A Seção 3 traz os pressupostos teóricos que orientam as análises dos dados, discutindo-se conceitos pertinentes ao estudo de línguas em/de contato, à relação entre língua e identidade, ao conceito de atitude linguística e ao processo de estereotipia e estigmatização,

a partir das abordagens de diferentes áreas: a Sociolinguística, a Psicologia Social, a Etnografia da Comunicação e a Sociologia da Linguagem. A Seção 4 expõe uma revisão de trabalhos sobre atitudes linguísticas publicados no Brasil. A Seção 5 apresenta a descrição da metodologia utilizada para as diferentes etapas da pesquisa, desde a coleta dos dados até a apresentação de sua análise. As Seções 6 e 7 se destinam à descrição e análise dos dados obtidos nos inquéritos de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, respectivamente. A Seção 8 apresenta uma síntese dos resultados, numa abordagem comparativa, aprofundando-se as discussões motivadas pelos dados encontrados. A Seção 9 traz as considerações finais, com algumas reflexões sobre os resultados da pesquisa.

## 2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DAS LOCALIDADES DA PESQUISA

### 2.1 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO PARANÁ: UMA SÍNTESE

O Paraná se caracteriza pela diversidade étnica e linguística de sua população. Como reconhece o historiador Lazier (2003, p. 89), “o Paraná é a terra de todas as gentes. Tornou-se uma região multicultural e multirracial, uma mistura de sangue e cultura, talvez única no mundo pela sua diversidade. Essa é uma de suas peculiaridades, talvez sua identidade”. Embora essa afirmação possa ser considerada simplista no tocante à singularidade desse estado – percebida pelo autor como uma realidade possivelmente “única no mundo” –, pois inúmeras nações convivem com a diversidade étnica, cultural e linguística, não se pode ignorar o fato de que muitos povos vieram para habitar, em turnos, a região onde hoje se encontra o Paraná, já que esse território, segundo Lazier, não possui população autóctone.

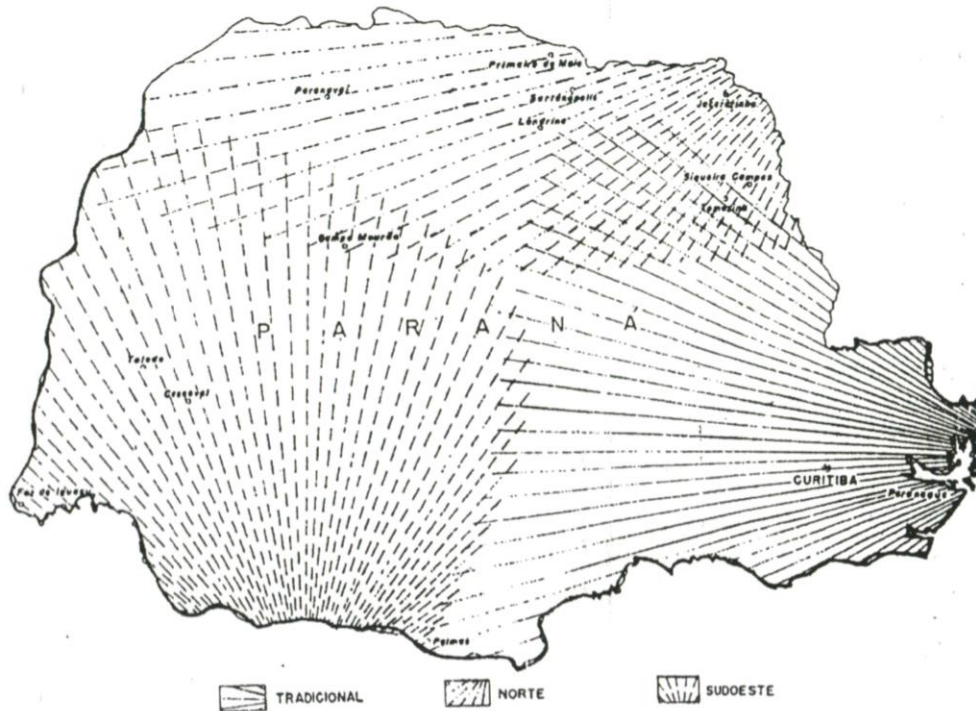
[...] pode-se afirmar que todos que participaram do processo de ocupação da região são imigrantes, a começar pelos pré-ceramistas e pré-colombianos, ou seja, as famílias linguísticas Jê e Tupi-Guarani. Depois vieram os colonizadores espanhóis e portugueses. Em seguida os navios-negreiros trouxeram os africanos escravizados. No fim do século XIX e início do século XX vieram os europeus e os asiáticos. A partir de 1930, o norte, o oeste e sudoeste do Paraná foram ocupados por migrantes de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e nordestinos. [...] No conceito tradicional, porém, o índio, o espanhol, o português e o escravo africano, não são considerados imigrantes (LAZIER, 2003, p. 89).

A Figura 1, a seguir, mostra, ainda que de modo bastante simplificado, como atuaram as frentes de ocupação do Paraná: do leste em direção ao centro, formou-se o chamado Paraná Tradicional, cuja ocupação se iniciou em função da constituição de capitânicas hereditárias e da concessão de sesmarias por seus respectivos donatários; posteriormente, a partir do norte, a ocupação se deu por migrantes paulistas e mineiros; e, mais recentemente, a porção sudoeste foi ocupada inicialmente pelos caboclos e, mais tarde, por eurodescendentes oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Não são consideradas, no mapa (Figura 1), as primeiras movimentações no território paranaense, empreendidas ainda no século XVI pelos colonizadores espanhóis, que avançaram numa frente que vinha do interior para o litoral, por intermédio de missionários jesuítas que mantinham povoações nos vales dos rios Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri e Iguaçu. Tampouco foram consideradas as investidas dos bandeirantes, nas primeiras décadas do século XVII, que, inclusive, destruíram as reduções jesuítas. Tais movimentos, no entanto, não chegaram a constituir ocupação permanente.

Figura 1 – Representação do processo de ocupação do Paraná



Fonte: LAZIER (2003, p. 154)

Com relação ao estabelecimento de imigrantes de origem europeia, que é o que caracteriza as localidades pesquisadas, especialmente o município de Irati, povos de várias nações formaram colônias<sup>2</sup> no Paraná. O clima predominantemente subtropical do território paranaense, com invernos rigorosos, foi um dos grandes motivadores para a imigração europeia, pois se assemelhava ao dos países de origem dos colonos. Wachowicz (1982) informa que os poloneses lideraram a quantidade de imigrantes, com mais de 50 mil, seguidos pelos ucranianos, com 35 mil, e os italianos e alemães, com cerca de 15 mil cada. O grupo alemão se estabeleceu principalmente às margens do Rio Negro e Mafra, em Curitiba e arredores, e no planalto dos Campos Gerais. O grupo italiano se fixou principalmente nos arredores de Curitiba. Os ucranianos ocuparam principalmente a região de Rio Claro, Antônio Olinto, Senador Correia, Cruz Machado e Prudentópolis, entre outras localidades. E os poloneses, vindos em duas levadas (1890 a 1896, e 1907 a 1914), formaram grandes e numerosas colônias mais ao sul do estado, entre as quais está Irati (WACHOWICZ, 1982).

No caso do Sudoeste do Paraná, os descendentes de imigrantes que lá se instalaram vieram de colônias previamente formadas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, atraídos

<sup>2</sup> O termo 'colônia' designa cada um dos núcleos coloniais em áreas agrícolas onde se estabeleceram os imigrantes estrangeiros no Brasil, concentrados por grupos étnicos e vivendo como pequenos proprietários.

para essa região paranaense pela possibilidade de compra de terras, até então “posseadas” pelos caboclos, a preços irrisórios (WACHOWICZ, 1982). Essa busca dos descendentes imigrantes por terras nessa região do estado foi motivada pelo excesso de população ou pelo esgotamento de terras nas colônias primitivas – as chamadas “colônias velhas” – do Rio Grande do Sul. Diante disso, muitos se deslocaram em busca de novas terras, estendendo-se a ocupação, no Rio Grande do Sul, até o rio Uruguai e a região Nordeste, e, em seguida, até o Meio-Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná, formando as “colônias novas” (VANDRESEN, 1982; KOCH, 2000). Esse fenômeno de deslocamento de pessoas de um meio rural para outro em busca de novas terras para a subsistência foi denominado ‘enxameamento’ por Roche (1969).

Os povos que se estabeleceram no Paraná, juntamente com aqueles que constantemente imigram dos países fronteiriços, carregaram consigo sua língua, seus costumes, suas tradições, enfim, sua cultura. Conforme afirma Burko (1963, p. 81), “um povo quando emigra leva consigo, mesmo que disto não se aperceba, todo aquele complexo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra, ou seja, a raça [*sic*], a cultura, a língua, os costumes, o *way of life*, e principalmente o acervo que se diz tradição”. Assim, vários modos de vida se entrecruzaram e formaram a colcha de retalhos multilinguística e multicultural que caracteriza o Paraná.

No que tange especificamente ao contato linguístico,

Os imigrantes entraram no país e trouxeram as suas línguas maternas: outras histórias, outras ideologias. E o modo pelo qual eles foram constituídos por suas línguas maternas foi determinante da forma pela qual eles se relacionaram com o português e com o Brasil. Para os imigrantes, o português era a língua do estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante no novo ambiente (dos falantes de português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do português (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 43).

Esse contexto de línguas e culturas plurais propicia grandemente o estudo das atitudes linguísticas, pois é inevitável que falantes de línguas distintas ou de variedades do mesmo idioma, quando colocados em contato, assumam certas atitudes diante das diferenças que percebem nos falares alheios.

## 2.2 A LOCALIDADE DE IRATI

O município de Irati se localiza no Sudeste do Paraná e ocupa uma área territorial de 999,52 km<sup>2</sup>. A Figura 2 mostra a localização de Irati no mapa do estado.

Figura 2 – Localização do município de Irati no estado do Paraná



Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana\\_Municip\\_Irati.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_Municip_Irati.svg)>

Os municípios limítrofes a Irati são: a) Imbituva, surgido a partir de um local de pouso de tropeiros do histórico Caminho de Viamão, posteriormente povoado por bandeirantes paulistas e, mais tarde ainda, por colonos alemães, poloneses e russos; b) Fernandes Pinheiro, desmembrado em 1995 do município de Teixeira Soares, que foi inicialmente povoado por tropeiros e bandeirantes; c) Prudentópolis, colonizado por imigrantes vindos da Galícia<sup>3</sup>, ou seja, poloneses, algumas famílias de austro-alemães e, principalmente, ucranianos, sendo considerado hoje o município mais ucraniano do Brasil, com 80% da população descendente dos imigrantes dessa etnia; d) Inácio Martins, colonizado por imigrantes de origem polonesa, inglesa, alemã e italiana, e também por migrantes de regiões próximas; e) Rio Azul, fundado

<sup>3</sup> Região histórica situada a oeste da atual Ucrânia e a sul da Polônia. Foi antiga província do Império Austro-Húngaro.

por colonos de nacionalidade polonesa e ucraniana; e f) Rebouças, desbravado inicialmente por bandeirantes paulistas, cujas expedições trouxeram os primeiros povoadores<sup>4</sup>. Esses municípios, em sua maioria, possuem perfil semelhante ao de Irati quanto à forma de ocupação, como se pode ver a seguir. As exceções são os municípios de Fernandes Pinheiro (ou Teixeira Soares) e Rebouças, sobre os quais não foram encontradas informações que atestassem colonização europeia.

Conforme informa o professor e historiador Orreda (2007), a região de que faz parte Irati teria sido inicialmente povoada por indígenas caingangues, que deixaram vestígios (pontas de flechas de pedra lascada, utensílios de pedra polida, cerâmica etc.) em diversos locais. Na verdade, diversas áreas do município são sítios arqueológicos.

A ocupação posterior da região se fez no início do tropeirismo. Em 1829 ou 1830, Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz foram para essa região conhecer o sertão e batizar as terras, escolhendo os nomes de Iraty, Lagoa, Camacua, Rio Bonito e Rio das Antas. Os desbravadores batizavam os locais conforme os fenômenos naturais ou as características do relevo que avistavam, o que explica a origem do nome Iraty: ao se depararem com uma abelheira onde viria a ser parte do município de Irati, batizaram o local com o nome da espécie de abelha que a construiu, a Iraty (ORREDA, 2007).

Em 1839, duas bandeiras procedentes de Sorocaba ocuparam terras na raiz da Serra da Esperança, no território de Iraty. A sede atual de Irati se desenvolveu a partir do pequeno povoado de Covalzinho, fundado no final do século XIX por famílias procedentes de localidades do Leste do Paraná, e liderado pelo tropeiro Francisco de Paula Pires. Mas o ano decisivo para o desenvolvimento do povoado foi 1899, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul e a instalação das estações ferroviária e telegráfica. Esses empreendimentos trouxeram significativas melhorias nas áreas de transporte, comércio e comunicações, impulsionando o desenvolvimento do município. Irati passou, então, a receber forte fluxo migratório e, em pouco tempo, assumia ares de cidade.

No ano seguinte à elevação de Irati à categoria de Município (Lei nº 716, de 2 de abril de 1907), a nova comuna paranaense recebeu a primeira leva de colonos estrangeiros: holandeses, ucranianos e poloneses. Em 1909, chegaram os alemães, e, de 1910 a 1912, mais poloneses e ucranianos se instalaram na localidade. Também a partir de 1910, começaram a se fixar os imigrantes italianos. Todo esse movimento migratório foi iniciado e dirigido pelo

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis no *site* do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>), no *link* IBGE Cidades, e no portal das Prefeituras Municipais das localidades.

governo federal, mas houve também a formação espontânea de um núcleo expressivo de italianos (ORREDA, 2007).

Os grupos de imigrantes deram impulso decisivo à economia local, embora tenham ocorrido evasões posteriores. Porém,

[...] apesar da evasão que se verificou após esse primeiro esforço colonizador, em virtude das péssimas condições de vida e sobrevivência no sertão, as endemias, a falta de mercado para seus produtos, os colonos holandeses, alemães, ucranios [= ucranianos], austríacos, poloneses, italianos e seus descendentes, na fusão de raças com os portugueses, espanhóis e nacionais, disseminados em todas as áreas do município, tornaram-se a força e a motivação da economia e da cultura em Irati (ORREDA, 2007, p. 10).

A colonização por descendentes de imigrantes oriundos da Europa, especialmente os de origem eslava (poloneses e ucranianos), imprimiu a Irati um ambiente bastante tradicional, voltado à preservação dos usos e costumes desses grupos étnicos. São vários os elementos que colaboram para a manutenção da língua, cultura e identidade étnica dos diferentes grupos. Em primeiro lugar, ressalta-se a função dos programas de rádio (especialmente AM) como difusores das línguas e culturas dos imigrantes. Em Irati, a Rádio Najuá inclui, em sua programação AM, dois programas de cunho étnico, ambos apresentados por Genoveva Zvilinski (o sobrenome indica sua provável descendência polonesa) aos domingos pela manhã, mais precisamente das dez às doze horas, que é o momento em que a família geralmente está reunida em torno dos preparativos para o almoço. São eles: “Hora das nações”, cuja proposta é a valorização de etnias que predominam no município – alemã, italiana, portuguesa e ucraniana, uma a cada mês –, executando músicas populares e folclóricas com o intuito de resgatar a cultura de cada povo, com a colaboração de descendentes dessas etnias; e “Godzina Polska” (em polonês, “hora da Polônia”), espaço dedicado a notícias sobre a Polônia e a aspectos relacionados aos costumes e às músicas polonesas<sup>5</sup>.

A apresentadora desses dois programas parece ser uma figura central na promoção de eventos de caráter étnico do calendário cultural de Irati, organizando a Festa Polonesa, realizada anualmente em maio, e a Festa das Nações, realizada anualmente em agosto, destinada a celebrar e reunir culturas que participaram da colonização do município. Além dessas duas festas, o município realiza também o festival alemão *Deutsches Fest* – Baile do Chopp e da Linguíça, sempre no mês de novembro.

---

<sup>5</sup> Informação disponível em: <<http://home.radionajua.com.br/AM/programacao>>. Acesso em: 19 set. 2011.



Irati também conta com dois grupos folclóricos, criados com o objetivo de cultivar as tradições, os costumes e as festas de cada nacionalidade representada: o Grupo Folclórico Polonês Lublin, que pertence ao Centro de Tradições Polonesas Três de Maio, e que possui trajes das regiões mais representativas da Polônia, com cerca de quatrocentas peças; e o Grupo Folclórico Ucraniano Ivan Kupalo, que leva o nome da personagem mitológica dos eslavos (lenda da época pagã), a quem os jovens recorriam em questões de conquista amorosa, e que, no folclore, é homenageada com danças relacionadas aos fenômenos da natureza, como o vento e a chuva<sup>6</sup>.

Em estudo sobre uma comunidade ucraniana em Irati, Jacumasso (2009) cita o jornal *Pracia* (em ucraniano, ‘trabalho’), do município vizinho de Prudentópolis, cuja finalidade principal é, desde 1912, difundir a cultura ucraniana, publicando quinzenalmente informações em português e em ucraniano sobre diversos temas, principalmente relacionados a questões religiosas. Segundo o autor, esse periódico constitui um grande aliado à conservação da língua e da cultura ucranianas nessa região paranaense, assim como em outros lugares do país para onde são enviados exemplares das publicações do jornal. O grupo que produz esse jornal – Gráfica Prudentópolis, fundada pela Associação de São Basílio Magno, em 1911 – publica também o *Missionar* (em ucraniano, ‘missionário’), jornal de cunho estritamente religioso, igualmente escrito em língua ucraniana, o qual, possivelmente, também circula em Irati.

Destaca-se, também, como símbolo de identidade étnica, a arquitetura religiosa ucraniana, representada por diversas igrejas em estilo oriental, com torres características das igrejas ortodoxas, isto é, com cúpulas em estilo bizantino, presentes também (e mais abundantemente) em Prudentópolis.

Não se pode deixar de mencionar, em especial, o papel da religião nesse cenário, pois se trata de uma característica bastante expressiva nos povos de origem eslava. Conforme informa Wachowicz (1982), tanto os poloneses, praticantes do catolicismo romano, quanto os ucranianos, praticantes da vertente ortodoxa ou católica oriental, eram dotados de um profundo sentimento religioso e influenciaram sobremaneira a caracterização étnica do sul do estado. Segundo Renk (2009), a religiosidade dos eslavos se manteve nas colônias paranaenses: os ritos e as celebrações religiosas, como o Natal e a Páscoa, eram aqui reproduzidos à semelhança da Europa. A igreja, ainda hoje, colabora para a manutenção da língua e da cultura dos grupos de origem eslava, com seus diversos eventos: as missas do rito ortodoxo rezadas em ucraniano; os ritos natalinos e pascais de descendentes de ucranianos e

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis no Portal da Prefeitura de Irati: <<http://www.irati.pr.gov.br/municipio/eventos.asp>> e <<http://www.irati.pr.gov.br/municipio/secretarias/cultura.asp>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

poloneses; as *hailkas* dos ucranianos, que são brincadeiras, com cantos e danças populares, realizadas durante o período pascal; as cerimônias de casamento dos ucranianos; sem mencionar os diversos símbolos materiais e elementos da culinária típica que acompanham esses eventos.

### 2.3 A LOCALIDADE DE SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE

O município de Santo Antônio do Sudoeste se localiza no Sudoeste do Paraná, ocupando uma área territorial de 326 km<sup>2</sup>. Limita-se ao município argentino de San Antonio por meio do rio Santo Antônio. O mapa a seguir mostra a localização do município no estado.

Figura 3 – Localização do município de Santo Antônio do Sudoeste no estado do Paraná



Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana\\_Municip\\_SantoAntoniadoSudoeste.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_Municip_SantoAntoniadoSudoeste.svg)>

Dentre os municípios brasileiros limítrofes a Santo Antônio do Sudoeste, três já foram distritos desse município: a) Ampére, desmembrado em 1961; b) Pranchita, emancipado em 1982; e c) Pinhal de São Bento, desmembrado em 1990. Outros dois municípios fazem divisa com Santo Antônio do Sudoeste: d) Bom Jesus do Sul, emancipado em 1995 de Barracão, município ocupado por colonos vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para se

dedicarem à agricultura e à extração de madeira e erva-mate; e e) Salgado Filho, cujos primeiros habitantes foram os caboclos e os descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses<sup>7</sup>.

Os primeiros moradores a se instalar na região onde hoje se localiza Santo Antônio do Sudoeste foram Don Lucca Ferrera e João Romero, que chegaram em 1902, vindos do Paraguai. Como a região possuía grande quantidade de erva-mate nativa, produto bastante procurado no sul do Brasil e nos países vizinhos, esses pioneiros iniciaram a sua extração e exportação para a Argentina. Naquela época, a região ficava bastante isolada, distante de quaisquer centros urbanos, aos quais se tinha acesso apenas por meio de picadas abertas em plena floresta, habitada por tribos indígenas, a maioria de tradição Guarani e Caingangue.

O povoado de Santo Antônio surgiu efetivamente em 1912, com a chegada de um grupo de colonos liderados por Afonso Arrachea, e outras famílias pioneiras se estabeleceram na localidade nas décadas de 1920 e 1930. Nessa época, a população da fronteira era composta de argentinos, paraguaios e caboclos brasileiros. A principal atividade dos habitantes da povoação continuou sendo o comércio de erva-mate, cuja exploração teve seu apogeu na década de 1920, pois a falta de estradas e de outras vias de comunicação impossibilitava outros empreendimentos.

Battisti (2003) informa que, até 1930, toda a fronteira oeste e sudoeste era ocupada e explorada por companhias estrangeiras, sobretudo argentinas, que se instalaram nessas regiões com o objetivo de efetuar um duplo contrabando, isto é, levar o mate e a madeira para fora do país e trazer de lá os produtos consumidos pelo povo da região. Nessa época, as línguas faladas nesse território eram o castelhano e o guarani, as moedas utilizadas eram o guarani e o peso, e as crianças estudavam na Argentina.

A colonização das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná ocorreu no contexto de uma estratégia geopolítica nacional de ocupação de espaço, a “Marcha para o Oeste”, programa criado pelo presidente Getúlio Vargas e intermediado por empresas colonizadoras do Sul do país. A política nacionalista de Vargas buscava a integração nacional e a organização dos territórios, garantindo, assim, além de segurança e efetiva posse, também a exploração das imensas regiões fronteiriças, praticamente desertas, evitando os riscos da ocupação estrangeira e, portanto, da desintegração do território brasileiro nos aspectos espacial, geográfico, econômico e social (GREGORY, 1997; BATTISTI, 2003).

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis no *site* do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>), no *link* IBGE Cidades.

No Sudoeste do Paraná, a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), criada em 1943, deu início, efetivamente, ao povoamento da região, a partir da colonização do território pelo sistema de pequenas propriedades. A promessa de prover serviço de infraestrutura e assistência à saúde e educação atraiu, em poucos anos, milhares de famílias para a região (GREGORY, 1997; BATTISTI, 2003).

A abertura de estradas somente se iniciou após a elevação do povoado à condição de Distrito Administrativo e Judiciário do Município de Clevelândia. Com isso, a localidade teve notável impulso, atraindo grandes levas de agricultores procedentes de outras regiões do Paraná e dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, em grande parte descendentes de italianos, alemães e eslavos, que ali se estabeleceram entre 1940 e 1950, dedicando-se à agricultura e, especialmente, à criação de suínos (WACHOWICZ, 1985).

Segundo dados do Programa Líder (SEBRAE, 2009), o ciclo da madeira se desenvolveu paralelamente à exploração da erva-mate, com a instalação de várias serrarias. Já a suinocultura se desenvolveu a partir do século XX, ainda em bases primitivas, como atividade de entressafra da erva-mate e garantia de sobrevivência dos colonizadores.

De acordo com Wachowicz (1985), os argentinos e paraguaios, que compunham 25% da população da fronteira, começaram a se evadir da região com a diminuição da extração da erva-mate, chegando a menos de 1% da população regional na década de 1940. Quanto aos caboclos, o historiador informa que foram os primeiros brasileiros não índios a habitar a região. Eles não eram necessariamente descendentes de índios: bastava apenas terem sido criados no sertão, manifestarem hábitos e comportamentos de sertanejo e possuírem pele escura para serem denominados ‘caboclos’. Ainda segundo o historiador, “no início do século XX, o sudoeste mantinha a imagem criada no século XIX. Era uma região de refúgio de bandidos, ou pelo menos dos fora da lei” (WACHOWICZ, 1985, p. 103).

O município de Santo Antônio foi criado em 1951 (Lei Estadual nº 790, de 19 de novembro de 1951), com território desmembrado do município de Clevelândia. O nome dado ao município coincide com o nome do filho do pioneiro Don Lucca Ferrera e também com o do rio que faz fronteira com a Argentina. Posteriormente, foi incorporada ao topônimo a denominação “do Sudoeste” (Lei Estadual nº 5322, de 10 de maio de 1966), devido à sua localização no estado.

É importante mencionar que, por muitos anos, a região onde se encontra Santo Antônio do Sudoeste presenciou várias situações conflituosas de disputa de território.

O Sudoeste do Paraná era uma região fértil e rica, que foi muito disputada, causando conflitos jurídicos, políticos e sociais. A Argentina e o Brasil disputaram a região. Os estados do Paraná e Santa Catarina também entraram em conflito pela área. Essa desavença pela posse das terras envolveu também a Cia. de Estradas de Ferro São Paulo-Rio Grande, a CITLA, o Governo Federal, o Governo do Paraná e, principalmente, posseiros (LAZIER, 2003, p. 146).

Com relação ao conflito entre Brasil e Argentina pela posse da região, Lazier (2003) informa que, ao ser definida a linha divisória entre os dois países, a Argentina reivindicou que a fronteira se fizesse pelos rios Chapecó e Chopim (nesse caso, a região onde hoje é o Sudoeste do Paraná pertenceria à Argentina); o Brasil, por sua vez, defendia que a fronteira Ocidental seguisse os rios Santo Antônio e Peperi-Guaçu. Para decidir a disputa, os dois países escolheram o então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, como juiz, que deu ganho de causa ao Brasil, declarando que toda a parte do território das Missões situada entre os rios Iguaçu e Uruguai, até os afluentes Santo Antônio e Peperi-Guaçu, pertencia ao Brasil. O limite do Brasil com a Argentina, tendo o Rio Santo Antônio como divisa, foi definido por Cleveland em 5 de fevereiro de 1895, mas a divisa só veio a ser definitivamente estabelecida em 1898, com o tratado assinado entre Brasil e Argentina pelo Ministro das Relações Exteriores, o General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira.

Seria compreensível que o conflito entre os dois países gerasse certa animosidade entre argentinos e brasileiros estabelecidos na fronteira. Porém, segundo Wachowicz (1985), não foi isso o que aconteceu:

Não se desenvolveu nessa região fronteiriça nenhuma rivalidade entre as populações envolvidas. Brasileiros e argentinos sempre se deram muito bem. Talvez a difícil luta pela sobrevivência levava a uma exemplar convivência com os argentinos, para solucionarem os problemas comuns. Nunca existiu desejo de infiltração nem de dominação por nenhuma das partes. Todos passavam livremente pela fronteira, mas a mesma sempre foi respeitada. Por isso, os casamentos entre as duas nacionalidades tornaram-se freqüentes (WACHOWICZ, 1985, p. 72-73).

A propósito disso, o *Jornal de Beltrão (online)* registra que a integração entre moradores de Santo Antônio do Sudoeste e de San Antonio já é bastante antiga e estimulou até mesmo a construção da primeira ponte entre Brasil e Argentina:

Chega a ser injusto que Santo Antônio do Sudoeste e San Antonio (Misiones/Argentina) não possuam ainda o reconhecimento oficial de comunidades vinculadas. A história de integração é antiga e emocionante. A convivência social e as transações mercantis vêm desde os idos de 1900 e há registros importantes na travessia de três ciclos econômicos: exploração da erva-mate, da madeira e da

suinocultura. Registra-se também que a primeira ponte de ligação entre Brasil e Argentina foi a de Santo Antônio do Sudoeste/San Antonio, na década de 20<sup>8</sup>.

Com relação ao conflito entre Paraná e Santa Catarina pela posse dessa região, as divergências já vinham desde o Brasil Colônia e continuou com a criação da Província do Paraná, em 1853. Após a Guerra do Contestado, os dois estados assinaram o acordo de fronteira, ficando para Santa Catarina a maior parte das terras em litígio. Foi só a partir de 20 de outubro de 1916 que a região passou a pertencer ao estado do Paraná (LAZIER, 2003).

No atual panorama linguístico e cultural, além da diversidade étnica resultante da colonização e da mistura entre hispânicos e brasileiros (incluindo aqui os caboclos), há ainda o contato entre brasileiros e argentinos que atravessam continuamente a fronteira entre Brasil e Argentina, gerando uma permanente interação linguístico-cultural. Todas essas características tornam Santo Antônio do Sudoeste uma localidade cultural e linguisticamente complexa, favorecendo o estudo das culturas e línguas em contato. Conforme pondera Sturza (2005),

Quase dois séculos depois de conflitos, solucionados pela armas ou pela diplomacia, ainda desconhecemos muito da situação de contato das línguas portuguesa e espanhola nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos. [...] mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que nela habitam. As fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social. Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros – o contato linguístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas linguísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela lingüística brasileira (STURZA, 2005, p. 47).

No que concerne às formas de manutenção da língua e cultura dos colonizadores ou de celebração dos contatos culturais entre brasileiros e argentinos, não se observa em Santo Antônio do Sudoeste uma preocupação tão evidente quanto a verificada em Irati. O calendário cultural da cidade, por exemplo, não registra nenhum evento ao qual se possa atribuir a representação de alguma língua e/ou cultura em especial; tampouco se encontram notícias dessa natureza nos *sites* ou na programação da rádio AM da cidade. Porém, quando se fala na difusão radiofônica, é importante mencionar que, à medida que se vai aproximando da fronteira, os aparelhos de rádio já começam a sintonizar estações argentinas, oferecendo mais insumo linguístico de uma língua que não o português.

---

<sup>8</sup> Notícia publicada em 12 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.jornaldebetrato.com.br/geral/brasil-e-argentinos-querem-ampliar-a-integracao-65879/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

Desse modo, a sócio-história das duas localidades, tangenciada pelas configurações político-geográficas, conforme se descreveu ao longo desta seção, pode ter imprimido características diferenciadas à composição étnica, linguística e cultural da população de cada uma delas, moldando os sujeitos também de modo diferente. Não obstante, é possível que muitas semelhanças possam ser encontradas com relação à forma de conceber as diversas línguas e seus falantes e de se comportar perante eles.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Esta seção apresenta a fundamentação teórica do estudo, em que se busca a) refinar conceitos fundamentais à pesquisa em/de comunidades multilíngues, tais como língua, dialeto e variedade; comunidade linguística e comunidade de fala; contato linguístico, bilinguismo e diglossia; b) abordar a relação existente entre língua e identidade étnica; e c) discutir o conceito de atitudes linguísticas e seus desdobramentos, como a formação de estereótipos, preconceitos e estigma.

#### 3.1 LÍNGUA, DIALETO E VARIEDADE

Rajagopalan (1998) assinala que não é nada simples “distinguir entre categorias conceituais nebulosas como ‘língua’ e ‘dialeto’. [...]. Quando uma língua é submetida a uma análise de microscópio, percebe-se que é infinitamente diversificada”<sup>9</sup> (RAJAGOPALAN, 1998, p. 23). Quais seriam, pois, os critérios para diferenciar um conceito do outro?

Ferreira et al. (1996) apresentam dois conceitos de língua, entre os inúmeros existentes, que interessam aqui. O primeiro, de uso mais comum, é o de língua como uma noção político-institucional, ou seja, um sistema linguístico abstrato que, por razões políticas, econômicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para seus falantes, e que é normatizado por meio de instrumentos próprios, como gramáticas e dicionários. O segundo conceito se refere ao uso do termo ‘língua’ numa perspectiva histórica, relacionado à noção de dialeto, mas aí se entra num terreno mais delicado, dada a dificuldade de estabelecer fronteiras entre essas duas realidades.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001), por exemplo, define ‘dialeto’ como qualquer variação regional de um idioma que não chegue a comprometer a inteligibilidade mútua entre o falante da língua principal (a variedade mais amplamente utilizada) e o falante do dialeto. Entretanto, Rajagopalan (1998) lembra que “critérios formais e funcionais (e portanto ‘puramente lingüísticos’) tais como semelhanças estruturais e inteligibilidade mútua mostram-se, como se sabe, lamentavelmente insuficientes quando se trata de distinguir uma língua de outra” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 24), já que, na maioria das vezes, a diferença entre línguas não é linguística, mas religiosa e geopolítica. Como

---

<sup>9</sup> Nesta tese, todos os destaques (aspas simples e itálico) presentes nas citações diretas são de seus autores.



exemplo, o autor cita o caso das línguas hindi e urdu, que são semelhantes – e, em muitos aspectos, idênticas – em sua estrutura, mas distintas política e culturalmente.

Na mesma direção, Ferreira et al. (1996) citam o caso do norueguês e do dinamarquês, que, apesar de partilharem sistemas praticamente idênticos, mantêm “autonomia linguística” pelo fato de a Noruega e a Dinamarca serem Estados independentes, com peso político, econômico e cultural próprio. Ao contrário, o chinês, língua unificada em todo o território político da China por meio de um sistema ideográfico de escrita, não possui identidade linguística real, apresentando sistemas linguísticos tão diferentes quanto o cantonês e o mandarim. Tais realidades, segundo os autores, mostram como as noções de língua e dialeto são relativas<sup>10</sup>.

Na verdade, mais que diferenças de valor estritamente linguístico entre os dois conceitos, o que há é uma diferença de estatuto. Como afirma Hamel (1988, p. 48), “no existen propiedades estructurales de las formas lingüísticas que permitan fundamentar una clasificación en lenguas, dialectos, jergas. Estas distinciones que se establecen siempre con criterios externos al lenguaje mismo son de orden histórico, geográfico, social”<sup>11</sup>.

Segundo Coseriu (1982), toda língua histórica é constituída por dialetos:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma) (COSERIU, 1982, p. 11-12).

A definição coseriana encontra eco na distinção conceitual estabelecida por Chambers e Trudgill (1994), indicando que o dialeto é uma variedade subordinada à língua: “los dialectos pueden así ser considerados como subdivisiones de una lengua en particular”<sup>12</sup> (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19). Já Mouton (2005) apresenta o seguinte conceito: “hablamos de *dialecto* para cualquier realidad lingüística que no sea normativa”<sup>13</sup> (MOUTON, 2005, p. 223). Tais definições, porém, não implicam um valor menor do dialeto em relação à língua, como muitas vezes lhe atribui o senso comum.

<sup>10</sup> No caso da realidade brasileira, podem ser citadas, nesse sentido, as famílias linguísticas indígenas, que incluem línguas e dialetos muito semelhantes entre si, quase idênticos (Informações disponíveis no *site Povos indígenas no Brasil*: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>>. Acesso em: 21 jun. 2013.).

<sup>11</sup> [...] não existem propriedades estruturais das formas linguísticas que permitam fundamentar uma classificação em línguas, dialetos, jargões. Essas distinções que se estabelecem sempre com critérios externos à linguagem mesma são de ordem histórica, geográfica, social. [Todas as traduções contidas nesta tese são de responsabilidade de sua autora.]

<sup>12</sup> [...] os dialetos podem assim ser considerados como subdivisões de uma língua em particular.

<sup>13</sup> Chamamos de *dialeto* qualquer realidade linguística que não seja normativa.

Entre os mitos que envolvem o conceito de dialeto, destacam-se os dois que talvez sejam os mais comuns: o de que se trata de um linguajar sem regras, e o de que é uma língua menor em relação à variedade padrão. Os argumentos para combater esses mitos são, em primeiro lugar, o de que qualquer variedade tem regras próprias, e, em segundo, o de que um dialeto não pode ser uma língua menor, já que não tem valor intrínseco menor (o valor é socialmente atribuído), e também porque um dialeto não é propriamente uma língua, mas uma variedade de língua.

Chambers e Trudgill (1994) comentam as conotações negativas que o termo ‘dialeto’ muitas vezes possui e apresentam sua concepção de dialeto:

En el lenguaje cotidiano un dialecto es una forma de lengua subestándar, de nivel bajo y a menudo rústica, que generalmente se asocia con el campesinado, la clase trabajadora y otros grupos considerados carentes de prestigio. *Dialecto* es también un término aplicado a menudo a las lenguas que no tienen tradición escrita, en especial a aquellas habladas en los lugares más aislados del mundo. Y por último también se entienden como dialectos algunas clases (a menudo erróneas) de desviaciones de la norma, aberraciones de la forma estándar o correcta de una lengua. [...] Partiremos, por el contrario, de la idea de que todos los hablantes lo son al menos de un dialecto – de que el inglés estándar es, por ejemplo, un dialecto tan claro como cualquier otra forma del inglés – y de que no tiene ningún sentido suponer que un dialecto cualquier es lingüísticamente superior a otro<sup>14</sup> (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 19).

Ao considerarem o inglês padrão um dialeto como qualquer outra variedade do inglês, os autores acabam apontando uma saída para evitar a armadilha de usar um termo a que são atribuídas conotações de várias espécies: considerar qualquer variedade, inclusive a padrão, como dialeto, já que, como mostram Ferreira et al. (1996), a variedade padrão nada mais é do que um dialeto, ou uma das variedades faladas num território, que, por diversos fatores de caráter extralinguístico, adquiriu maior prestígio e se impôs como norma ou língua padrão, recebendo o estatuto de língua oficial. Nesse sentido, vale a orientação de Fishman (1972a), que sugere um termo de caráter mais neutro:

---

<sup>14</sup> Na linguagem cotidiana, um dialeto é uma forma de língua *substandar*, de baixo nível e frequentemente rústica, que geralmente se associa com o campesinato, a classe trabalhadora e outros grupos considerados carentes de prestígio. *Dialecto* é também um termo frequentemente aplicado às línguas que não têm tradição escrita, em especial a aquelas faladas nos lugares mais isolados do mundo. E, por último, também se entendem como dialetos alguns tipos (frequentemente errôneos) de desvios da norma, aberrações da forma padrão ou correta de uma língua. [...] Partiremos, pelo contrário, da ideia de que todos os falantes o são de pelo menos um dialeto – de que o inglês padrão é, por exemplo, um dialeto tão claro como qualquer outra forma do inglês – e de que não faz nenhum sentido supor que um dialeto qualquer seja linguisticamente superior a outro.

The term *variety* is frequently utilized in the sociology of language as a nonjudgmental designation. The very fact that an objective, unemotional, technical term is *needed* in order to refer to ‘a kind of language’ is in itself an indication that the expression ‘a language’ is often a judgmental one, a term that is *indicative* of emotion and opinion, as well as a term that *elicits* emotion and opinion<sup>15</sup> (FISHMAN, 1972a, p. 15-16).

Chambers e Trudgill (1994) também entendem o conceito de variedade como neutro, aplicado “a cualquier clase particular de lengua que deseemos considerar, por algún motivo, como una entidad individual”<sup>16</sup> (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 22). Além disso, como o dialeto é sempre uma variedade de determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como língua, pode-se considerar, então, ‘dialeto’ e ‘variedade’ como sinônimos. Conforme Ferreira et al. (1996), geralmente se considera dialeto de uma língua a variedade linguística que caracteriza determinada zona, embora, novamente, as fronteiras entre os dialetos não sejam tão nítidas, caracterizando-se mais por um *continuum* dialetal.

Romaine (1994) lembra que, além da conotação geográfica, uma variedade também pode ter uma conotação social, ou seja, enquanto um dialeto regional é uma variedade associada a um lugar, com limites geralmente coincidindo com características geográficas (tais como rios, montanhas etc.), um dialeto social possui limites de natureza social (como, por exemplo, as classes sociais). A autora menciona, ainda, as conotações históricas do termo ‘dialeto’, exemplificando com o caso dos dialetos germânicos, que se constituíram como ancestrais das variedades linguísticas agora reconhecidas como línguas germânicas modernas (inglês, holandês e alemão, por exemplo). No entanto, a autora acrescenta que entidades comumente rotuladas como ‘língua inglesa’ ou ‘dialeto flamengo’ não são discretas, pois qualquer variedade é parte de um *continuum* no espaço e no tempo social e geográfico. As descontinuidades que eventualmente ocorrem, porém, frequentemente refletem fronteiras geográficas e sociais e fragilidades nas redes de comunicação.

Feitas essas considerações, convém mencionar que, nesta tese, empregam-se os termos ‘língua’, ‘dialeto’ e ‘variedade’ (ou ‘variedade dialetal’) para fazer referência à língua étnica do informante, não importando o seu maior ou menor distanciamento com relação à variedade padrão. Sabe-se que, dentre os imigrantes europeus que vieram ao Brasil, pelo menos os italianos e alemães falavam variedades que não se identificavam com a língua padrão dos

---

<sup>15</sup> O termo *variedade* é frequentemente utilizado na sociologia da linguagem como uma designação não avaliativa. O próprio fato de que um termo objetivo, não emocional, técnico seja *necessário* para referir a ‘um tipo de língua’ é em si uma indicação de que a expressão ‘uma língua’ é frequentemente de caráter avaliativo, um termo que é *indicativo* de emoção e opinião, bem como um termo que *desperta* emoção e opinião.

<sup>16</sup> [...] a qualquer tipo particular da língua que deseemos considerar, por algum motivo, como uma entidade individual.

respectivos países de origem<sup>17</sup>. Nas comunidades paranaenses fronteiriças a países da América espanhola, as variedades do espanhol são também reportadas como ‘paraguaio’, ‘argentino’ e ‘portunhol’ (neste caso, derivado do contato entre espanhol e português), e muitos informantes demonstram consciência de que não se trata do espanhol padrão (e nem do português padrão, no caso do portunhol).

O questionário que deu origem ao *corpus* desta pesquisa mencionava a designação ‘línguas estrangeiras’ para as línguas diferentes do português faladas nas comunidades. No entanto, o termo ‘estrangeira’ não parece definir exatamente o *status* das variedades usadas no âmbito das comunidades (pergunta-se: essas línguas são estrangeiras para quem? Pode-se dizer que são estrangeiras se são usadas por muitos habitantes dessas localidades?). Entretanto, por falta de um termo que descreva melhor o *status* das línguas diferentes do português nas localidades, será mantida a designação ‘língua estrangeira’, em alguns casos, a par das designações ‘segunda língua’, ‘língua adicional’, ‘língua não portuguesa’, ‘língua étnica’ e, no caso específico das línguas de origem dos eurodescendentes, ‘língua de herança’, ‘língua de imigração’ e ‘língua alóctone’, além das citadas no parágrafo anterior (‘variedade’, ‘variedade dialetal’ e ‘dialeto’).

### 3.2 COMUNIDADE LINGUÍSTICA E COMUNIDADE DE FALA

Outra distinção importante para este trabalho é a que existe entre comunidade linguística e comunidade de fala. ‘Comunidade linguística’ é um conceito amplo, podendo se equiparar a ‘área linguística’. Gumperz assim define comunidade linguística:

[...] a social group which may be either monolingual or multilingual, held together by frequency of social interaction patterns and set off from the surrounding areas by weaknesses in the lines of communication. Linguistic communities may consist of small groups bound together by face-to-face contact or may cover larger regions, depending on the level of abstraction we wish to achieve<sup>18</sup> (GUMPERZ, 1971, p. 101).

<sup>17</sup> No Brasil, desenvolveram-se coínés a partir das variedades trazidas pelos grupos de alemães e italianos que aqui desembarcaram: o *Hunsrückisch*, falado pela maioria dos alemães, e o *talian*, de base vêneta, falado pela maioria dos italianos (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 289).

<sup>18</sup> [...] um grupo social que pode ser tanto monolíngue quanto multilíngue, unido pela frequência de padrões de interação social e separado das áreas circundantes pela debilidade nas linhas de comunicação. As comunidades linguísticas podem consistir de grupos pequenos unidos pelo contato face a face ou podem abranger regiões maiores, dependendo do nível de abstração que queremos alcançar.

Pode-se dizer, então, que comunidade linguística diz respeito a todo conjunto de falantes que utilizam a mesma língua (que não é obrigatoriamente a língua materna de todos) ou o mesmo dialeto para interagir. Nesse sentido, por exemplo, o conjunto de falantes de língua portuguesa pode constituir uma comunidade linguística.

Porém, embora o conceito de comunidade linguística seja apropriado para designar um grupo de falantes que utilizam o mesmo sistema linguístico, mostra-se inadequado para designar um grupo que segue não só as mesmas formas linguísticas, mas também as mesmas normas relativas ao uso da língua. Surge, então, a necessidade de distinguir o conceito de comunidade de fala do de comunidade linguística.

Para Labov,

The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage<sup>19</sup> (LABOV, 1972, p. 120-121).

As pessoas da mesma comunidade linguística compartilham o conhecimento do sistema de sons, de gramática e vocabulário de uma língua; porém, no interior de uma comunidade linguística, existem várias comunidades de fala, isto é, grupos de indivíduos que compartilham suposições, expectativas e normas a respeito do uso da linguagem (modos de polidez, maneiras de responder aos outros, adequação de temas em função do interlocutor etc.). Ou seja:

Cuando en sociolingüística se maneja el concepto de ‘comunidad de habla’, se está pensando en algo más concreto que el conjunto de hablantes de una lengua histórica – a lo que se há llamado *comunidad idiomática* – o de una lengua en un momento y en un territorio determinados (*comunidad lingüística*)<sup>20</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 19).

Moreno Fernández (1998) cita, como exemplo, o caso dos falantes de língua espanhola do México e da Espanha, que pertencem à mesma comunidade idiomática, mas não à mesma

<sup>19</sup> A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, principalmente, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos explícitos de comportamento avaliativo, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso.

<sup>20</sup> Quando em sociolingüística se lida com o conceito de ‘comunidade de fala’, está-se pensando em algo mais concreto que o conjunto de falantes de uma língua histórica – o que tem sido chamado de *comunidade idiomática* – ou de uma língua em um momento e em um território determinados (*comunidade linguística*).

comunidade de fala, já que não compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística.

Gumperz (1971, p. 114) define comunidade de fala como “any human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs and set off from similar aggregates by significant differences in language usage”<sup>21</sup>. Sobre a extensão da comunidade de fala, acrescenta:

Most groups of any permanence, be they small bands bounded by face-to-face contact, modern nations divided into smaller sub-regions, or even occupational associations or neighborhood gangs, may be treated as speech communities, provided they show linguistic peculiarities that warrant special study. The verbal behavior of such groups always constitutes a system<sup>22</sup> (GUMPERZ, 1971, p. 114).

Uma comunidade de fala pode ter disponível mais de uma variedade linguística, constituindo o que Gumperz (2009)<sup>23</sup> inicialmente denominou ‘repertório verbal’ da comunidade, que pode incluir variedades especializadas (por exemplo, com relação a ocupações), variedades de diferentes classes sociais e também diferentes variedades regionais. Contudo, o autor, posteriormente, modificou o termo para ‘repertório comunicativo’, referindo-se aos diferentes códigos linguísticos e modos de falar disponíveis aos membros de uma comunidade ou de um complexo de comunidades sobrepostas e interactantes (GUMPERZ, 1977). Com isso, o autor muda o foco do repertório verbal da comunidade de falantes para os recursos usados pelos indivíduos.

Nesta pesquisa, consideram-se os informantes como pertencentes a comunidades de fala específicas, ou, nas palavras de Moreno Fernández (1998), como grupos de indivíduos que compartilham ao menos uma variedade linguística, bem como as mesmas regras de comportamento comunicativo, as mesmas atitudes linguísticas e a mesma valoração das formas linguísticas.

Moreno Fernández (1998) lembra que o termo não está livre de problemas conceituais, relacionados principalmente à dificuldade de estabelecer os limites de uma comunidade de

---

<sup>21</sup> [...] qualquer grupo humano caracterizado pela interação regular e frequente por meio de um corpo compartilhado de signos verbais e separado de grupos similares por diferenças significantes no uso da língua.

<sup>22</sup> A maioria dos grupos de qualquer permanência, sejam eles pequenos grupos unidos pelo contato face a face, nações modernas divididas em pequenas sub-regiões, ou mesmo associações profissionais ou gangues de bairro, pode ser tratada como comunidade de fala, desde que apresente peculiaridades linguísticas que justifiquem estudo especial. O comportamento verbal de tais grupos sempre constitui um sistema.

<sup>23</sup> A obra original é de 1968. Trata-se do artigo “The speech community”, publicado na *International Encyclopedia of the Social Sciences* (p. 381-386). Neste trabalho, utilizou-se a reimpressão/edição do artigo, publicada na obra *Linguistic Anthropology: a reader*, em 2009. Vale informar que, nesta tese, a indicação da primeira edição de uma obra só será feita quando se tratar de conceitos fundantes, com o objetivo de demarcar a sua origem cronológica.

fala e à heterogeneidade que a caracteriza. Não obstante, trata-se, ainda assim, conforme Fishman (1972a), de um termo mais neutro, pois não implica um tamanho particular nem uma base particular de comunidade (*communality*).

### 3.3 CONTATO LINGUÍSTICO, BILINGUISTO E DIGLOSSIA

Calvet (2009, p. 35) observa que “o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam continuamente em contato”. Essa constatação, muito apropriada ao contexto global, também pode ser aplicada às localidades em estudo, em que o plurilinguismo se faz presente desde o início da constituição dessas comunidades.

Inicialmente, é preciso esclarecer que o termo ‘contato’, nesta tese, refere-se à coexistência temporal e espacial de duas ou mais línguas. Além disso, embora os estudos sobre contato entre línguas envolvam diversos temas e conceitos, não é escopo deste estudo esgotá-los, mas apenas convocar aqueles relacionados à diglossia, ao bilinguismo e aos dialetos bilíngues em contato, que são os que fazem referência aos fenômenos que ocorrem nos contextos desta pesquisa.

Raso, Mello e Altenhofen (2011) propõem “ampliar o horizonte de análise para além do *contato de línguas*, como entidades sociais, e abranger, [...] acima de tudo, *variedades em contato*. Com isso, abarca-se uma gama de relações socioculturais e linguísticas muito maior do que sugere a denominação ‘línguas em contato’” (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 44), pois o que as pessoas falam, mais propriamente, são variedades de uma língua.

O contato entre línguas é, na verdade, um contato entre falantes, o que implica uma relação que não pode ser neutra, mas marcada por atitudes, sentimentos e juízos de valor por parte dos falantes, seja em relação a eles mesmos e à própria fala, seja em relação ao outro e à sua fala. É por essa razão que alguns autores entendem essa situação como “línguas em conflito”. Hamel (1988) informa que o conceito de conflito linguístico foi introduzido pelos sociolinguistas catalães em sua luta contra o espanhol e a política linguística franquista, cuja proposta era eliminar o catalão como ponto de cristalização da resistência contra o regime.

É certo que as situações de contato linguístico nem sempre ocorrem de forma harmoniosa: muitas vezes, há coexistência antagônica de duas ou mais línguas em dado espaço geossocial, não raro ocorrendo a eliminação da língua dominada (FRANCESCHINI, 2011). De fato, é provável que não exista contato sem conflito, visto que há sempre uma relação assimétrica de poder, em maior ou menor grau, entre os grupos envolvidos.

Uma consideração se faz necessária a respeito da designação das línguas que entram em disputa nesses cenários sociolinguísticos. Fala-se, frequentemente, de língua dominante e língua dominada, ou majoritária e minoritária. Neste estudo, o conceito de língua dominante ou majoritária não se refere, necessariamente, à frequência de uso diário ou ao número de falantes, mas à língua oficial de uma nação – e, conseqüentemente, da comunidade bi- ou multilíngue –, geralmente utilizada nos âmbitos da educação, da administração e da mídia. Em contrapartida, serão denominadas línguas minoritárias aquelas que vicejam em ambientes hostis a elas, ou seja, aquelas que não são usadas como língua da educação, da administração e da mídia, mas se limitam ao uso exclusivo no interior da comunidade que as fala. Recentemente, alguns autores (MELLO, 2011a; SILVA, 2011) têm preferido usar o termo ‘minorizada’ para se referir a essas línguas (e às comunidades que as falam), entendendo que se trata de uma condição imposta, e não intrínseca. Como afirma Mello, no prefácio da obra de Silva (2011), em um cenário bi- ou multilíngue,

[...] o grupo que tem mais poder político, econômico e social usa esse poder, intencionalmente ou não, para estabelecer as normas de convívio social e de usos das línguas, colocando aqueles que têm menos poder em uma situação de desvantagem. Como resultado, a língua também acaba recebendo menor prestígio na sociedade e não raras vezes é eliminada, pois seus falantes decidem parar de usá-la para evitar qualquer tipo de estigma que possa ser por ela revelado (MELLO, 2011b apud SILVA, 2011, p. 10).

A compreensão de Mello (2011b) remete novamente ao debate da condição de línguas em conflito, em vez de meramente línguas em contato. É preciso lembrar que essa “disputa” não se dá apenas entre línguas diferentes, mas também entre variedades da mesma língua, como, por exemplo, entre a variedade de prestígio da língua portuguesa e a variedade popular com marcas da língua de herança.

O conceito de línguas em contato/conflito leva inevitavelmente aos de bilinguismo (individual e social ou societal) e diglossia, uma vez que o lugar dos contatos linguísticos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade (CALVET, 2009). É preciso considerar a dinâmica dessas duas forças – do indivíduo e da sociedade –, pois o bilíngue é fruto de um contexto social no qual se falam duas (ou mais) línguas, mas, ao mesmo tempo, as situações de línguas em contato é o resultado das atuações individuais. São, portanto, duas perspectivas necessariamente complementares na busca de explicações para o que ocorre em cenários de línguas em contato: de um lado, está o estudo da dinâmica das



línguas em contato que compartilham um espaço social comum, e, de outro, o estudo do comportamento individual do bilíngue.

Embora a origem do termo ‘bilíngue’ (e derivados) remeta à ideia de uso de duas línguas, conforme o conteúdo semântico do prefixo *bi-*, nesta tese, a designação ‘falante bilíngue’ considerará a definição de Grosjean (2010, p. 22): “bilinguals are those who use two or more languages (or dialects) in their everyday lives”<sup>24</sup>. Definir o bilíngue como o usuário de mais de uma língua ou variedade, independentemente de quantas forem essas línguas, parece, na verdade, já ser um critério consagrado nos estudos sobre bilinguismo.

Um dos primeiros pesquisadores a abordar o bilinguismo foi Bloomfield (1933), definindo o termo como “a native-like control of two languages”<sup>25</sup>, mas esse conceito demonstrou ser muito limitado, já que dá a entender que só é bilíngue quem possui dupla proficiência, com competência mais ou menos equilibrada nas duas línguas, ou seja, o bilíngue seria um duplo monolíngue, um ambilíngue.

O primeiro, no entanto, a publicar uma obra que fosse “direto ao ponto, com perspicácia e profundidade, dos problemas do bilinguismo” (CALVET, 2009, p. 36) foi Weinreich, com sua obra fundante *Languages in contact* (1953). Weinreich – e outros após ele, como Grosjean (1982; 2010), por exemplo – abordou o bilinguismo na perspectiva do uso da língua, e não da competência linguística do falante, demonstrando que a ideia de que bilíngues tenham um conhecimento perfeito e equitativo de suas línguas é um mito. Ou seja, o domínio que muitos falantes têm de duas ou mais línguas pode variar quanto às habilidades (entender, falar, ler e escrever).

Para Grosjean (2010), focalizando o uso, a gama de falantes que possam ser considerados bilíngues cresce consideravelmente, num *continuum* que abarca desde o trabalhador migrante que fala com dificuldade a língua do país anfitrião e que não lê nem escreve nessa língua até o intérprete profissional que é completamente fluente em ambas as línguas. Nesse sentido, os informantes desta pesquisa, ao declararem que entendem a língua de herança de seus pais e/ou avós, embora não sejam capazes de falá-la fluentemente, podem ser considerados bilíngues caso participem, de algum modo, de interações cotidianas em que essa língua é usada.

Moreno Fernández (1998), ao tecer considerações sobre a relação entre os sistemas linguísticos que o bilíngue pode utilizar, apresenta, com base em Weinreich (1953), três tipos de bilinguismo: a) coordenado, que consiste na separação dos significados das palavras

<sup>24</sup> [...] bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) em seu cotidiano.

<sup>25</sup> [...] um domínio de duas línguas como um nativo.

equivalentes nas duas línguas, ou seja, os significados remetem a conceitos ou referentes distintos ou levemente diferentes (neste caso, o falante operaria como dois falantes monolíngues justapostos); b) composto, em que há coincidência de significado das palavras equivalentes nas duas línguas, ou seja, o significado estaria remetendo ao mesmo conceito ou referente, ou a conceitos totalmente equivalentes; e c) subordinado, quando há coexistência de uma língua dominante e uma dominada, em que as palavras da língua dominada se interpretam a partir das palavras equivalentes da língua dominante.

Outra contribuição importante em relação à caracterização do bilinguismo vem de Mackey (2000)<sup>26</sup>, que se refere ao conceito como uma noção relativa, envolvendo quatro variáveis: a) grau (até que ponto o bilíngue conhece as línguas que usa?); b) função (para que fins ele as usa?); c) alternância (até que ponto ele alterna entre as línguas, e como e em que condições ele o faz?); e d) interferência (até que ponto ele funde as línguas ou consegue mantê-las bem separadas?).

Posteriormente, cria-se o conceito de bilingualidade, devido à observação de que o indivíduo bilíngue não apenas possui diferentes graus de habilidade em suas línguas, como também varia a forma como as usa ao longo de sua vida. Ou seja: a condição de bilíngue se modifica na trajetória de vida dos indivíduos, assumindo novos contornos em relação ao domínio e uso de ambas as línguas (SAVEDRA, 1994). Em face disso, o bilinguismo individual precisa ser entendido de forma dinâmica, de modo que fatores como os apresentados por Mackey (2000), anteriormente mencionados, atualizam-se a cada manifestação da bilingualidade.

Quanto ao bilinguismo social ou societal, trata-se de um fenômeno que, além de afetar o indivíduo, afeta a sociedade, ou as comunidades de falantes. Conforme Hamel (1988, p. 49), o bilinguismo social é “la coexistência o copresencia de las dos lenguas en los mismos espacios socioculturales”<sup>27</sup>. Desse modo, uma comunidade bilíngue é aquela em que se falam duas línguas, ou em que seus componentes, ou parte deles, são bilíngues. Segundo Moreno Fernández (1998),

Tal definición interpreta el bilingüismo colectivo como subsidiário del bilingüismo individual, aunque también es posible pensar que un individuo es bilingüe porque así se lo impone la comunidad en la que vive, con lo que se entraría en un círculo sin salida. En cualquier caso, parece claro que el bilingüismo – el individual y el

<sup>26</sup> A versão original desse trabalho foi publicada em 1962, no periódico *Canadian Journal of Linguistics* (n. 7, p. 51-85).

<sup>27</sup> [...] a coexistência ou copresença das duas línguas nos mesmos espaços socioculturais.

colectivo – es una realidad en la que se implican estrechamente factores psicológicos y factores sociales<sup>28</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 216).

Para entender a relação entre bilinguismo individual e bilinguismo social no processo de aculturação dos imigrantes, pode-se buscar a contribuição de Fishman (1972a), que apresenta dois tipos de bilinguismo – composto e coordenado –, conforme se expõe no quadro a seguir. A leitura do quadro deve ser feita no sentido anti-horário, seguindo-se a numeração e a ordem dos estágios, conforme se apresenta na versão original de Fishman (1972a).

Quadro 1 – Tipo de funcionamento bilíngue e de sobreposição de domínios nos sucessivos estágios de aculturação dos imigrantes

TIPO DE FUNCIONAMENTO BILÍNGUE	TIPO DE SOBREPOSIÇÃO DE DOMÍNIOS	
	<i>Domínios sobrepostos</i>	<i>Domínios não sobrepostos</i>
Composto (“Interdependente” ou fundido)	2. Segundo estágio: mais imigrantes sabem mais a segunda língua e assim podem conversar um com outro tanto na língua materna quanto na segunda língua (ainda por intermédio da língua materna) em diversos domínios de comportamento. Aumento da interferência.	1. Estágio inicial: os imigrantes aprendem a língua do país anfitrião via sua língua materna. A segunda língua é usada apenas naqueles poucos domínios (esfera do trabalho, esfera governamental) em que a língua materna não pode ser usada. Interferência mínima. Apenas alguns imigrantes sabem um pouco da língua do país anfitrião.
Coordenado (“Independente”)	3. Terceiro estágio: as línguas funcionam independentes uma da outra. O número de bilíngues está no seu máximo. A sobreposição de domínios está no seu máximo. A segunda geração está na infância. A interferência se estabiliza.	4. Quarto estágio: a língua do país anfitrião substitui a língua materna em todos os domínios, exceto nos mais privados ou restritos. A interferência diminui. Na maioria dos casos, ambas as línguas funcionam de forma independente; em outros casos, a língua materna é mediada pela segunda língua (direção inversa à do estágio inicial, mas do mesmo tipo).

Fonte: adaptado<sup>29</sup> de Fishman (1972a)

<sup>28</sup> Tal definição interpreta o bilinguismo coletivo como subsidiário do bilinguismo individual, embora também seja possível pensar que um indivíduo é bilíngue porque assim o impõe a comunidade em que vive, de modo que se entraria em um círculo sem saída. Em qualquer caso, parece claro que o bilinguismo – o individual e o coletivo – é uma realidade na qual estão estreitamente implicados fatores psicológicos e fatores sociais.

<sup>29</sup> O quadro original (FISHMAN, 1972) foi elaborado na perspectiva de descrever a aquisição e o uso do inglês por imigrantes e descendentes cujas línguas maternas ou línguas de herança não era o inglês. Na tradução do quadro, as referências ao inglês foram substituídas pela expressão ‘língua do país anfitrião’ ou ‘segunda língua’, de modo a conferir maior generalidade à descrição.

Ferguson, em 1959<sup>30</sup>, definiu o bilinguismo social como diglossia (termo introduzido por ele, cunhado a partir do termo francês *diglossie*), que é a coexistência de duas formas linguísticas: a “variedade baixa” e a “variedade alta”. Importa mencionar que Ferguson se referia à coexistência, numa comunidade, de duas variedades da mesma língua em diferentes condições; ou seja, em um conjunto de situações, somente a variedade alta seria apropriada e, em outro, somente a baixa, com os dois conjuntos se sobrepondo apenas ocasionalmente e muito ligeiramente.

Ferguson (1964) identificou nas situações de diglossia um conjunto de traços, definidos a partir dos seguintes aspectos: função, prestígio, herança literária, aquisição, estandardização, estabilidade, gramática, léxico e fonologia. Mais precisamente, as situações diglósicas se caracterizariam por:

- a) divisão funcional de usos, em que a variedade alta é utilizada em situações oficiais ou formais (sermões religiosos, aulas na universidade, discurso político etc.), e a baixa, em situações informais (interações familiares e entre pares no trabalho, na literatura popular etc.);
- b) prestígio social da variedade alta em relação à variedade baixa:

[...] the speakers regard H [= high] as superior to L [= low] in a number of respects. Sometimes the feeling is so strong that H alone is regarded as real and L is reported ‘not to exist’. [...] Even where the feeling of the reality and superiority of H is not so strong, there is usually a belief that H is somehow more beautiful, more logical, better able to express important thoughts, and the like. And this belief is held also by speakers whose command of H is quite limited<sup>31</sup> (FERGUSON, 1964, p. 431);

- c) uso da variedade alta para produzir uma literatura conhecida e admirada;
- d) aquisição “natural” da variedade baixa (é a língua materna dos falantes) e aquisição formal (na escola) da variedade alta;
- e) padronização da forma alta por meio de dicionários, gramáticas etc., o que implica forte tradição de estudo gramatical dessa variedade;
- f) estabilidade da situação de diglossia, podendo durar vários séculos;

<sup>30</sup> Ferguson publicou, em 1959, o artigo fundante intitulado “Diglossia”, no periódico *Word* (n. 15, p. 324-340). Nesta tese, as referências ao artigo serão feitas a partir de sua versão reproduzida, sob o mesmo título e com idênticos conteúdo e forma, na obra de Hymes, de 1964 (FERGUSON, 1964).

<sup>31</sup> [...] os falantes consideram A [= alta] como superior a B [= baixa] em vários aspectos. Às vezes, o sentimento é tão forte que apenas A é considerada real e B é relatada como ‘não existindo’. [...] Mesmo onde o sentimento de realidade e superioridade de A não é tão forte, há geralmente uma crença de que A seja de alguma forma mais bonita, mais lógica, mais capaz de expressar pensamentos importantes, e assim por diante. E essa crença é mantida inclusive por falantes cujo domínio de A é bastante limitado.

- g) divergência entre categorias gramaticais nas duas variedades: uma possui categorias que não estão presentes em outra (a variedade baixa geralmente apresenta sistemas/categorias morfossintáticas mais reduzidas ou mesmo inexistentes em relação à variedade alta);
- h) divergência do léxico nas duas variedades (embora grande parte do vocabulário seja compartilhado), com variações na forma e diferenças de uso e de significado;
- i) diferenças fonológicas (em diferentes graus, desde as mais sutis até as bem marcadas, dependendo das variedades em questão).

Posteriormente, Fishman (1972a) revê a teoria original de Ferguson, ampliando a noção de diglossia: não a restringe a duas variedades da mesma língua, mas a aplica a qualquer situação em que diferenças marcantes entre os sistemas linguísticos se correlacionem estritamente com a classe social ou com funções sociais. Para Fishman, diglossia é a coexistência de duas (ou mais) variedades ou línguas em que valores de classe social e de função social se complementam, e não se refere apenas ao uso das línguas para comunicação interna em dada sociedade. Em outras palavras, essas variedades ou línguas não precisam ser geneticamente relacionadas (ter uma origem comum), o que permite ampliar o conceito para as línguas de imigrantes em contato com a língua majoritária do país de destino, por exemplo.

Referindo-se à proposição fergusoniana, Fishman (1972a) afirma, assinalando as contribuições de Gumperz:

To this original edifice others have added several significant considerations. Gumperz [...] is primarily responsible for our current awareness that diglossia exists not only in multilingual societies which officially recognizes several 'languages' but, also, in societies which are multilingual in the sense that they employ separate dialects, registers or *functionally differentiated language varieties of whatever kind*. He has also done the lion's share of the work in providing the conceptual apparatus by means of which investigators of multilingual speech communities seek to discern the societal patterns that govern the use of one variety rather than another, particularly at the level of small group interaction<sup>32</sup> (FISHMAN, 1972a, p. 92).

O autor também aponta suas próprias contribuições:

Fishman [...], on the other hand, has attempted to trace the maintenance of diglossia as well as its disruption at the national or societal level. In addition he has attempted

<sup>32</sup> A esse edifício original outros acrescentaram diversas considerações significativas. Gumperz [...] é principalmente responsável pela nossa atual consciência de que a diglossia existe não apenas em sociedades multilíngues que reconhecem oficialmente várias 'línguas' mas, também, em sociedades que são multilíngues no sentido de que empregam dialetos, registros separados ou *variedades linguísticas funcionalmente diferenciadas de qualquer tipo*. Ele também fez a maior parte do trabalho fornecendo o aparato conceitual por meio do qual aqueles que investigam comunidades de fala multilíngues buscam discernir os padrões sociais que governam o uso de uma variedade em vez de outra, particularmente ao nível da interação em pequenos grupos.

to relate diglossia to psychologically pertinent considerations such as compound and co-ordinate bilingualism<sup>33</sup> (FISHMAN, 1972a, p. 92).

Fishman (1972a) estrutura as relações de bilinguismo e diglossia da seguinte maneira:

- a) diglossia e bilinguismo, em que todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa;
- b) bilinguismo sem diglossia, em que numerosos bilíngues vivem em uma comunidade, mas não utilizam as formas linguísticas para usos específicos;
- c) diglossia sem bilinguismo, em que há a divisão funcional de usos entre duas línguas em uma comunidade, mas um grupo só fala a forma alta, e outro, só a baixa;
- d) nem diglossia, nem bilinguismo, em que há uma só língua na comunidade (fenômeno raro).

Também Calvet (2009) aponta lacunas na teoria de Ferguson (1964), considerando insuficiente analisar as diferenças linguísticas sem levar em conta as razões históricas e sociológicas que remetem ao poder, às relações de força que determinam essas diferenças. O autor considera que, mesmo que Fishman (1972a) tenha retomado a teoria original de Ferguson, desconstruindo a ideia do caráter estável das situações de diglossia e distinguindo o bilinguismo individual do social, é necessário alargar ainda mais a visão de dinamicidade das diferenças linguísticas, abandonando a “visão fotográfica” em busca de uma “visão cinematográfica” das relações linguísticas nas sociedades, uma vez que a sociedade é atravessada pela história. Calvet (2009) também lembra que o conceito de diglossia, bastante pertinente no momento histórico em que surgiu e impactante no meio acadêmico da época (no nascedouro da Sociolinguística), não escapou das críticas que viriam em seguida, especialmente pela tendência de “subestimar os conflitos de que as situações de diglossia dão testemunho”, como fazia pensar a noção de ‘estabilidade’, que “dava a entender que essas situações podiam ser harmoniosas e duráveis” (CALVET, 2009, p. 62).

Igualmente, Hamel (1988, p. 52) critica “la visión idílica de armonía y estabilidad que tradicionalmente se le había acuñado al término de diglosia en la sociolingüística funcionalista norte-americana”<sup>34</sup>, já que esse autor, como já foi visto, entende o conceito de contato entre línguas como conflito linguístico. Segundo o autor, “podríamos definir la

---

<sup>33</sup> Fishman [...], por outro lado, tentou traçar a manutenção da diglossia, bem como sua ruptura, nos níveis nacional e social. Além disso, ele tentou relacionar a diglossia a considerações psicologicamente pertinentes, tais como bilinguismo composto e coordenado.

<sup>34</sup> [...] a visão idílica de harmonia e estabilidade que tradicionalmente se havia imprimido ao termo diglossia na sociolingüística funcionalista norte-americana.

diglossia como parte integrante de un conflicto intercultural, cuyos aspectos sociolingüísticos se manifiestan en una relación asimétrica entre prácticas discursivas dominantes [...] y prácticas discursivas dominadas”<sup>35</sup> (HAMEL, 1988, p. 51). O autor verifica, na análise que faz do contato do espanhol com as línguas minorizadas do México, que o conflito linguístico pode, muitas vezes, permear uma comunidade “de manera velada, aun en los espacios donde aparentemente no existe un conflicto visible”<sup>36</sup> (HAMEL, 1988, p. 55).

Desse modo, embora nem sempre as situações de línguas em contato se deem em um contexto de embates mais acirrados, não estão totalmente isentas de conflito, que pode ocorrer, por exemplo, devido ao valor designado a uma e outra língua ou variedade e às discrepâncias em relação ao lugar que cada uma delas deve ocupar na vida social. É preciso lembrar que os indivíduos não se tornam bilíngues ou multilíngues por capricho, mas porque estão inseridos em um contexto social no qual duas ou mais línguas são faladas e, por isso, sentem necessidade de dominá-las, especialmente a língua majoritária. Como afirma Myers-Scotton (2006, p. 37), “people typically speak more than one language because an extra language does important ‘social work’ for them”<sup>37</sup>; ou seja, quando os falantes adicionam uma língua aos seus repertórios, eles quase sempre o fazem porque aquela língua lhes será útil em suas comunidades, ou em outra comunidade a que eles pretendem se juntar.

No caso do Brasil, a política linguística centrada na língua portuguesa como língua oficial e nacional teve papel muito importante nesse sentido. Sob o ideário de “um povo, uma língua”, o Estado brasileiro desenvolveu uma política linguística monolingualizadora, com várias medidas de controle da diversidade linguística, como as campanhas de nacionalização<sup>38</sup> da década de 1930 e as medidas visando a assegurar a manutenção de políticas educacionais voltadas maciçamente ao ensino e uso da língua portuguesa como língua única (BOLOGNINI; PAYER, 2005; RENK, 2009; OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011).

Nas comunidades de descendentes de imigrantes, vários estudos mostram que a manutenção da língua de origem está ligada também à forma de organização sociogeográfica: onde eles formaram ilhas linguísticas<sup>39</sup>, ou onde o contingente era mais representativo, os

---

<sup>35</sup> Poderíamos definir a diglossia como parte integrante de um conflito intercultural, cuyos aspectos sociolingüísticos se manifiestan en una relación asimétrica entre prácticas discursivas dominantes [...] e prácticas discursivas dominadas.

<sup>36</sup> [...] de maneira velada, mesmo nos espaços onde aparentemente não existe um conflito visível.

<sup>37</sup> [...] as pessoas normalmente falam mais de uma língua porque uma língua extra realiza um importante ‘trabalho social’ por elas.

<sup>38</sup> Por ‘nacionalização’ se entende o processo de formação de uma identidade nacional, pautado especialmente pelo ensino e uso da língua nacional em ambiente escolar e em espaços públicos.

<sup>39</sup> Entende-se por ‘ilha linguística’ toda comunidade assentada em um espaço delimitado e identificada com uma variedade linguística que se distingue daquela(s) falada(s) no entorno.

falantes da língua de origem têm sido mais resistentes à substituição linguística (KRUG, 2004; LUERSEN, 2009, entre outros). Obviamente, há, também, outros fatores envolvidos, como, por exemplo, o papel da religião, especialmente entre alemães, poloneses e ucranianos (KRUG, 2004; RENK, 2009).

Na tentativa de delinear o quadro linguístico das comunidades em estudo – Irati e Santo Antônio do Sudoeste –, é preciso considerar que sua configuração se deu de forma distinta nas duas comunidades. Em Irati, pode-se reconstituir a evolução dos contatos linguísticos em, pelo menos, três estágios principais. Tal reconstituição, faz-se necessário alertar, é meramente hipotética, inspirada no quadro apresentado por Fishman (1972a) sobre os tipos composto e coordenado de bilinguismo (veja-se a página 42), e com base no que geralmente ocorre em circunstâncias em que grupos de imigrantes estrangeiros chegam a um novo país.

O primeiro estágio corresponderia à chegada dos imigrantes, momento caracterizado pelo monolinguismo étnico no interior de uma comunidade multilíngue, ou seja, os diferentes grupos que lá chegaram provavelmente falavam apenas a sua língua materna, desconhecendo, em grande parte, tanto as línguas faladas pelos demais grupos étnicos quanto a língua nacional.

O segundo estágio se instaurou com a necessidade de se comunicar com membros de outros grupos étnicos e de se dirigir a instituições que operavam em língua portuguesa, sendo necessária a aquisição da língua majoritária, de modo que muitos membros dessas comunidades tiveram de se tornar bilíngues. Muitos informantes relatam que os mais velhos continuaram falando a língua de herança, ou que não aprenderam a falar português. Para muitos, a escola pode ter representado o primeiro contato com a língua majoritária. Em tais contextos, pressões sociais (como a operada pela escola, por exemplo) podem levar à estigmatização e à marginalização da língua minoritária – neste caso, efetivamente minorizada –, falada em contextos informais (principalmente na família). Na escola, muitas vezes, as crianças se tornam alvo de gozações por carregarem marcas linguísticas da língua de herança, o que pode colaborar para o abandono da língua minoritária em favor da majoritária.

Soma-se a isso outro evento que pode também ter colaborado para o gradativo abandono da língua materna (não portuguesa), que foi a questão da proibição de ensino das línguas estrangeiras forjada pela Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada na década de 30, mais pontualmente durante as guerras mundiais e durante o Estado Novo (1937-1945).



De forma incisiva, através de legislação específica e da minuciosa Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada em 1938, o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização. Esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 44).

O terceiro estágio da evolução dos contatos linguísticos, no que concerne à realidade iratiense, é o representado pelo quadro atual. Em Irati, como em muitas comunidades multilíngues, constata-se que o uso da língua herança como língua da comunicação diária se encontra em fase de extinção nas gerações mais novas – somente sobrevive em contextos específicos, entre os mais velhos –, e, geralmente, apenas algumas expressões são mantidas, talvez o suficiente para permitir algum vínculo identitário por meio da língua. No entanto, essa não é uma regra geral, pois, em Prudentópolis, “a constatada longevidade da língua ucraniana contraria a maioria das teses existentes, que apontam a substituição de uma língua étnica a partir da terceira geração de descendentes radicados em uma região estrangeira” (OGLIARI, 2001, p. 67).

Em Santo Antônio do Sudoeste, a situação se configurou de forma um pouco diferente, já que a região em que a localidade se encontra não foi ocupada por levas de imigrantes vindas diretamente da Europa, como ocorreu em Irati, mas por descendentes de imigrantes previamente estabelecidos nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul – portanto, já estavam, em maior ou menor grau, aculturados. Os colonos não estavam mais em sua primeira geração, e grande parte provavelmente já falava português, de modo que a comunidade, por ocasião da chegada desses colonos, já se situaria no segundo estágio descrito anteriormente. No entanto, um elemento adicional entra em cena nessa localidade: a proximidade da fronteira com um país hispano-falante fez emergir outro tipo de situação bilíngue e diglósica, deflagrada pela necessidade de estabelecer contatos linguísticos com os vizinhos do outro lado da fronteira, especialmente para fins comerciais.

Em cenários como o delineado nessas localidades, emergem fenômenos como a substituição linguística (*language shift*) e a lealdade linguística (*language loyalty*) – termos introduzidos por Weinreich (1953) –, que são conceitos importantes para explicar a substituição da língua de herança pelo português e a solidariedade à língua do grupo, conforme o caso. Um falante bilíngue pode ser identificado por traços linguísticos que derivam de línguas em contato. Em certas situações, isso desperta sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, o que pode levar ao abandono da língua minoritária em favor da majoritária. Por outro lado, isso estimula também

sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre aqueles que compartilham desses traços linguísticos (ou da situação de contato).

Mello e Raso (2011) apresentam o conceito de erosão linguística (*language attrition*), muito mais amplo que o de substituição linguística ou deslocamento linguístico, pois abarca fenômenos nos âmbitos societal e individual, ou seja: a) a perda de domínios que uma língua sofre em determinado contexto sociocultural de contato; b) a perda de proficiência parcial ou total da língua por razões patológicas; c) a redução não patológica na proficiência de uma língua que tinha sido aprendida antes (LM ou L2) por um indivíduo (dano intrageracional). Esta pesquisa tangencia dois desses fenômenos, descritos em 'a' e 'c'.

É importante fazer intervir aqui a noção de domínio de uso (*domain of use*), introduzida por Fishman (1972b), para ajudar a entender a mobilidade linguística, já que o encolhimento dos domínios de uso de uma língua colabora para o processo de difusão de outra língua. O autor usou o termo para designar as situações ou os ambientes de utilização de uma língua, como o lar, o trabalho, o ensino, o culto, entre outras.

Os fatores determinantes dos domínios podem incluir o tema em discussão (religião, família, trabalho etc.), as relações guiadas pelos papéis dos participantes (pregador e fiel, mãe e filha, patrão e empregado etc.) e o local de interação (igreja, lar, empresa etc.). Diferentes níveis de foco também provaram ser salientes em diferentes comunidades: por exemplo, societal-institucional (família, escola, igreja, governo) *versus* social-psicológico (íntimo, informal, formal, intergrupo). Esses níveis tendem a coincidir (por exemplo, família com íntimo, igreja com formal etc.) (FISHMAN, 1972b).

Convém também mencionar a situação de bilinguismo residual, descrito por Mackey (2004), que ocorre quando se conservam somente algumas competências reduzidas. Nesse caso, nas comunidades de descendentes de imigrantes, pode-se observar o uso de fragmentos de frases da língua de herança como marcas de identidade étnica. Entra nessa categoria, por exemplo, o turpilóquio, isto é, o emprego de termos torpes que caracteriza a comunidade italiana e seus descendentes. Pesquisas como a de Frosi, Faggion e Dal Corno (2008), na Região de Colonização Italiana (RCI), localizada no Nordeste do Rio Grande do Sul, mostram que pessoas até mesmo de outras cidades, italo-falantes ou não, reconhecem tal emprego, de modo que esses autores entendem o turpilóquio como expressão étnica e elemento cultural ítalo-brasileiro. O uso cotidiano de blasfêmias e imprecizações pode expressar as mais diversas ideias e emoções, desde uma situação de tristeza ou inconformidade até de surpresa e alegria extrema.

A língua e, por extensão, o bilinguismo variam segundo fatores os mais diversos, tais como a classe social do sujeito, seu nível de escolaridade, sua faixa etária, sua religião, suas atitudes perante as línguas em contato, entre outros. Da mesma forma, é possível que as identidades desse sujeito – ao menos no que tange à língua e à etnia – também variem, já que são também construídas na identificação com traços linguísticos, os quais são carregados de valor simbólico. Nesse sentido, torna-se importante abordar a questão da identidade étnico-linguística do sujeito, ou seja, tentar estabelecer a relevância da língua para determinar as identidades dos membros de uma comunidade bi- ou multilíngue. É disso que se ocupa a próxima subseção.

### 3.4 LÍNGUA E IDENTIDADE ÉTNICA

Como já mencionado, parece haver uma estreita relação entre língua e identidade étnica, considerando que a língua é uma das formas de expressão da identidade de um indivíduo. Tal relação esbarra nos conceitos de etnicidade e identidade, que têm recebido, no âmbito das ciências sociais, inúmeras definições. O conceito de identidade é extremamente complexo, e um tratamento exaustivo ultrapassa o escopo deste trabalho.

Segundo informa Liebkind (1999), o termo ‘eticidade’ tem suas raízes na Antropologia e na Etnologia. De maneira geral, um grupo étnico é definido com base em critérios objetivos, ou seja, em características biológicas, geográficas, linguísticas, culturais ou religiosas. No entanto, a autora alerta para o fato de que as culturas mudam, mas a continuação dos laços de grupo em si pode ser mais duradoura, de modo que os membros da terceira ou quarta geração de imigrantes, por exemplo, podem ser bastante diferentes de seus antepassados da primeira geração, embora ainda, muitas vezes, definam-se como membros de seu grupo étnico ancestral.

No caso desta pesquisa, pode-se constatar que muitos informantes se declaram pertencentes a determinado grupo étnico – autorreferem-se como italianos ou ucranianos, por exemplo –, embora já sejam brasileiros de segunda ou terceira geração. Muitos informantes até mesmo declaram não saber mais nada da língua de herança dos pais e avós. Porém, de acordo com Liebkind (1999), um grupo étnico pode ser simplesmente definido como qualquer grupo de pessoas que se identificam ou são de alguma maneira identificados como italianos, poloneses, indianos, gregos, e assim por diante, mesmo que não falem ou entendam o idioma, nem pratiquem a religião, nem gostem da culinária de seus ancestrais. E é por essa razão que a autora prefere definir ‘eticidade’ com base em critérios subjetivos, já que se trata de uma

crença subjetiva em uma ancestralidade comum: “Members of ethnic groups often have a subjective belief in their common descent. It does not matter whether or not an objective blood relationship really exists. Ethnic membership differs from the kinship group precisely by being a presumed identity”<sup>40</sup> (LIEBKIND, 1999, p. 140).

A identidade étnica, nesse sentido, define-se como identidade social. Para Liebkind (1999), uma das principais ferramentas cognitivas que os indivíduos usam para definir a si mesmos em relação ao mundo em que vivem é a categorização social: ordenar o ambiente social agrupando pessoas de uma forma que faça sentido para o indivíduo. Os indivíduos percebem a si mesmos como pertencentes a grupos sociais, e o reconhecimento de filiação a esses grupos traz consigo um conhecimento dos valores, positivos ou negativos, que estão ligados a esses grupos. No âmbito da psicologia social da identidade, a autoimagem da pessoa é vista como tendo dois componentes: a identidade pessoal e a identidade social. Esta última deriva do pertencimento a vários grupos, inclusive o grupo étnico. Assim, a identidade étnica pode ser definida simplesmente como o componente étnico da identidade social; esta, por sua vez, relaciona-se ao autoconceito de um indivíduo, que deriva de seu pertencimento a grupos sociais.

Padilla (1999) igualmente define etnicidade como o pertencimento de um indivíduo a um grupo social que compartilha uma herança ancestral comum, que, por sua própria natureza, é multidimensional, envolvendo diversos domínios: biológico, cultural, social e psicológico. Também para esse autor, a dimensão psicológica da etnicidade parece ser a mais importante, porque, independentemente de variações nos domínios biológico, cultural e social, se uma pessoa se autoidentifica como membro de um grupo étnico particular, então ela está disposta a ser percebida e tratada como um membro desse grupo. Assim, os rótulos étnicos, atribuídos tanto por si mesmos quanto pelos outros, são manifestações evidentes de identificação dos indivíduos com uma etnicidade específica.

É importante frisar que a etnicidade tem a ver com limites: o indivíduo se vê e se define em oposição ao outro, ou seja, percebe-se com determinadas características comuns aos membros de seu grupo social, mas que são diferentes das dos membros de outros grupos sociais. No caso desta tese, os informantes que se autodenominam poloneses, por exemplo, fazem-no em oposição aos ucranianos, alemães e italianos – não obstante serem todos

---

<sup>40</sup> Membros de grupos étnicos frequentemente têm uma crença subjetiva em sua linhagem comum. Não importa se uma relação de sangue realmente exista ou não. A filiação étnica difere do grupo de parentesco precisamente por ser uma identidade presumida.

brasileiros de nascimento –, assumindo que têm costumes diferentes dos de outro grupo étnico.

Moreno Fernández (1998) assim define ‘identidade’:

La *identidad* es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de otro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizándola por las instituciones que la componen y las pautas culturales que le dan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás<sup>41</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

As fronteiras que separam um grupo de outro não são, muitas vezes, bem definidas, bem delimitadas na atualidade. Hall (2006), que descreve as mudanças pelas quais passam os conceitos de sujeito e identidade da modernidade tardia e da pós-modernidade, volta-se para a questão de como esse sujeito descentrado se coloca em termos de suas identidades culturais. Para o autor, se antes havia um sujeito mais “coeso”, no sentido de possuir uma identidade unificada, predizível, estável desde seu nascimento até a morte, da mesma forma que o era o mundo cultural em que estava inserido, hoje, esse sujeito tem sua identidade fragmentada, resultado da própria fragmentação de seu mundo cultural.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ [...] É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente (HALL, 2006, p. 13).

É preciso esclarecer que, quando Hall (2006) trata de identidades culturais, está se referindo basicamente à identidade nacional; porém, para esse autor, nação pode significar também uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento.

De modo geral, o sujeito se vê como membro de determinado grupo e se imagina partilhando o mesmo sistema de valores, compartilhando da mesma cultura. Os grupos

---

<sup>41</sup> A *identidade* é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. Há duas maneiras elementares de definir uma identidade: ou de forma objetiva, caracterizando-a pelas instituições que a compõem e as diretrizes culturais que lhe dão personalidade, ou de forma subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade compartilhado por todos seus membros e a ideia de diferenciação com relação aos demais.

étnicos, ao contrário de outros tipos de grupo, percebem-se e são percebidos como provindos da mesma “linhagem”, não obstante a separação geográfica que possa ocorrer em sua história, e acreditam ser portadores de uma cultura e de tradições que os distinguem dos demais grupos. De modo geral, o argumento da origem étnica e cultural como fundante da noção de identidade está baseado no conceito movediço de nação.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

No entanto, e ainda mais na pós-modernidade, uma nação ou comunidade não pode ser homogênea, pois nela convivem sujeitos de diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero. Assim, o sentimento de pertencimento a determinada comunidade culturalmente coesa e coerente é um sentimento construído historicamente e discursivamente, já que essa comunidade é “imaginada”, ou, nas palavras de Hall (2006), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2006, p. 48). Mas, em que consiste essa representação?

Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que uma nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. [...] Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade [...] As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 48-50).

Nesse sentido, a identidade social não é algo inerente a um indivíduo ou grupo, ou algo com o qual o sujeito já nasce, mas um processo, ao mesmo tempo, individual e coletivo de produção de sentidos. Em outras palavras, é uma construção simbólica, envolvendo processos sócio-históricos de atribuição de sentidos. Conforme Penna (1998, p. 93), “a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento”.

Dizer que a identidade não é algo material e tangível, do qual se pode tomar posse, mas é socialmente produzida, equivale a dizer que se trata de um ato de criação linguística,

pois é no contexto das relações sociais e culturais, mediadas pela linguagem, que ela é “fabricada”.

Bourdieu (1998), ao refletir criticamente sobre a ideia de região, traz contribuições importantes para entender o papel das representações na construção da identidade:

[...] a procura dos critérios ‘objetivos’ de identidade ‘regional’ ou ‘étnica’ não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 1998, p. 112).

É desse modo que as culturas, ao produzirem sentidos com os quais os sujeitos podem se identificar, constroem identidades. Esses sentidos são construídos discursivamente: eles estão contidos nas histórias que são contadas, nas memórias que conectam o presente com o passado de uma comunidade ou nação, e nas imagens que dela são construídas. Isso caracteriza uma cultura nacional ou mesmo local como uma “comunidade imaginada”. Como afirma Hall (2006), “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ [...]. A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

Na mesma direção, Rajagopalan (1998) define que o sujeito está em constante fluxo, em processo; é mutante, polimorfo, ou “proteiforme”. Ao discutir sobre a identidade nos dias de hoje, o autor mostra como ao modelo tradicional monolíngue, monoétnico, monorreligioso e monoideológico – o modelo humboldtiano de “uma língua, uma comunidade ou nação, uma cultura” –, contrapõe-se o modelo multiculturalista, caracterizado pela construção de identidades supralocais ou supranacionais.

Também para Orlandi (1998)

[...] a identidade é um movimento na história, [...] ela não é sempre igual a si mesma. Isto é, ela não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a de identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão (ORLANDI, 1998, p. 204).

Para Hall (2006), são três os elementos que constituem o sentimento de unificação: “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*” (HALL, 2006, p. 58). Nesse sentido, cria-se (ou pressupõe-se) um elo muito forte entre nação e sua identidade (histórica e linguística), não só no tempo presente, mas também em relação ao passado. No caso dos descendentes de imigrantes, pode-se dizer que, muitas vezes, há um vínculo cultural pressuposto entre as novas gerações e seus antepassados, na medida em que o discurso presente em enunciados como “isso é da nossa cultura”, “faz parte dos costumes da gente”, “é típico da nossa raça” e outros do gênero manifesta um sentimento de “continuidade”, como se as características atribuídas a essa “identidade” permanecessem fixas, como se grupos étnicos constituídos em épocas e espaços diferentes permanecessem com suas culturas inalteradas<sup>42</sup>.

Convém fazer uma reflexão sobre o uso do termo ‘raça’, que não é incomum nos discursos de membros de determinados grupos étnicos, especialmente quando a intenção é estabelecer os limites entre a identidade de seu grupo e a do outro com o qual se faz comparação. Tal termo, apesar de muito utilizado, mostra-se inadequado e até mesmo perigoso, podendo gerar consequências nocivas para a sociedade.

Segundo Hall (2006), é ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno do conceito de raça, já que não se trata de uma categoria biológica ou genética, mas discursiva.

A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 63).

Porém, para o autor, o caráter não científico do termo ‘raça’ não afeta o modo como a lógica racial e os quadros de referência raciais são articulados e acionados, nem anula suas consequências. O termo ‘etnia’ parece ter um caráter mais neutro, mas também carece de cuidados no seu uso, pois muitas vezes é usado como substituto parcial ou como um eufemismo para ‘raça’, conforme lembra Krieg-Planque (2009).

Segundo essa autora, a maioria dos pesquisadores e comentaristas observaram no emprego parcial de ‘raça’ por ‘etnia’ o resultado de uma ação conduzida após a Segunda

---

<sup>42</sup> Como descendente de imigrantes italianos e tendo passado sua infância e adolescência em comunidade formada essencialmente por descendentes de imigrantes europeus – italianos, principalmente, mas também alemães e poloneses –, a autora desta tese pode atestar que esse discurso é bastante comum em comunidades assim constituídas.



Guerra Mundial para livrar os discursos políticos e científicos da “infâmia que o nazismo teria lançado sobre esse léxico” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 13). Mesmo que não seja essa a razão, o fato é que, “no imediato pós-guerra, diferentes pessoas e instâncias trabalharam deliberadamente para a erradicação da palavra *raça* e, para alguns dentre eles, a sua substituição por *etnia*” (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 13).

Mey (1998) estabelece a seguinte relação entre identidade étnica e racismo:

A identidade étnica, definida pela maioria e como um mérito majoritário, sempre conteve um traço de racismo – racismo entendido aqui como um conjunto de crenças que (baseado em determinados critérios, tais quais aparência física, língua, cultura e outros hábitos) exclui certas pessoas e aceita outras. Enquanto a identidade étnica pode ter uma qualidade positiva, o racismo é sempre negativo, uma vez que *exclui* as pessoas em vez de *incluí-las*, e assim procede baseado em critérios seletivos, muitas vezes interpretados subjetivamente (MEY, 1998, p. 84).

Pode-se dizer, então, que nem mesmo o termo ‘etnia’ está livre de problemas conceituais. Em princípio,

A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar [*sic*] usar a etnia dessa forma ‘fundacional’. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais* (HALL, 2006, p. 62).

Nesta tese, no entanto, na ausência de um termo mais apropriado, serão usados ‘etnia’ e ‘grupo étnico’ para designar o grupo que compartilha de valores culturais fundamentais, com os seus membros se identificando e sendo identificados pelos outros como italianos, alemães, poloneses, ucranianos, no caso dos eurodescendentes, e argentinos ou paraguaios – neste caso, ignorando-se sua eventual ascendência indígena, europeia, asiática etc., já que a Argentina e o Paraguai são países igualmente multiétnicos.

E como estabelecer a relação entre grupo étnico e sua língua, em termos de elemento constituidor da identidade do indivíduo? Dorian (1999) aponta dois tipos diferentes de ligações entre um grupo étnico e sua língua, os quais nem sempre estão claramente separados nas mentes dos observadores ou mesmo dos próprios falantes. Na sua função mais simples, uma língua étnica serve a seus falantes como um marcador de identidade, tal como um traje tradicional ou uma culinária especial. Por essa razão – por ser apenas um dos inúmeros marcadores de identidade potenciais –, a língua é facilmente substituída por outros

marcadores tão eficazes quanto ela. Nesse nível de conexão com o grupo, então, a língua ancestral étnica é funcionalmente dispensável.

Já no segundo tipo, a conexão é mais profunda, não sendo substituída tão facilmente. Embora diversos comportamentos possam marcar a identidade, a língua é a única que, de fato, carrega um vasto conteúdo cultural. Os sons característicos proferidos ao falar uma língua particular codificam significados, e a relação entre grupo étnico e língua étnica se torna muito mais importante nesse nível. Muitas pessoas supõem que algumas línguas são tão “primitivas”, ou seja, tão pobres de complexidade estrutural ou vocabulário, que nada seria perdido se elas desaparecessem para sempre. Contudo, isso é um mito: mesmo os povos com cultura material muito simples falam línguas altamente ricas e complexas, e, associado a cada idioma, há um grande corpo de tradição cultural e quase sempre uma impressionante literatura oral. A distintividade estrutural de cada língua é parte do que torna seu conteúdo cultural uma herança intransferível se tal língua se perde (DORIAN, 1999).

Para Padilla (1999), a língua se torna elemento crucial daquilo que constitui a etnicidade para muitos indivíduos. Além disso, a língua de socialização se torna parte do *core* da etnicidade e é altamente valorizada como um elemento crítico no sentido de se identificar como membro de um grupo étnico. A etnicidade é um produto de redes sociais e das experiências compartilhadas dessas redes, que, por sua vez, estão sujeitas à coerção externa da ecologia social e física dos seus ambientes.

Convém frisar o papel do contexto em que os falantes estão inseridos na (trans)formação de suas identidades, pois aquilo que cerca o falante influencia sobremaneira a (re)construção de sua identidade. A identidade de um descendente de imigrantes italianos de Irati, por exemplo, difere da identidade de outro descendente de imigrantes da mesma etnia em Santo Antônio do Sudoeste, dadas as condições sócio-históricas em que se construíram – e se constroem continuamente. Além disso, é preciso considerar as características individuais dos falantes, pois também estas variam de indivíduo para indivíduo, conforme afirma Puoltato (2006):

L'identità sociolinguistica di un parlante dipende sicuramente da variabili quali la classe socio-economica, il sesso, l'età, il grado d'istruzione, la professione, ma si costruisce anche nell'evolversi di un discorso, a seconda dei rapporti che intessono fra loro i partecipanti all'evento comunicativo. La capacità di parlare una lingua si accompagna ad un sapere basato su un sistema di valori sociali, ideologici, culturali, di cui una lingua è depositaria; tale sistema influenza, o può influenzare,

l'autovalutazione della competenza di una data lingua così come la motivazione ad apprenderla<sup>43</sup> (PUOLTATO, 2006, p. 46).

Sobre o papel da língua na construção da identidade, Rajagopalan (1998) lembra que

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isto significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Segundo Liebkind (1999), muitos pesquisadores não veem a língua como um componente essencial da identidade, alegando que muitos grupos continuam vivendo como grupos distintos mesmo após a mudança de língua comunicativa. Ou seja: a identidade étnica pode sobreviver à perda da língua original do grupo. Assim, conclui a autora, embora a língua seja considerada por alguns como o mais importante componente da identidade étnica, sua importância varia em cada situação, sendo mínima para alguns grupos. A associação entre língua e identidade depende do contexto social pertinente aos grupos de línguas em questão.

Em muitas comunidades bi- ou plurilíngues, a identidade étnica de seus membros está vinculada a diversos aspectos, dos quais a língua é apenas um. Há outros fatores significativos de identificação, tais como a religião e os ícones e símbolos. Aspectos como as festas tradicionais, os estilos arquitetônicos próprios, a culinária, a formação de grupos de danças folclóricas, as canções etc., os quais são reforçados pela divulgação na mídia, contribuem, juntamente com a língua, para que se crie e se mantenha uma identidade étnica.

O fato é que quase todas as nações contemporâneas são multiculturais, ou seja, contêm dois ou mais grupos sociais que podem ser distinguidos em graus variados em termos de cultura. A língua é, com frequência, uma característica bastante saliente de tais diferenças culturais e pode se tornar o símbolo mais importante da etnicidade, mesmo que não seja ativamente usada. Embora nem todos os membros do grupo necessitem falar a língua étnica, ela está prontamente disponível e pode atuar como um símbolo de identidade étnica (LIEBKIND, 1999).

---

<sup>43</sup> A identidade sociolinguística de um falante depende seguramente de variáveis como a classe socioeconômica, o sexo, a idade, o grau de instrução, a profissão, mas também se constrói no desenvolvimento de um discurso, de acordo com as relações que tecem entre si os participantes do evento comunicativo. A capacidade de falar uma língua é acompanhada de um saber baseado em um sistema de valores sociais, ideológicos, culturais, de que uma língua é depositária; tal sistema influencia, ou pode influenciar, a autoavaliação da competência de uma língua, assim como a motivação para aprendê-la.

Para Moreno Fernández (1998), dentro do conceito de identidade, definido tanto de forma objetiva quanto subjetiva, há um lugar para a língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela(s) variedade(s) linguística(s) usada(s) em seu seio, e também porque a percepção do comunitário e do diferencial se faz especialmente evidente por meio dos usos linguísticos. Assim, é lógico pensar que, se há alguma relação entre língua e identidade, esta há de se manifestar nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e a seus usuários.

Aguilera (2008a) compartilha dessa ideia ao afirmar que

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008a, p. 106).

Conforme Aguilera (2008a, p. 106), “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”.

De acordo com Liebkind (1999), as pessoas geralmente têm uma atitude integradora em relação à sua língua materna, ou seja, elas se identificam com os falantes dessa língua e querem manter essa identificação. Pesquisas em Psicologia Social, segundo a autora, têm sugerido que a língua e a identidade estão reciprocamente relacionadas: usar a língua influencia a formação da identidade de grupo, que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos. Nesse sentido, o estudo das atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica.

### 3.5 ATITUDES LINGUÍSTICAS

O estudo das atitudes não é novidade no âmbito das ciências. Já há muito tempo, disciplinas como a Sociologia e a Psicologia vêm se dedicando à investigação do efeito das atitudes sobre a realidade social. Mais especificamente no tocante às atitudes linguísticas, as áreas que fornecem contribuições para o estudo desse tema são, principalmente, a Psicologia Social, a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Comunicação.

A Psicologia Social foi precursora na investigação do tema: “o estudo das atitudes tornou-se uma preocupação importante dos psicólogos sociais, no decorrer dos anos, pois se trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado

social” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77). Liebkind (1999) define assim o escopo da Psicologia Social: “The social psychology of language focuses on the roles of motives, beliefs, and identity in individual language behavior. It tries to link language and ethnic identity together and studies how this identity is formed, presented, and maintained”<sup>44</sup> (LIEBKIND, 1999, p. 143). Os processos psicológicos, incluindo a maneira como as pessoas fazem atribuições e desenvolvem atitudes em relação aos outros, tornam-se centrais para o entendimento das relações intergrupais.

Já a Sociologia da Linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários. Segundo Fishman (1972a, p. 1), “the sociology of language examines the interaction between these two aspects of human behavior: the use of language and the social organization of behavior”<sup>45</sup>. Pode-se acrescentar, ainda, que

[...] the sociology of language seeks to discover not only the societal rules or norms that explain and constrain language behavior and *the behavior toward language* in speech communities, but it also seeks to determine the symbolic value of language varieties for their speakers. That language varieties come to have symbolic or symptomatic value, in and of themselves, is an inevitable consequence of their functional differentiation. If certain varieties are indicative of certain interests, of certain backgrounds, or of certain origins, then they come to represent the ties and aspirations, the limitations and the opportunities with which these interests, backgrounds, and origins, in turn, are associated<sup>46</sup> (FISHMAN, 1972a, p. 6).

Por sua vez, a Sociolinguística tem entre suas funções a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes. Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em

---

<sup>44</sup> A psicologia social da linguagem se concentra nos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico individual. Ela tenta vincular língua e identidade étnica e estuda como essa identidade é formada, apresentada e mantida.

<sup>45</sup> A sociologia da linguagem examina a interação entre estes dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social do comportamento.

<sup>46</sup> [...] a sociologia da linguagem busca não apenas descobrir as regras ou normas sociais que explicam e restringem o comportamento linguístico e *o comportamento em relação à língua* nas comunidades de fala, mas também determinar o valor simbólico que as variedades linguísticas têm para seus falantes. Que as variedades linguísticas venham a ter um valor simbólico ou sintomático, nelas e delas mesmas, é uma inevitável consequência de sua diferenciação funcional. Se certas variedades são indicativas de certos interesses, de certos *backgrounds*, ou de certas origens, então elas vêm a representar os laços e as aspirações, as limitações e as oportunidades com as quais esses interesses, *backgrounds* e origens, por sua vez, estão associados.

detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

A Etnografia da Comunicação, que tem como propósito investigar como e por que a linguagem é usada e como seu uso varia em diferentes culturas, também se interessa pelas atitudes linguísticas:

One reason language attitudes are of particular interest to ethnographers is that individuals can seldom choose what attitudes to have toward language or varieties. Attitudes are acquired as a factor of group membership, as part of a process of enculturation in a particular speech community, and are thus basic to its characterization<sup>47</sup> (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

É da Psicologia Social que vem o conceito de atitude utilizado neste trabalho. Lambert e Lambert (1966, p. 78), por exemplo, definem que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”.

Outro psicólogo social, Bem (1973), define atitudes da seguinte maneira:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

O conceito de atitude linguística engloba diversas dimensões, desde as atitudes com relação a variedades linguísticas/dialetais e estilos de fala, passando pelas atitudes com relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias, entre outras dimensões.

Para Saville-Troike (2003),

Language attitude studies may be characterized as: (1) those which explore general attitudes toward language and language skills (e.g. which languages or varieties are better than others, to what extent literacy is valued); (2) those which explore stereotyped impressions toward languages and language varieties, their speakers,

---

<sup>47</sup> Uma razão pela qual as atitudes linguísticas são de particular interesse aos etnógrafos é que os indivíduos raramente podem escolher que atitudes ter em relação à língua ou às variedades. As atitudes são adquiridas como um fator de pertencimento a um grupo, como parte de um processo de enculturação em uma comunidade de fala particular, e são, portanto, básicas para sua caracterização.

and their functions; and (3) those which focus on applied concerns (e.g. language choice and usage, and language learning)<sup>48</sup> (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

Quanto aos componentes da atitude, não há consenso entre os pesquisadores. Lambert e Lambert (1966) atribuem três componentes à atitude: a crença, a valoração e a conduta, todos situados no mesmo nível. Nesse caso, a atitude linguística de um indivíduo resultaria da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos (sentimentos ou emoções) e sua tendência a se comportar de determinada forma diante da língua ou de uma situação sociolinguística.

Já Bem (1973) acrescenta o componente social às atitudes. Para o autor, as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros –, que correspondem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes – cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais.

Há ainda outras propostas conhecidas na área da Psicologia Social, conforme apresenta Moreno Fernández (1998):

- a) Fishbein, em artigo intitulado “A consideration of beliefs, attitudes and their relationship”, publicado na coletânea *Current Studies in Social Psychology* (1965)<sup>49</sup>, afirma que as atitudes são formadas por um único componente, de natureza afetiva, ou seja, fundamentam-se na valoração subjetiva e sentimental que se faz de um objeto. Esse autor coloca a crença em um plano diferente, sendo formada por um componente cognoscitivo e um componente de ação ou conduta.
- b) Rokeach, em sua obra *Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change* (1968)<sup>50</sup>, define a atitude como um conjunto de crenças, cada uma delas formada pela soma dos três componentes: cognoscitivo, afetivo e conativo. A atitude linguística dependeria, então, fundamentalmente do que se crê acerca de um objeto sociolinguístico. Certos conhecimentos, valorações e condutas podem dar lugar a um sistema de crenças, do qual se desprenderá uma atitude linguística concreta.

No âmbito da Sociolinguística, López Morales (1993) identifica na atitude apenas um componente: o conativo. Assim, esse autor também separa o conceito de crença do de atitude

<sup>48</sup> Os estudos da atitude linguística podem ser caracterizados como: (1) aqueles que exploram atitudes gerais com relação às línguas e habilidades linguísticas (por exemplo, quais línguas ou variedades são melhores que outras, em que medida o letramento é valorizado); (2) aqueles que investigam impressões estereotipadas sobre as línguas e seus falantes, bem como suas funções; e (3) aqueles que se concentram em questões aplicadas (por exemplo, a escolha e o uso de uma língua e o aprendizado de línguas).

<sup>49</sup> FISHBEIN, M. A consideration of beliefs, attitudes and their relationship. In: STEINER, I. D.; FISHBEIN, M. (Eds.). *Current studies in Social Psychology*. New York: Holt Rinehart and Wiston, 1965. p. 107-120.

<sup>50</sup> ROKEACH, M. *Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change*. San Francisco: Jossey-Bass, 1968. (Jossey-Bass Behavioral Science Series).

e os situa em níveis diferentes: as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, juntamente com os elementos cognoscitivos e afetivos, considerando que as crenças podem estar baseadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente. Na concepção desse autor, as atitudes são formadas por comportamentos, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, não existindo uma atitude “neutra”. Uma atitude que não seja positiva nem negativa se caracterizaria como ausência de atitude, e não como mais uma classe dela.

Para López Morales (1993), nem todas as crenças levam à aparição de atitudes, mas a maioria delas certamente as produz. Para ilustrar, comenta que os fenômenos linguísticos considerados rurais ou vulgares produzem uma atitude negativa que leva ao seu rechaço, o que costuma apresentar consequências na conduta linguística dos falantes de uma comunidade: eles tendem a usar o que se considera mais aceitável e a não usar o rechaçável, principalmente nos estilos cuidados, nos quais a consciência linguística participa mais ativamente.

O problema com relação a essa concepção defendida por autores como López Moralez (1993) é que, ao considerar a atitude simplesmente no âmbito da ação, ignora-se toda a complexidade de que se reveste o conceito. Segundo Oppenheim (1992), seria errôneo conceber a atitude unicamente como um determinado tipo de ação em relação a um objeto, uma vez que essa seria apenas uma etapa, ou seja, o passo final de um processo. A disposição latente nos indivíduos não se configura unicamente como uma forma de agir primária diante de um objeto de sua percepção, mas como uma tendência elaborada e fortemente dirigida pelas crenças e valores que subjazem à manifestação ativa do sujeito com relação a esse objeto, ou seja, “attitudes are reinforced by *beliefs* (the cognitive component) and often attracts strong *feelings* (the emotional component) which may lead to particular behavioural *intents* (the action tendency component)”<sup>51</sup> (OPPENHEIM, 1992, p. 175).

Conforme Moreno Fernández (1998), em termos gerais, aceita-se que as atitudes implicam diretamente a presença de vários elementos ou subcomponentes que não convém confundir: uma *valorização* (componente afetivo), um saber ou *crença* (componente cognoscitivo) e uma *conduta* (componente conativo). Esse é o critério dos defensores de uma interpretação mentalista da atitude, pois os psicólogos comportamentalistas, por via de regra,

---

<sup>51</sup> [...] atitudes são reforçadas por *crenças* (o componente cognitivo) e frequentemente atraem *sentimentos* fortes (o componente emocional) que podem levar a determinadas *intenções* comportamentais (o componente da tendência de ação).



veem na atitude um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração<sup>52</sup>. No entanto, conforme lembra o autor, mesmo entre aqueles que interpretam a atitude como uma entidade complexa, que são a maioria, há discrepâncias na determinação de como se relacionam entre si esses conceitos, e todos eles com a atitude.

Gómez Molina (1996) aponta o que é comum em ambas as concepções:

Desde una perspectiva ecléctica, tomando aquello que es común a ambas corrientes, podemos considerar que las actitudes son adquiridas, permanecen implícitas, son relativamente estables, tienen un referente específico, varían en dirección y grado, y proporcionan una base para la obtención de índices cuantitativos<sup>53</sup> (GÓMEZ MOLINA, 1996, p. 106).

Nesse sentido, a tendência da maioria das definições é concordar que uma atitude é uma disponibilidade, um estado mental de prontidão, uma tendência para agir ou reagir de certo modo quando o sujeito é confrontado com certos estímulos. Conforme Oppenheim (1992), as atitudes de um indivíduo estão sempre presentes, mas permanecem subjacentes (adormecidas) na maior parte do tempo, sendo expressas na fala ou em outra forma de comportamento somente quando o objeto da atitude é percebido.

Puoltato (2006) comenta as diversas definições de atitude e aponta a natureza da relação entre atitude e comportamento, salientando a importância do contexto como fator decisivo na influência das atitudes sobre o comportamento dos falantes:

La letteratura sull'argomento ne offre molteplici definizioni, dal cui confronto emergono alcune caratteristiche. Gli atteggiamenti (somma di opinioni, credenze, convinzioni ed esperienze) vengono concepiti come una disposizione ad agire nei confronti di qualcosa o di qualcuno. Tuttavia molte ricerche hanno mostrato che il comportamento non è predicibile in base all'atteggiamento. [...] gli atteggiamenti influenzano il comportamento solo se il contesto lo permette<sup>54</sup> (PUOLTATO, 2006, p. 46-47).

Kaufmann (2011) pontua dois aspectos na relação entre atitudes e comportamento: a) atitudes gerais em relação a um grupo não necessariamente se manifestam no comportamento

<sup>52</sup> Na Seção 5, referente aos procedimentos metodológicos da pesquisa, apresenta-se uma explanação das abordagens mentalista e comportamentalista, pois tais abordagens é que dão as diretrizes do método a ser usado na identificação das atitudes.

<sup>53</sup> De uma perspectiva eclética, tomando aquilo que é comum a ambas as correntes, podemos considerar que as atitudes são adquiridas, permanecem implícitas, são relativamente estáveis, têm um referente específico, variam em direção e grau, e proporcionam uma base para a obtenção de índices quantitativos.

<sup>54</sup> A literatura sobre o assunto oferece múltiplas definições de atitude, de cujo confronto emergem algumas características. As atitudes (soma de opiniões, crenças, convicções e experiências) vêm concebidas como uma disposição para agir nos confrontos com algo ou alguém. Contudo, muitas pesquisas têm mostrado que o comportamento não é previsível com base na atitude. [...] as atitudes influenciam o comportamento apenas se o contexto o permitir.

específico vinculado a indivíduos desse grupo ou a suas características; e b) as atitudes expressas não predizem totalmente o comportamento social efetivo do indivíduo. Isso equivale a dizer que as atitudes expressas pelos informantes das localidades pesquisadas nesta tese não refletem necessariamente seu comportamento, nem o de seu grupo: elas funcionam apenas como sinalizadores, e não indicadores categóricos, de determinados comportamentos.

As atitudes são adquiridas no processo de socialização – são, portanto, uma característica antes do grupo que do indivíduo – e têm uma dupla função: permitem uma visão simplificada da realidade e contribuem para a formação da identidade individual e social (PUOLTATO, 2006). As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e oferecem uma chave de leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que seu objeto não são as línguas, mas os grupos que a falam.

Fishman (1972a) distingue as atitudes e emoções em relação a falantes “típicos” de determinadas variedades linguísticas das atitudes e emoções frente à língua, reconhecendo, nestas últimas, três categorias distintas: a) comportamentos emotivos e de atitude (sentimentos de fidelidade ou de antipatia em relação à língua, presença de estereótipos linguísticos etc.); b) projeção no comportamento de atitudes, sentimentos e crenças (dinâmica de reforço linguístico e uso efetivo da língua); c) aspectos cognoscitivos da reação linguística (aspectos como a consciência linguística, o conhecimento da língua, a consciência da relação entre língua e características do grupo).

A seguir, apresentam-se algumas reflexões sobre a formação de estereótipos, conceito também postulado pela Psicologia Social para designar processos mentais pelos quais se operam a descrição e o julgamento de indivíduos ou grupos, que são “classificados” segundo seu pertencimento a uma categoria social ou simplesmente por apresentarem um ou mais atributos dessa categoria. O conceito de estereótipo, juntamente com o de preconceito, permite entender melhor os processos de estigmatização e exclusão social baseados no comportamento linguístico dos falantes.

### 3.6 ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E ESTIGMA

Conforme lembra Botassini (2013), os limites dos significados atribuídos aos conceitos de estereótipo, preconceito e estigma são às vezes tão estreitos – inter e entrecruzando-se, imbrincando-se – que não é possível determiná-los com exatidão, tanto que

muitos autores frequentemente os usam como sinônimos. Não obstante, é importante pontuar algumas diferenças, ainda que sutis, entre esses termos.

Todas as pessoas, em seus contatos sociais, formam constantemente impressões, ou atribuições, a partir daquilo que observam nos outros: como falam, como se vestem, como se comportam socialmente etc. Porém, grande parte de nossas conclusões a respeito dos outros se forma a partir do comportamento linguístico dessas pessoas, como bem observa Padilla (1999):

[...] we interpret what we observe and draw conclusions about other people's personalities on the basis of what they say and how they say it. To take a term from social psychology, we *attribute* people's behavior either to enduring motives and qualities or to the demands of the situation. These attributions form the basis of our attitudes, which in turn influence how we behave toward members of our social group or of another social group. Social psychologists have long studied how the attributions that we make about others shape our attitudes toward them<sup>55</sup> (PADILLA, 1999, p. 112).

A formação de conclusões – e, conseqüentemente, de atributos – implica a elaboração de generalizações, que se formam a partir da observação e da vivência de uma série de experiências, já que “muito poucas são as nossas crenças primitivas<sup>56</sup> que repousam diretamente sobre uma única experiência. Muitas delas são abstrações e generalizações de várias experiências que ocorreram no tempo” (BEM, 1973, p. 17).

As generalizações constituem um processo mental comum do ser humano, conforme explica Bem (1973):

Generalizar de um conjunto limitado de experiências e tratar indivíduos como membros de um grupo, além de atos cognitivos comuns, são atos necessários. São ‘recursos do pensamento’ que possibilitam evitar o caos conceptual, ‘empacotando’ nosso mundo em um número razoável de categorias. A formação de ‘estereótipos de trabalho’ é inevitável até que a experiência ulterior os refine ou os desacredite, visto que é simplesmente impossível lidar com cada situação ou pessoa como se fossem únicas (BEM, 1973, p. 18).

---

<sup>55</sup> [...] interpretamos o que observamos e tecemos conclusões sobre as personalidades das outras pessoas com base no que elas dizem e como o dizem. Tomando um termo da psicologia social, nós *atribuímos* o comportamento das pessoas ou a motivos e qualidades duradouras ou às exigências da situação. Essas atribuições formam a base de nossas atitudes, as quais, por sua vez, influenciam como nos comportamos em relação aos membros do nosso ou de outro grupo social. Os psicólogos sociais vêm estudando há muito tempo de que forma as atribuições que fazemos sobre os outros moldam nossas atitudes em relação a eles.

<sup>56</sup> O conceito de crenças primitivas em Bem (1973) se refere às crenças básicas que são aceitas como dadas, ou seja, crenças baseadas na credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa (como, por exemplo, a mãe, quando somos crianças).

As generalizações são, assim, extremamente úteis para a organização de nosso mundo conceptual, ou, como diz Bem (1973, p. 12), “as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio”. Porém, nem sempre as generalizações são confiáveis, no sentido de serem aplicáveis a todas as situações, ou seja, “nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos” (BEM, 1973, p. 17-18). Para esse autor, os estereótipos são, então, crenças supergeneralizadas baseadas em um conjunto muito limitado de experiências e, em princípio, têm uma função cognitiva importante, pois “todos nós nos baseamos até um certo ponto em estereótipos para ‘empacotar’ nossos mundos perceptual e conceptual” (BEM, 1973, p. 21). O perigo está quando esses estereótipos afetam negativamente o comportamento social dos indivíduos.

Goffman (1963) também vê a categorização dos indivíduos como algo necessário ao convívio social:

Society establishes the means of categorizing persons and the complement of attributes felt to be ordinary and natural for members of each of these categories. Social settings establish the categories of persons likely to be encountered there. The routines of social intercourse in established settings allow us to deal with anticipated others without special attention or thought. [...] We lean on these anticipations that we have, transforming them into normative expectations, into righteously presented demands<sup>57</sup> (GOFFMAN, 1963, p. 2).

Contudo, é essa categorização que está na base da estigmatização. Todas as sociedades definem categorias acerca dos atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humano – o que Goffman (1963) chama de *identidade social virtual*. Mas os indivíduos têm uma *identidade social real* – atributos que as pessoas possuem na realidade –, sendo estigmatizado aquele que possuir qualquer atributo que frustra as expectativas de normalidade. O autor define estigma como “[...] a special discrepancy between virtual and actual social identity, [...] a special kind of relationship between attribute and stereotype”<sup>58</sup> (GOFFMAN, 1963, p. 3-4).

---

<sup>57</sup> A sociedade estabelece os meios de categorizar pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais aos membros dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que neles poderão ser encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem lidar com “outros antecipados” sem atenção ou reflexão particular. [...] Baseamo-nos nessas antecipações que temos, transformando-as em expectativas normativas, em exigências rigorosamente apresentadas. (Aspas acrescentadas para realce da construção).

<sup>58</sup> [...] uma discrepância especial entre a identidade virtual e a real, [...] um tipo especial de relacionamento entre atributo e estereótipo.

No que concerne à esfera linguística, importa trazer a contribuição de Labov (1972) a respeito do conceito de estereótipo. Esse autor postula que os estereótipos atuam ao lado dos marcadores e dos indicadores na variação linguística: enquanto os estereótipos são traços socialmente marcados de forma consciente, os marcadores (traços linguísticos social e estilisticamente estratificados) podem permanecer abaixo do nível de controle consciente, mas, quando aparecem em testes de reação subjetiva, mostram alguma valoração social; já os indicadores (traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa) são decorrentes de julgamentos sociais inconscientes.

Labov (1972) define estereótipos como formas linguísticas fortemente estigmatizadas, de grande impacto social. São produto de avaliação social, constituindo-se como marcas que representam a fala de indivíduos, de grupos ou classes de indivíduos. Os estereótipos resultam da seleção de algumas formas que, simbólica ou efetivamente, funcionam como índices de pertencimento social, regional, sexual, etário etc. Nesse sentido, os estereótipos podem estar relacionados tanto às línguas quanto aos seus falantes.

Conforme Fishman (1972a),

[...] in multilingual settings, particularly in those in which a variety of ‘social types’ are associated with each language that is in fairly widespread use, languages *per se* (rather than merely the customs, values, and cultural contributions of their model speakers) are reacted to as ‘beautiful’ or ‘ugly’, ‘musical’ or ‘harsh’, ‘rich’ or ‘poor’, etc. Generally speaking, these are language stereotypes<sup>59</sup> (FISHMAN, 1972a, p. 142).

Em obra organizada por Bauer e Trudgill (1998), em que diversos autores discutem mitos sobre língua, merece atenção o capítulo “Italian is beautiful, German is ugly” (GILES; NIEDZIELSKI, 1998), em cujo título, inclusive, ecoam avaliações identificáveis em inquéritos do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (AGUILERA, 2009). Segundo os autores, há uma ideia generalizada de que certas línguas são esteticamente mais agradáveis que outras. Por exemplo:

Italian – even for those who cannot speak the language – sounds elegant, sophisticated and lively. French is similarly viewed as romantic, cultured and sonorous. These languages conjure up positive emotions in hearers – and perhaps, generally more pleasing moods in their speakers. In contrast, German, Arabic and

---

<sup>59</sup> [...] em contextos multilíngues, particularmente naqueles em que uma variedade de ‘tipos sociais’ estão associados com cada língua cujo uso seja bastante difundido, as línguas *per se* (em vez de meramente os costumes, valores e contribuições culturais de seus falantes modelo) são consideradas ‘belas’ ou ‘feias’, ‘musicais’ ou ‘duras’, ‘ricas’ ou ‘pobres’ etc. De modo geral, trata-se de estereótipos linguísticos.

some East-Asian tongues accomplish the opposite: they are considered harsh, dour and unpleasant-sounding<sup>60</sup> (GILES; NIEDZIELSKI, 1998, p. 85).

O fato de a maioria das pessoas ter suas línguas favoritas no que se refere ao modo como lhes soam provoca o seguinte questionamento: por que as pessoas têm crenças bem definidas a respeito da beleza ou feiura da língua? Giles e Niedzielski (1998) apontam duas perspectivas existentes. A primeira é a hipótese do valor inerente, segundo a qual algumas línguas (e seus sotaques) são inerentemente mais atrativas que outras. Esse julgamento não tem a ver com preferências históricas ou condicionamento social: apenas, certos meios de ser “graciosamente falado” estão biologicamente entranhados nas pessoas. Esta é a única razão pela qual certas formas da língua assumem prestígio sobre as outras, as quais, possivelmente, jamais poderiam ganhar superioridade ou se tornar “o padrão”, por serem demasiado ásperas, vulgares e desagradáveis.

Por representar uma visão limitada, a hipótese do valor inerente não é defendida pelos autores, nem o é pela maioria dos estudiosos, conforme apontam Giles e Niedzielski (1998), por se tratar de um mito social. Os autores apóiam, então, a segunda visão: a hipótese das conotações sociais, que também é assumida nesta tese como mais adequada ao exame do *corpus* desta pesquisa. Segundo essa hipótese, a agradabilidade ou não de uma variedade linguística é uma convenção social consagrada pelo tempo, de modo que as qualidades emotivas associadas a essa variedade são dependentes dos atributos sociais de seus falantes. Assim, se um grupo social (tal como uma elite étnica ou classe social) assume poder em uma sociedade, tomará medidas para que sua forma de comunicação seja privilegiada na mídia, no ensino, e assim por diante. Isso pode ser feito, por exemplo, mediante uma política pública ou legislação linguística, ou mediante tentativas estratégicas de obliterar as variedades sem prestígio.

Para os autores,

It is the social connotations of the speakers of a language variety – whether they are associated with poverty, crime and being uneducated on the one hand, or cultured, wealthy and having political muscle on the other – that dictates our aesthetic (and other) judgments about the language variety. [...] judgments of linguistic beauty are determined in large part by the larger context in which they are embedded. That is,

---

<sup>60</sup> O italiano – até mesmo para aqueles que não sabem falar a língua – soa elegante, sofisticado e alegre. O francês é, da mesma forma, visto como romântico, culto e sonoro. Essas línguas evocam emoções positivas nos ouvintes – e, talvez, em geral, sentimentos mais agradáveis em seus falantes. Em contraste, o alemão, o árabe e algumas línguas da Ásia oriental fazem o oposto: são consideradas ásperas, rígidas e de um som desagradável.

linguistic aesthetics do not come in a social vacuum and few, if any, inherent values exist<sup>61</sup> (GILES; NIEDZIELSKI, 1998, p. 89-90).

Para concluir, os autores reforçam que juízos sobre aspectos estéticos de línguas e dialetos são construídas com base em normas culturais, pressões e conotações sociais. Nesse sentido, os julgamentos sobre as variedades linguísticas são o resultado de um complexo de associações e preconceitos sociais, culturais, regionais, políticos e pessoais.

Segundo Calvet (2009), os estereótipos não se referem somente a línguas diferentes, mas também às suas variantes geográficas, que são julgadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. Desse modo, a divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais, que, por sua vez, também se fundam em uma visão pejorativa. É nessa escala de valores que estão assentados, por exemplo, os estereótipos do ‘bem falar’. Segundo o autor:

Ouvimos dizer em todos os países que há um lugar onde a língua nacional é pura [...], que existem sotaques desagradáveis e outros harmoniosos etc. Por trás desses estereótipos se perfila a noção de *bon usage* (‘uso certo’), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis. Encontramos assim em todos os falantes uma espécie de norma espontânea que os leva a decidir que forma deve ser proscrita, que outra deve ser admirada: *não se fala assim, se fala assado* (CALVET, 2009, p. 68).

Para o autor, essa norma pode provocar dois tipos de consequência sobre o comportamento linguístico, relacionados a) ao modo como os falantes encaram sua própria língua e b) às reações dos falantes ao falar dos outros: “em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar” (CALVET, 2009, p. 69). É importante lembrar que os comportamentos frequentemente são, “*ao mesmo tempo*, linguísticos e sociais: há por trás dele relações de forças que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (CALVET, 2009, p. 77).

Convém levantar aqui também algumas implicações que as atribuições ou avaliações da língua e do comportamento linguístico trazem para a sociedade, na concepção de Giles e Niedzielski (1998). A primeira é que inúmeros falantes de certas línguas e dialetos crescem acreditando, às vezes por meio do ridículo e do abuso, que suas formas de se comunicar, que

---

<sup>61</sup> São as conotações sociais dos falantes de uma variedade linguística – sejam conotações associadas a aspectos como pobreza, crime e pouca instrução, sejam conotações associadas à instrução/cultura, riqueza e força política – que ditam nossos julgamentos estéticos (e outros) sobre tal variedade linguística. [...] julgamentos sobre beleza linguística são determinados em grande parte pelo contexto mais amplo no qual estão inseridos. Ou seja, a estética linguística não vem em um vácuo social, e poucos, se houver, valores inerentes existem.

constituem um aspecto fundamental de sua identidade, são grosseiramente inadequadas, e acabam tendo vergonha do modo como falam. A segunda é que os modos de conceber um dialeto (e seus falantes) podem interferir nas crenças sobre sua compreensibilidade e na disposição para despende algum esforço na sua interpretação. Ou seja, construir um dialeto particular como “vulgar” e sentir desconforto e insatisfação ao falar com seus usuários pode, inconscientemente, conduzir de forma tendenciosa a percepção de sua inteligibilidade e, assim, em última análise, de seu valor como uma forma viável de comunicação. Finalmente, a terceira implicação diz respeito ao “bem falar”, ou seja, o quão “bem” se fala pode ter grande valor social, de modo que falar de um modo consensualmente tido como desagradável poderia levar a algumas consequências sociais desfavoráveis em situações como, por exemplo, entrevista para um emprego de *status* ou atendimento em uma clínica.

De modo geral, as normas valorizadas na sociedade correspondem às variedades padrão, cujo prestígio é estabelecido e/ou alimentado por um conjunto de forças, entre as quais se destacam a) a gramática tradicional, normativa, que proscree usos mais coloquiais ou não abonados; b) a escola, que reproduz esse discurso, defendendo o “bom uso” da língua e condenando o “falar errado”; c) os meios de comunicação de massa, que colaboram para a difusão do preconceito linguístico; e d) os próprios falantes, que se desculpam pelo seu modo de falar “errado” ou por erros gramaticais ou ortográficos.

No entanto, há também um conjunto de normas encobertas que atribuem valores positivos ao vernáculo local e informal – trata-se do fenômeno do prestígio encoberto (*covert prestige*), postulado por Labov (1972), que está ligado ao desejo do falante de manter sua identidade no interior de seu grupo social. Nos inquéritos investigados nesta tese, pode-se observar, por vezes, uma atitude favorável ao uso e ao ensino das línguas de herança dos imigrantes como forma de prestigiar a cultura dos diferentes grupos étnicos da comunidade e como uma expressão do orgulho por pertencer a determinada cultura ou por falar sua língua de herança. A noção de prestígio encoberto está associada, então, à noção de identidade social, ao orgulho linguístico e à pertinência a dada classe social ou comunidade de fala.

Feitas essas considerações, importa esclarecer, na esteira de Botassini (2013), os significados tomados, nesta tese, para os conceitos de estereótipo, preconceito e estigma, mesmo que possam ser usados de forma sinônima em alguns casos.

O estereótipo é de base cognitiva, ou seja, está mais ligado às crenças. Trata-se de uma generalização desfavorável, exagerada e simplista, revelando-se, no âmbito sociolinguístico, nos rótulos atribuídos a determinada variedade ou a seus falantes. No caso desta tese, por exemplo, a associação de um traço linguístico (como a realização dos róticos pelos



italodescendentes) a uma característica não linguística (como o nível de escolarização ou a procedência geográfica) constitui um estereótipo que permite realizar juízos de valor: o italodescendente pouco escolarizado, ou o morador de zonas rurais, fala mal o português.

Já o preconceito é de base conativa, ou seja, trata-se de uma reação negativa frente ao objeto atitudinal – por exemplo, frente a determinada variedade ou grupo linguístico, especialmente os grupos que detêm pouco ou nenhum prestígio social –, sem que haja um exame crítico da razão porque se pensa desse modo. Segundo Bagno (1999), o preconceito linguístico se liga, em boa medida, à confusão historicamente criada entre língua e gramática normativa. No caso do exemplo apresentado no parágrafo anterior, o preconceito se manifestaria no julgamento depreciativo ou jocoso da fala do italodescendente, pelas características típicas do seu sotaque, entre as quais a realização dos róticos. Esse preconceito linguístico está associado ao preconceito em relação ao próprio falante dessa variedade: o “colono”<sup>62</sup> italiano que, pela sua própria condição de camponês pouco escolarizado, não goza de prestígio social.

O estigma também está ligado ao componente conativo da atitude, mas “vai além do preconceito, é mais forte e mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida” (BERGAMASCHI, 2006, p. 46). Assim, por se tratar de uma “marca” que identifica negativamente o falante, entende-se que o estigma só pode ser imputado por outros, diferentemente do preconceito, que pode ser atribuído tanto ao “outro” e à sua variedade como também ao próprio grupo e à própria variedade. No caso do exemplo dado anteriormente, a marca cultural da fala italiana pode gerar, ao usuário dessa variedade, por exemplo, sentimentos de inferioridade e constrangimento social.

---

<sup>62</sup> O termo ‘colono’, nos contextos de imigração no Sul do Brasil, ultrapassa o sentido original de habitante das colônias, tomando o sentido de lavrador, trabalhador da roça (MARGOTTI, 2004).

## 4 PESQUISAS ANTERIORES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresenta-se uma revisão da literatura circunscrita ao tema das atitudes linguísticas, ou crenças e atitudes, conforme a posição teórico-metodológica dos autores consultados. Primeiramente, faz-se uma contextualização histórica dos primeiros estudos sobre o tema; em seguida, citam-se pesquisas realizadas em diversas comunidades brasileiras; na última subseção, apresentam-se as pesquisas derivadas do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (AGUILERA, 2009).

### 4.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os estudos sobre as atitudes foram iniciados pela Psicologia Social (especialmente com William e Wallace Lambert), que forneceu aporte metodológico para a abordagem das atitudes linguísticas. No âmbito da Sociolinguística, a abordagem das atitudes dos falantes e suas implicações para a mudança linguística não é novidade: seus primeiros passos podem ser traçados ainda na década de 1960, no nascedouro mesmo da Sociolinguística, quando o linguista americano William Labov fez seu estudo inaugural na ilha de Martha's Vineyard, em 1963. Nessa pesquisa, Labov investigou a realização dos ditongos /ay/ e /aw/ entre falantes da ilha e observou duas tendências principais na relação entre esse fenômeno e as atitudes dos ilhéus: de um lado, estavam os que adotavam uma pronúncia “insular”, ou seja, mantinham o alteamento das vogais – fenômeno dialetal próprio da ilha Martha's Vineyard –, mais comum entre os nativos de 30 a 45 anos de idade, que viviam da pesca, rejeitavam a invasão de turistas na ilha e expressavam um sentimento positivo sobre a ilha, querendo nela permanecer; de outro lado, estavam os que adotavam uma pronúncia “continental”, ou seja, realizavam as pronúncias [ay] e [aw] próprias da língua padrão, mais comum entre aqueles que mantinham maiores contatos com o continente e para lá queriam partir. A demarcação fonológica, dessa forma, expressava um sentimento de lealdade à ilha e a resistência dos ilhéus contra a invasão de veranistas.

Labov (1972) buscava, em seus diversos estudos sobre variação linguística, correlacionar linguagem e sociedade, tratando das atitudes dos falantes sob vários enfoques, sempre atribuindo a elas um papel determinante na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças linguísticas. Segundo o autor, as atitudes sobre a língua podem se manifestar de diversas formas, entre elas as seguintes: autoavaliação a respeito da norma;

reação subjetiva de sensibilidade à norma; reconhecimento explícito de um traço linguístico como um estereótipo; tendência regular de adoção da norma de prestígio.

É certo que os estudos variacionistas deixaram em aberto inúmeras questões sobre a natureza da relação da Linguística com fatos sociais e culturais, de que vão se ocupar outras disciplinas, como a Sociologia da Linguagem e a Etnolinguística, por exemplo – representadas por autores como Gumperz, Dell Hymes, Fishman, entre outros –, que também fornecem contribuições ao estudo das atitudes. No âmbito da Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística, autores como Fishman, Calvet e outros deram suas contribuições para o estudo das atitudes linguísticas, as quais vieram a “dar visibilidade, entre outras questões de ordem social e política, ao preconceito linguístico” (BISINOTO, 2009, p. 35).

#### 4.2 PESQUISAS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS REALIZADAS EM COMUNIDADES BRASILEIRAS

No Brasil, o estudo das atitudes linguísticas é relativamente recente, o que explica o número ainda reduzido de trabalhos sobre o tema. Correndo o risco de não incluir muitas pesquisas, descrevem-se a seguir algumas de que se tem notícias.

Um dos primeiros trabalhos conhecidos é a dissertação de Alves, *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*, defendida em 1979, em que a autora investigou atitudes em relação às variedades linguísticas paulista e nordestina manifestadas por pernambucanos e baianos que migraram para a capital paulista. Para isso, entrevistou 116 informantes do sexo masculino, de dois níveis socioeconômicos (alto e baixo), procedentes de Pernambuco e Bahia, residentes em São Paulo, com idade entre 18 e 45 anos, por meio de um questionário formado por perguntas diretas e de avaliação das atitudes manifestadas frente a estímulos de fala gravada. Alves (1979) constatou que os informantes de nível socioeconômico alto avaliaram mais positivamente a sua variedade linguística original, evidenciando uma fidelidade que a autora atribui ao fato de esses sujeitos não terem sofrido pressões econômicas violentas, concebendo sua própria fala como um sinal de valorização da própria identidade. Já os informantes de nível socioeconômico baixo manifestaram, de maneira geral, atitudes positivas com relação ao falar paulista e demonstraram o desejo de falar como os paulistas, cuja variedade seria mais “bonita”, “correta” e “adiantada” que a sua variedade de origem.

Em 1994, em capítulo intitulado *Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência*, Mota relatou os resultados de um teste de reação subjetiva para avaliar o contato

entre falantes de diversas partes do país na mesma área linguística, a ilha de Florianópolis (SC). Para a realização do teste, foram selecionados locutores-informantes para produzirem amostras de fala que seriam avaliadas por julgadores. Quatro locutores-informantes foram escolhidos dentre os estudantes que participavam do VI Instituto Brasileiro de Linguística (IBL), em 1973<sup>63</sup>, apresentando o seguinte perfil: sexo masculino, faixa etária de 27 a 36 anos, representantes de variedades linguístico-geográficas de diferentes partes do país – dois estudantes eram naturais de Santa Catarina, um era proveniente de Maceió (AL), e o último havia nascido na cidade do Rio de Janeiro, mas, por ter saído dessa cidade ainda criança e ter residido por muitos anos em Minas Gerais, foi identificado como informante mineiro.

As amostras de fala foram produzidas com base nos temas ‘televisão’ e ‘viagens’, em registro informal, não tenso, mais ou menos coloquial, e avaliadas por 24 alunos do VI IBL, provenientes de diversas áreas linguístico-geográficas do Brasil, de ambos os sexos e de idades diferentes (seleção não controlada), tendo como característica comum o mesmo nível de preparação acadêmica e o interesse especial por determinada área do conhecimento. Para apurar as impressões a respeito das falas, os julgadores foram solicitados a atribuir avaliações com base em pares de palavras previamente selecionados pelos pesquisadores, a saber: correto-incorreto, desagradável-gradável, informal-formal, rápido-lento, inculto-culto, musical-não musical, descuidado-cuidado, rural-urbano, compreensível-incompreensível, feio-bonito. O principal resultado obtido no teste foi a posição menos prestigiada da fala catarinense – cujas amostras foram sempre consideradas as mais feias e as mais descuidadas por todos os julgadores – com relação às falas mineira e alagoana. Com a experiência, Mota (1994) mostrou que a consciência das variações diatópicas e a impressão que tais variações causam nos falantes de outras áreas linguísticas são geralmente traduzidas em forma de atributos, tais como “fala incompreensível”, “fala agradável”, “fala musical” etc., frequentemente ouvidos em situações de contato entre variedades linguísticas geograficamente diversas.

Em 1998, Ramos publicou o artigo *Atitudes lingüísticas de falantes da cidade de João Pessoa*, previamente apresentado em evento do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), buscando traçar o perfil que delineia as atitudes linguísticas de falantes pessoenses a partir de dados coletados em sessenta entrevistas do Projeto *Variação Lingüística no Estado da Paraíba* (VALPB). Os informantes eram homens e mulheres de diferentes níveis de escolaridade (de analfabetos a universitários) e faixas etárias. O objetivo do inquérito era

---

<sup>63</sup> O teste foi realizado como trabalho para obtenção de crédito na disciplina Sociolinguística, ministrada por Jürgen Heye.

apurar as impressões dos informantes acerca da sua própria fala e da fala de outros brasileiros. Ramos (1998) constatou que os informantes a) tinham consciência da variação regional (entonação, fenômenos fonético-fonológicos e vocabulário); b) ao mesmo tempo em que se sentiam insatisfeitos com as características individuais de sua fala, identificavam-se com a variedade linguística local; c) mantinham uma noção de “correção” na fala ligada à aplicação de regras gramaticais (aproximação com a norma culta); e d) reconheciam a relação entre grau de instrução e forma de falar.

Em 2000, Bisinoto defendeu a dissertação intitulada *Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*, em que buscou identificar e analisar as atitudes sociolingüísticas de falantes nativos de Cáceres, com trinta anos ou mais, e migrantes que moravam na cidade havia pelo menos oito anos. A partir da constatação de que, durante as três últimas décadas do século XX, a movimentação de imigrantes ao Centro-Oeste foi bastante impactante, tendo causado rupturas nas estruturas fisiobiológicas, políticas e culturais, a autora lançou a hipótese de que esse fator poderia ter colaborado para gerar a estigmatização da linguagem nativa de Cáceres, cooperando com seu gradativo desaparecimento. Analisando um *corpus* de 24 entrevistas feitas com doze informantes nativos e doze imigrantes, que atuavam profissionalmente como professores, jornalistas, advogados, radialistas e em áreas não ligadas à linguagem, Bisinoto (2000) constatou que o estigma era acentuado e evidenciava estereótipos da variedade linguística de Cáceres, e que tanto o nativo quanto o imigrante desprestigiavam essa variedade, nutrindo o preconceito de forma bilateral e colaborando com seu desaparecimento. Em 2007, a autora publicou sua dissertação em forma de livro, sob o título *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*.

Também em 2000, Moralis defendeu a dissertação *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas*, em que investigou atitudes em relação à fala de grupos lingüísticos de diferentes origens geográficas (mineiros, baianos, paulistas, goianos, gaúchos e araguienses) e atividades ocupacionais (agropecuária, comércio e política) que conviviam na comunidade de Alto Araguaia (MT). O objetivo da autora era descobrir as atitudes lingüísticas de informantes em relação à própria fala e à fala do outro, bem como as atitudes em relação ao papel da linguagem na atividade ocupacional desses indivíduos. Para isso, selecionou dezoito informantes a partir dos critérios de naturalidade e ocupação dos sujeitos, e coletou os dados por meio de ficha pessoal, questionário-guia para entrevistas e observação direta. Os resultados evidenciaram que a maioria dos grupos, com exceção dos baianos, avaliava positivamente o próprio falar, mas as atitudes em relação ao falar dos outros não

eram homogêneas, com apontamentos de juízos de valor como: “bem”, “carregado”, “metuculoso”, “ótimo”, “enjoativo”, “desenvolvido”, “autêntico” etc. Quanto ao papel da linguagem na atividade ocupacional dos indivíduos, constatou-se que as interações dos indivíduos com seus interlocutores ocorriam de acordo com os interesses e objetivos de cada ocupação, em que o papel da linguagem era o de assegurar a manutenção da interlocução.

Em 2001, Confortín publicou o artigo *Atitudes lingüísticas de falantes bilíngües*, em que traçou a realidade lingüístico-cultural de grupos de etnias italiana, alemã e polonesa em microcomunidades localizadas na região Norte do Rio Grande do Sul, com o objetivo de analisar atitudes de falantes bilíngües frente às duas culturas e línguas (italiano-português, alemão-português e polonês-português) e verificar possíveis modificações de seu comportamento em seis situações lingüísticas distintas: individual, familiar, profissional, cultural, social e emotiva. Foram entrevistados 120 informantes (vinte de cada etnia para cada comunidade, sendo dez com mais de cinquenta anos e dez abaixo dessa idade), a maioria falante de português como segunda língua. Confortín chegou aos seguintes resultados: a) todos os informantes, e em especial os mais idosos, demonstraram apreço pela língua materna e desejavam que ela e as demais línguas maternas fossem ensinadas na escola; b) os bilíngües das três etnias revelaram que o português é a língua mais utilizada nas anotações pessoais e contas (já que não dominam o código escrito da língua materna), mas em manifestações pessoais como pensar, rezar, sonhar, utilizam mais a língua materna; c) três atitudes foram identificadas: i. atitude de apego à língua materna, mas sem rejeição à cultura brasileira, e desejo de preservação dos valores da cultura materna, ii. atitude de adoção, sem restrições, da cultura e da língua do país que adotaram e têm como pátria, muitas vezes acompanhada de um sentimento de inferioridade pela língua materna, que se manifesta em atitudes como não querer falá-la e disfarçar a própria identidade étnico-cultural, e iii. uma atitude intermediária entre as outras duas, observada em especial entre os mais jovens, que é a de conservar a língua materna e, ao mesmo tempo, cultivar a língua e a cultura brasileiras.

Nesse mesmo ano (2001), Santos defendeu a dissertação intitulada *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidades, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*, em que investigou a interrelação entre a fala da personagem cômica Radicci, criação do radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, e a fala de italo-descendentes proveniente do contato do italiano com o português na região de Caxias do Sul (RS). Seu objetivo era verificar até que ponto essa fala representava lingüística, étnica e socialmente o colono ítalo-brasileiro dessa região e em que medida a figura do Radicci contribuía para a manutenção ou substituição da língua desse grupo étnico. Os resultados do

estudo mostraram que a personagem encontrava grande aceitabilidade entre os informantes da pesquisa, e os aspectos deflagradores dessa repercussão positiva iam desde o humor até o grande valor da personagem como símbolo representativo da região de Caxias do Sul, com as peculiaridades próprias da cultura italiana da RCI.

Em 2002, em dissertação intitulada *Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística*, Barbosa apresentou uma investigação das atitudes linguísticas manifestadas por brasilienses em relação às variedades regionais que constituem a realidade multidialetal de Brasília. Partindo da ideia presente no discurso corrente na cidade de que os brasilienses teriam constituído um falar sem sotaque, a autora coletou dados de doze informantes de ambos os sexos, com escolaridade de nível médio e superior, por meio de entrevista dirigida. A avaliação das entrevistas revelou que existia, entre os entrevistados, a ideia de um grupo brasiliense com um falar próprio que se definia por exclusão em relação aos diversos sotaques regionais brasileiros. Segundo a autora, esses resultados reiteravam o discurso público que constrói uma identidade linguística regional baseada em valores ideológicos de uma elite desejosa de se destacar nacionalmente e que, por isso, precisa se definir pela diferença.

Mello, em pelo menos dois de seus textos – *Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás* (2003) e *Atitudes lingüísticas em uma comunidade bilíngüe do sudoeste goiano* (2011a) –, descreveu atitudes linguísticas manifestadas por adolescentes bilíngües em português e inglês com relação às línguas que falam. Os sujeitos da pesquisa eram nascidos no Brasil, filhos de casais americanos, canadenses ou interétnicos, moradores de uma comunidade rural religiosa situada no sudoeste de Goiás. Os resultados evidenciaram o predomínio da língua inglesa na maior parte das interações que ocorriam dentro da comunidade, ao passo que, nas interações externas, predominava o português. Como fatores que contribuíam para a preservação da língua inglesa na comunidade, a autora destacou os seguintes: a) o sentimento de etnicidade em relação à cultura norte-americana (motivação integrativa); b) o distanciamento social (limitação do contato social com o mundo externo); c) a política educacional (manutenção de escola própria pela comunidade e instrução em inglês); d) o *status* do inglês no mundo e na comunidade local, resultando na atitude positiva das pessoas em relação ao inglês e aos seus falantes; e) o vínculo com as pessoas e o país de origem; e f) o número reduzido de casamentos interétnicos.

Em 2004, Barbosa defendeu a dissertação *Atitudes lingüísticas e identidade na fronteira Brasil-Colômbia*, em que analisou as atitudes linguísticas de brasileiros e

colombianos, bilíngues em espanhol e português, habitantes de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia), com o objetivo de verificar a manutenção ou não de um imaginário binacional a partir daquilo que os sujeitos referiam sobre seus idiomas. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, em que os questionários foram aplicados a uma escala de medição de atitudes (Escala de Likert). A autora constatou diferenças de crenças e valores entre brasileiros e colombianos, considerando aquilo que diziam sobre suas línguas. As atitudes linguísticas identificadas mostraram que, na região, mantém-se o imaginário binacional, isto é, a ideia de limite político. Os brasileiros preferem o português e o sentem como seu idioma, e os colombianos pensam o mesmo em relação ao espanhol; conseqüentemente, fala-se o português em Tabatinga e o espanhol em Letícia, reforçando a ideia de que o território nacional influi na escolha linguística dos habitantes. Resulta disso o autorreconhecimento de brasileiros e colombianos como povos distintos um do outro, com crenças e idiomas diferentes.

Em 2006, Bergamaschi defendeu a dissertação *Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas*, em que tratou das atitudes de falantes de uma região de colonização italiana no Rio Grande do Sul onde se observava o uso de três variedades: português, dialeto italiano e um misto do português com o dialeto italiano. Duas localidades foram selecionadas para sua pesquisa: Galópolis (zona urbana) e Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural). Os informantes eram homens e mulheres, distribuídos em três faixas etárias, com escolaridade do fundamental incompleto ao superior incompleto, totalizando 24 entrevistados. Em ambas as pesquisas que realizou, qualitativa e quantitativa, predominaram respostas indicando prestígio das variantes linguísticas estudadas: as variedades do dialeto italiano e do português com interferência do dialeto tinham o mesmo prestígio que o português padrão. Os contextos de uso dessas variedades, no entanto, divergiam: em geral, o dialeto italiano era usado entre familiares, parentes, amigos e com pessoas da localidade; mas, em presença de desconhecidos ou de pessoas que não pertenciam à comunidade linguística, escolhia-se o português.

Em 2007, Parcerro defendeu a tese *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*, em que abordou crenças, valores e atitudes sobre a língua de uma comunidade de afrodescendentes a partir da perspectiva dos próprios moradores da comunidade (Fazenda Maracujá) e também da dos moradores da sede do município (Conceição do Coité, na região sisaleira do semiárido baiano). Com base em um *corpus* constituído de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, bem como de outros mecanismos de coleta de dados, a autora desenvolveu sua análise sob dois aspectos distintos, embora interligados. Inicialmente,



analisou o conjunto de variações linguísticas nos níveis fonético-fonológico e morfossintático da fala da comunidade, separando as variações mais gerais já incorporadas ao português brasileiro das que caracterizam o falar rural e buscando averiguar possíveis características de falares africanos, com o intuito de observar se havia algum traço específico dessas variedades entre as construções estigmatizadas na fala da comunidade. Na sequência, Parcero (2007) analisou os usos linguísticos do ponto de vista das relações sociais, selecionando trechos do *corpus* que revelavam atitudes linguísticas, tomando o grupo GR1 (de informantes não escolarizados e que pouco saíam da comunidade) como uma espécie de contraponto, confrontando seus discursos aos do GR2 (de informantes escolarizados que mantinham algum tipo de relação regular fora da comunidade) e do GR3 (de informantes da sede do município).

Entre os principais resultados alcançados, Parcero (2007) verificou que as características da fala da comunidade eram semelhantes às encontradas nas diversas variantes rurais, sobretudo nas mais isoladas, e que a influência dos falares africanos no cotidiano da comunidade era reduzida. Em vez de marcas linguísticas específicas, a autora identificou um conjunto de traços inovadores e conservadores, alguns já estabilizados na fala local e, por isso, não mais estigmatizantes, e outros usados pelos mais velhos e pelos menos escolarizados e, talvez por essa razão, ainda muito discriminados socialmente.

Quanto à análise das atitudes linguísticas, em especial dos julgamentos manifestos sobre a língua, Parcero (2007) verificou uma visão preconceituosa e estereotipada, que confundia a fluência natural que cada falante tem de sua língua natural com a avaliação feita com base em um padrão idealizado, tomando como parâmetro a variante das classes social e economicamente prestigiadas como a única reconhecidamente legítima, e considerando que os usuários das demais variantes falavam “errado”, desvalorizavam e corrompiam a língua. Assim, um fator determinante do estigma seria a noção de “correção” linguística disseminada, principalmente, pela escola.

Também em 2007, Amâncio defendeu a dissertação intitulada *As ‘cidades trigêmeas’: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade*, em que analisou dados coletados em três cidades conurbadas: Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina). Essas cidades formam as assim chamadas “cidades trigêmeas”, que, conforme o discurso corrente, comporiam juntas uma realidade única. Partindo do fato de que há uma rivalidade histórica entre brasileiros e argentinos, a autora decidiu investigar se o discurso de harmonia e irmandade realmente procede, coletando dados *in loco* a partir de entrevistas com vinte sujeitos jovens (entre 15 e 25 anos) das três localidades, que estivessem cursando o nível médio ou o superior de ensino e que tivessem

nascido e sempre vivido na localidade. Sua principal conclusão foi a de que o fenômeno é realmente mais complexo do que o discurso “oficial” levava a crer, pois foram constatadas atitudes linguísticas e sociais negativas, sobretudo dos brasileiros em relação aos argentinos. Segundo Amâncio, a identidade manifestada quando afirmavam formar um grupo unido e coeso era contraditória à diferença manifestada ao estabelecerem distinções e delimitações entre Brasil e Argentina, distinguindo-se uma tensão entre a “comunidade ideal” e a “comunidade real”.

Em 2008, em artigo intitulado *Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*, Aguilera (2008a) analisou as atitudes sociolinguísticas de duzentos falantes de 25 capitais brasileiras a partir das respostas dadas às Questões Metalinguísticas que integram os Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). As entrevistas foram conduzidas com oito informantes nascidos e radicados em cada localidade pesquisada, sendo quatro com ensino fundamental e quatro com superior, de ambos os sexos e de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos). A autora concluiu que a maioria (92%) acreditava falar o português (ou língua portuguesa), e outras manifestações minoritárias (o falar brasileiro, o cuiabano, o nativo) eram corrigidas na reformulação da pergunta em favor da crença majoritária. As questões em que os informantes deveriam dizer se havia, na cidade, pessoas que falavam diferente e se poderiam dar exemplos desses prováveis falares diferentes ensejaram as mais diversas manifestações, que foram analisadas à luz das variáveis extralinguísticas (faixa etária, nível de escolaridade, sexo e região de origem).

Em outro texto de 2008, *Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira?*, publicado sob forma de capítulo de livro, Aguilera (2008b) utilizou a primeira pergunta do questionário metalinguístico do ALiB – “Como se chama a língua que você/o(a) senhor(a) fala?” –, objetivando investigar como os falantes das capitais brasileiras denominam sua língua. Os informantes possuíam o mesmo perfil apresentado no artigo descrito no parágrafo anterior, totalizando duzentos. A autora verificou que a maioria (92%) acreditava falar a língua portuguesa, ou por terem aprendido na escola, ou por nunca terem se questionado sobre isso. O restante (8%) produziu como respostas: ‘brasileiro’ ou ‘língua brasileira’, ‘língua nativa’, ‘cuiabano’, ‘gíria’, e alguns não sabiam dizer que língua falavam. Com relação à variável ‘faixa etária’, geralmente, os mais idosos e os menos escolarizados tinham dúvida se falavam ou não o português; os jovens de baixa escolaridade deram respostas imparciais, por vezes atribuindo a outros a designação da língua que falavam, ou,

ainda, por se sentirem distantes da língua portuguesa vinculada à escola, duvidavam se sua fala poderia ou não ser encaixada nessa denominação. A autora concluiu que

[...] a escola é um agente muito forte na propagação da língua oficial e de cultura e, conseqüentemente, na sedimentação da crença de seus usuários. Por outro lado, a ausência de escolaridade ou o pouco tempo de permanência nos bancos escolares podem gerar a indecisão e a incerteza (AGUILERA, 2008b, p. 10).

Do ano de 2008 é também a tese *Os holandeses de Carambeí: estudo sociolingüístico*, defendida por Letícia Fraga, relatando pesquisa realizada em Carambeí (Paraná), que foi a primeira colônia holandesa fundada no Brasil (em 1911). A autora procurou, principalmente, estabelecer o tipo de relação que se dava entre os usos funcionais das línguas holandesa e portuguesa na localidade, as atitudes e crenças em relação a essas línguas, a identidade dos “holandeses” (descendentes de holandeses nascidos no Brasil, em oposição a “brasileiros”, indivíduos nascidos no Brasil, mas sem ascendência holandesa) de Carambeí e o uso de determinada variante de r-forte no português falado nessa localidade. Como resultados, a autora observou que: a) os Grupos 1M (idosos) e 1F (idosas) tinham preferência pelo holandês, os Grupos 2M (homens adultos) e 2F (mulheres adultas) eram bilíngues em português e holandês, e os Grupos 3M (rapazes jovens) e 3F (moças jovens) eram monolíngues em português; b) os Grupos 1M e 1F manifestaram atitudes positivas em relação ao holandês, ao passo que os Grupos 2M e 2F consideraram o idioma uma “língua inútil”, e os Grupos 3M e 3F, uma língua “muito difícil”; c) em relação ao português, a comunidade como um todo manifestou atitudes positivas; d) no que diz respeito à identidade manifesta pelos “holandeses”, dois grupos distintos foram estabelecidos: o dos “brasileiros” (parte do Grupo 2F e Grupos 3M e 3F) e o dos “holandeses” (Grupos 1M, 1F, 2M, e parte do Grupo 2F); e) no que diz respeito ao uso de r-forte, os Grupos 1M, 1F e 2M usavam vibrante múltipla e tepe, o Grupo 2F se dividiu entre o uso de vibrante e tepe (Grupo 2Fa) e o uso de fricativa e vibrante (Grupo 2Fb), e os Grupos 3M e 3F usavam somente fricativa. A autora concluiu que determinadas atitudes contribuíam para o uso de determinadas variantes do r-forte: a) atitudes positivas em relação ao holandês e identidade holandesa contribuíam para o uso de tepe; b) atitudes negativas em relação ao holandês e uma identidade indefinida, mas oposta à “brasileira”, pareciam contribuir para o uso de vibrante; c) o uso de vibrante e fricativa parecia estar relacionado a atitudes extremamente positivas em relação ao português e extremamente negativas em relação ao holandês e à identidade “brasileira”; e, finalmente, d) o

uso exclusivo de fricativa parecia estar ligado à total indiferença quanto ao holandês e à total identificação com a identidade de “brasileiro”.

Em 2009, Jacumasso defendeu a dissertação *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*, em que descreve um estudo realizado na comunidade rural de Itapará, em Irati, onde se concentram famílias de origem ucraniana. A partir de um levantamento sócio-histórico dessa comunidade, o autor investigou quais línguas eram faladas e em que situações elas eram utilizadas pelos moradores. Além disso, fez referência às atitudes dos falantes em relação às línguas portuguesa e ucraniana. Pesquisou, também, fatores que levavam à preservação da língua ucraniana, especialmente relacionados à igreja. Para isso, coletou relatos de dez informantes da comunidade, os quais foram analisados com relação aos temas propostos da diversidade linguística e cultural e das políticas linguísticas. Entre outros resultados, o autor verificou que a conservação e a prática da língua e cultura ucranianas estão fortemente ligadas a aspectos religiosos. Jacumasso (2009) também observou que, embora a prática da língua e cultura ucranianas esteja em fase de regressão na comunidade, elas fazem parte da própria identidade dos falantes.

Um dos mais recentes trabalhos de que se tem notícia é a tese de Botassini, intitulada *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*, defendida em 2013, sob a orientação de Aguilera. O objetivo da autora foi o de descrever as crenças e atitudes linguísticas de 48 informantes de três grupos dialetais (norte-paranaenses, gaúchos e cariocas), residentes nessa região há, pelo menos, oito anos. Os dados foram coletados por meio de conversação dirigida, com uma entrevista composta de cinco partes: narrativa, descrição, questionário fonético-fonológico, leitura e perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas, com o objetivo de avaliar a produção dos róticos em diferentes situações e graus de formalidade e identificar a avaliação que se fazia da produção de outros falantes. No primeiro caso, os resultados mostraram que a) os informantes mudavam a variante rótica dependendo do grau de formalidade, sendo que as mulheres e os informantes de curso superior privilegiavam as variantes de maior *status*, e b) o rótico retroflexo apresentava intensa vitalidade, apesar de seu desprestígio. No segundo caso, entre os principais achados da autora, destacam-se: a) o prestígio da variedade gaúcha, avaliada positivamente por informantes dos três grupos; b) a lealdade dos cariocas em relação à sua própria variedade; e c) o desprestígio do dialeto norte-paranaense, considerado “caipira” até mesmo pelos próprios falantes.

### 4.3 PESQUISAS BASEADAS NOS *CORPORA* DO PROJETO *CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS EM CONTATO*

Por último, conforme anunciado no início desta seção, tecem-se algumas considerações sobre os primeiros resultados do projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato* (AGUILERA, 2009), descritos em pesquisas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Em 2010, Botassini apresentou o trabalho intitulado *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu*, posteriormente publicado nos anais do evento de que participou. A autora analisou dados de Foz do Iguaçu, município localizado no extremo oeste paranaense, na tríplice fronteira (Brasil-Paraguai-Argentina). Diferentemente das demais localidades abarcadas pelo projeto, em Foz do Iguaçu foram entrevistados 36 informantes, utilizando-se como instrumento de coleta de dados um questionário contendo 57 questões. O recorte utilizado por Botassini (2010) correspondia às perguntas em que os informantes avaliavam quem fala melhor ou pior e qual língua é a mais bonita ou mais feia, bem como às perguntas em que deveriam dizer se morariam em bairros onde predominassem determinados grupos étnicos ou se consultariam médico ou dentista dessas etnias. Entre os resultados, a autora constatou: a) lealdade linguística dos informantes à língua nativa; b) preconceito linguístico com relação, sobretudo, aos falantes de guarani, aos árabes e aos chineses; c) preferência pela língua espanhola, notadamente a falada pelos argentinos, por ser, segundo os informantes, de mais fácil compreensão; e d) associação do modo de falar do indivíduo com sua cultura, seu caráter, sua personalidade etc., permitindo inferências a respeito de um falante com base em sua linguagem.

Também em 2010, sob orientação da professora Vanderci de Andrade Aguilera, Silva-Poreli defendeu a dissertação intitulada *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*, analisando os inquiridos de Pranchita, município vizinho a Santo Antônio do Sudoeste e igualmente na fronteira com a Argentina. A autora verificou que, de modo geral, os informantes não demonstraram atitudes estritamente negativas em relação aos diferentes falares de Pranchita, mas apenas algumas manifestações de crenças negativas relacionadas ao idioma alemão, julgado feio e/ou de difícil compreensão, bem como aos seus usuários, que se mostrariam bastante “reservados”. Para a autora, tais crenças negativas poderiam estar relacionadas à forma de organização da família teuto-brasileira, fundamentada nas tradições provenientes da

Alemanha, cujos membros se manteriam em colônias afastadas de outras etnias e, conseqüentemente, acabariam ficando mais reservados.

Quatro tipos de atitudes positivas foram identificados por Silva-Poreli (2010) em Pranchita: a) apreço à língua dos ancestrais, acompanhado de sentimento de pertencimento à etnia, mas sem manifestação de rejeição aos costumes brasileiros e à língua portuguesa; b) aceitação, sem maiores restrições, à língua e à cultura do Brasil; c) “tentativa” de manter os valores e as línguas dos antepassados; e d) atitudes muito positivas em relação ao país vizinho e ao seu idioma. A autora observou entre os pranchitenses uma aparente frustração pela não manutenção da cultura ancestral. Para compensar essa lacuna, Pranchita organiza festas típicas, com comidas, danças e músicas típicas, na tentativa de conservar os principais traços culturais, mesmo que a língua já tenha se perdido.

Ao contrário das expectativas iniciais de que brasileiros e argentinos possuiriam crenças negativas mútuas, Silva-Poreli (2010) não constatou nenhuma rivalidade entre os pranchitenses e seus vizinhos. As atitudes em relação aos argentinos foram, de fato, muito positivas, pois esse grupo foi avaliado como quem fala melhor entre os diversos grupos étnicos e como quem possui a língua mais bonita, depois do português. Aliás, as crenças foram extremamente positivas quanto à língua portuguesa falada no Brasil, tida como a mais bonita entre todas as citadas pelos informantes (italiano, alemão, espanhol, polonês). A autora atribui as boas relações entre Pranchita e a cidade vizinha de San Antonio (Argentina) à forma de colonização das cidades, em cujo processo o argentino participou ativamente, bem como às atuais relações comerciais entre as duas localidades.

Em 2011, Pastorelli defendeu dissertação intitulada *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, orientada por Aguilera, em que analisou dados da localidade de Capanema, também localizada no Sudoeste do Paraná e na fronteira com a Argentina, onde o português convive com as seguintes línguas: italiano, alemão e espanhol (nas variedades argentina e paraguaia).

No que concerne aos falantes do espanhol, Pastorelli (2011) constatou que a maior parte dos capanemenses manifestava atitude altamente positiva com relação aos argentinos, mas os paraguaios eram vistos de maneira desprestigiada e, por vezes, estereotipada por alguns informantes, que alegaram diferenças linguísticas, culturais ou étnicas (origem indígena) desse grupo, além da condição desfavorável do Paraguai (baixa tecnologia e ensino deficiente), como justificativas para o baixo prestígio a eles atribuído. Já entre os grupos de eurodescendentes, os alemães foram julgados pelos informantes como um povo sério, organizado e que não demonstrava muito as emoções, ao passo que os italianos gozavam de

bastante prestígio, especialmente no tocante ao estabelecimento de relações de vizinhança, amizade e vínculo amoroso, sendo caracterizados como alegres e espontâneos.

Quanto às atitudes em relação às línguas em contato em Capanema, Pastorelli (2011) encontrou os seguintes resultados: a) na comparação das variedades faladas na localidade e na opinião sobre quem fala melhor, a língua portuguesa obteve mais da metade das respostas positivas, seguida da italiana e da espanhola, línguas julgadas mais fáceis de entender, por serem mais próximas do português; b) o idioma espanhol foi eleito o mais bonito entre os demais, enquanto a língua alemã foi considerada feia, difícil ou esquisita, mas as justificativas mostraram que a motivação para essa resposta estava vinculada à dificuldade de compreensão do idioma; e c) todos, sem exceção, defenderam a inclusão de outras línguas na grade do ensino regular, especialmente o espanhol, que teve o maior número de indicações em virtude da proximidade de Capanema com a fronteira e também em razão da beleza da língua, segundo a crença manifestada pelos informantes.

Em março de 2012, Santana, sob orientação de Aparecida Feola Sella, defendeu a dissertação intitulada *Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu*, em que buscou verificar como os falantes construía suas crenças e como agiam diante do falante de outra língua que não a portuguesa. Para atingir seu objetivo, a autora analisou dezessete questões do inquérito feito com os 36 informantes de Foz do Iguaçu. Tais questões foram selecionadas por apresentarem conteúdos que possibilitavam a visualização das crenças produzidas pelos informantes quanto a falantes e línguas que estão em contato na região da tríplice fronteira. Como procedimento de análise, a autora localizou e classificou os vocábulos mais recorrentes na caracterização feita pelos informantes a respeito de outros falantes, tomando esses vocábulos, portanto, como orientadores de atitude negativa ou positiva.

Entre os principais resultados, Santana (2012) verificou que os falantes identificam as línguas a partir do seu convívio com elas e as avaliam a partir da construção de sua identidade. O posicionamento dos informantes quanto a essas línguas e, conseqüentemente, aos seus usuários estava sempre ligado à(s) língua(s) com a(s) qual(is) esteve em contato desde a infância; ou seja, por serem falantes nativos de português, os informantes partiam sempre dessa língua para fazer juízos de valor. É por esse motivo que há muitas referências, por um lado, ao espanhol como a língua mais bonita e mais fácil de entender ou aprender, e, por outro, ao árabe, ao chinês ou ao japonês como línguas difíceis de aprender, complicadas, feias ou desinteressantes. A autora concluiu que o uso desses e de outros vocábulos que remetiam a tal condição estava vinculado à comparação que o informante fazia sempre entre a sua língua materna e a língua sob avaliação.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção é destinada à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, descrevendo-se como foi feita a seleção das localidades, dos informantes, do instrumento de coleta de dados e da perspectiva metodológica para o tratamento dos dados. Vale lembrar que parte desses elementos prescindiu de escolha da pesquisadora, pois, como já foi mencionado, esta tese utiliza dados previamente coletados por Aguilera (2009) e sua equipe.

### 5.1 AS LOCALIDADES

O *corpus* analisado neste estudo provém dos *corpora* obtidos por meio do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), que coletou dados *in loco* em seis municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – e em dois municípios situados na região central do estado – Irati e Ponta Grossa.

Os pontos da pesquisa selecionados para este estudo correspondem às localidades de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, cujos perfis já foram descritos na Seção 2. A escolha dessas comunidades se baseia no fato de os dois municípios apresentarem complexa realidade sociolinguística – embora diferente, em muitos aspectos, em cada um dos municípios –, mas ainda pouco explorada cientificamente no tocante às atitudes linguísticas de seus habitantes.

### 5.2 OS INFORMANTES

A seleção dos sujeitos levou em conta o que diz Silva-Corvalán (1989): os informantes devem ser selecionados seguindo-se um método que assegure uma amostra representativa. Para esta pesquisa, a seleção dos informantes se pautou pelas dimensões da Dialectologia Pluridimensional, ou seja:

- a) a dimensão diageracional, contemplando faixas etárias que abarcam desde a geração mais velha, em que é possível encontrar sujeitos que tenham feito parte dos movimentos de colonização das localidades, até a geração mais nova, incluindo filhos dos colonizadores, possivelmente nascidos na localidade, que



estão se inserindo ou prestes a se inserir no mercado de trabalho, resultando na definição de três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos;

- b) a dimensão diastrática, optando-se pela escolaridade como parâmetro definidor de classe social, pois parte-se da hipótese de que a escolaridade possa se colocar como variável atuante no conservadorismo e na inovação linguística, resultando na definição de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior;
- c) a dimensão diasssexual, contemplando sujeitos dos sexos feminino e masculino, uma vez que os processos de implementação, inovação e conservação podem estar relacionados ao sexo do falante e aos papéis dos homens e das mulheres na sociedade.

Da combinação das variáveis resultou a seleção de dezoito informantes para cada localidade pesquisada. Um esquema resumitivo do perfil dos informantes é apresentado a seguir (itens i a xviii), considerando-se as seguintes notações: a) para o sexo do informante, letras maiúsculas: ‘M’ (masculino) e ‘F’ (feminino); b) para a escolaridade, letras minúsculas: ‘f’ (fundamental), ‘m’ (médio) e ‘s’ (superior); e c) para a faixa etária, algarismos: ‘1’ (faixa etária 1), ‘2’ (faixa etária 2) e ‘3’ (faixa etária 3). Dessa forma, por exemplo, o informante 1 é representado pela sigla ‘Mf1’, ou seja, trata-se de um homem de escolaridade fundamental, da faixa etária 1 (18 a 30 anos):

- i. Informante 1: Mf1
- ii. Informante 2: Ff1
- iii. Informante 3: Mf2
- iv. Informante 4: Ff2
- v. Informante 5: Mf3
- vi. Informante 6: Ff3
- vii. Informante 7: Mm1
- viii. Informante 8: Fm1
- ix. Informante 9: Mm2
- x. Informante 10: Fm2
- xi. Informante 11: Mm3
- xii. Informante 12: Fm3
- xiii. Informante 13: Ms1
- xiv. Informante 14: Fs1
- xv. Informante 15: Ms2
- xvi. Informante 16: Fs2

xvii. Informante 17: Ms3

xviii. Informante 18: Fs3

Os Quadros 2 e 3, nas próximas páginas, mostram o perfil dos informantes das duas localidades de forma mais detalhada, incluindo dados como a naturalidade, a origem étnica (presumida a partir dos dados da ficha do informante e/ou do conteúdo da própria entrevista), a(s) língua(s) que aprendeu em casa, entre outros. Em virtude da ausência de algumas informações nas fichas dos informantes, em ambos os quadros, faltam alguns dados a respeito da naturalidade do informante e dos pais. Os quadros também não informam quando os respondentes não nascidos na localidade se estabeleceram no município, excetuando-se apenas dois casos em Santo Antônio do Sudoeste. Porém, como um dos critérios para a seleção dos informantes era o de que eles tivessem nascido ou morassem há bastante tempo na localidade, acredita-se que tal critério tenha sido considerado no momento da seleção.

Quadro 2 – Matriz dos informantes de Irati

Informante	Gênero	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Naturalidade dos pais	Origem étnica (presumida)	Língua(s) materna(s)	Língua(s) que fala
1	Masc.	NI * 18-30	Fundamental	Irati	NI	Ucraniana	Português (avós falavam em ucraniano entre eles)	Português
2	Fem.	20	Fundamental	Irati	NI	Ind.**	Português	Português
3	Masc.	38	Fundamental	São Domingos (SC)	NI	Italiana	Português e italiano	Português
4	Fem.	36	Fundamental	Paulo Frontin (PR)	NI	Italiana	Português (avós falavam em italiano com ele)	Português
5	Masc.	52	Fundamental incompleto	Irati	NI	Italiana	Português (pais e avós falavam em italiano e português com ele)	Português
6	Fem.	68	Fundamental	Irati	NI	Italiana	Português (avós falavam em italiano com ele)	Português
7	Masc.	20	Média	Irati	NI	Italiana	Português	Português
8	Fem.	18	Média	Irati	NI	Italiana	Português	Português
9	Masc.	34	Média	Irati	NI	Ucraniana	Ucraniano	Português (entende um pouco ucraniano)
10	Fem.	36	Média	Prudentópolis (PR)	NI	Ucraniana	Português e ucraniano	Português
11	Masc.	52	Média	Irati	NI	Ind.	Português	Português
12	Fem.	62	Média	União da Vitória (PR)	NI	Polonesa	Polonês	Português e polonês
13	Masc.	25	Superior	Irati	NI	Ind.	Português	Português
14	Fem.	21	Superior	União da Vitória (PR)	NI	Polonesa	Português	Português
15	Masc.	43	Pós-Graduação	Irati	NI	Italiana	Português e italiano	Português e um pouco de italiano
16	Fem.	36	Superior	Curitiba	NI	Italiana	Português	Português
17	Masc.	68	Superior	Irati	NI	Polonesa	Português (avós falavam em polonês com ele)	Português (entende um pouco o polonês)
18	Fem.	51	Pós-Graduação	Irati	NI	Italiana	Português (pais e avós falavam em italiano com ele)	Português

\* NI: não informado (ou não registrado pelo inquiridor)

\*\* Ind.: indefinível (pelo conteúdo da entrevista)

Quadro 3 – Matriz dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste (SAS)

Informante	Gênero	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Naturalidade dos pais	Origem étnica (presumida)	Língua(s) materna(s)	Língua(s) que fala
1	Masc.	NI* 18-30	Fundamental	NI	NI	Argentina	Português	Português
2	Fem.	25	Fundamental	SAS ***	Paraná (SAS)	Alemã, italiana e argentina	Português, espanhol e alemão	Português e espanhol
3	Masc.	41	Fundamental	SAS	NI	Italiana	Português	Português
4	Fem.	36	Fundamental	SAS	Rio Grande do Sul / Sta. Catarina	Italiana	Português (avós falavam em italiano com ele)	Português
5	Masc.	51	Fundamental Incompleto	SAS	Rio Grande do Sul / Paraná	Italiana	Português (avós falavam em italiano entre eles)	Português e um pouco do castelhano
6	Fem.	52	Fundamental	NI	NI	Italiana	Italiano (dialeto bergamasco)	Português e italiano
7	Masc.	18	Média	NI	NI	Italiana	Português (avós falavam em italiano com ele)	Português e espanhol
8	Fem.	17	Média (final)	NI	NI	Italiana	Português e italiano	Português e espanhol
9	Masc.	32	Média	SAS	NI	Ind.**	Português	Português
10	Fem.	49	Média	Jabaquara (SP)	NI	Árabe	Português (avó falava em árabe com ela)	Português
11	Masc.	77	Média	NI	NI	Ind.	Português	Português
12	Fem.	54	Média	NI	NI	Ind.	Português	Português
13	Masc.	26	Superior	NI	NI	Ind. (pai descendente de árabe)	Português (o pai falava árabe)	Português e um pouco de espanhol
14	Fem.	30	Superior	NI	NI	Ind.	Português	Português e um pouco de espanhol
15	Masc.	45	Superior	SAS	Rio Grande do Sul	Italiana	Português (avós falavam em italiano com ele)	Português e um pouco de espanhol
16	Fem.	42	Pós-Graduação	Pérola do Oeste (há 20 anos em SAS)	NI	Italiana	Português (a mãe falava também em italiano com ele)	Português
17	Masc.	57	Superior	Aranguá (SC) (desde os dois anos em SAS)	Santa Catarina	Argentina	Português	Português
18	Fem.	NI 51-70	Superior	NI	NI	Italiana	Português e italiano	Português, e um pouco de espanhol e italiano

\* NI: não informado (ou não registrado pelo inquiridor)

\*\* Ind.: indefinível (pelo conteúdo da entrevista)

\*\*\* SAS: Santo Antônio do Sudoeste

### 5.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O aporte metodológico das pesquisas sobre atitudes linguísticas advém principalmente da Psicologia Social, já que essa área foi pioneira na investigação de aspectos dessa natureza.

Conforme Gómez Molina (1996), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004), costuma-se dividir em duas as abordagens das atitudes, conforme o conceito que se tem de atitude: a behaviorista ou comportamentalista e a mentalista. Na perspectiva comportamentalista, a atitude é interpretada como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, a uma situação ou a características sociolinguísticas determinadas; é a resposta ou o comportamento de uma pessoa em determinada situação social. As atitudes, portanto, podem ser observadas diretamente a partir do comportamento do indivíduo em certas situações sociais. Como as atitudes podem ser medidas em termos de dados observáveis, são variáveis dependentes das situações-estímulo em que se observam. Os comportamentalistas utilizam como procedimento de estudo a observação direta das condutas objetivas (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

A concepção mentalista, por sua vez, interpreta a atitude como um estado mental, interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos concretos; é um estado que media o estímulo recebido por uma pessoa e sua resposta a ele. Como se trata de uma disposição de ordem mental, não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica. Conforme os psicólogos canadenses Lambert e Lambert (1996),

Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 104-105).

Para a análise das atitudes na perspectiva mentalista, portanto, é necessário recorrer a técnicas indiretas, mais complexas, que permitam desvelar algo tão intangível como um estado mental. Muitos trabalhos sobre atitudes linguísticas se baseiam na perspectiva mentalista e medem essa variável como a relação entre um estímulo que afeta um sujeito e a resposta valorativa desse sujeito.

O Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), cujos dados ensejaram este estudo, adotou uma

metodologia baseada na teoria mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), apesar das evidentes desvantagens da proposta mentalista, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, ela é a mais bem aceita graças à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos.

O questionário para as entrevistas utilizadas neste estudo foi elaborado com base em Bergamaschi (2006) e adaptado à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de fala investigadas, com 46 perguntas específicas para avaliar atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e, por extensão, aos seus falantes) de cada localidade. As perguntas, basicamente, buscam verificar: a) a(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente; b) a percepção do informante com relação às diferentes línguas faladas em sua comunidade; c) a avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia); d) o posicionamento do informante com relação ao seu uso em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola; e) a avaliação do informante com relação à sinceridade ou falsidade de amigos falantes dessas línguas (caso os tenha); e f) a aceitação ou não do informante de manter relacionamento afetivo, profissional e de vizinhança com membros das diversas etnias.

#### 5.4 O *CORPUS*

O *corpus* da pesquisa é composto dos dados coletados nas duas localidades por meio do projeto de Aguilera (2009), conforme já apresentado. Aguilera (2009) e sua equipe realizaram 36 entrevistas em Foz do Iguaçu e 18 entrevistas em cada um dos demais municípios, perfazendo um total de 162 entrevistas e 80 horas de gravação. As entrevistas, gravadas em formato MP3, foram transcritas de forma grafemática, sem recorrência a transcrições fonéticas. Para esta tese, as transcrições foram cuidadosamente revisadas antes de serem submetidas à tabulação e análise.

Para a transcrição das falas dos informantes, foram convencionadas as seguintes notações:

- a) colchetes para inserções de caráter explicativo;
- b) reticências para hesitações ou pausas longas;
- c) reticências entre colchetes para supressões;
- d) (inint.) para trechos ininteligíveis;
- e) sublinhado para superposição de falas do inquiridor e do informante.

Nesta pesquisa, conforme já informado, estudam-se os dados de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, resultando na análise de 36 inquéritos (18 em cada localidade). Como em Santo Antônio do Sudoeste as entrevistas não estavam completas – faltavam entrevistas com quatro informantes –, foi necessário retornar a essa localidade para completar a coleta. Nessa localidade, foram realizados, então, quatorze inquéritos em outubro de 2008 e quatro inquéritos nos meses de junho e julho de 2011. Em Irati, os inquéritos foram realizados nos meses finais de 2008, estendendo-se até janeiro de 2009.

## 5.5 O TRATAMENTO E A APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para o desenvolvimento da análise, optou-se por uma abordagem qualiquantitativa, considerando o que diz Saville-Troike (2003, p. 185): “especially in attitude research, an integration of both qualitative and quantitative procedures is clearly desirable”<sup>64</sup>. Conforme pondera a autora, ao considerar as mensurações de ordem meramente quantitativa, corre-se o risco de obter respostas subjetivas tendenciosas tangenciadas por diversos fatores capazes de interferir nos resultados, tais como o gênero, a faixa etária e a identidade percebida do investigador/inquiridor. Por outro lado, os resultados quantitativos são interessantes na medida em que permitem descobrir um padrão em situações que, de outro modo, poderiam ser vistas como mera variação aleatória. Para evitar esse problema, a abordagem quantitativa precisa ser apoiada por uma análise qualitativa dos dados (que, por seu turno, não é capaz de explicar os fenômenos sem a ajuda dos padrões numéricos).

O objeto de pesquisa – opiniões, crenças, avaliações e tendências de comportamento, fruto das identidades individuais e sociais – não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Tendo em vista essa escolha metodológica, as respostas foram primeiramente quantificadas para fins estatísticos, rendendo dados que, por si sós, podem ser reveladores de algumas atitudes com relação às línguas ou variedades e aos seus falantes. Após a tabulação dos dados, os resultados foram transformados em gráficos para possibilitar sua visualização. Na sequência, procedeu-se à análise descritiva dos dados, ou seja, à interpretação qualitativa

---

<sup>64</sup> [...] especialmente em pesquisas sobre atitudes, uma integração dos procedimentos qualitativo e quantitativo é claramente desejável.

das respostas dos informantes, comentando pontos que fossem relevantes para esta pesquisa. Para ilustrar as discussões, foram reproduzidos excertos das falas dos informantes.

Para o desenvolvimento da análise, as questões foram reagrupadas por blocos de acordo com o que se buscou obter dos informantes, ou seja: pensamentos e crenças (aspecto cognitivo); sentimentos e emoções (aspecto afetivo); e tendências de reação (aspecto conativo), considerando também o aspecto social. Esse reagrupamento foi inspirado na contribuição dos psicólogos sociais acerca dos métodos de “medição” das atitudes.

Segundo Lambert e Lambert (1966), os psicólogos sociais costumam usar um questionário para medir as atitudes, cujos itens seriam, então, elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: o *cognitivo*, o *afetivo* e o *conativo*. O componente cognitivo se refere aos *pensamentos e crenças* – ou seja, no âmbito linguístico, refere-se àquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico – e estaria representado no questionário com perguntas do tipo “De um modo geral, crê que os imigrantes são tão dignos de confiança quanto qualquer outra pessoa?” e “Parece-lhe que os imigrantes têm filhos, principalmente, para mandá-los trabalhar?”. O componente afetivo se refere aos *sentimentos e emoções* – no âmbito linguístico, refere-se ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico – e seria medido a partir de perguntas como “Fica aborrecido porque os imigrantes mantêm sua própria língua e costumes?” e “Fica satisfeito porque seus filhos brincam com filhos de imigrantes?”. Finalmente, o componente conativo se refere às *tendências de reação* – o que, no âmbito linguístico, equivale a dizer que se trata da predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico – e seria medido em perguntas como “Estaria disposto a trabalhar para um patrão imigrante?” e “Gostaria de se mudar se muitos imigrantes instalassem seus lares no mesmo bairro?”

Diante disso, conforme já mencionado, decidiu-se pela organização das perguntas em blocos, de modo geral, conforme o objetivo de medir os diferentes componentes das atitudes, apontados por Lambert e Lambert (1966), buscando considerar também a proposta de Bem (1973), que acrescenta à estrutura composicional da atitude o componente social, referente ao modo de interagir com os outros, como já foi visto na Seção 3 (Subseção 3.5).

É válido mencionar que Lambert e seus colegas (1960) desenvolveram também uma técnica muito utilizada nos estudos de atitudes, denominada *Matched Guise Technique*, em que os informantes ouvem vozes gravadas (em pelo menos duas variedades de língua) e são solicitados a indicar o que pensam sobre as características da personalidade dos oradores. Essa técnica, no entanto, não foi usada neste estudo, embora tenha sido planejada em um



primeiro momento como possível complementação de dados. A aplicação dessa técnica foi descartada por se considerar que o *corpus* inicial já fornecia volume de informações suficiente para o estudo proposto.

A distribuição das perguntas do questionário em blocos está representada no Quadro 4, a seguir. O bloco 1 é destinado às questões que buscam identificar as línguas faladas pelos informantes (línguas maternas e adquiridas). Ressalta-se que essas perguntas, por si sós, não dizem respeito às atitudes dos falantes em relação às línguas, mas suas respostas, muitas vezes, podem ser bastante reveladoras nesse sentido. Os blocos 2 e 3 dizem respeito à medição do componente cognitivo das atitudes, isto é, daquilo que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. O bloco 4 se refere igualmente ao componente cognitivo, mas também diz respeito ao aspecto social, uma vez que inclui questões sobre o círculo de amizades do informante. O bloco 5 se refere às perguntas que buscam obter dos informantes a sua avaliação das línguas faladas na comunidade, correspondendo ao componente afetivo, já que busca obter dos falantes as emoções e sentimentos em relação às línguas ou variedades ou aos grupos linguísticos. Finalmente, o bloco 6 agrupa questões relacionadas à identificação das tendências de reação dos informantes, correspondendo ao componente conativo. As perguntas, no quadro, não seguem necessariamente a ordem numérica, pois mantêm a numeração original do questionário.

É importante destacar que uma pergunta permite, ao mesmo tempo, avaliar mais de um componente da atitude. Por exemplo, a uma pergunta que tenha por objetivo principal obter uma resposta no âmbito do componente cognitivo, o informante pode fornecer uma resposta em que se identificam elementos do componente afetivo ou do conativo. Desse modo, os blocos têm o objetivo de minimamente orientar a organização da análise, mas não pretendem ser conjuntos categóricos, pelo fato de o objeto material da análise – a língua(gem) – ser algo fluido e intangível.

Quadro 4 – Organização das perguntas do questionário em blocos para fins de análise

<b>Divisão dos blocos para análise</b>	
<i>BLOCO 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do informante</i>	
Questão 1	Que língua você fala?
Questão 2	Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
Questão 3	Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

Questão 4	Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
<i>BLOCO 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade</i>	
Questão 5	Aqui em Irati/Santo Antônio do Sudoeste, existem pessoas que falam diferente de você?
Questão 6	Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui?
Questões 7, 8, 9 e 10	IRATI: Poderia dar um exemplo do polonês/ucraniano/italiano/alemão? SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Poderia dar um exemplo do espanhol argentino/espanhol paraguaio/alemão/italiano?
Questão 13	Em que lugares você ouviu essa(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?
Questão 26	Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?
Questão 46	Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouviu aqui em Irati/Santo Antônio do Sudoeste, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?
<i>BLOCO 3: Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e ensino das línguas faladas na localidade</i>	
Questões 14, 15, 16 e 17	IRATI: Quando você se aproxima dos poloneses/ucranianos/italianos/alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam? SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Quando você se aproxima dos argentinos/paraguaios/alemães/italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
Questão 22	Você acha que deveriam proibir o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Irati/Santo Antônio do Sudoeste?
Questão 23	Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas?
Questão 24	A escola deveria ensinar essas línguas que você ouviu aqui? Qual delas? Por quê?
<i>BLOCO 4: Descrição e avaliação do círculo de amigos do informante</i>	
Questões 31, 32, 33 e 34	IRATI: Você tem amigos poloneses/ucranianos/italianos/alemães? Como começou essa amizade? SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Você tem amigos argentinos/paraguaios/alemães/italianos? Como começou essa amizade?
Questão 35	Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
Questão 36	Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?
Questão 37	Você já teve algum desentendimento com algum deles? Por que motivo?
<i>BLOCO 5: Avaliação das línguas e dos falantes pelo informante</i>	

Questão 11	IRATI: Comparando essas línguas: polonês, ucraniano, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?  SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão, italiano, quem fala melhor? Por quê?
Questão 12	E quem fala pior? Por quê?
Questão 18	Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?
Questão 19	Essas línguas são feias ou bonitas?
Questão 20	Qual é a mais bonita?
Questão 21	E a mais feia?
<i>BLOCO 6: Identificação das tendências de reação</i>	
Questão 25	Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?
Questões 27, 28, 29 e 30	IRATI: Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse poloneses/ucranianos/italianos/alemães, você compraria?  SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos/paraguaios/alemães/italianos, você compraria?
Questões 38, 39, 40 e 41	IRATI: Você namoraria ou se casaria com um(a) polonês(a)/ucraniano(a)/italiano(a)/alemão(ã)? Por quê?  SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a)/paraguaio(a)/alemão(ã)/italiano(a)? Por quê?
Questões 42, 43, 44 e 45	IRATI: Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um polonês/ucraniano/italiano/alemão? Por quê?  SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino/paraguaio/alemão/italiano? Por quê?

Algumas considerações se fazem importantes para o correto entendimento de alguns termos usados na análise, referentes às línguas e aos seus falantes. No que concerne à denominação dos falantes, o uso de designações como ‘alemão’, ‘ucraniano’ etc. não se refere propriamente à nacionalidade desses falantes, mas à sua origem étnica, ou seja, são filhos ou netos de alemães, ucranianos etc. A opção por essas designações se justifica pelo fato de que os próprios descendentes – e isso não só nas comunidades pesquisadas – autodenominam-se dessa forma, para se distinguirem dos “brasileiros”, isto é, daqueles nascidos no Brasil e sem descendência europeia. Em Irati, as designações ‘ucraino’ e ‘polaco’ são, muitas vezes,

usadas como sinônimas de ‘ucraniano’ e ‘polonês’, respectivamente. Por fim, em Santo Antônio do Sudoeste, o termo ‘castelhano’ se refere especialmente ao argentino.

Quanto à denominação da língua, são sinônimos: ‘ucraino’ e ‘ucraniano’; ‘polaco’ e ‘polonês’; ‘brasileiro’ e ‘português’; ‘espanhol’ e ‘castelhano’; ‘argentino’ e ‘espanhol argentino’ (como referência mais direta à variedade falada na Argentina); e ‘paraguaio’ e ‘espanhol paraguaio’ (como referência mais direta à variedade falada no Paraguai). Quanto aos termos ‘italiano’ e ‘alemão’, seu uso não necessariamente faz referência à língua padrão, mas às respectivas variedades dialetais faladas em cada localidade.

A disposição das respostas dos informantes em termos percentuais, dos gráficos relativos a esses resultados e dos comentários descritivos e/ou analíticos das respostas ao longo do texto não segue um padrão rígido, embora se busque certa uniformidade. Por exemplo, o gráfico é apresentado apenas após todos os resultados em termos percentuais serem descritos; preferencialmente, a exemplificação das respostas e os comentários relativos a elas aparecem após os gráficos, mas, muitas vezes, elas são antecipadas, intercaladas à apresentação dos dados percentuais, para dar maior fluidez ao texto, evitando-se retomadas recorrentes. Assim, a disposição das informações busca sempre, em primeiro lugar, respeitar o fluxo do texto.

As porcentagens relativas ao número de informantes podem sofrer variações nos centésimos na descrição dos resultados de uma pergunta (do questionário) para outra e de um gráfico para outro, ou mesmo no interior do mesmo gráfico ou bloco de respostas. Os ajustes, sempre de 0,01%, mostraram-se necessários para não prejudicar a somatória de 100%. Optou-se por alterar sempre os índices que foram arredondados “para cima” (final 5 em diante), por meio da redução da última casa centesimal.

Nas análises, as variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e nível de escolaridade) e os dados relativos ao perfil do informante (como, por exemplo, a origem étnica) somente são considerados em caso de homogeneidade de respostas estreitamente relacionada a variáveis ou perfis específicos, permitindo generalizações.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE IRATI

Nesta seção, apresenta-se a análise dos inquéritos de Irati, cujas perguntas foram divididas em seis blocos, conforme anunciado na Seção 5, referente aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

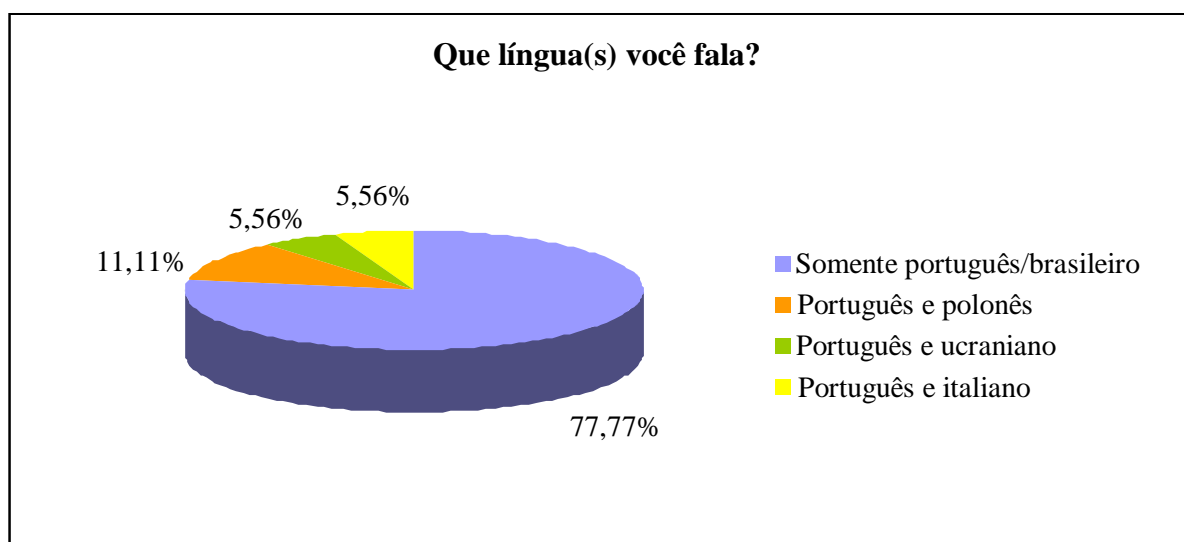
### *BLOCO 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do informante*

Neste grupo, estão incluídas as respostas às perguntas iniciais do questionário, que visavam à identificação das línguas correntemente faladas pelos informantes, bem como das línguas usadas na infância na interação com os pais e avós.

A primeira pergunta, “Que língua você fala?”, buscou verificar a consciência linguística do informante quanto à língua utilizada por ele. Todos os informantes declararam falar português ou “brasileiro”. Quatro informantes declararam saber também um pouco do idioma de origem dos pais e/ou avós: polonês (dois informantes, ou 11,11%), ucraniano (um informante, ou 5,56%) e italiano (um informante, ou 5,56%). Um desses quatro informantes disse falar também um pouco de inglês. Outro informante ainda declarou que entende um pouco de inglês, não mencionando qualquer língua de herança falada na comunidade.

Esses resultados figuram no Gráfico 1, mostrando que a maioria dos informantes é monolíngue e poucos conservam ainda suas línguas de herança. O inglês não foi considerado no gráfico por não se tratar de língua materna do informante que o citou.

Gráfico 1 – Proporção de monolíngues e bilíngues entre os informantes de Irati



A segunda pergunta objetivou identificar a(s) língua(s) em que os pais falavam com o informante, quando criança. Nessa questão, doze informantes (66,66%) disseram que seus pais falavam em português com eles, e quatro (22,22%) declararam que seus pais alternavam entre o português e a língua de herança: italiano e português (três informantes, ou 16,66%), e ucraniano e português (um informante, ou 5,56%). Vejam-se algumas dessas respostas:

INF.- Quando a gente era pequeno, falava com os dois, né, tanto que muita coisa a gente fala em ucraniano também até hoje. Então, tem coisa que era em português, mas algumas palavras em ucraniano. (Inf. 10)

INF.- Falavam em português, mas... é... eles falavam em italiano, um dialeto que eu não sei qual é, e eu entendia um pouquinho do que eles falavam. (Inf. 15)

INF.- Falavam muito em italiano, mas eu fazia muita gozação deles falarem em italiano, e falavam o português. (Inf. 18)

As respostas dos informantes 10 e 15 demonstram a diminuição da frequência de uso da língua de herança com relação às gerações precedentes: “algumas palavras”, “entendia um pouquinho”. A informante 18 declarou que ridicularizava o fato de os pais falarem o italiano, atitude que denota a falta de prestígio da língua minoritária (nesse caso, o italiano) perante a majoritária (o português). Em casos como esse, os falantes, na tentativa de evitar qualquer tipo de estigma relacionado ao uso da sua língua ou variedade, podem decidir parar de usá-la e adotar a língua de maior prestígio. Porém, ressalta-se que, se a língua adotada contiver traços da variedade estigmatizada, pode receber uma avaliação negativa, inclusive pelo próprio falante.

Ainda com relação a essa questão, dois informantes (11,11%) declararam que seus pais falavam com eles apenas na língua de herança: italiano (Inf. 3) e polonês (Inf. 12). Esta última informante relatou o sentimento e a atitude dela e dos irmãos com relação ao polonês falado pelos pais:

INF.- Só polonês. A minha mãe não sabia falar o português, daí falava muito mal o português. Então ela e o pai falavam o polonês, só que nós, os filhos, tínhamos vergonha, porque na escola a gente falava muito atrapalhado. Então a gente procurou deixar a língua polonesa, e falar só o português, que é um erro. (Inf. 12)

Observa-se, na resposta da informante 12, uma atitude negativa com relação à língua ou ao dialeto falado pelos pais: a vergonha de falar, na escola, uma variedade do português com interferência da língua de herança, (des)qualificada como “falar atrapalhado”, ou falar

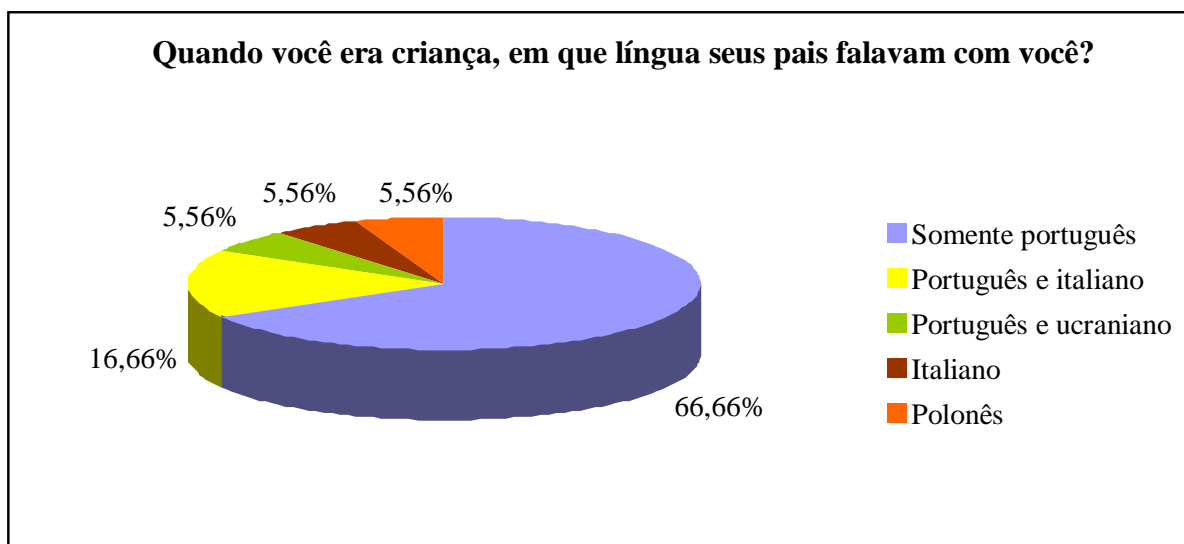
“muito mal o português”<sup>65</sup>. Tal atitude se assemelha à da informante 18, que “fazia muita gozação” quando os pais usavam o italiano.

Vale notar que essas informantes apresentam perfil semelhante quanto a duas variáveis: ambas são do sexo feminino e se situam na faixa etária 3 (51 a 70 anos). A faixa etária parece ser um fator significativo no que concerne à expressão do sentimento de inferioridade pelo uso de uma língua minoritária ou de uma variedade do português com interferência da língua de herança.

Relatos desse tipo de sentimento ocorrido no passado já foram documentados em várias pesquisas (por exemplo, SANTOS, 2001; FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2005; PERTILE, 2009), embora tais situações ocorram ainda hoje em comunidades bi- ou multilíngues (ALTENHOFEN, 2004). Atualmente, observa-se um ressurgimento do orgulho de falar a língua de herança, como se observa no depoimento da informante 12, que mostra arrependimento por “deixar a língua polonesa, e falar só o português, que é um erro”.

No Gráfico 2, visualizam-se os resultados da segunda pergunta do questionário:

Gráfico 2 – Língua(s) falada(s) pelos pais na interação com o informante iratiense durante a infância



Na terceira questão, buscou-se descobrir que língua(s) era(m) utilizada(s) pelos avós do informante para se comunicarem com ele. Aqui, é necessário esclarecer que, para a análise,

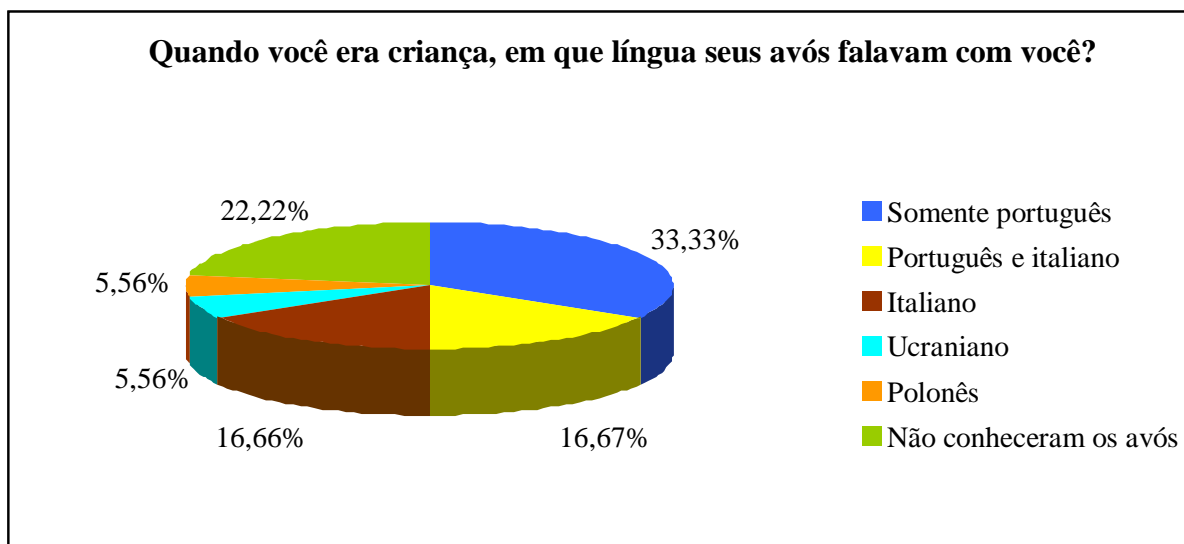
<sup>65</sup> Cabe aqui também relatar a experiência pessoal da autora desta tese: como descendente de imigrantes italianos, ela também considerava feio o dialeto falado pelos pais e membros mais velhos da comunidade, e sentia vergonha quando usavam o português com interferência do italiano. Ela própria, ao começar a frequentar escola fora de sua comunidade, era corrigida quando “deixava escapar” uma pronúncia “italiana” do /r/.

os avós maternos e paternos foram considerados conjuntamente, embora alguns informantes fizessem distinção quanto à língua falada por um ou outro avô, isoladamente.

Nessa questão, seis informantes (33,33%) disseram que seus avós falavam em português com eles, quando crianças. Três informantes (16,67%) disseram que seus avós alternavam entre o português e o italiano. A informante 18 declarou que a avó paterna falava só em italiano e que seus outros avós “faziam uma mistura” do italiano com o português, de modo que se optou por incluí-la entre os 16,67%. Cinco informantes declararam que seus avós falavam com eles somente na língua de herança, a saber: três (16,66%), em italiano, um (5,56%), em ucraniano, e um (5,56%), em polonês. Quatro informantes (22,22%) disseram não ter conhecido seus avós ou tido contato com eles, embora um deles declarasse saber que os avós falavam ucraniano. Porém, como a pergunta se referia à interação entre avós e netos (o que não aconteceu no caso desse informante), sua resposta ficou incluída entre os 22,22%. Um desses informantes (incluído entre os 22,22%) também declarou ter conhecimento de que seus avós falavam somente em português, mesmo sendo descendentes de italianos.

O Gráfico 3 ilustra os resultados da terceira questão:

Gráfico 3 – Língua(s) falada(s) pelos avós na interação com o informante iratiense durante a infância



A última pergunta deste bloco visava à identificação da(s) língua(s) usada(s) pelo informante, na infância, para se comunicar com seus pais e avós. A diferença entre essa questão e as duas anteriores é que, nesta, focaliza-se o desempenho linguístico do informante, e não o dos pais e avós. A necessidade de diferenciar as perguntas é justificada pela possibilidade de membros de gerações mais novas de descendentes de imigrantes



responderem apenas passivamente aos pais e avós; ou seja, eles entenderiam os mais velhos, mas não seriam capazes de falar a língua<sup>66</sup>.

Os resultados dessa questão mostraram que a maioria dos informantes (77,77%) falava apenas em português com os pais e avós, embora dois deles declarassem que entendiam um pouco a língua de herança dos pais/avós:

INF.- Em português. E depois, maiorzinha, só respondia o que a mãe falava, respondia em português. Ela dizia “vai buscar tal coisa” em polonês, a gente respondia [inint.], falava em português. (Inf. 12)

INF.- Sempre em português. Mas eu entendia um pouquinho do que eles conversavam, que eles falavam em italiano. (Inf. 15)

Um informante (5,56%) disse que falava com os pais e avós em português e em italiano, e um (5,56%), em português e em polonês, embora tenha feito uma ressalva quanto ao seu uso da língua de herança: “Polaco. Mas só de brincadeira” (Inf. 14), agregando um tom jocoso ao fato de usar uma variedade que, supostamente, não serviria para falar de coisas “sérias”, ou por não ter proficiência razoável, ou por achá-la inapropriada para situações consideradas mais importantes.

Aos informantes que não conheceram os avós (11,11%), o inquiridor mudou a questão: perguntou em que língua seus pais falavam com os avós. As respostas foram:

INF.- Em ucraniano. (Inf. 9)

INF.- Entre eles, falam, tipo, no caso, que nem ali na minha família, ucraniano, porque eu vejo até hoje os vizinhos, a maioria são ucranianos, então, entre eles, predomina a língua. O português é muito pouco que eles usam, né. (Inf. 10)

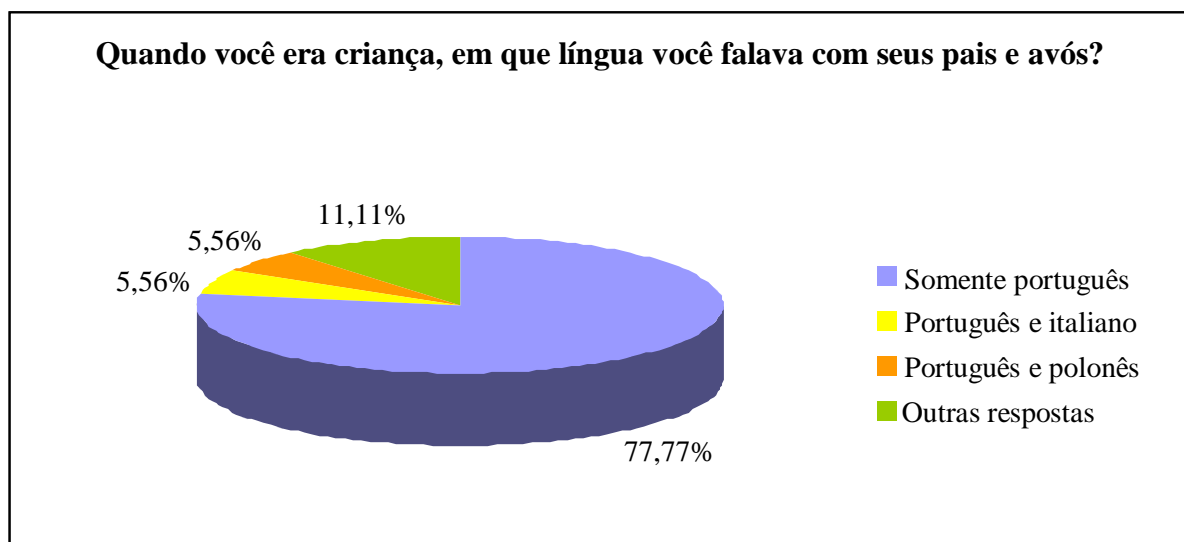
A resposta da informante 10 atesta o uso do ucraniano ainda presente no seu círculo social, ou seja, entre os vizinhos (possivelmente da mesma faixa etária dos pais e avós).

Para fins de estatística, não foram consideradas essas duas menções ao ucraniano, pois as respostas não correspondiam à pergunta original do questionário. No Gráfico 4, esses dois informantes estão representados pelo item “outras respostas”, já que não conheceram os avós e tampouco informaram a língua usada na interação com os pais.

---

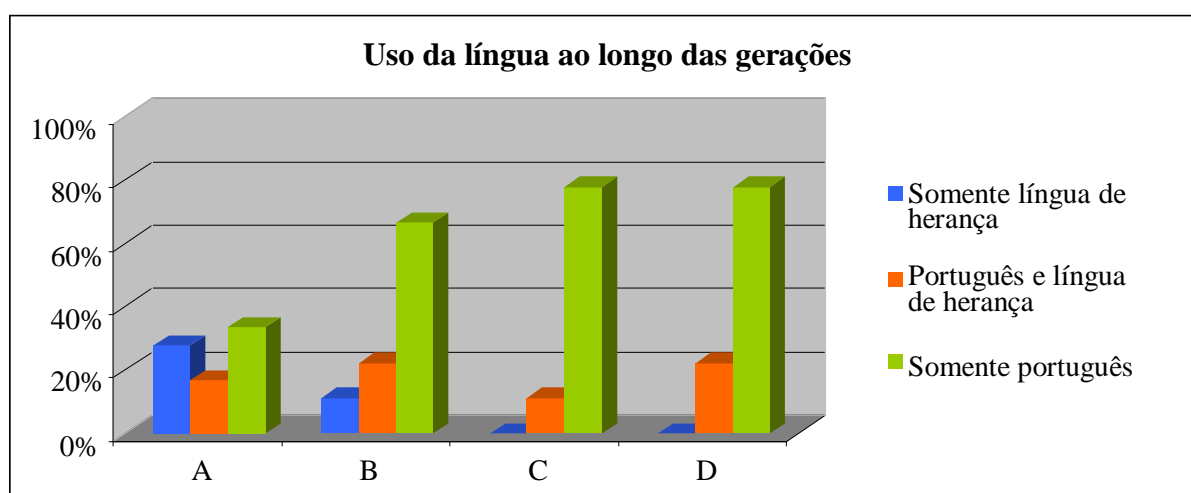
<sup>66</sup> Um testemunho disso pode ser dado pela autora desta tese, que compreende a variedade dialetal (o *talian*) ainda falada pelos membros mais velhos da família, em alguns momentos de interação, mas não a fala.

Gráfico 4 – Língua(s) usada(s) pelo informante iratiense na interação com os pais e avós durante a infância



Pode-se estabelecer uma comparação dos resultados obtidos nesta pergunta com os das perguntas anteriores, como aponta o Gráfico 5: o uso do português como língua única para comunicação foi crescendo com o passar das gerações, ao passo que o uso das línguas de herança foi paulatinamente diminuindo, apontando para uma tendência de desaparecimento do uso dessas línguas para fins de comunicação.

Gráfico 5 – Uso das línguas de herança e do português em Irati no decorrer do tempo



- A: Língua em que os avós falavam com o informante na infância.  
 B: Língua em que os pais falavam com o informante na infância.  
 C: Língua em que o informante falava com os pais e avós na infância.  
 D: Língua que o informante fala atualmente.

A tendência de desaparecimento do uso do ucraniano em Irati já foi abordada por Jacumasso (2009), que investigou uma colônia ucraniana localizada na zona rural dessa localidade:

No caso dos moradores de Itapará, o número de falantes de ucraniano é significativo, tomando como base proporcionalmente o número de pessoas que vivem na comunidade, contudo, a geração mais nova, por assim dizer, está deixando de lado os elementos culturais ucranianos, principalmente a língua ucraniana (JACUMASSO, 2009, p. 129).

Embora essa pesquisa se circunscrevesse apenas a uma comunidade de Irati, os resultados anteriormente apontados permitem estender essa conclusão a outras comunidades ou outros grupos étnicos do município.

Resumindo os resultados deste primeiro bloco, verifica-se que todos os informantes sabem denominar a língua que fala, a maioria deles usando a designação oficial para isso (língua portuguesa), o que pode ser, segundo Aguilera (2008b), resultado do papel da escola como agente de propagação da língua oficial e, conseqüentemente, de sedimentação da crença de seus usuários. Com relação às línguas de herança, observa-se uma diminuição de seu uso à medida que avançam as gerações, o que pode ser explicado pelo grande domínio da língua majoritária (português), levando as línguas minoritárias a perder gradativamente sua importância de modo a sobreviver apenas em contextos restritos.

## *BLOCO 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade*

Neste bloco, analisam-se as perguntas destinadas a identificar o grau de consciência do informante com relação à diversidade de línguas faladas na localidade, bem como o nível de conhecimento dessas línguas.

Com relação à pergunta “Aqui em Irati, existem pessoas que falam diferente de você?”, todos os informantes demonstraram consciência da existência de outras línguas na localidade, embora o grau de certeza variasse entre eles, como demonstram algumas das respostas:

INF.- Acredito que sim. (Inf. 5)

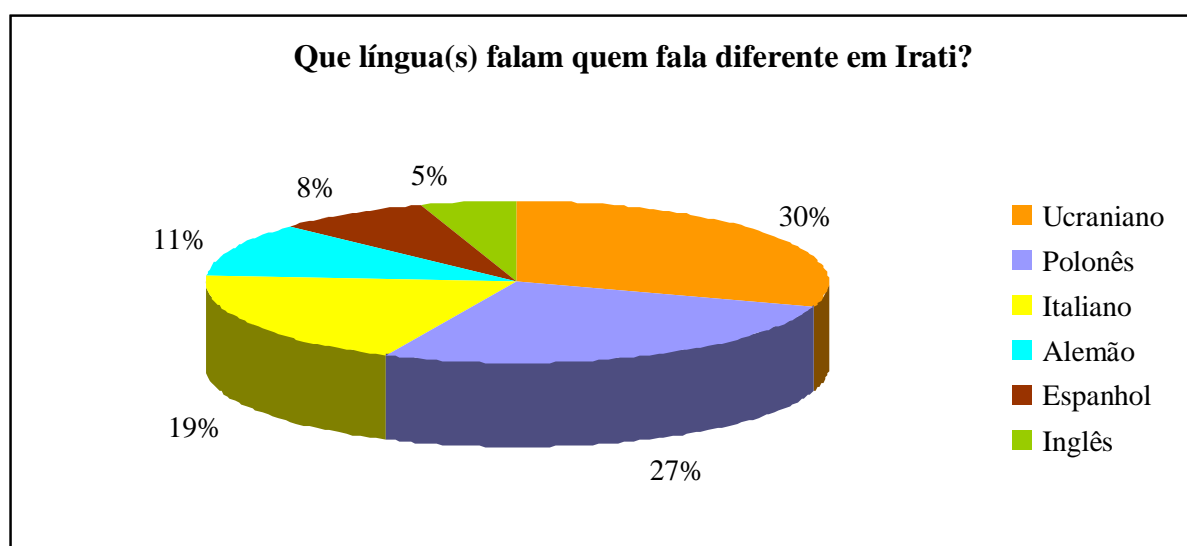
INF.- Com certeza, sim. (Inf. 7)

INF.- Existe, mas poucas, né. (Inf. 10)

INF.- Tem, nossa! Bastante! (Inf. 17)

As menções às línguas faladas na localidade, obtidas principalmente na pergunta “Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui?”, mas também adiantadas por alguns informantes na questão anterior, totalizaram 37<sup>67</sup>: ucraniano ou ucraino (onze menções), polonês ou polaco (dez menções), italiano (sete menções), alemão (quatro menções), espanhol (três menções) e inglês (duas menções). O Gráfico 6 permite visualizar esses resultados, em termos percentuais:

Gráfico 6 – Identificação das línguas faladas em Irati



Nota-se que há consciência do falante quanto às línguas mais faladas na localidade: o ucraniano e o polonês (com maior representatividade no gráfico). O espanhol e o inglês foram citados como línguas faladas na comunidade, mas foram geralmente mencionadas como línguas aprendidas sistematicamente na escola ou em cursos livres, e não adquiridas assistematicamente na família ou na comunidade.

A menção ao inglês e ao espanhol, geralmente aprendidos na escola, é recorrente em várias entrevistas, embora o alvo das perguntas do inquiridor não fosse, obviamente, essas línguas. Isso pode significar maior valoração das línguas mais usadas atualmente na

<sup>67</sup> Nas análises desta tese, a porcentagem das menções não é calculada em função do universo de informantes, ou seja, não há correspondência entre o número de menções e o número de informantes, pois muitos deles citaram mais de um item em suas respostas.

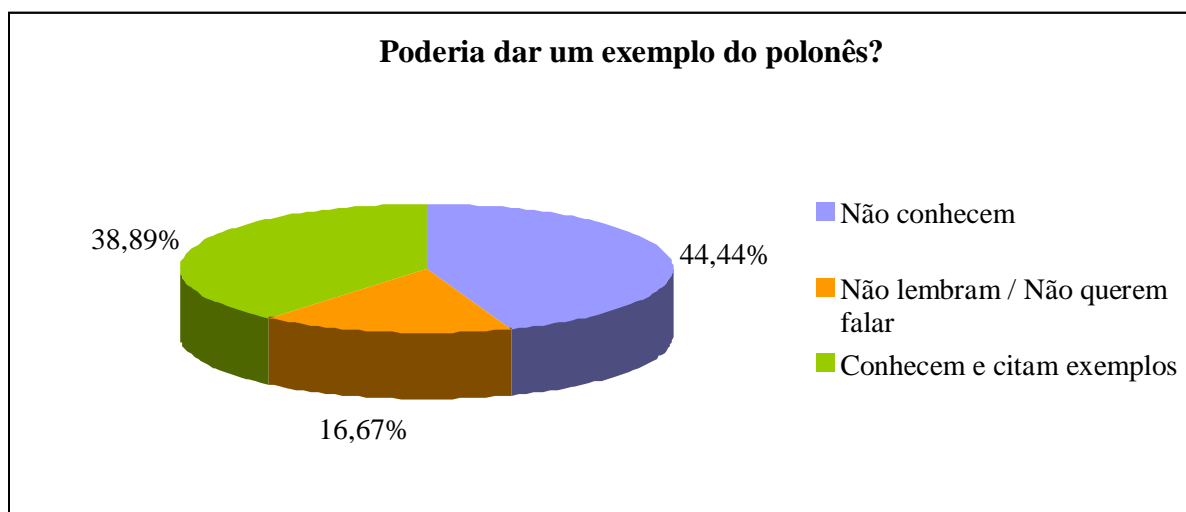
comunicação internacional em detrimento das línguas de herança, que eram ou são geralmente usadas apenas para a comunicação no âmbito doméstico. Há, também, dentre as respostas, uma menção à língua falada pelos ciganos, não considerada no gráfico anterior pelo fato de seus utentes constituírem grupo estabelecido apenas temporariamente na localidade.

Destaca-se uma das respostas dadas, pela forma como a informante descreveu o modo de falar das pessoas na localidade: “Ah, falam mais enrolado. Falam um pouco italiano, um pouco ucraniano” (Inf. 2). Ao caracterizar dessa forma o falar das pessoas que intercambiam o uso das línguas, a informante expressou um julgamento negativo em relação a esse tipo de uso, presente também em outros inquéritos analisados neste estudo.

As perguntas seguintes do questionário buscavam averiguar o quanto os informantes sabiam a respeito das línguas faladas na localidade, sendo-lhes solicitado que citassem exemplos das diversas línguas. Com relação ao polonês, oito informantes (44,44%) declararam não conhecer nenhum exemplo desse idioma. Um desses informantes disse saber que se tratava de uma língua muito parecida com o ucraniano, mas não conhecia nada dela. Dois informantes (11,11%) disseram não se lembrar de nenhum exemplo, o que mostra que provavelmente tinham alguma familiaridade com algumas palavras e/ou expressões nessa língua, e um informante (5,56%) disse que conhecia “só besteiras”, mas que não queria falar, dando a entender que se tratava de tabuísmos. Os que citaram exemplos de palavras em polonês representam 38,89% dos informantes.

Os resultados dessa questão, representados no Gráfico 7, mostram, assim, que mais de um terço dos informantes conhecem e/ou reconhecem palavras ou expressões em polonês:

Gráfico 7 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em polonês pelos iratienses



Entre aqueles que citaram exemplos, uma informante leu um texto em polonês por cerca de um minuto. Arguida sobre o significado, a informante deu a seguinte resposta, indicando que o texto foi aprendido na escola:

INF.- Eu disse: ‘bom dia’, o bom dia vai até seis horas da tarde, daí à tarde, à noite é *dobry wieczór*, mas durante o dia todo, até a tarde também é... é ‘bom dia’. E contei que meu pai chamava-se Antônio, e a minha mãe, Alexandra, era polonesa, veio de... de Lublin, com três anos, e eu tenho cinco irmãos e cinco irmãs. E... também contei que eu tenho dois filhos. E... eu não sei falar bem polonês, alguma coisa assim, mas eu entendo, só que falar ainda... porque muito tempo eu deixei de falar, então, eu encontro dificuldade. Tanto é que eu estou participando da... das aulas de polonês. E... a rua onde moro, né, e... e agradei, *dziękuję*, muito obrigado. E *do widzenia* então é ‘até logo’ [inint.] (Inf. 12)

As demais respostas foram as seguintes:

INF.- É... se vai chover, se tá frio...  
 INQ.- Como que seria isso em polonês?  
 INF.- Se vai chover é *gdy deszcz*.  
 INQ.- *Gdy deszcz*.  
 INF.- Se tá frio, é *zimno*. (Inf. 3)

INF.- *Korovai* não é do polonês? É... eu conheço *korovai, korovai, korovai*<sup>68</sup>. (Inf. 4)

INF.- ‘Avô’, *dziadek*. ‘Avó’, *baba [babcia]*<sup>69</sup>. (Inf. 6)

INF.- Conheço, é... *dziurk [dziura]*.

<sup>68</sup> *Korovai* é um dos elementos fundamentais do casamento tradicional ucraniano. Trata-se de um tipo de pão doce, arredondado, coberto por adornos feitos com a própria massa, em forma de lua e estrela, que são representações do casal (Disponível em: <<http://pessanka.wordpress.com/>>. Acesso em: 03 set. 2011).

<sup>69</sup> Referencia-se entre colchetes a grafia oficial do termo quando os informantes apresentarem uma pronúncia de forma desviante daquela prevista a partir dessa grafia.

INQ.- *Dziurk*?  
 INF.- *Dziurk* é ‘buraco’ [risos]. (Inf. 14)

INF.- *Chucrute*<sup>70</sup>?  
 INQ.- O que significa?  
 INF.- É uma salada de repolho. (Inf. 16)

INF.- É, no caso, digamos, falando de alimentação, então, nós temos, no caso, o... tem *pierogi*<sup>71</sup>, né, é... comida polonesa, né. Tem o *chucrute*, que é repolho azedo também. (Inf. 17)

As palavras ou expressões em polonês, citadas pelos informantes, fazem referência a temas frequentes em conversas cotidianas, podendo ser agrupadas em campos conceituais<sup>72</sup> conforme apresenta a Tabela 1. Na tabela, não estão incluídas as frases lidas pela informante 12, pela dificuldade encontrada pela autora desta tese em transcrever o texto; tampouco será considerado o termo ‘chucrute’, por não se tratar de palavra oriunda do polonês. A porcentagem, na última coluna, é calculada em relação ao número de menções feitas pelos informantes.

Tabela 1 – Campo conceitual das palavras ou expressões em polonês citadas pelos informantes de Irati

<b>Campo conceitual</b>	<b>Exemplos citados</b>	<b>Porcentagem</b>
Fórmulas de saudação e agradecimento	<i>dobry wieczó</i> <i>do widzenia</i> <i>dziękuję</i>	30%
Descrição do tempo (condições climáticas / meteorológicas)	<i>gdy deszcz</i> <i>zimno</i>	20%
Designação de relações de parentesco	<i>dziadek</i> <i>baba [babcia]</i>	20%
Itens da culinária	<i>korovai</i> <i>pierogi</i>	20%
Outros	<i>dziurk [dziura]</i>	10%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

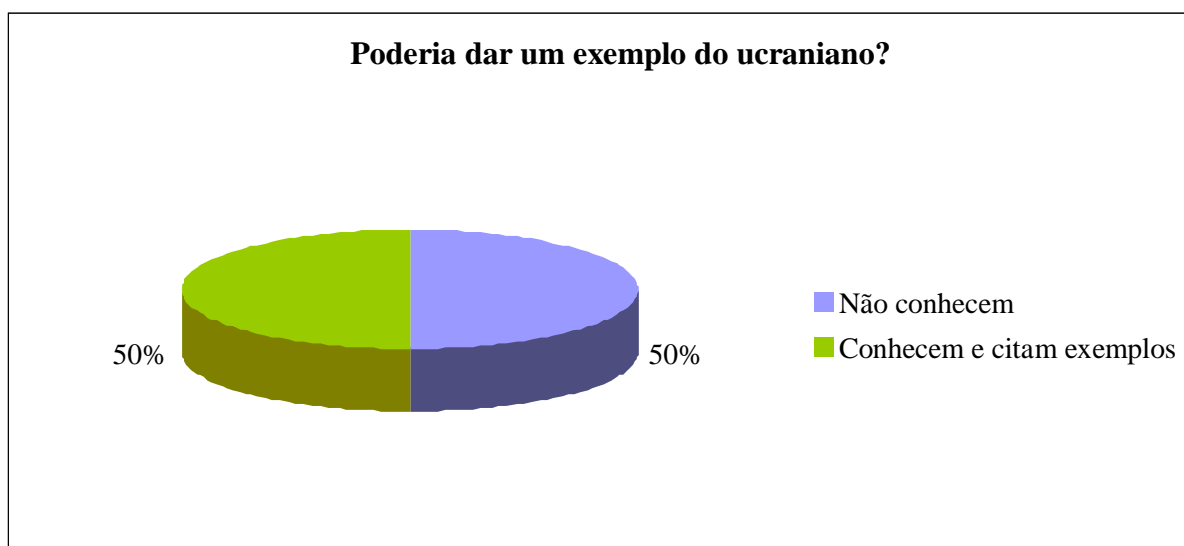
<sup>70</sup> Chucrute (do alemão, *Sauerkraut* = ‘repolho azedo’) é uma conserva de repolho fermentado, um prato considerado tipicamente alemão, mas difundido também entre os poloneses e os franceses da região da Alsácia (Disponível em: <<http://www.seuhistory.com/a-historia-de/comidas-e-bebidas/o-chucrute.html>>. Acesso em: 03 set. 2011).

<sup>71</sup> *Pierogi* (lê-se ‘pierógui’) é um prato típico dos poloneses e dos ucranianos do oeste ou rutenos, consistindo em um tipo de pastel cozido (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierogi>>. Acesso em: 03 set. 2011).

<sup>72</sup> Em conformidade com Henriques (2011), entende-se por ‘campo conceitual’ todo conjunto de palavras agrupadas segundo uma lógica de associação de sentido.

Quanto ao ucraniano, metade dos informantes declarou não conhecer exemplos desse idioma. Os demais citaram exemplos, como se pode ver pelas respostas apresentadas na sequência do Gráfico 8.

Gráfico 8 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em ucraniano pelos iratienses



Os exemplos citados pelos informantes foram os seguintes:

INF.- Não, eu só via os meus vizinho falar, que é tipo, *tak dobre*<sup>73</sup>, né, acho que é ‘tudo bem’, né? (Inf. 1)

INF.- É... [inint.] é... esqueci, é um cumprimento eslavo, */navik/*<sup>74</sup> não sei o quê, que é ‘Deus é...’, eu não lembro [inint.], eu sei. (Inf. 4)

INF.- *Nache lhude*. (Inf. 5)

INF.- */Bojnia/*.

INQ.- E o que significa?

INF.- ‘Santinho’. (Inf. 8)

INF.- É... *nache lhude*, que seria ‘nossa gente’, né? ‘A nossa gente’ é *nache lhude*, né? É ‘nossa gente’. (Inf. 9)

<sup>73</sup> A língua ucraniana emprega caracteres cirílicos, de modo que foram feitas transliterações nos trechos transcritos, com base no conteúdo dos seguintes sites: <<http://www.kievcity.com.ua/reference-book/useful-phrases>>, <<http://www.omniglot.com/language/phrases/ukrainian.php>> e <<http://www.internetpolyglot.com/portuguese/lesson-5004101130>>. Acesso em: 04 set. 2011.

<sup>74</sup> Serão representadas entre barras as transcrições aproximadas das palavras conforme ouvidas do informante. Tais palavras não foram identificadas como pertencentes ao ucraniano – ao menos, a partir das pistas oferecidas pela tradução apresentada pelos informantes – em nenhum recurso de busca/pesquisa utilizado pela autora da tese.



INF.- Bom, que nem o *nache lhude*, né. *Nache lhude* é ‘nossa gente’. (Inf. 10)

INF.- Do ucraniano? Eu participava, quando juvenzinha, eu participava da *Hailka*. É a festa depois da Páscoa, danças, cantos, que no momento não lembro assim... sabe, [inint.].

INQ.- Mas não tem problema.

INF.- *Hailka* eram cantos...

INQ.- Ah, *Hailka*.

INF.- ... no dia de Páscoa, então nós cantava em pol... em ucraniano. (Inf. 12)

INF.- Também não. Ah, *pierogi* [risos], que é uma comida. (Inf. 16)

INF.- Olha, também... muito pouco, seria mais o cumprimento, assim, né, no cumprimento de uma pessoa, então, como no caso, o ‘bom dia’, né, é *dzień dobry*, ‘até logo’, *dobry vechir*. (Inf. 17)

A Tabela 2 mostra a categorização dos exemplos dados conforme o campo conceitual. As palavras entre barras foram incluídas nas categorias conforme a tradução fornecida pelo informante.

Tabela 2 – Campo conceitual das palavras ou expressões em ucraniano citadas pelos informantes de Irati

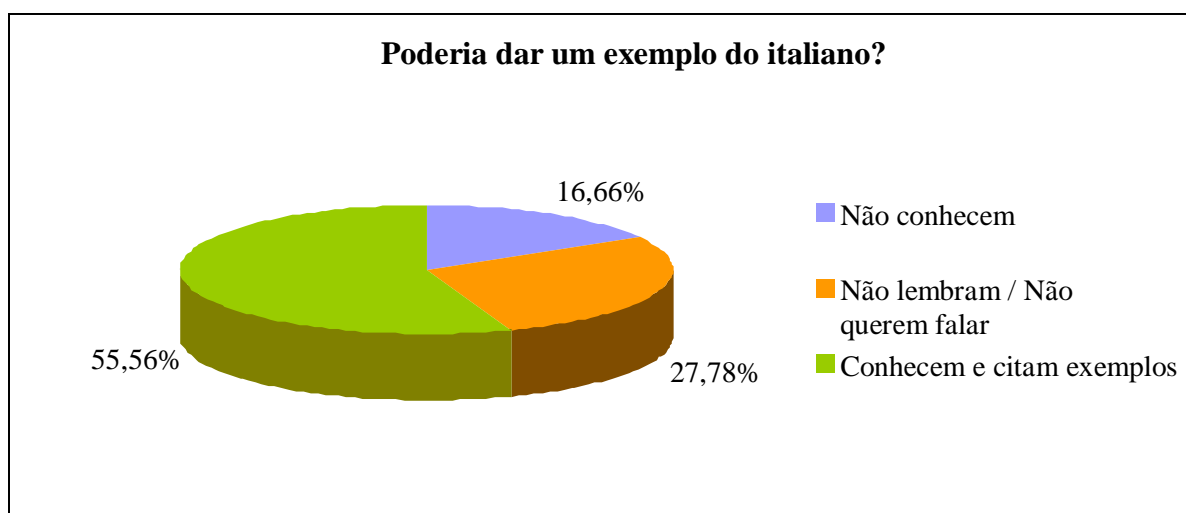
<b>Campo conceitual</b>	<b>Exemplos citados</b>	<b>Porcentagem</b>
Fórmulas de saudação	<i>tak dobre</i> <i>dzień dobry</i> <i>dobry vechir</i>	30%
Itens da culinária	<i>pierogi</i>	10%
Elementos religiosos (eventos, objetos etc.)	<i>/navik/</i> <i>/Bojnia/</i> <i>Hailka</i>	30%
Outros	<i>nache lhude</i> (três menções)	30%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Merece atenção, entre os exemplos do ucraniano dados pelos informantes, a referência a elementos religiosos, como exemplifica a denominação dada à Páscoa ucraniana (*Hailka*), deixando transparecer, até na linguagem usada (pois se considera que são as palavras ou expressões mais usadas as que têm mais probabilidade de serem lembradas), o profundo sentimento religioso que caracteriza o grupo ucraniano. Igualmente digna de nota é a expressão *nache lhude* (‘nossa gente’), que foi recorrente nas entrevistas, o que evidencia um uso frequente, dando indícios de um sentimento ou discurso de união bastante reforçado entre os ucranianos.

Quanto ao italiano, apenas três informantes (16,66%) disseram não conhecer exemplos desse idioma. Dez informantes (55,56%) citaram exemplos presumivelmente ouvidos nas interações da localidade ou aprendidos no lar; dois informantes (11,11%) disseram conhecer algumas palavras nessa língua, mas não se lembravam de nenhum exemplo em específico; outros dois informantes (11,11%) disseram que conheciam termos em italiano das novelas, mas um deles (Inf. 2) assumiu não saber o significado da palavra dada como exemplo; e um informante (5,56%) disse que conhecia a palavra porque estudou o idioma.

As respostas sobre o conhecimento de termos em italiano estão representadas no Gráfico 9:

Gráfico 9 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em italiano pelos iratienses



Vejam-se as respostas dos informantes que citaram (ou acreditaram estar citando) exemplos do italiano:

INF.- Ah, a gente vê assim, né... tipo, estudando, né, mas... que nem: falam *tutto buona gente*, né [inint.]. Mas não que... a gente fale com o italiano. (Inf. 1)

INQ.- Conhece alguma [palavra] da língua italiana?

INF.- Não. Só das novelas.

INQ.- Qual, por exemplo?

INF.- *Capici*. (Inf. 2)

INF.- Se vai chover, *si piova, si piova* ou *no*. (Inf. 3)

INF.- [Inint.] eu sei um monte. *Buona notte* é do italiano. (Inf. 4)

INF.- Conhece *tai zito... tazi, tozzi*<sup>75</sup>?

INQ.- Que que significa?

INF.- É... ‘muito obrigado’... ‘puta que pariu’. (Inf. 5)

INF.- A vó é *nonna*, o vô é *nonno*. (Inf. 6)

INF.- ‘Porca veia’<sup>76</sup>. (Inf. 8)

INF.- *Giacomini* [risos].

INQ.- O que significa?

INF.- *Giacomini* é um sobrenome, né. (Inf. 11)

INF.- *Buongiorno*.

INQ.- *Buongiorno*, que é...?

INF.- ‘Bom dia’. (Inf. 13)

INF.- Conheço as da novela. Serve?

INQ.- Serve. Qual?

INF.- [Risos] É *buona notte* [risos], *buona sera* [risos]. (Inf. 14)

INF.- Bom, tem várias expressões, *porco Dio*, por exemplo, que os italianos usam pra xingar. E as... as... as palavras de... de... do convívio da família, né, tipo: *mamma, papa, nonna*, coisas desse tipo. (Inf. 15)

INF.- *Capisco, no capisco*. (Inf. 16)

INF.- *Tazi tozzi*.

INQ.- Que significa...?

INF.- É... ‘fique quieto, criança’. E coisas de cozinha, assim, que ainda minha mãe usa bastante. (Inf. 18)

A resposta da informante 18 alude a elementos da culinária (“coisas de cozinha”), mas nenhum exemplo em italiano é efetivamente citado. Na Tabela 3, pode-se ver a distribuição das palavras e expressões citadas em campos conceituais (as menções feitas pelos informante 8 e 11 não foram consideradas). As porcentagens, na tabela, são aproximadas.

<sup>75</sup> Trata-se de expressões do *talian*, variante do dialeto vênето falado no Sul do Brasil, mas que não têm a tradução dada pelo informante; na verdade, significam “fique quieto” e “quietos, meninos/crianças”.

<sup>76</sup> Não se trata de expressão em italiano; provavelmente, o informante confundiu a expressão com outras que se iniciam como *porco(a)* (do italiano padrão, *sporco(a)*: ‘sujo(a)’), a exemplo de *porca miseria* ou *porca pipa*, expressões do *talian* muito usadas pelos descendentes de imigrantes italianos.

Tabela 3 – Campo conceitual das palavras ou expressões em italiano citadas pelos informantes de Irati

<b>Campo conceitual</b>	<b>Exemplos citados</b>	<b>Porcentagem</b>
Fórmulas de saudação	<i>buona notte</i> (duas menções) <i>buongiorno</i> <i>buona sera</i>	23%
Descrição do tempo (condições climáticas / meteorológicas)	<i>(si) piova</i>	6%
Designação de relações de parentesco	<i>nonna</i> (duas menções) <i>nonno</i> <i>mamma</i> <i>papa</i>	29%
Expressões de admoestação	<i>tai zito</i> <i>tazi tozze/tozzi</i> (duas menções)	18%
Imprecações	<i>porco Dio</i>	6%
Outros	<i>tutto buona gente</i> <i>capici</i> <i>capisco / no capisco</i>	18%
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>

São dignas de nota as várias referências ao costume dos italianos, de acordo com o senso comum, de usar palavras de baixo calão para blasfemar ou “xingar”, o que já se tornou, pelo menos na região Sul do Brasil, um estereótipo do temperamento dos descendentes de italiano, conforme atestam as pesquisas realizadas principalmente na Região de Colonização Italiana (RCI), como a relatada por Frosi, Faggion e Dal Corno (2008). Essas pesquisas mostram a presença de tabu linguístico no uso do turpilóquio, pois muitas expressões de linguagem torpe aparecem em formas que atenuam a ofensa, ou seja, a blasfêmia, substituída por eufemismos ou não, fica destituída de seus traços ofensivos.

O tabu se relaciona principalmente à religião, em que os nomes sagrados sofrem trocas de fonemas: por exemplo, o nome de Deus (*Dio*) é substituído por um termo foneticamente semelhante, como em *porco zio* (literalmente, ‘tio porco’ ou ‘tio sujo’) ou *porco giorno* (‘dia porco/sujo’), ou por um termo que nada significa, como *porco dione*, evitando-se a expressão altamente ofensiva *porco Dio* (‘Deus porco/sujo’). Da experiência pessoal da autora desta tese vem outro exemplo, em que a imprecação *Sacramento!* podia passar pelas seguintes modificações: *Sacramenha!*, *Cramenha!* e *Cramento!*.

Importa mencionar que a análise do perfil dos treze informantes cujas respostas foram transcritas anteriormente mostrou que a maioria deles – oito informantes – era descendente desse grupo étnico, o que pode justificar a lembrança de palavras nesse idioma.

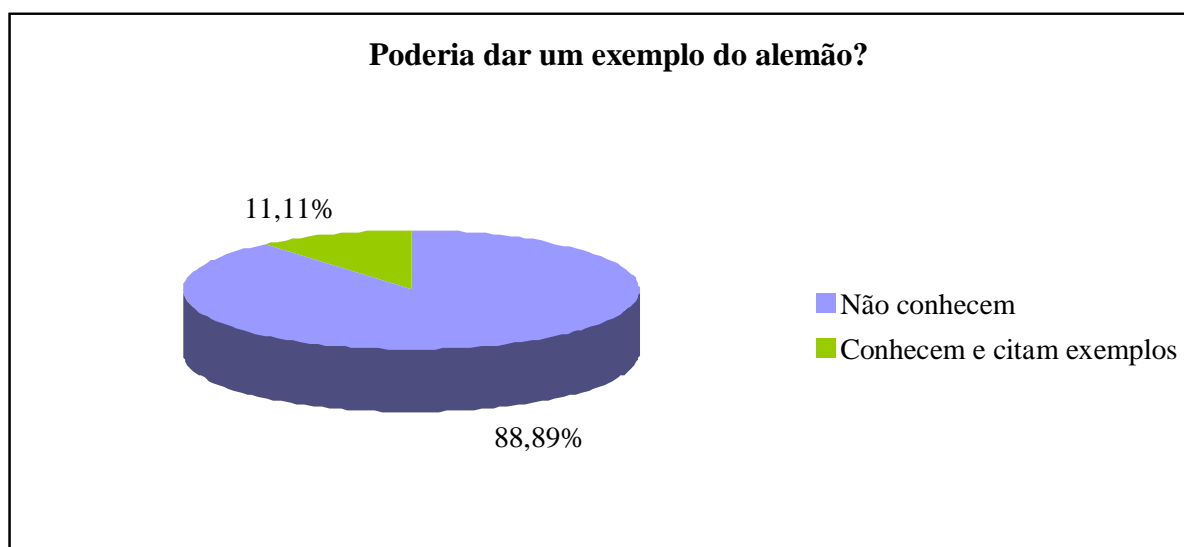
No caso do alemão, a situação é diferente: a grande maioria dos informantes (88,89%) declarou não conhecer exemplos dessa língua. Apenas dois informantes (11,11%) citaram palavras ou frases em alemão.

INF.- Assim, só... que nem a gente vê... que nem do Hitler lá, que diz *heil*, né [inint.], não sei o que que é [inint.], né, mas... alemão é complicado, né? (Inf. 1)

INF.- *Mein Gott des himmels*: meu Deus do céu [risos]. (Inf. 4)

O Gráfico 10 ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 10 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em alemão pelos iratienses

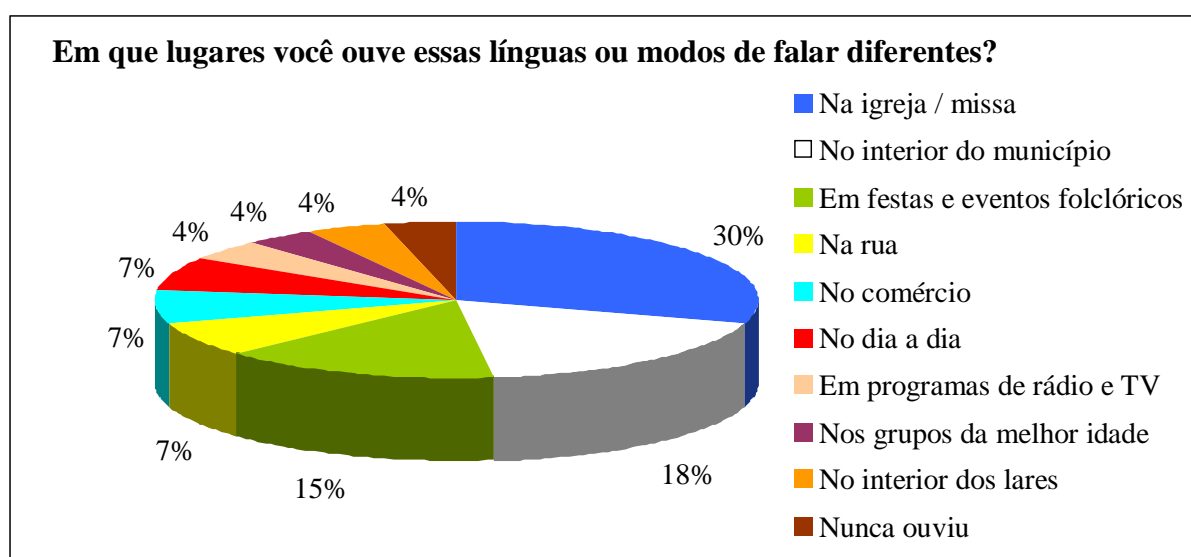


A tabela referente ao campo conceitual das palavras citadas não será apresentada, pois se considerou insignificante o número de exemplos mencionados para justificar a sua construção. Vale dizer que o exemplo dado pelo informante 1 faz referência à saudação nazista *Heil Hitler* (em português, ‘Salve Hitler’), mostrando como o evento do Nazismo permanece na memória de muitos sujeitos, sendo ainda hoje vinculada aos alemães e descendentes em geral. Já a menção feita pela informante 4 se refere a uma frase de cunho religioso que possivelmente seja usada tanto para invocar a Deus quanto para exprimir espanto ou surpresa.

Nas respostas à pergunta “Em que lugares você ouve essa(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?”, vários locais foram citados: na igreja ou nas missas (oito menções); no interior do município (cinco menções); nos encontros de grupos folclóricos ou em eventos festivos (quatro menções); na rua, no comércio e no convívio do dia a dia (duas menções cada); em programas de rádio ou TV, nos encontros de grupos da “melhor idade” e no interior dos lares (uma menção cada). Apenas um informante disse nunca ter ouvido essas línguas serem faladas em Irati.

Os resultados, em termos percentuais, podem ser visualizados no Gráfico 11, que mostra os diferentes contextos de uso das línguas:

Gráfico 11 – Locais em que se ouvem línguas diferentes do português em Irati



Vejam-se algumas das respostas referentes a essa questão:

INF.- [...]. Geralmente mais é só na... nas igreja mesmo deles, né. No caso do polonês, do ucraniano. (Inf. 1)

INF.- Ah, no dia a dia, né, o pessoal sempre chega brincando. (Inf. 5)

INF.- Acho que lugar público nã... acho que não, só em... residência mesmo. (Inf. 7)

INF.- Ah, geralmente você ouve dentro numa igreja, né, ou num... vamos supor assim, tipo, um grupo onde estejam reunidos, tipo, mais pessoas daquela etnia, no caso. (Inf. 10)

INF.- Eu ouço mais assim na melhor idade, que tem umas pessoas que sabem polonês, sabe... [...]. Tenho amigas que falam bem o polonês. (Inf. 12)

INF.- O ucraniano, no interior. O italiano, uma ou outra pessoa fala por aí, né [inint.]. (Inf. 13)

INF.- Hoje, a gente ouve no... no interior do município, a gente ouve ainda muitas pessoas conversando em outra língua. É... na igreja também, que sofre bastante influência, por exemplo, tem a igreja ucraniana, tem igreja... tem o rito próprio, tem a igreja polonesa, embora tenha o mesmo rito romano, mas a gente sabe que lá se reúnem poloneses, e aí eles... acho que são esses locais, principalmente. (Inf. 15)

INF.- Ah, em Itapará, no rio do Couro, em Campina, Gonçalves Júnior, os alemães ali, né. Daí o... polonês, então, é o que quase que predomina, né. Então nós temos o Guamirim, no caso, o polonês. (Inf. 17)

INF.- Em missas, devido aos... às religiões daqui, e as pessoas mais antigas, em mercado, loja, ainda conservam essa linguagem na rua. (Inf. 18)

Com relação à menção mais frequente, é preciso considerar que os informantes geralmente estavam se referindo à língua ucraniana, uma vez que missas do rito católico ortodoxo ainda são realizadas nesse idioma em comunidades ucranianas. Ogliari (2001, p. 71), por exemplo, constatou uma “sólida vinculação entre religião-rito-língua presente no inconsciente da comunidade de origem ucraniana de Prudentópolis”, cidade vizinha a Irati.

Indagados se estudaram ou falam alguma das línguas faladas na localidade, e onde as aprendeu, quatorze informantes (77,78%) disseram não ter estudado nenhuma delas, mas quatro deles declararam ter aprendido apenas inglês e/ou espanhol na escola. Uma das respostas merece destaque, pelo modo como a informante caracterizou o falar português, provavelmente se referindo à variedade não padrão, manifestando o mito de que “falar bem” é obedecer à norma padrão: “Só o português, mal e porcamente” (Inf. 18).

Os demais quatro informantes (22,22%) declararam ter aprendido ou saber falar uma das línguas, mas apenas dois informaram o contexto onde se deu a aprendizagem ou aquisição:

INF.- Só o ucraniano, na verdade, que a gente sempre teve, tipo, em catequese, essas coisas era tudo... em ucraniano, pelo menos quando eu fiz catequese, sabe. Primeira comunhão, essas coisas, era tudo... tanto que pra se confessar, era só em ucraniano, porque eu não sei me confessar em brasileiro, sabe, então era tudo ensinado em ucraniano, então a gente teve uma base aí, né, então. (Inf. 10)

INF.- Quando eu era criança, eu participava do folclore polonês. Recebíamos... de vez em quando vinha o... o cônsul da Polônia em Mallet, então as freiras e as minhas professoras vestiam... eu era vestida com roupas... roupas típicas e... sempre entregava ramalhete de flores, eu que entregava ramalhete de flores pro cônsul. (Inf. 12)

Note-se, na resposta da informante 10, a referência à educação religiosa tida na infância, que constitui elemento essencial na cultura ucraniana. Além disso, é preciso lembrar

que “para a participação [dos ucranianos] nas celebrações religiosas era preciso se expressar na língua de origem do grupo. Dessa forma, entende-se a persistência dos religiosos para que os jovens aprendessem a ler, escrever e se expressar nessa língua” (RENK, 2009, p. 217).

Finalmente, com relação à penúltima pergunta, “Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouviu aqui em Irati, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?”, dez informantes (55,56%) responderam que não tinham nada a acrescentar. Os demais – em sua maioria, informantes femininos e/ou com curso superior – fizeram acréscimos. Os mais significativos para este estudo são os seguintes:

INF.- [...]. Por exemplo, assim, eles... os... eu acho que os... os... os ucranianos são muito mais... entre eles, mais ligado entre eles do que qualquer outra raça.

INQ.- Tudo bem.

INF.- Eu acho isso. Os poloneses, já não são parece que tanto... são, entre eles *nache lhude*, sabe. Agora, os ucranianos, eu acho que eles são muito mais... como que eu vou dizer... entre eles, os patrícios, eles acham assim, *nache lhude*, é ‘nossa gente’, então, se for pra ajudar, eles ajudam ‘a nossa gente’, e os outros, não. É o meu pensamento, Tadi, sabe, porque já tive, assim, já convivi com... com... com... com... já... já convivi com... com ucranianos, com poloneses. Eu acho que os ucranianos, eles são mais unidos, no meu parecer, eles são mais *nache lhude*, eles se ajudam entre eles mais. (Inf. 12)

INF.- Ah, eu acho interessante, assim, haver essas pessoas que falem em outras línguas e que mantenham essa... essa cultura, assim, de se falar em outras línguas, então, não me importo que falem ou que houvesse... ensino nas escolas, não me importo... acho até bem interessante. (Inf. 14)

INF.- Não, eu acho que isso é uma riqueza cultural que nós temos, e não... não sabemos preservar. Ao contrário, é... acho que nós até... muitas situações, nós... nós vemos... a gente percebe que as pessoas se sentem envergonhado de dizer que conhece ucraniano, que sabe falar em... italiano ou alemão, mas eu vejo que isso é uma... uma riqueza cultural que nós não sabemos preservar. Eu presenciei alguns casos, principalmente lá em Prudentópolis, onde as pessoas só vão aprender, muitas das pessoas, vão aprender a língua portuguesa na escola. Em casa, eles só sabem o ucraniano e eles se sentem envergonhados por isso. Eu sempre falo pra eles: ‘olha, vocês tem uma riqueza que vocês não... não sabem dar o valor’, a pessoa que tem fluência de uma segunda língua, hoje isso aí é um... é um bem, além de ser um bem cultural, é um bem econômico, e as pessoas não... não dão valor a isso. Nós devíamos promover alguma coisa pra valorizar mais essa questão. (Inf. 15)

INF.- Não. Eu acho importante isso, porque... essa miscigenação toda que faz com que a gente aprenda algumas coisas certas, e perceba que outras coisas não são tão certas. (Inf. 16)

INF.- Eu acho que não... eu acredito assim, é... que no Brasil, aonde foi uma mistura de origem, né, que o Brasil foi colonizado por muitas origens, um deve respeitar o outro, né, cada um tem seu espaço para conviver. (Inf. 18)

A informante 10, em um primeiro momento, pensou não ter nada a acrescentar, mas, na “questão” seguinte, quando o inquiridor pediu permissão para usar os dados da entrevista em trabalhos, acrescentou:



INF.- [...]. Foi interessante aquela parte ali, aquela parte que você pergunta se é importante nas escolas, eu acho que seria legal as crianças aprenderem uma língua a mais, né. Acho legal. (Inf. 10)

Das seis respostas aqui reproduzidas, a maioria se refere à importância do conhecimento e/ou do estudo das línguas de herança. O conhecimento das línguas é visto especialmente como bem cultural (herança dos antepassados), mas também como bem econômico (importância da fluência em uma língua estrangeira na atualidade).

Quanto às outras duas respostas, uma delas sublinha a importância do respeito à diversidade num país multiétnico e multicultural como o Brasil, e a outra diz respeito ao comportamento dos ucranianos em comparação com o dos poloneses: os primeiros manteriam maior coesão e união intragrupo que os últimos. Nessa resposta, pode-se verificar, novamente, a menção do termo *nache lhude* para a caracterização dos ucranianos, discurso incorporado pelos demais grupos étnicos.

Recapitulando os resultados deste bloco, observou-se que todos os informantes têm consciência de que outras línguas além do português são faladas na localidade, e muitos apontaram os diferentes contextos de uso dessas línguas, bem como se lembraram de exemplos nessas línguas (em média, 38,89% dos informantes, com a maior porcentagem para exemplos em ucraniano – 55,56% –, e a menor, para exemplos em alemão – 11,11%). Muitos disseram não lembrar ou expressaram o desejo de não citar exemplos, o que demonstra que há um conhecimento passivo ou latente de elementos das diversas línguas.

### *BLOCO 3: Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade*

Neste bloco, estão incluídas as respostas às questões que objetivavam identificar crenças dos informantes a respeito do comportamento linguístico e social dos falantes das diversas etnias com relação ao uso de suas línguas de herança na interação com seus pares (membros do mesmo grupo étnico e que compartilham o mesmo código linguístico), quando alguém que não pertença a esse grupo se aproxima. Também estão incluídas as respostas às questões referentes a) à proibição ou não do uso das línguas de herança dos imigrantes em lugares públicos em Irati, b) à conveniência ou não de os líderes religiosos usarem essas línguas nos serviços religiosos e c) ao ensino dessas línguas na escola.

Com relação às primeiras questões deste bloco, “Quando você se aproxima dos poloneses/ucranianos/italianos/alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, cabe, antes, apontar a ambiguidade da pergunta (problema metodológico

verificado somente após a efetivação das entrevistas). Ou seja, o informante pode interpretar “parar de conversar” como interromper a conversa na língua de herança, ou parar de conversar em português. No caso de estarem falando na língua de herança, também não fica claro se parariam de falar nessa língua e mudariam para o português para incluir o interlocutor recém-chegado ao grupo na conversa ou se simplesmente interromperiam a conversa. De qualquer modo, os informantes, tanto de Irati quanto de Santo Antônio do Sudoeste (conforme se verá na próxima seção), não pareceram confusos com a pergunta, entendendo-a como se referindo a parar de falar na língua de herança.

Sobre o comportamento dos poloneses, seis informantes (33,33%) disseram que eles param de falar em polonês quando alguém se aproxima do grupo, embora um informante não tivesse muita certeza disso, e oito (44,44%) disseram que continuam falando. Um informante (5,56%) disse que eles param ou continuam, a depender da situação: “Às vezes param, pra que possa interagir, e muitas vezes não, continua a conversa na língua deles e a gente fica sem entender o que tá acontecendo” (Inf. 15). Um informante (5,56%) não soube dizer, pois nunca percebeu como os poloneses se comportavam em tal situação. A dois informantes (11,11%), a pergunta não formulada.

Com relação ao comportamento dos ucranianos, dez informantes (55,56%) disseram que os membros desse grupo étnico continuam a conversar em ucraniano quando alguém se aproxima deles. Um desses informantes justificou:

INF.- [...]. Eu acho que é, que é um orgulho pra pessoa saber a outra língua. Anos atrás, talvez... mas agora, não, agora a pessoa, eu acho assim, ela... ela se sente, assim, satisfeita em saber falar uma outra língua. (Inf. 12)

Cinco informantes (27,78%) disseram que os ucranianos param de conversar em sua língua de origem quando alguém se aproxima do grupo, embora um informante não tenha demonstrado muita certeza de sua resposta. Dois informantes (11,11%) responderam que às vezes param, às vezes continuam falando, a depender da situação, e forneceram indícios das situações em que isso acontece, ou da razão de tal comportamento.

INF.- Se é veio [= velho] continua falando, se é novo, para de falar, os veio não tá nem aí pr'ocê, pro que a gente fala, não quer nem saber se fala alguma coisa. (Inf. 4)

INF.- Às vezes para, inibe eles. (Inf. 17)

À informante 16, o inquiridor, por descuido, fez duas vezes a pergunta sobre o comportamento dos ucranianos, e, em cada pergunta, a informante deu uma resposta diferente (em um momento, disse que os ucranianos continuam a falar em sua língua de herança quando alguém se aproxima do grupo; em outro, disse que param), de modo que sua resposta, por mostrar contradição, será considerada na categoria ‘não sabe’.

No que diz respeito ao comportamento dos italianos, oito informantes (44,44%) responderam que eles continuam conversando em italiano quando alguém se aproxima deles. Destacam-se duas respostas:

INF.- Continua falando, tudo, eles não estão nem aí se você sabe ou não. (Inf. 4)

INQ.- E de italiano?

INF.- Já! Conversei, mas não parou, não.

INQ.- Não?

INF.- Continuou, e com satisfação, e ainda continua rezar, e a mostrar... e a diz... falar o que ela sabia, em italiano.

INQ.- Então...

INF.- É um motivo de orgulho pra ela, sabe? (Inf. 12)

Oito informantes (44,44%) disseram que os italianos param de conversar em sua língua de herança ao perceberem a aproximação de alguém. Um desses informantes fez a seguinte comparação:

INQ.- E os italianos?

INF.- Porque... ah, italianos já mais que para, né, porque a gente entende, né.

INQ.- É?

INF.- Já entende mais a língua, né. Agora, alemão e ucraniano, já é difícil, né. A gente não... pode tá xingando a pessoa que não tá nem aí. (Inf. 1)

Um informante (5,56%) disse não saber se os italianos param ou continuam a falar em italiano quando alguém se aproxima do grupo, e um (5,56%) disse que, dependendo da situação, param de falar, e, outras vezes, continuam.

Quanto ao comportamento dos alemães, metade dos informantes (50%) respondeu que eles continuam conversando em alemão quando alguém se aproxima deles. Destacam-se duas respostas, uma das quais mostra a atribuição de uma característica negativa ao falante do alemão:

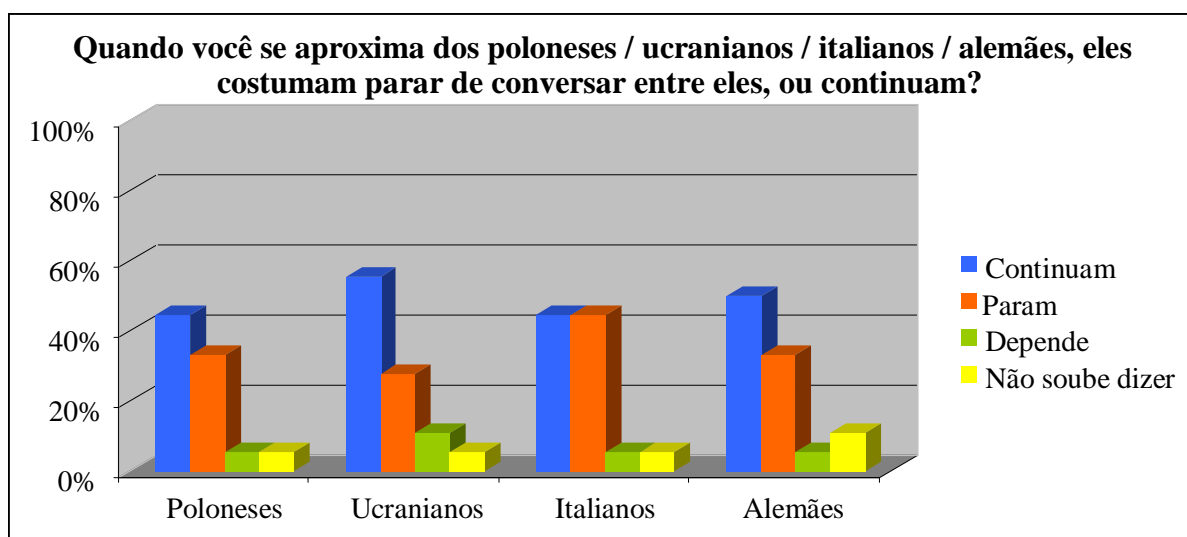
INF.- Continua falando, porque alemão é teimoso! [risos] (Inf. 4)

INF.- Os alemães fazem questão de falar perto de você a língua deles, pra você não saber o que eles estão falando [risos]. (Inf. 16)

Seis informantes (33,33%) disseram que os alemães param de falar em alemão quando alguém se aproxima deles, embora um não tivesse muita certeza disso. Um informante (5,56%) disse que, dependendo da situação, param de falar em alemão, ou continuam. Dois informantes (11,11%) disseram nunca ter presenciado uma situação em que um grupo de pessoas estivesse falando em alemão.

O Gráfico 12 mostra os resultados comparativos das primeiras questões deste bloco. Para esse gráfico, foram desprezadas as porcentagens referentes a perguntas não formuladas (caso que só ocorreu na pergunta sobre os poloneses).

Gráfico 12 – Percepção dos informantes de Irati sobre o comportamento social e linguístico dos falantes dos diversos grupos étnicos quando alguém se aproxima do grupo



Comparando a percepção de que os grupos continuam a falar na língua de herança e a de que param, pode-se ver que o gráfico mostra uma diferença maior para os ucranianos. Duas explicações são possíveis: ou realmente os ucranianos apresentam esse comportamento, de modo geral, ou a percepção é maior justamente porque essa é uma das línguas de herança mais cultivadas – e, por conseguinte, mais faladas – na localidade.

Ainda sobre esse grupo de questões, notam-se, nas respostas de muitos informantes, dois aspectos que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, há uma percepção positiva, manifesta pela informante 12, em relação ao fato de os grupos interagirem em suas línguas de herança, como a demonstrar orgulho por ainda manterem a língua dos antepassados ou por

saberem uma língua estrangeira, fato mais valorizado na atualidade que em épocas precedentes.

Em segundo lugar, insinua-se uma percepção negativa, que pode ser traduzida a) pelo desconforto de não entender nada do que o outro está dizendo em outra língua que não a sua: “continua a conversa na língua deles e a gente fica sem entender o que tá acontecendo” (Inf. 15), b) pela sensação de que estão falando mal da pessoa que não compartilha da língua do grupo: “pode tá xingando a pessoa que não tá nem aí” (Inf. 1), e, intimamente ligado a esse aspecto, c) pelo sentimento de falta de respeito do grupo que continua falando em língua estrangeira na presença de um circunstante que não domina essa língua: “os veio não tá nem aí pr’ocê, pro que a gente fala, não quer nem saber se fala alguma coisa” (Inf. 4), “eles não estão nem aí se você sabe ou não” (Inf. 4), “fazem questão de falar perto de você a língua deles, pra você não saber o que eles estão falando” (Inf. 16).

Voltando às questões deste bloco, analisam-se, na sequência, as perguntas que solicitam do informante a manifestação do que pensa sobre o uso das línguas diferentes do português em lugares públicos e nas igrejas ou nos templos religiosos, e sobre a inclusão dessas línguas no currículo escolar. Tais questões situam-se, na verdade, no limite entre a categoria de pensamentos e crenças e a de tendências de reação, uma vez que o informante também manifesta uma reação: proibir ou não proibir, incluir ou não incluir etc. No entanto, por permitirem identificar opiniões do informante, as perguntas do tipo “você acha que...?” podem ser situadas na ordem das crenças com relação ao uso e ensino das línguas.

Em resposta à pergunta “Você acha que deveriam proibir o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Irati?”, apenas dois informantes (11,11%) disseram que não se deveria permitir que as pessoas usassem suas línguas de herança em público, pois “a pessoa pode tá xingando você” (Inf. 1) ou o interlocutor “imagina que tão falando mal dele” (Inf. 11). Retorna aqui, portanto, a preocupação de estar falando “mal” da pessoa quando se usa uma língua desconhecida do ouvinte, o que corrobora a observação de Padilla (1999, p. 113-114) a respeito da opinião de anglofalantes sobre grupos falantes de outras línguas: “people have different reactions when they hear two or more people around them speaking in a language other than English. Some people will actually jump immediately to the conclusion that these ‘foreigners’ are talking about them”<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> [...] as pessoas têm diferentes reações quando ouvem duas ou mais pessoas ao seu redor falando em outra língua que não o inglês. Algumas pessoas, na verdade, irão imediatamente concluir que esses ‘estrangeiros’ estão falando sobre eles.

Os demais informantes (88,89%) responderam que não proibiriam o uso das línguas de herança em público. Alguns o fizeram até mesmo de forma enfática, geralmente justificando a manutenção da cultura ou salvaguardando o direito de livre expressão, como se pode ver nas respostas a seguir:

INF.- Ué! Fala quem quiser falar! (Inf. 2)

INF.- Claro que não! Por que proibir? Tem mais que aprender, todo mundo tinha que aprender a falar, porque é importante... porque é uma cultura. Por que proibir se faz parte da cultura da gente? (Inf. 4)

INF.- Porque isso aí é da cultura, né, de cada povo. (Inf. 5)

INF.- Não, tudo tem seu direito. (Inf. 6)

INF.- Não! De jeito nenhum! (Inf. 7)

INF.- Não. Foi proibido. Anos atrás, o governo proibiu falar o polonês. Era proibido. Não, muito bonitas, não. Devia incentivar pra que as pessoas tivessem mais conhecimento de outras línguas para a maior cultura da pessoa, né. (Inf. 12)

INF.- Não, muito pelo contrário, devia ser incentivado. (Inf. 15)

INF.- Eu acho que não. Veja bem, isso aí é... tradicional, vem de família, né, então... é claro que eles podem falar tanto o... italiano, o alemão, o polonês, o ucraniano, como também o brasileiro. (Inf. 17)

INF.- De modo nenhum! (Inf. 18)

Transparece, nas respostas, um vínculo estabelecido pelos informantes entre língua e identidade étnica, na medida em que expressam que a herança linguística “faz parte da cultura da gente” (Inf. 4), “é da cultura, né, de cada povo” (Inf. 5), “é... tradicional, vem de família” (Inf. 17). Tais afirmações denotam um sentimento de pertença, principalmente por meio do compartilhamento de uma língua, a determinada comunidade culturalmente coesa e coerente, sentimento que, como afirma Hall (2006), é histórica e discursivamente construído, já que tal comunidade é “imaginada”.

Vale destacar, ainda, a resposta da informante 12 – que, em outros momentos da entrevista, referiu-se ao orgulho de italianos e poloneses de falar suas línguas de herança hoje – sobre a proibição do uso do polonês pelo governo brasileiro, fato que remete à interdição de ensino e uso das línguas estrangeiras no contexto nacionalista da década de 1930. A Campanha de Nacionalização do Ensino, empreendida durante as guerras mundiais e durante

o Estado Novo (1937-1945), implantou (ou seria melhor dizer ‘impôs’?) o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, fato que inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, não apenas no domínio público e institucional, mas também no espaço privado (BOLOGNINI; PAYER, 2005; RENK, 2009).

O Gráfico 13 permite visualizar melhor os resultados quanto à posição dos informantes a respeito da proibição ou não do uso das línguas estrangeiras em locais públicos, mostrando que a maioria dos entrevistados acha natural e conveniente que as pessoas conversem publicamente em suas línguas de herança.

Gráfico 13 – Crenças dos informantes sobre o uso de línguas diferentes do português em lugares públicos de Irati



Na questão em que o informante deveria se manifestar sobre a conveniência ou não do uso das línguas estrangeiras na igreja ou no templo religioso, ou seja, se o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas usadas na comunidade, três informantes (16,67%) responderam afirmativamente, sem qualquer ressalva. Apenas um desses informantes apresentou justificativa, baseada no argumento de manutenção das línguas de herança – “Eu acho que sim, pra manter as raízes, né” (Inf. 16) –, reforçando a crença no papel da igreja na conservação das línguas e dos costumes dos imigrantes. Da mesma forma, oito informantes (44,44%) responderam que os líderes religiosos deveriam falar também nas línguas de herança dos fiéis, mas apresentaram ressalvas, citadas a seguir:

INF.- Se todo mundo entender... (Inf. 2)

INF.- Dependendo da comunidade, sim, se a comunidade... se a maioria da comunidade falasse a língua, sim, mas que nem aqui, na missa, não tem como falar em língua diferente, ninguém sabe nada. (Inf. 4)

INF.- Dependendo da comunidade que é deles, sim, mas junto com nós, não entendemo nada, c'os brasileiro. (Inf. 6)

INF.- Se fosse uma comunidade... seria até melhor, com descendência, seria melhor. (Inf. 7)

INF.- Uma vez, outra, devia. Uma vez por mês. Missa polonês. Eu acho. (Inf. 12)

INF.- Eu acredito que se fosse num horário diferenciado, sim. (Inf. 14)

INF.- Eu acho que sim, que eles são tradicionais, veja bem, levando em conta o... ucraniano, no caso, né, ucraniano é tradicional. Já os demais, polonês, no caso, o... italiano mesmo, alemão já não, né, então... só mesmo o ucraniano que é tradicional que fala, no caso, reza a missa em... (Inf. 17)

INF.- Sim, se for numa igre... comunidade ucraniana, a missa deve ser em ucraniano, sim. (Inf. 18)

A maioria dessas ressalvas (cinco entre oito) diz respeito à limitação do uso das línguas de herança a quem as entender, ou seja, no interior das comunidades dos diferentes grupos étnicos. Duas informantes (informantes 12 e 14, respectivamente) fazem ressalvas com relação à frequência (uma vez por mês) e ao horário (em horário diferenciado), deixando implícito que as missas ou os cultos seriam, nessas condições, destinados apenas aos membros das diferentes comunidades étnicas. O informante 17 se refere à manutenção da tradição ainda preservada entre os ucranianos de rezar a missa na língua de herança – como um elemento do ritual católico ortodoxo seguido pelos ucranianos de modo geral –, e não vê a necessidade de membros de outras etnias cultuarem as respectivas línguas de herança nos eventos religiosos (culto ou missa), sugerindo que já estão perfeitamente integrados nesse aspecto.

Cinco informantes (27,78%) responderam que os líderes religiosos deveriam usar somente o português com os fiéis, mas apenas um deles apresentou justificativa:

INF.- Não, eu acho que a... o rito da... da... da igreja apostólica romana já estabelece a... a... a língua portuguesa como língua, mas eu não vejo nenhum problema que... que as pessoas interagissem na... na... nessa língua, em outras línguas, né, não vejo nenhum problema em relação a isso. (Inf. 15)

Observa-se, na resposta do informante 15, após seu primeiro argumento (de que a igreja católica de rito romano já estabelece que as cerimônias sejam em língua portuguesa<sup>78</sup>), que ele dá margem a uma flexibilização quanto ao uso da língua de herança em eventos



religiosos, embora não deixe claro a quem atinge essa flexibilização: se aos líderes religiosos ou apenas aos fiéis (ele não vê nenhum problema em que “as pessoas” interajam em outras línguas). Porém, para fins estatísticos, considerou-se sua primeira resposta.

Outros dois informantes (11,11%) responderam da seguinte maneira:

INF.- Eles rezam, né. (Inf. 5)

INF.- Na verdade, que nem ali na igreja ucraina, o padre, de alguns anos pra cá, eles já mudaram, porque a missa aos sábados, ela é em português. E no... no domingo ou quando, tipo, que nem agora pra Natal, ele faz o sermão e o Pai Nosso rezado em português pra que os outros entendam. Mas o restante da missa, daí no caso é todo na língua...

INQ.- Na língua ucraniana...

INF.- Na língua ucraniana. (Inf. 10)

Nessas respostas, o informante 5 dá indícios de uma prática já comum em Irati, provavelmente referindo-se aos ucranianos. O informante 10, por sua vez, deixa explícita a referência aos ucranianos, mas informa que parte da missa já está sendo feita em português, e, algumas vezes (aos sábados), a missa é realizada toda em português, indicando uma mudança em termos de uso da língua ucraniana nas missas de rito ortodoxo que pode sinalizar um atendimento ao perfil das novas gerações, que gradativamente estão “perdendo” a língua de herança.

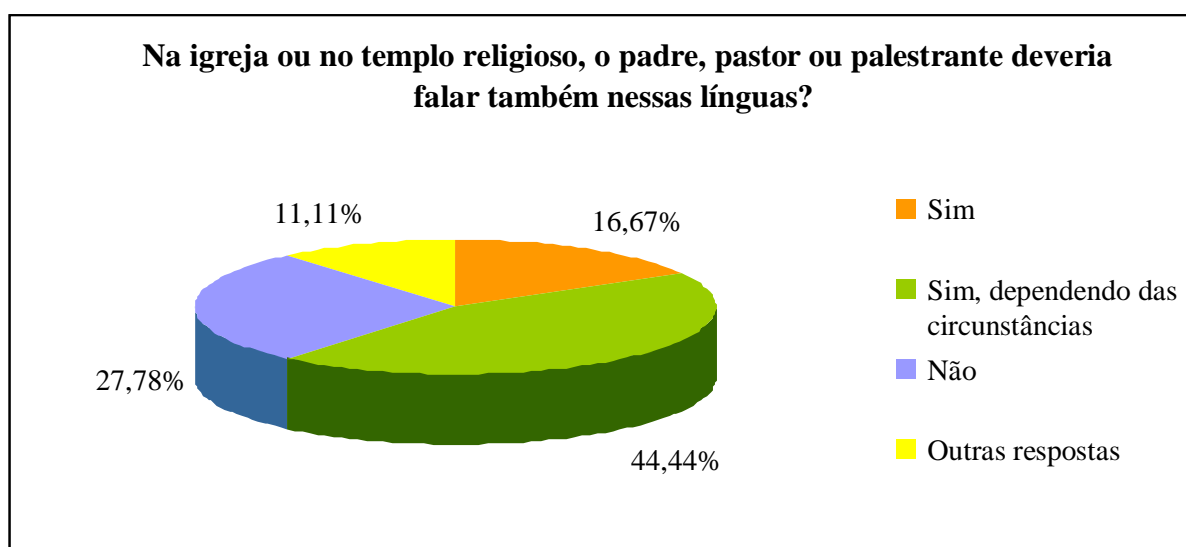
Nesse sentido, cabe aqui mencionar um aspecto observado por Ogliari (2003) em Prudentópolis, município vizinho a Irati e de população majoritariamente de origem ucraniana, cuja realidade é similar a de Irati:

Em relação à língua ucraniana, a vinculação histórica entre religião, rito, língua e liturgia, assim como o poder que a organização religiosa detinha na comunidade, somados a vários outros fatores, permitiu a manutenção da situação linguística diglósica e bilíngüe por quase um século. E há indícios de continuidade dessa situação, pelo menos no domínio religioso. Observei, por exemplo, que, nas cerimônias religiosas, os que não dominam mais a linguagem ucraniana das liturgias, mas continuam a pertencer à religião católica ucraniana, permanecem em silêncio para não utilizarem uma língua inapropriada ao contexto. [...] Mas a utilização da língua ucraniana na liturgia, seu domínio primeiro e absoluto em Prudentópolis, está-se tornando, de fato, monopólio de poucos. Nesse aspecto, sobressai a característica parcial da diglossia, apontada por Schiffman (1997). Mesmo que a cultura linguística ucraniana se tenha tornado muito forte para os seus usuários, outros elementos interferiram ou interferem para dissolver um de seus últimos domínios na região (OGLIARI, 2003, p. 1079).

<sup>78</sup> Na verdade, o Concílio Vaticano II (1961-1965) permitiu o uso da língua vernácula em substituição ao latim nas liturgias da Igreja Católica. Fonte: arquivos do vaticano, disponíveis em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm). Acesso em: 27 fev. 2012.

No Gráfico 14, é possível visualizar os resultados da última questão analisada. Considerando-se as respostas positivas, com ou sem ressalva, vê-se que mais da metade dos informantes crê que as línguas de herança deveriam ser usadas no interior das instituições religiosas para comunicação com os fiéis.

Gráfico 14 – Crenças dos informantes de Irati sobre o uso de línguas diferentes do português em serviços religiosos



Na última pergunta deste bloco, o informante deveria se manifestar sobre o ensino formal das diferentes línguas ouvidas na comunidade, e, em caso afirmativo, dizer qual delas ele crê que deveria ser ensinada e por quê. Onze informantes (61,11%) responderam que a escola deveria ensinar as línguas étnicas, ou uma delas. As menções às línguas a serem ensinadas e as justificativas, quando apresentadas, foram as seguintes:

INQ.- E a escola deveria ensinar essas línguas estrangeiras aqui? Qual delas e por quê?

INF.- Deveria... a alemã.

INQ.- Por quê?

INF.- Por ser uma das... das... línguas mais faladas também. (Inf. 8)

INF.- Eu acho que sim. Eu acho que é interessante, assim como o inglês é importante, acho que qualquer outra língua... não tem menos importância também, né. (Inf. 10)

INF.- Eu acho que sim. Eu acho que sim. Por causa da grande maioria... do... do grande número de poloneses, de descendentes de poloneses, ucranianos, eu acho importante. (Inf. 12)

INF.- Com absoluta certeza, inclusive respeitando a diversidade.

INQ.- OK.

INF.- Diversidade de línguas, né, onde tem a predominância dos descendentes de italiano ou de poloneses ou de ucranianos, devia... devia... devia ser obrigatório a segunda língua. (Inf. 15)

INF.- Poderia dar uma opção pros estudantes nesse sentido, para que eles também mantenham as raízes deles. (Inf. 16)

INF.- Eu acho que sim. Veja bem que nós temos tanta gente aí que... os pais [inint.] né, não orientaram, não ensinaram os filhos, né, e tem tanta gente que gostaria, no caso, de... ter mais conhecimento, no caso, dessa língua, no caso, né. (Inf. 17)

INF.- Deveria... além da língua que a gente tem já no... no currículo, o inglês, o espanhol, eu conheço comunidades que a escola, por ser uma comunidade ucraniana, que no currículo existe a língua ucraniana.

INQ.- OK. E você acha que deveriam ensinar, então?

INF.- Sim, porque é uma... uma conservação, uma etnia que você vem trazendo, e que você... que não pode perder essas raízes, né. (Inf. 18)

Nessas respostas, merece destaque a menção ao alemão pela informante 8, referido como uma das línguas mais faladas na localidade, o que vai no sentido oposto da percepção da maioria dos informantes: a de que as línguas eslavas são as mais faladas. É nesse sentido que se observa, por exemplo, a referência às línguas polonesa e ucraniana pela informante 12, por serem as línguas dos grupos imigrantes majoritários. A informante 18 também citou o exemplo da comunidade ucraniana, que já inclui no currículo escolar o ensino dessa língua<sup>79</sup>, mas deixou implícito que essa realidade poderia ser aplicada às demais línguas étnicas.

As demais respostas fazem referência a todas, ou a qualquer língua falada na comunidade, de acordo com a sua predominância, cujo ensino constituiria uma forma de resgate das línguas de herança e de respeito à diversidade linguística e cultural dos diferentes grupos étnicos. Digno de nota é o fato de que os informantes que defenderam o uso e o ensino das línguas étnicas possuíam escolaridade de nível médio ou superior, mostrando a influência da escolarização na crença dos informantes.

Cinco informantes (27,78%) responderam explicitamente que a escola não deveria ensinar as línguas faladas na localidade, ou que deveria apenas ensinar o português (a língua “brasileira”). As justificativas apresentadas, conforme ilustram as falas a seguir, fazem referência à opção preferencial pelas línguas de comunicação internacional na atualidade (inglês e espanhol), ou à inviabilidade de incluir as várias línguas no currículo, e, no caso da menção ao português, à necessidade de priorizar o seu ensino porque as crianças “não sabem falar” sua língua materna.

---

<sup>79</sup> No ano de conclusão desta tese, o ensino de ucraniano não estava sendo oferecido nas escolas públicas de Irati.

INF.- Humm... e daí ia ficar complicado, porque... já não ia... como é que se ia ensinar? Tipo, ia ensinar o italiano se... tipo, tem mais polonês? Ia ensinar o ucraniano, sabe? Não tem como, fica complicado, eu acho que isso aí é meio inviável. (Inf. 4)

INF.- Eu acho que a brasileira, né, porque senão iria confundir muito a cabeça das criança. Então só com essa brasileira, não sabem falar, daí é difícil deles pegarem. (Inf. 6)

INF.- Eu acho que não, né, porque hoje não é usada essa língua no dia a dia, né, é usada mais o inglês e o espanhol, né, e... então essa língua... não deveria ensinar. (Inf. 9)

Dois informantes (11,11%) deram as seguintes respostas:

INQ.- E na escola, deveriam ensinar as línguas estrangeiras, por exemplo, o ucraniano, italiano, alemão, ou você acha que não?

INF.- Eu acho que devia.

INQ.- Devia de ensinar...?

INF.- Porque hoje em dia, né, você... o Brasil é americanizado. Hoje tudo é *made in Bra...* U.S.A. lá, né? É tudo... fala... uns pega um produto, tá tudo inglês, que nem esse aparelho. (Inf. 1)

INF.- Acho que o mais usado é o inglês e o espanhol, né, hoje.

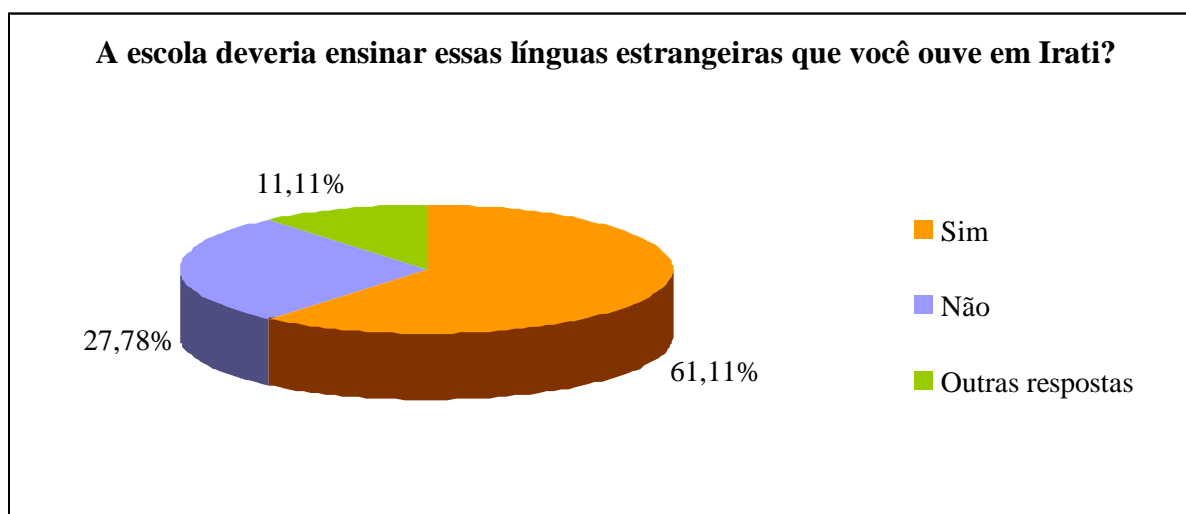
INQ.- E essas, você acha que não haveria necessidade?

INF.- Não necessidade, né, mas é uma que não é usada aqui na nossa região, né. (Inf. 5)

Note-se que o informante 1 considerou que as línguas estrangeiras deveriam ser ensinadas, mas deixou implícito que se referia apenas ao inglês, e não às línguas de herança da localidade, embora a pergunta do inquiridor fizesse menção a elas. Também o informante 5 fez menção ao inglês e ao espanhol, a exemplo de outros informantes, sinalizando para uma atribuição de maior importância ao fator utilitário (aprendizagem das línguas de comunicação internacional) do que ao fator cultural (preservação das línguas de herança) .

O Gráfico 15 permite visualizar os resultados dessa questão, mostrando uma opinião de modo geral favorável à inclusão das línguas de herança no currículo escolar.

Gráfico 15 – Crenças dos informantes sobre a inclusão das línguas faladas em Irati no currículo escolar



Os resultados deste bloco apontam, portanto, para uma atitude de abertura em relação ao cultivo das línguas de herança, tanto no âmbito institucional (escola e igreja) como no âmbito das interações cotidianas. A maioria acredita que elas não devam ser proibidas, sempre no sentido de preservar o direito de expressão, inclusive na língua de herança (como fator de identidade). Quase dois terços dos entrevistados são favoráveis ao uso das línguas de herança em serviços religiosos, desde que seja observada a capacidade de entendimento da totalidade dos fiéis, ou especialmente para os grupos de fiéis falantes das línguas específicas, em momentos diferenciados dos demais fiéis. Resultados semelhantes (quase dois terços de opinião favorável) foram identificados com relação à inclusão das línguas de herança no currículo escolar. Com relação ao comportamento linguístico e social dos falantes na interação com membros do mesmo grupo étnico, a percepção maior é de que eles continuam a conversar na língua de herança, embora muitos informantes não tenham vivenciado tal situação.

#### *BLOCO 4: Descrição e avaliação do círculo de amizades do informante*

Este bloco engloba as perguntas que objetivavam identificar a) se o informante tinha amigos pertencentes às diversas etnias, e, em caso afirmativo, como começaram as amizades, b) com qual das etnias o informante sentia que a amizade era mais sincera ou mais falsa ou interesseira, e c) se o informante já teve algum desentendimento com membros de alguma das etnias citadas.

Embora, do ponto de vista sociolinguístico, essas questões pareçam não ser relevantes, elas podem fornecer informações importantes sobre as razões de os informantes manifestarem atitudes em relação aos membros dos diversos grupos étnicos da localidade e, por transferência, à(s) língua(s) que falam. Assim, elas funcionariam como uma espécie de elemento de “controle” das demais respostas do informante, considerando-se que as experiências pessoais do sujeito podem afetar o modo como ele avalia o objeto atitudinal.

Quanto às amizades com poloneses, quatorze informantes (77,78%) responderam que têm amigos pertencentes a esse grupo étnico. Nem todos citaram a origem ou o contexto das amizades, mas as respostas apresentadas mostraram os seguintes contextos: no convívio diário, ou na vizinhança (três menções); nas comunidades do interior (duas menções); na escola ou na faculdade, como estudante ou como professor (duas menções); no trabalho (uma menção) e na igreja (uma menção). Por fim, quatro informantes (22,22%) disseram não ter amigos poloneses.

Duas respostas ilustram esses resultados:

INF.- Tenho. Tenho sempre, tenho sempre... tenho sempre, a gente tá no interior, né, joga bola com uns... que... que nem, eu sempre vou na casa de uma mulher, ela também é polonesa, né, sempre eu vou tomar chimarrão com os filho dela, né, então a gente se dá bem. (Inf. 1)

INF.- Ah, isso é normal, né. A gente conhece aí no... no dia a dia. (Inf. 5)

Já com relação aos ucranianos, o percentual de informantes que têm amizade com membros dessa etnia é maior (94,44%), pois apenas um informante (5,56%) disse não ter amigos ucranianos.

Sobre a origem ou o contexto das amizades com os ucranianos, têm-se as seguintes menções: na escola ou na faculdade, como estudante ou como professor (oito menções); no convívio diário ou na vizinhança (três menções); no trabalho (três menções); na igreja (duas menções); e por meio de namoro (uma menção). Vejam-se, a título de ilustração, algumas das respostas:

INF.- Ah... sim, na escola, desde o prezinho, que a gente se conhece [...]. (Inf. 4)

INF.- Ah, a gente conhece aí, no trabalho... na escola. (Inf. 5)

INF.- Foi na igreja, porque um tempo... a igreja era do brasileiro, do ucraniano, de tudo junto. Então ali que se aproximemo, amizade... em tudo que foi... italiano, brasileiro, ucraniano, na igreja que foi o

encontro pra gente se aproximar. E vizinhança também, a gente tem vizinho ucranio, tem italiano, tem alemão, tem polaco, polaco é o mesmo... (Inf. 6)

INF.- Professoras. Já pouco, assim, de... não se visitar, de conhecimento das professoras, umas falam o ucraniano. E... após a aposentadoria, na escola, aposentadoria, nós temos um grupo de professoras aposentadas, onde uma vez por mês a gente se reúne, e sempre tem as historinhas... (Inf. 12)

Com relação à amizade com italianos, quatorze informantes (77,78%) declararam possuir amigos dessa etnia. As menções sobre a origem ou o contexto das amizades foram as seguintes: por intermédio de relações de parentesco (quatro menções); no convívio diário ou na vizinhança (duas menções); na escola ou na faculdade, como estudante ou como professor (duas menções); no trabalho (uma menção); na igreja (uma menção); em comunidades do interior (uma menção); e por meio de namoro (uma menção).

Vejam-se algumas das respostas sobre a origem ou o contexto das amizades:

INF.- Veja bem, um tanto foi por... em 1969, eu dava aula no grupo de Guamirim, né, daí me trouxeram pra atender o trabalho do município, né, que era a nova entidade, era o Conselho Municipal de Desenvolvimento da Juventude Rural, né, então eu trabalhava com todas as comunidades, então a gente tem amizade até hoje com todo mundo, né. No Rio do Couro, principalmente, que era a italianada ali, gostaram e gosta da gente até hoje, né. (Inf. 17)

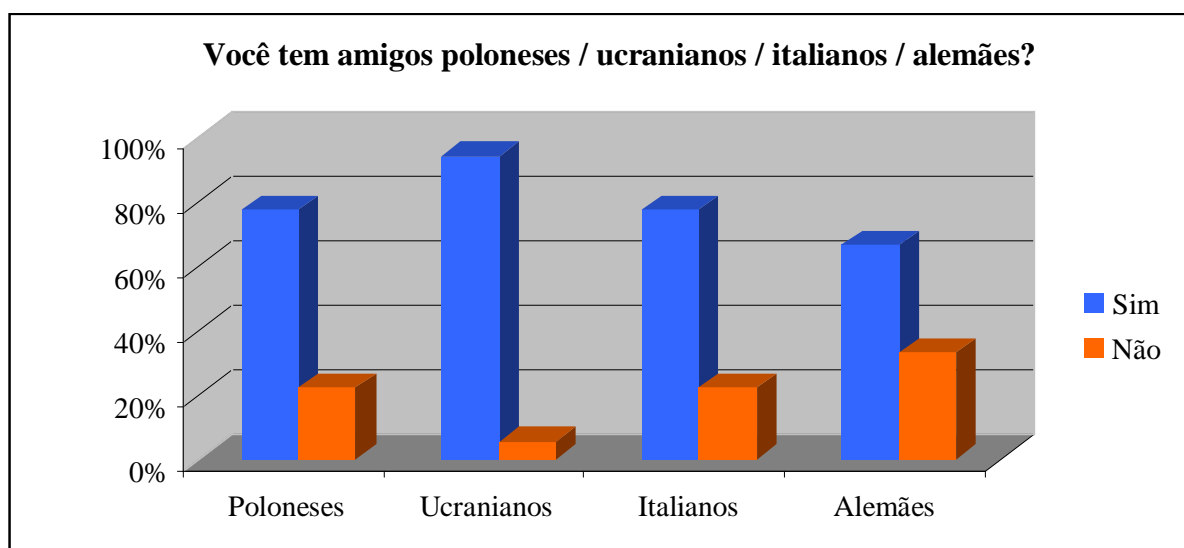
Quatro informantes (22,22%) disseram não ter amigos italianos.

Sobre a amizade com alemães, doze informantes (66,67%) responderam que têm amigos dessa etnia. Em relação à origem ou o contexto das amizades, têm-se as seguintes menções: por meio de relações de parentesco (três menções); no convívio diário ou na vizinhança (três menções); na escola ou na faculdade, como estudante ou como professor (uma menção); no trabalho (uma menção); e na igreja (uma menção).

Seis informantes (33,33%) declararam não ter amigos alemães. A percepção geral é a de que a população teutodescendente é menos representativa que o contingente eslavo, em Irati, como exemplifica esta resposta: “Alemães em menor proporção, italiano também em pequena proporção, mais poloneses e ucranianos” (Inf. 15).

O Gráfico 16, de caráter comparativo, permite visualizar os resultados desse grupo de questões:

Gráfico 16 – Relações de amizade dos informantes com membros dos diversos grupos étnicos de Irati



O Gráfico 16 mostra o índice mais alto de relações de amizade com ucranianos, o que reflete a grande representatividade demográfica desse grupo étnico na localidade, já que, nesse caso, a probabilidade de se relacionar com descendentes dessa etnia aumenta. Da mesma forma, o maior índice de respostas negativas ocorreu com relação aos alemães, o que sugere a frequência menor de descendentes dessa etnia na localidade.

Com relação à pergunta “Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?”, metade dos informantes respondeu (ou deu a entender) que a sinceridade não dependia muito da etnia, da origem da pessoa, embora uma informante (Inf. 12) tenha afirmado, em seguida, possuir afinidade maior com poloneses. Vejam-se algumas das respostas:

INF.- Eu acho que... a amizade é uma coisa assim bem... espontânea, né, a gente percebe na pessoa, mas não tenho preferência de ninguém, não. (Inf. 3)

INF.- Normal, acho que não tem muito... a ver com etnia. (Inf. 5)

INF.- Pôxa vida! Sei lá, não dá pra classificar por etnia, né, é tão complicado isso, né, porque vai da convivência que você tem com a pessoa também, né. (Inf. 10)

INF.- É difícil dizer, porque... as pessoas... eu acho que não quer dizer da... de... de etnia, da pessoa, né... de todas. De todas. Mas mais afinidade, assim, eu tenho com os poloneses. (Inf. 12)

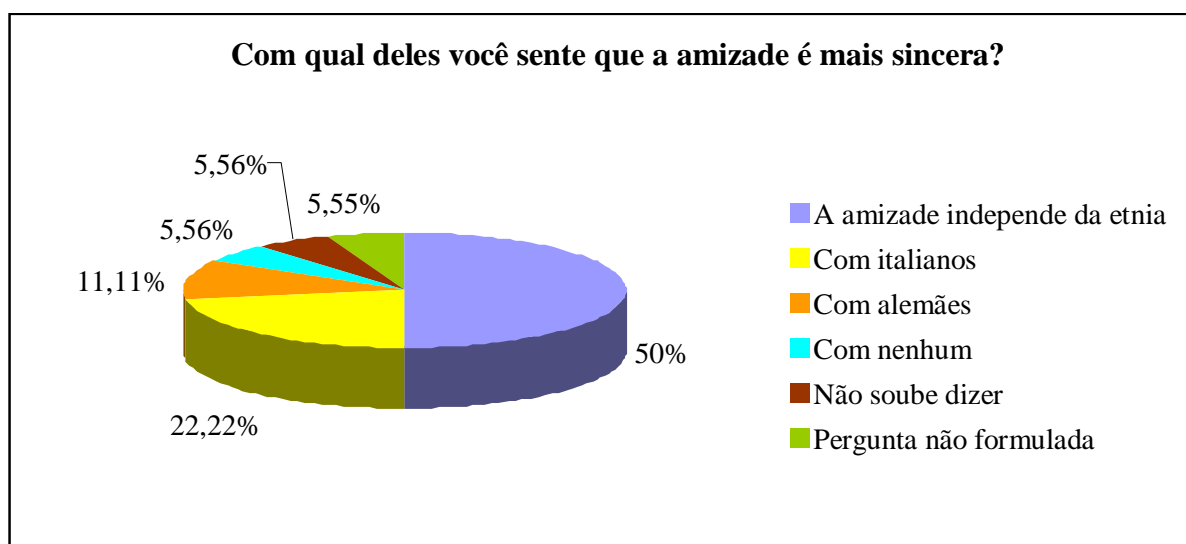
Quatro informantes (22,22%) responderam que a amizade é mais sincera com italianos, mas apenas três apresentaram a razão por pensar assim: “porque tinha outros amigos



italiano” (Inf. 2); “talvez pelo interesse, né, de conversar” (Inf. 11); e “devido a ser do meu sangue” (Inf. 18). Dois informantes (11,11%) responderam que a amizade é mais sincera com alemães, sendo que um deles apresentou justificativa ligada ao seu convívio com uma pessoa de origem alemã. Um informante (5,56%) disse que com nenhum deles a amizade era sincera, mas não apresentou razões para sua resposta. Um informante (5,56%) respondeu que era difícil saber com qual grupo étnico a amizade seria mais sincera. A um informante (5,55%), a pergunta não foi formulada.

Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 17:

Gráfico 17 – Percepção do informante sobre a sinceridade das amizades com membros dos diversos grupos étnicos de Irati



Na questão seguinte, “Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?”, as respostas corroboraram os resultados da questão anterior, ou seja, a maioria dos informantes parece não relacionar falsidade ou sinceridade a determinada etnia ou a falantes de determinada língua. Aqui, onze informantes (61,11%) afirmaram que a falsidade não dependia muito da etnia ou origem da pessoa, ou que nenhuma amizade seria mais falsa ou mais interesseira. A seguir, apresentam-se algumas das respostas:

INF.- [...] a etnia não regula, o que regula é a pessoa, a personalidade dela. (Inf. 4)

INF.- Pela língua não tem como saber, né... Complicado. (Inf. 7)

INF.- É, porque é difícil, né, porque às vezes, tipo, você é de uma etnia, eu sou de outra, mas o convívio ali que você foi criando com o passar do tempo, né... (Inf. 10)

INF.- Não, não vejo... não... não vejo que... que a... a... a questão linguística interfira nessa questão. (Inf. 15)

INF.- Também, nenhuma mais falsa, talvez algumas mais difíceis de lidar, mas não... falsa ou verdadeira. (Inf. 16)

Três informantes (16,67%) afirmaram que a amizade é mais falsa ou interesseira com os ucranianos, mas apenas um justificou sua resposta, categorizando os membros dessa etnia em termos de “graus” de sinceridade e/ou falsidade:

INF.- [...] a falsidade que, veja bem, ela tem etnias, tem etnia que ela se divide, digamos, o caso do ucraniano: o ucraniano, tem o ucraniano preto, o ucraniano branco, depois vem o vermelho, então, entre eles, no caso, o ucraniano preto é o mais confiável que tem, né, e o ucraniano vermelho é o tipo... na gíria, “fogo de palha”, que ele faz tudo, chega lá, depois não faz mais nada, e o branco também é aquele desconfiado assim, só que o branco, quando ele pega pra fazer, ele faz. (Inf. 17)

Não é possível saber, nem pelo contexto da resposta, nem pelo conhecimento de mundo da autora desta tese, o que significam ‘ucraniano preto’, ‘ucraniano branco’ e ‘ucraniano vermelho’. Talvez essas atribuições sejam referentes ao processo de miscigenação por que passou esse grupo étnico no Brasil, ou às regiões de procedência dos imigrantes.

Dois informantes (11,11%) responderam que a amizade era mais falsa ou interesseira com os poloneses. A informante 2 se referiu a uma vizinha de origem polonesa, parecendo desaprová-la alguma atitude sua, e o informante 9, após uma pausa de seis segundos, respondeu da seguinte maneira:

INF.- Com o polaco.

INQ.- Com o polaco. Sabe me dizer por quê, alguma coisa, ou não?

INF.- Porque querem tirar proveito. (Inf. 9)

Um aspecto merece atenção neste último exemplo: o comentário depreciativo de um informante de origem ucraniana sobre o polonês, chamado de ‘polaco’, adjetivo que, segundo alguns autores (RENK, 2009; RAMOS, s.d.), com base em entrevistas com descendentes de poloneses, tem conotação pejorativa<sup>80</sup>. Se for considerado também o exemplo imediatamente

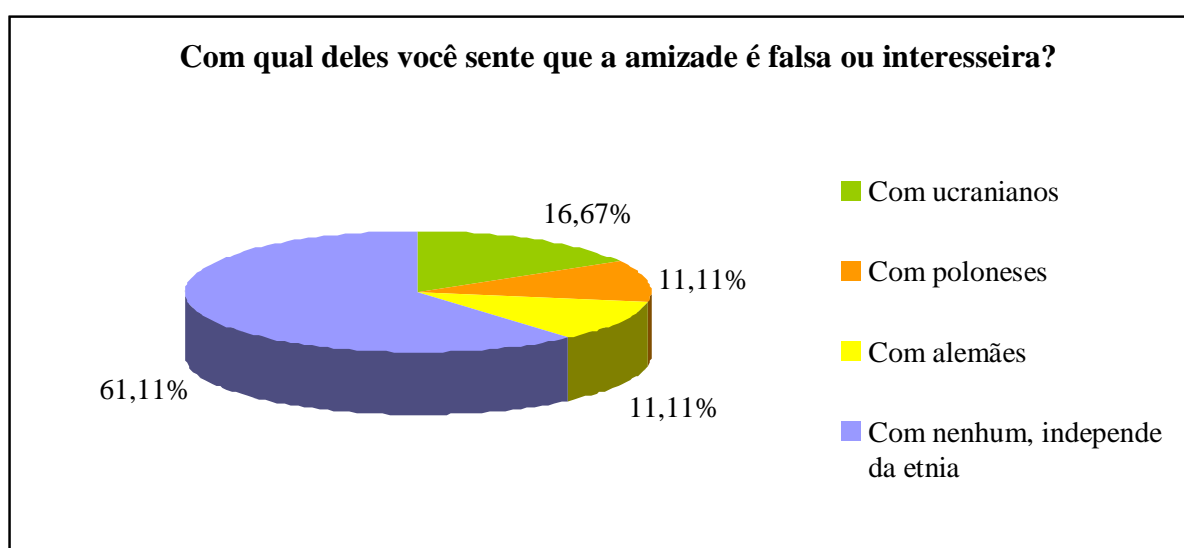
<sup>80</sup> Ulisses Iarochinski defende o uso do termo ‘polaco’, cujo sentido pejorativo seria derivado de preconceito étnico. O termo figura, inclusive, nos títulos de seus livros, *Saga dos polacos: a Polônia e seus emigrantes no Brasil* (2000) e *Polaco: identidade cultural do brasileiro descendente de imigrantes da Polônia* (2011). Segundo esse autor, o termo ‘polonês’, no Brasil, foi imposto por uma elite de imigrantes da Polônia que não queria ser confundida com o “caipira analfabeto”. Em seu blogue *Jarosinski do Brasil*, porém, relata que foi, por diversas vezes, reprovado por descendentes de poloneses pelo uso do termo ‘polaco’, o que mostra que esse grupo (ou uma parte dele), de fato, rejeita essa designação. Informações disponíveis em: <<http://iarochinski.blogspot.com.br/2011/03/orgulho-de-ser-polaco.html>>. Acesso em: 21 maio 2013.

anterior, do informante 17 (de origem polonesa), depreciativo em relação aos ucranianos, vê-se que se trata de uma depreciação mútua entre ucraniano e polônês, o que pode indicar um conflito interétnico latente.

Dois informantes (11,11%) disseram que a amizade era mais falsa ou interesseira com o alemão, embora um deles tivesse citado o muçulmano em primeiro lugar.

Os resultados estão visualmente representados no Gráfico 18:

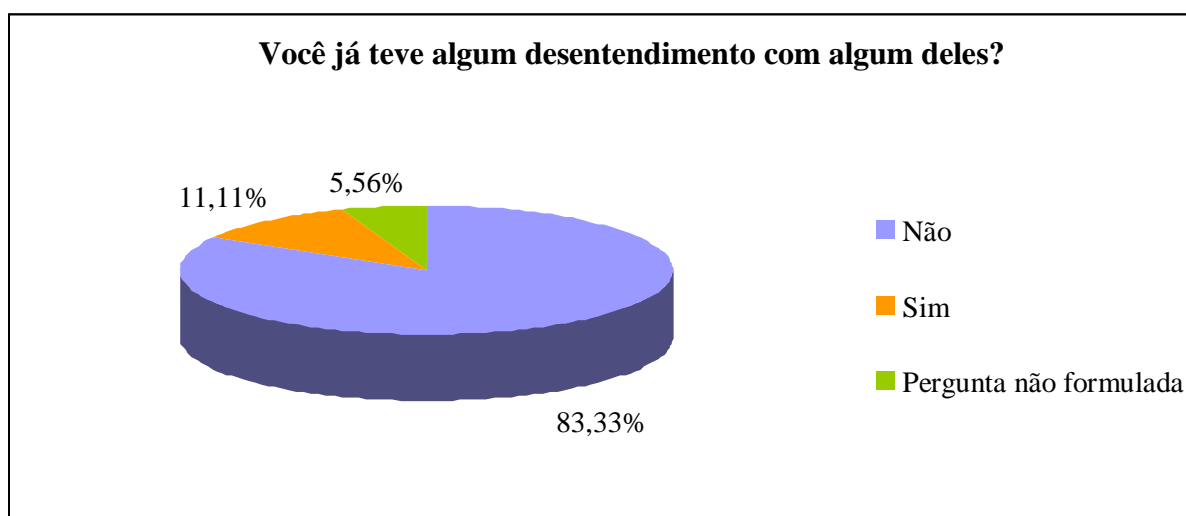
Gráfico 18 – Percepção do informante sobre a falsidade das amizades com membros dos diversos grupos étnicos de Irati



Arguidos sobre a ocorrência de desentendimento com algum membro das etnias citadas na pesquisa, quinze informantes (83,33%) negaram qualquer problema de relacionamento. Dois informantes (11,11%) declararam já ter vivenciado algum tipo de desentendimento com pessoas de outra etnia. A um desses informantes, o inquiridor modificou posteriormente a questão, perguntando se teve desentendimento por causa de língua ou etnia, mas o informante negou, sem apresentar outras considerações a respeito do assunto. Porém, para fins de representação estatística, considerou-se a primeira resposta. A segunda informante, considerada no total de 11,11%, disse que já se desentendeu com ucranianas, apresentando o seguinte motivo: “Assim, pensamentos diferentes, e aí você argumenta e a pessoa não admite aquele teu argumento” (Inf. 16). A um informante (5,56%), o inquiridor não formulou a pergunta.

Vejam-se os resultados ilustrados no Gráfico 19:

Gráfico 19 – Ocorrência de desentendimentos com membros dos diversos grupos étnicos de Irati



Resumindo os resultados deste bloco, voltado para a avaliação do círculo de amizades dos informantes, verificaram-se índices altos (entre 66,67% e 94,44%) de relações de amizade com membros das diversas etnias. Os contextos de amizade abrangem vários segmentos, desde o âmbito mais formal (escola, igreja e local de trabalho) até o informal (relações cotidianas estabelecidas com parentes, vizinhos e parceiros amorosos). Com relação ao nível de sinceridade e falsidade ou interesse das amizades, a percepção geral dos informantes é a de que esses elementos independem do pertencimento do indivíduo a um grupo étnico específico, estando ligados mais às características individuais do sujeito. Finalmente, verificou-se que a maioria dos informantes nunca teve qualquer desentendimento com membros de alguma das etnias citadas, indicando que, na possibilidade de haver qualquer conflito intergrupar, ele não se materializa em forma de contendas.

#### *BLOCO 5: Avaliação das línguas e de seus falantes pelo informante*

Neste bloco, estão as perguntas que levavam os informantes a comparar as línguas e os falantes das diversas etnias citadas na pesquisa, posicionando-se a respeito deles: quem fala melhor, quem fala pior, qual língua é mais bonita e qual é a mais feia.

Convém, aqui, apontar um problema metodológico com relação às perguntas sobre quem fala melhor e quem fala pior. No desenvolvimento da análise, verificou-se que tais perguntas não dão indícios de que critérios o informante deve levar em conta para classificar

quem fala melhor ou pior: se diz respeito ao nível de conhecimento ou proficiência do falante, se à correção gramatical etc. Em algumas situações, o próprio informante se mostrou confuso com relação à pergunta, como demonstram as respostas a seguir, relativas à questão sobre quem fala melhor:

INF.- Em que sentido, falar melhor?  
 INQ.- O que você acha? Qual que fala melhor, que a língua seja melhor?  
 INF.- Ah, eu vou defender meu lado, o italiano, né [risos]. (Inf. 7)

INF.- Como assim, quem fala melhor?  
 INQ.- Quem você acha que fala melhor?  
 INF.- Fala melhor, de mais bem falado? Do mais bonito? Pra mim ouvir?  
 INQ.- É, pra você ouvir.  
 INF.- Italiano. (Inf. 14)

Decorre disso que os informantes acabaram, muitas vezes, baseando-se em critérios subjetivos, tais como a sonoridade da língua (ou seja, a língua que mais lhe agrada ouvir), como ocorre na resposta da informante 14, ou a beleza da língua, como exemplifica o depoimento do informante 2: “Eu acho que o italiano, que é mais bonito”.

Em outros casos, o critério foi o nível de compreensibilidade da língua (ou seja, fala melhor quem fala uma língua mais parecida com o português), conforme mostra o exemplo a seguir:

INF.- O italiano, ué! Mais fácil!  
 INQ.- Por quê?  
 INF.- Porque é mais fácil, porque é mais parecido com o português. Os outros é tudo cheio de *rum rum rum* [sons guturais]. (Inf. 4)

Outras vezes, o critério de avaliação do informante estava vinculado à percepção da forma de manutenção da cultura e, por extensão, da língua de herança – “o polonês, porque ele é... ele cultiva muito a tradição” (Inf. 3) – ou à consideração do grupo étnico majoritário na colonização – “o ucraniano, pela... a colonização, que é mais forte” (Inf. 8). Outros informantes, por fim, parecem ter compreendido a pergunta sobre quem fala melhor como se referindo a quem fala mais, em termos de frequência, na língua de herança: “aqui, o que mais fala é os ucranino” (Inf. 5) e “na nossa região é o polonês e o ucraniano, que mais a gente ouve” (Inf. 12).

De qualquer forma, as respostas foram contabilizadas, e os resultados, transformados em gráficos, com a ressalva, porém, de que não fornecem uma homogeneidade na avaliação, haja vista os informantes terem usado critérios diferenciados na atribuição aos falantes das

diversas línguas. A análise a seguir considerará apenas as menções aos falantes das diversas línguas, sem se ater às justificativas.

Com relação a quem fala melhor, um terço dos informantes (33,33%) avaliaram que fala melhor quem fala o italiano. Dois informantes (11,11%) citaram o ucraniano, um (5,56%) citou o polonês, e dois (11,11%) citaram ambas as línguas, que são as línguas de herança da maioria dos colonizadores da localidade. Somando os resultados das menções às línguas de origem eslava, tem-se o percentual de 27,78%, menor que os resultados para o italiano, o que pode ser atribuído a um possível maior prestígio deste último idioma em relação ao polonês e ao ucraniano, ou ao fato de grande parte dos informantes ser descendente de italianos.

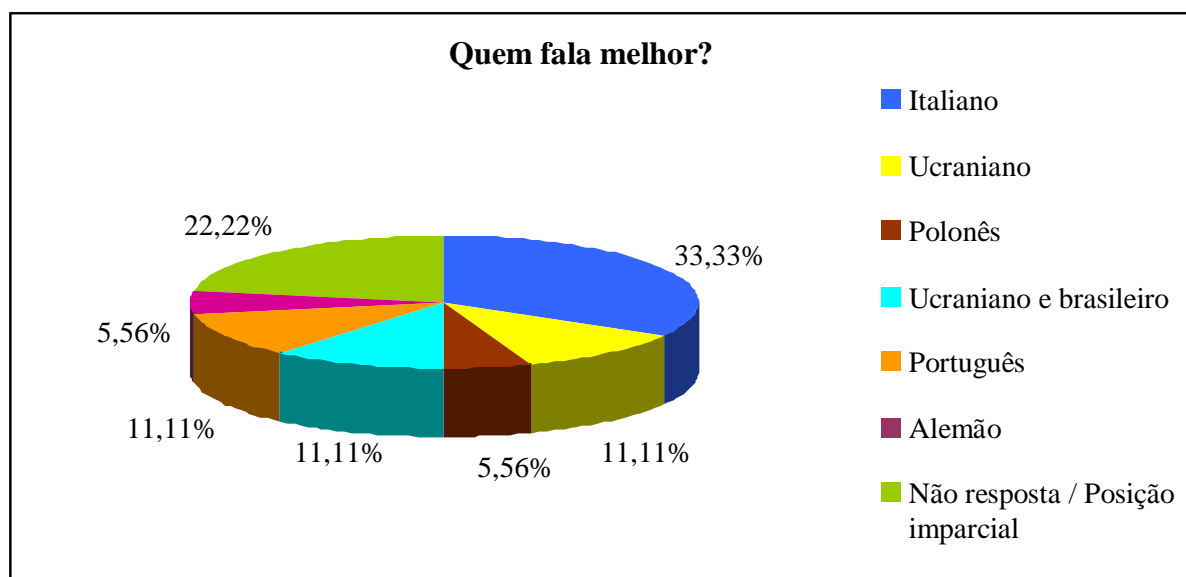
Dois informantes (11,11%) citaram o português (ou “brasileiro”), embora um deles, solicitado a excluir o brasileiro, citasse o alemão, e um informante (5,56%) citou o alemão. Quatro informantes (22,22%) não souberam dizer ou se posicionaram de uma forma que se pode chamar, provisoriamente, de mais “neutra” ou imparcial, até mesmo em virtude da dificuldade imposta pela ambiguidade da própria pergunta. No excerto reproduzido a seguir, é interessante notar que, mesmo na tentativa de ser neutro, o informante acaba mencionando atributos que, conforme se depreende da resposta, ele poderia dar às línguas caso as conhecesse: certo/errado, bonito/feio.

INF.- É difícil você diferenciar isso, porque você não conhece a língua deles. De repente, você acha que tão falando certo, errado, é bonito, é feio, mas você não sabe definir, é difícil dizer o que é mais bonito ou mais feio, né. (Inf. 18)

É importante ressaltar que a posição “neutra”, na verdade, inexistente, já que, segundo Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993), as condutas são ou positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, caracterizando-se a chamada atitude neutra como ausência de atitude.

Os resultados dessa questão estão representados no Gráfico 20:

Gráfico 20 – Avaliação de quem fala melhor em Irati



Com relação a quem fala pior, em que cabe a mesma ressalva feita à pergunta anterior do questionário, quatro informantes (22,22%) citaram o alemão, mas apenas dois justificaram: “porque ele fala muito enrolado, muito ligeiro, não dá pra entender nada” (Inf. 4), e “pela colonização, que foi mais fraca também” (Inf. 8). Empatado com o alemão está o ucraniano, citado também por quatro informantes (22,22%), mas apenas uma informante explicitou a razão: “não dá pra entender nada” (Inf. 2).

Três informantes (16,67%) citaram o português, e um deles deu uma segunda resposta (acrescentando o inglês), que não foi considerada na estatística:

INF.- Pior é o brasileiro, né, o português.

INQ.- OK. E dessas... dessas quatro, qual seria a pior língua?

INF.- A pior língua... eu acho que é o inglês, que é mais difícil. (Inf. 11)

A informante 12 ainda avaliou negativamente as línguas eslavas já alteradas pelo contato com o português:

INQ.- Pior... ah, descendentes que vão pegando muita...

INQ.- Coisa diferente.

INF.- Diferente, vai pondo português um pouco com polonês, o ucraniano com português, emendando. (Inf. 12)

O informante 17 sugeriu que, quando não há essa “mistura” referida na resposta do informante 12, qualquer língua de herança é bem falada:

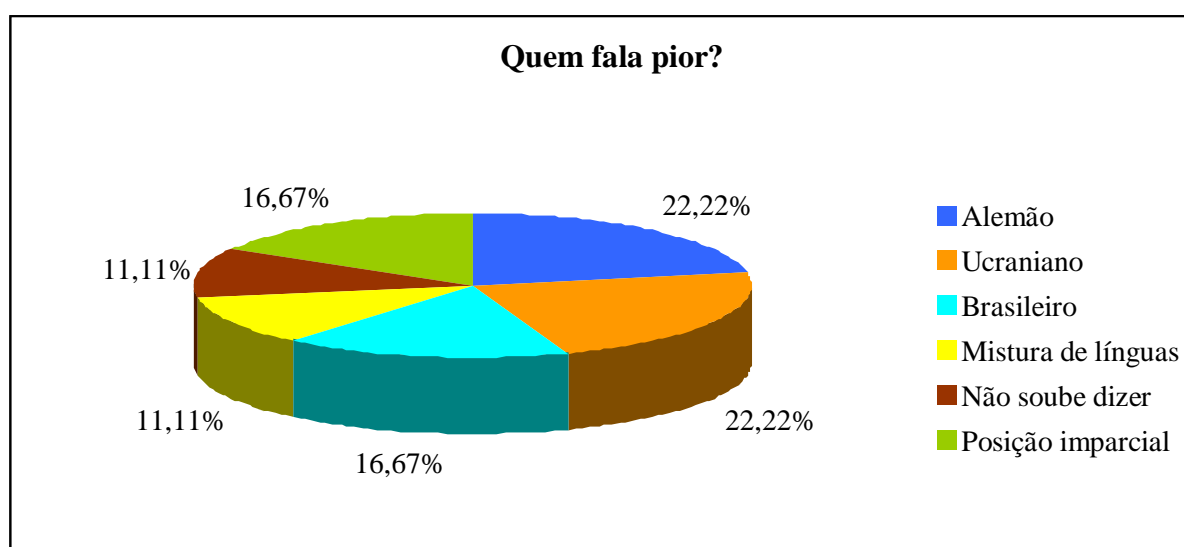
INF.- Não, acho que quando eles falam na língua materna mesmo, que é a polonesa e assim do italiano, alemão, ucraniana, né, eles falam bem a língua deles, né. (Inf. 17)

Juntando os dois últimos resultados, tem-se o percentual de 11,11% de caracterização das línguas que apresentem interferência do português como línguas mal faladas.

Dois informantes (11,11%) não souberam dizer quem fala pior, e três (16,67%) disseram não haver quem fale melhor ou pior.

O Gráfico 21 ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 21 – Avaliação de quem fala pior em Irati



Solicitados a avaliar se falam melhor os que falam o português ou os que falam as línguas de imigração citadas na pesquisa, dez informantes (55,56%) disseram que falam melhor os que falam português, e os que comentaram ou justificaram a resposta apresentaram razões ligadas à compreensibilidade ou “facilidade” da língua:

INF.- [...] acho que é o português mesmo, né, que a gente entende, né. Agora, o resto a gente não tem como dizer, né, o que tá errado, né. (Inf. 1)

INF.- Ah, português, né, mais fácil. (Inf. 4)

INF.- Pra mim, quem fala em português, porque aí eu tô entendendo o que eles tão falando, né. (Inf. 16)

INF.- A minha... eu, na minha profissão, eu avalio o português, né, porque eu entendo a comunicação deles. (Inf. 18)



Quatro informantes (22,22%) disseram que falam melhor quem fala as línguas de herança mencionadas, e dois deles comentaram:

INF.- Não, que fala estrangeiro na língua deles, é claro que eles falam melhor, né, e o português, eles... se atrapalham um pouco, né. (Inf. 17)

INF.- Eu vou te dar um exemplo assim, tipo, que nem a minha mãe. A minha mãe, o português, ela tem muito erro de português, tanto que às vezes a gente corrige ela, tipo, ela: “ai, Ana, você entendeu o que eu falei!”. Entende? Só que eu acho, na língua deles, eles se conversam mais fácil, né, com mais facilidade. (Inf. 10)

Um informante (5,56%) disse que os italianos falam melhor, resultado que, no gráfico, será incluído no item ‘línguas de herança’, totalizando 27,78% para essa categoria. Um informante (5,56%) ficou dividido entre o português e uma das demais línguas: “depende como que a pessoa fala. Não sei, eu acho que assim, entre português e italiano...” (Inf. 2).

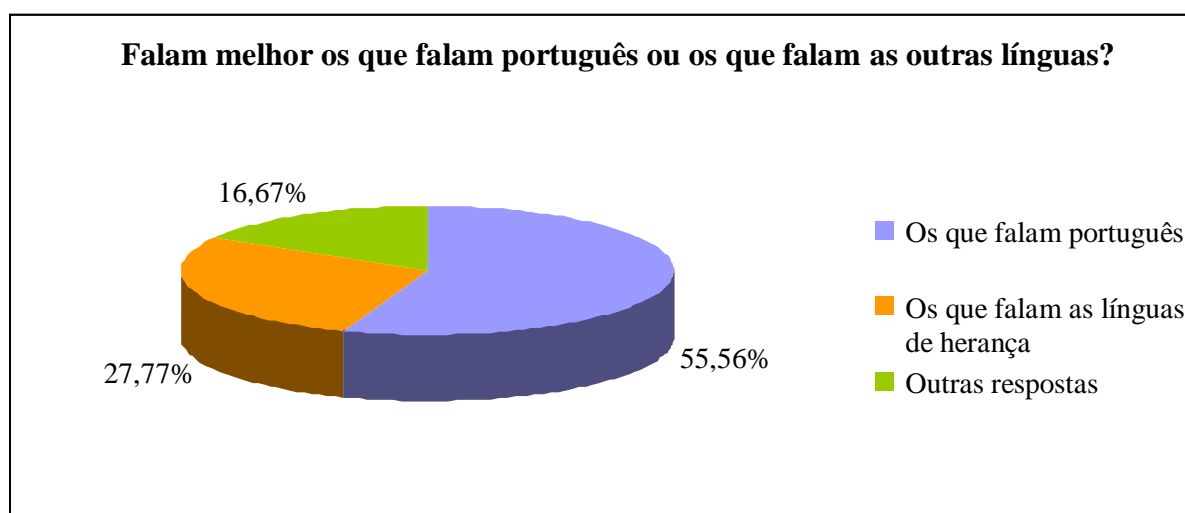
Dois informantes (11,11%) não se posicionaram em favor de nenhuma língua, mas avaliaram negativamente os que falam português:

INF.- Bom, nas línguas... que mais... eu acho que o português ainda deixa a desejar, né. (Inf. 3)

INF.- Não sei, porque aí eu não conheço outras línguas, aí eu não sei se eles falam bem ou falam pior. O que eu posso dizer é que as pessoas não falam bem português, às vezes a gente... a gente vê a língua sendo maltratada pelas pessoas, a gente não pode fazer muito. (Inf. 15)

Os resultados estão representados no Gráfico 22:

Gráfico 22 – Avaliação do desempenho dos falantes de português em comparação com o dos falantes das outras línguas faladas em Irati



Instados a avaliar se as línguas de herança faladas na localidade, em sua totalidade, eram feias ou bonitas, quinze informantes (83,33%) julgaram-nas positivamente, com manifestações desde as mais discretas (acrescidas de ressalvas) até as mais calorosas, como se pode observar em algumas das respostas:

INF.- São bonitas, eu queria saber falar. (Inf. 4)

INF.- Ah, eu acho bonita. Interessante. (Inf. 10)

INF.- Elas são lindas! São lindas, muito bonitas. (Inf. 12)

INF.- Elas são bonitas. Dentro do dialeto delas, elas são compatíveis e são bonitas de ouvir. (Inf. 16)

INF.- São bonitas, porque você pensa que eles estão cantando ou rezando, você não define o que eles falam, você até acha bonito o jeito deles falar por não entender nada. (Inf. 18)

Um informante (5,56%) disse que as línguas de herança são “mais ou menos”, mas não apresentou nenhuma razão para tal julgamento. Dois informantes (11,11%) fizeram as seguintes avaliações:

INF.- Eu acho que é... mais assim... é normal, né. O ruim é você ler, né.

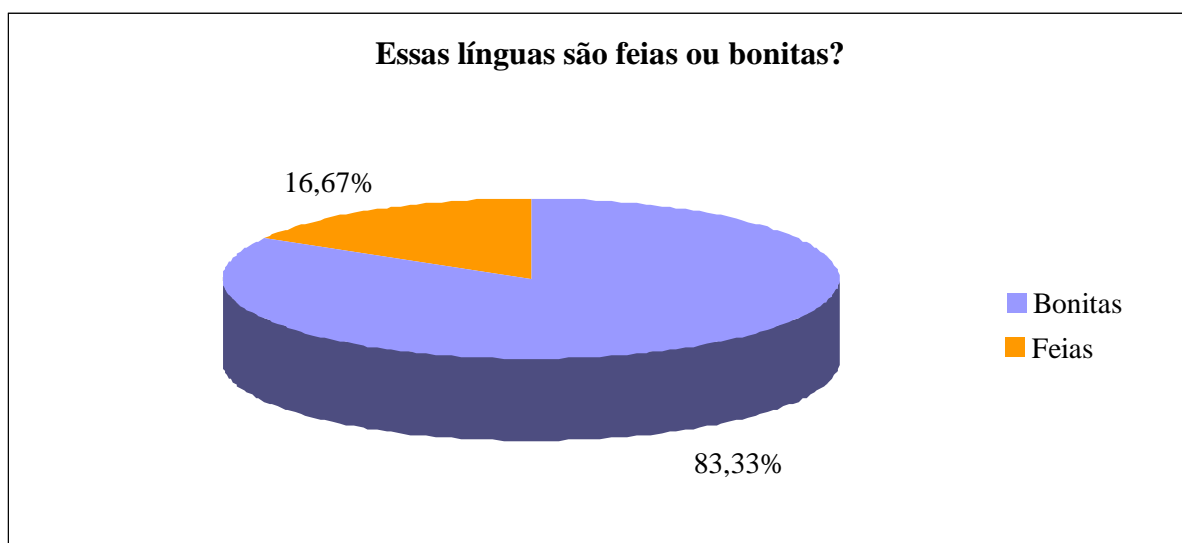
INQ.- É.

INF.- Que nem ucraino... é difícil, né. Muçulmano é pior ainda, né. Então... (Inf. 1)

INF.- Eu gosto muito das línguas latinas, o italiano, o espanhol, o francês e o português, eu gosto mais das línguas latinas. (Inf. 15)

O Gráfico 23 representa os resultados dessa avaliação:

Gráfico 23 – Avaliação estética geral das línguas de herança faladas em Irati



Na sequência do questionário, os informantes tinham de opinar sobre qual língua era a mais bonita, e qual era a mais feia. Mais da metade dos informantes (61,11%) avaliou o italiano como a língua mais bonita, mas apenas um justificou: “Eu gosto da italiana, acho que a italiana é mais sonora” (Inf. 15).

Quatro informantes (22,22%) avaliaram o polonês como a língua mais bonita, mas apenas um informante ensaiou uma justificativa:

INF.- Eu vou puxar pro meu lado [rindo]. Eu acho muito bonito, apesar de difícil, o polonês.

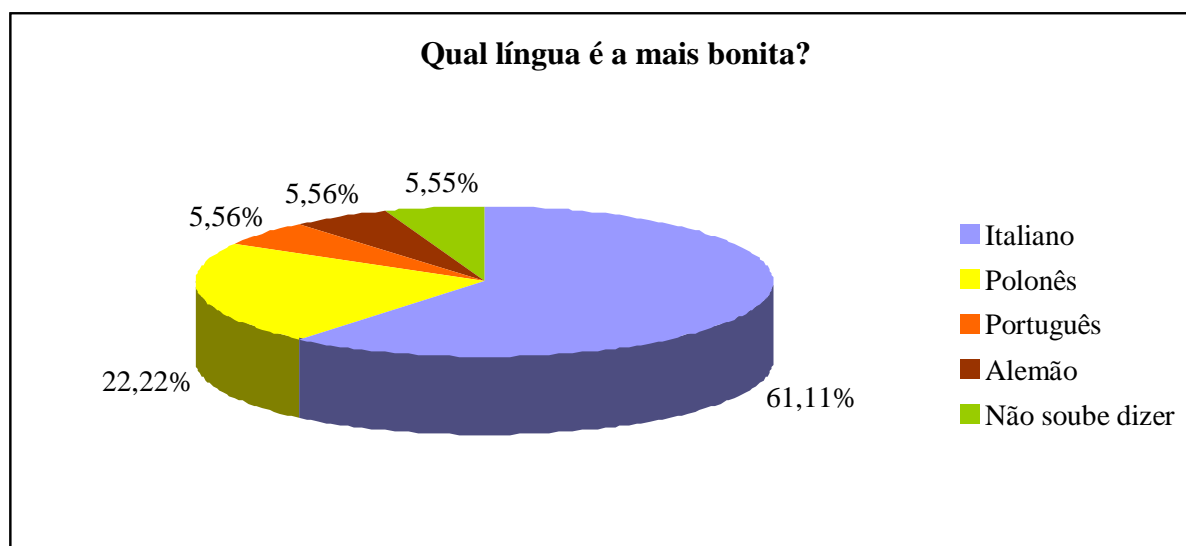
INQ.- O polonês.

INF.- A língua polonesa é bonita, os cantos são lindos! É muito bonito! (Inf. 12)

Um informante (5,56%) citou o “brasileiro”; um informante (5,56%) citou o alemão, com uma ressalva: “mas... geralmente não entende bem...” (Inf. 1); e um informante (5,55%) não se posicionou, dizendo simplesmente: “a gente não entende” (Inf. 5).

Veja-se o Gráfico 24, que ilustra os resultados dessa questão:

Gráfico 24 – Avaliação da língua mais bonita em Irati



Com relação à língua que os informantes acham mais feia, um terço (33,33%) referiu-se ao alemão, mas apenas três informantes justificaram ou explicaram as suas respostas:

INF.- A mais feia? O alemão, é cheio de... ai, todos os outros, todas essas três são feias.

INQ.- OK.

INF.- Não é que é feia, é que é estranha... é diferente. (Inf. 4)

INF.- Mais feia? Não... não por mais feia, mas, mais difícil acho que de falar, acho que deve ser a alemã. (Inf. 7)

INF.- É, acho que pela... o alemão... não... não conheço as origem, mas me parece que o italiano... ah, o alemão e o inglês têm a mesma sonoridade, uma língua assim que não é... é pouco sonora, né, é feita assim de intervalos, né, e eu acho que fica feia a linguagem, por isso que eu acho as... a língua latina mais bonita, porque ela é suave, né. (Inf. 15)

Note-se que os informantes 4 e 7 reelaboraram suas respostas, ressignificando o atributo dado ao alemão. Porém, para fins de contabilização das respostas, foram consideradas as primeiras reações dos informantes à pergunta, que inquiria explicitamente sobre a língua mais feia. Ou seja: entende-se que, ao ouvir, na pergunta, o atributo “mais feia”, o informante desavisado tenha citado a primeira língua que lhe veio à mente, associando-a ao atributo mencionado, e só depois, mais consciente, talvez, da extensão de sua avaliação, tenha refletido e reelaborado sua resposta. Isso pode ser resultado de *social desirability bias*, que se refere à tendência de os informantes darem respostas que são socialmente mais apropriadas e esperadas (OPPENHEIM, 1992).

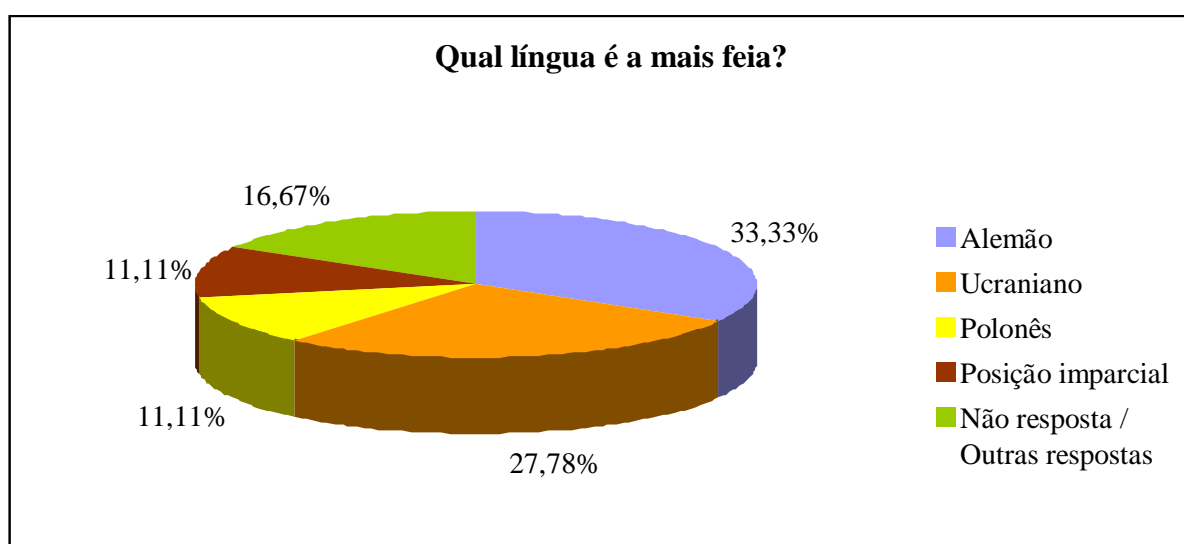
Pode se observar, ainda, que a informante 4 incluiu, após sua primeira resposta, outras duas línguas, ao dizer “todas essas três são feias”, referindo-se ao polonês e ao ucraniano, citadas anteriormente pela informante; porém, para fins de elaboração do gráfico, somente a primeira resposta foi considerada. O informante 15, por sua vez, incluiu o inglês, sugerindo que as línguas do grupo germânico (que têm “a mesma sonoridade”) são feias em relação às do grupo latino.

Em segundo lugar, após o alemão, vem o ucraniano, citado por cinco informantes (27,78%), os quais não justificaram suas respostas. Dois informantes (11,11%) citaram o polonês, mas apenas a informante 18 justificou: “Eu acredito que, dependendo de quando você ouve, o polonês... a língua polonesa, ela é complicada, dá essa impressão que o som das palavras sempre são iguais, né” (Inf. 18).

Dois informantes (11,11%) disseram que nenhuma língua é a mais feia; um informante (5,56%) citou o japonês, não referido em nenhum momento da entrevista; um informante (5,56%) não soube dizer; e um informante (5,55%) não respondeu.

Os resultados dessa pergunta, visualmente representados no Gráfico 25, confirmam a avaliação negativa do alemão e das línguas eslavas pelos informantes, já verificado anteriormente. É interessante notar que nem o português, nem o italiano tiveram rejeição.

Gráfico 25 – Avaliação da língua mais feia em Irati



Os resultados obtidos neste bloco mostram uma tendência de avaliar como bonitas e bem faladas as línguas que os informantes entendem ou que lhes provocam uma sensação auditiva agradável. Por sua vez, as línguas consideradas mais feias ou mal faladas receberam

atributos ligados à dificuldade de compreensão e à sonoridade, quando considerada desagradável aos informantes. Quem fala melhor e quem fala pior foram geralmente avaliados em termos de correção da língua, por meio de atributos como “certo” e “errado” ou, no caso de falar pior, atributos que expressam pouco domínio da língua, como “enrolado”.

*BLOCO 6: Identificação das tendências de reação do informante*

Neste último bloco, estão agrupadas as perguntas que visam a identificar as tendências de reação do informante com relação às línguas de herança faladas na comunidade e aos seus falantes: se gostariam de aprender a falar alguma dessas línguas, se comprariam casas em bairros onde só morassem poloneses/ucranianos/italianos/alemães, se namorariam ou casariam com alguém dessas etnias, e se procurariam um médico ou dentista dessas etnias.

Com relação à pergunta “Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?”, sete informantes (38,89%) declaram ter vontade de aprender o italiano, e todos apresentaram a razão dessa preferência.

INF.- Ah, porque eu acho mais bonito, queria entender. (Inf. 2)

INF.- Eu queria aprender a falar italiano, pra mim viajar pra Itália. (Inf. 4)

INF.- Já por eu ser descendente de italiano. (Inf. 5)

INF.- Ah, por ser descendente de italiano, saber um pouco da cultura, né. (Inf. 7)

INF.- Porque eu acho bonita, acho legal. (Inf. 13)

INF.- Porque eu tenho descendência italiana, e eu acho bonito... a fala italiana, o jeito deles falarem, as palavras que são ditas por eles, eu acho bonito. (Inf. 16)

INF.- Por ser da minha origem, né. (Inf. 18)

Outros dois informantes também citaram o italiano, juntamente com outra língua: um informante (5,56%) citou italiano e alemão, e outro (5,56%) citou italiano e inglês, as quais ele já estava aprendendo:

INF.- Sim, a alemã... e a italiana. A alemã, por ser uma das mais faladas no... no... no mundo, e a italiana... pelos meus descendentes. (Inf. 8)

INF.- Com certeza, tanto que eu estudo o inglês, sei um pouquinho, e... sou iniciante do italiano. (Inf. 15)

Somando essas duas últimas respostas com as anteriormente apresentadas, tem-se um total de 50% de respostas para o italiano. Como se pode ver nas respostas transcritas, as razões apresentadas para a preferência do italiano giram em torno do fato de o informante ser descendente de italiano (cinco menções), da beleza do idioma (três menções) e da utilidade do italiano para viajar (uma menção). Consultando a matriz dos informantes (Quadro 2, na Seção 5), verifica-se que a maioria dos informantes que deram essas respostas é de origem italiana – se não todos, porque um dos informantes tem descendência mista, incluindo a italiana, e outro se caracteriza como de origem indefinida, podendo ser também descendente de italiano. Assim, pode estar embutido nas respostas o desejo de resgate e/ou manutenção das línguas de herança. E a beleza atribuída a essa língua – alegada pelos informantes 2, 13 e 16 – poderia ser explicada, talvez, pela familiaridade que os informantes têm com a língua, pois, conforme Giles e Niedzielski (1998), há um forte vínculo entre a agradabilidade percebida de uma variedade de língua e a sua aparente inteligibilidade.

Três informantes (16,66%) citaram o espanhol, uma “língua de escola”<sup>81</sup>, e dois deles justificaram da seguinte maneira:

INF.- Uma que eu queria, que eu não sei, mas não tá aqui, é o espanhol.

INQ.- Espanhol?

INF.- Acho muito bonita.

INQ.- E dessas aqui, além do espanhol, gostaria de aprender alguma outra ou não?

INF.- É meio difícil, né, porque o alemão é meio complicado, né. O alemão é uma língua legal também, mas é muito complicado, né. (Inf. 10)

INF.- Espanhol.

INQ.- Espanhol. Por quê?

INF.- Porque eu acho bonito, acho mais fácil. (Inf. 11)

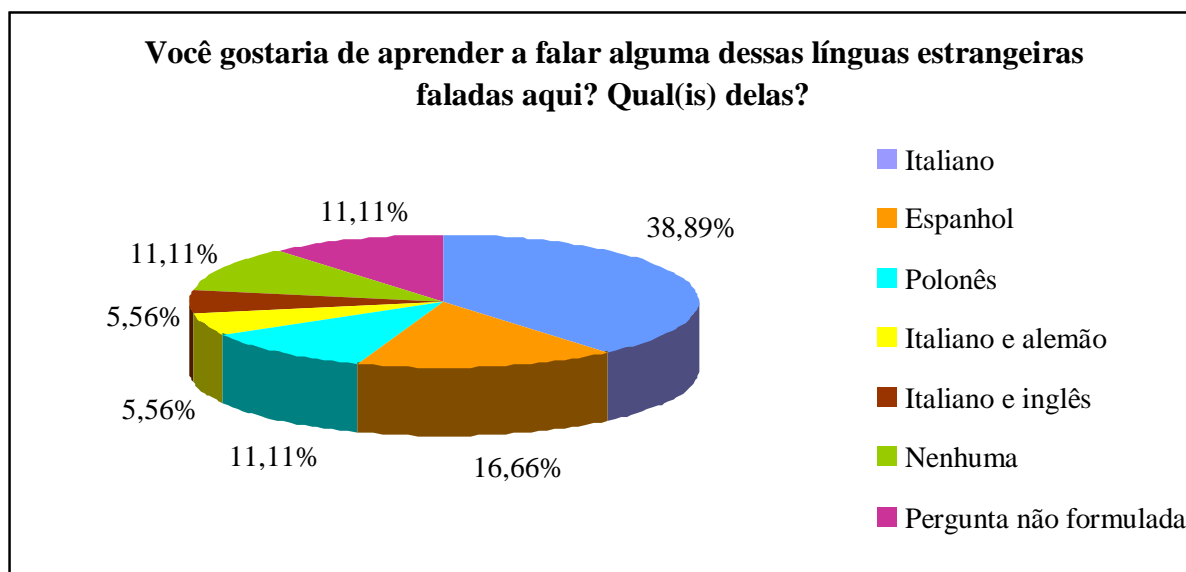
Dois informantes (11,11%) gostariam de aprender o polonês, mas apenas uma apresentou justificativa, relacionada ao desejo de comunicação com a avó, que, possivelmente, comunica-se apenas nesse idioma: “Polaco, por causa da minha avó” (Inf. 14). Dois informantes (11,11%) responderam que não queriam aprender nenhuma língua estrangeira, e a outros dois (11,11%), a pergunta não foi formulada.

Esses resultados aparecem visualmente representados no Gráfico 26:

---

<sup>81</sup> A expressão ‘língua de escola’ é utilizada, nesta pesquisa, toda vez que se faz referência a línguas estrangeiras que não são ouvidas regularmente na comunidade, nas interações espontâneas, mas que são aprendidas em contexto escolar.

Gráfico 26 – Disposição do informante iratiense para aprender línguas adicionais



As respostas analisadas a seguir se referem à questão “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse poloneses/ucranianos/italianos/alemães, você compraria?”. Onze informantes (61,11%) disseram que comprariam uma casa em um bairro onde só morassem poloneses. Um deles respondeu que compraria porque “geralmente a gente aprende com eles”, mas “depois de levar um monte de xingão” (Inf. 1), aludindo à possibilidade de se estar falando mal do sujeito ao usar uma língua que lhe é desconhecida.

Dois informantes (11,11%) disseram que comprariam, mas apresentaram condições: “se eles falassem a língua portuguesa também...” (Inf. 7) e “se não tivesse discriminação da parte deles” (Inf. 10). O comentário da informante 10 sugere a existência de discriminação da parte dos poloneses com relação a membros de outras etnias – ou, pelo menos, com relação a ucranianos, já que a informante é dessa origem – o que pode indicar uma atitude endógena em termos de estabelecimento de relações sociais com os “não poloneses”, reforçando a hipótese de existência de conflito interétnico entre poloneses e ucranianos.

Por fim, três informantes (16,66%) disseram que não comprariam uma casa em um bairro onde só houvesse poloneses, um informante (5,56%) respondeu que talvez comprasse, e uma resposta (5,56%) foi incompreensível.

Com relação aos ucranianos, dez informantes (55,56%) disseram que comprariam casa em um bairro em que só houvesse moradores dessa etnia, e alguns teceram comentários no sentido de que “não teria nenhum preconceito em relação a isso” (Inf. 15) ou “que a gente tinha que se adaptar” (Inf. 17).



Quatro informantes (22,22%) disseram que comprariam, mas apresentaram restrições, condições ou ressalvas: “desde que eu aprendesse ucraniano” (Inf. 1); “se os ucranianos falassem português” (Inf. 7); “se eu gostasse da casa...” (Inf. 14); “se no bairro eu me sentisse bem, na casa onde eu fosse morar” (Inf. 18).

Quatro informantes (22,22%) disseram que não comprariam casa em bairro de ucranianos, mas apenas a informante 16 justificou sua resposta: “Porque eles têm um modo de vida diferente, de nós brasileiros natos assim, né, por mais que eles sejam criados aqui, eles têm uma cultura diferente”. A informante, assim, expressa sua identidade a partir da oposição “nós *versus* os outros”, ou, neste caso, “nós brasileiros natos *versus* eles”. A questão da identidade étnica implica esses limites, ou seja, o indivíduo se vê e se define em oposição ao outro, percebe-se com determinadas características comuns aos membros de seu grupo social, mas que diferem das características dos membros do outro grupo social. A informante 16, por exemplo, assume que tem costumes diferentes dos de outro grupo étnico, e vê isso como uma provável barreira para o estabelecimento de laços sociais com membros desse grupo.

Indagados se comprariam casa em bairro onde vivessem apenas italianos, quinze informantes (83,33%) responderam afirmativamente, alguns deles manifestando visível aprovação, como se vê nas respostas a seguir:

INF.- Dava, né? Essa pega mais, né? (Inf. 1)

INF.- Ih, daí nós ia tá em casa, daí eu comprava também. (Inf. 4)

INF.- Aí eu compraria. (Inf. 16)

Dois informantes (11,11%) disseram que não comprariam, e um (5,56%), que compraria, com a condição de que os moradores não falassem em italiano.

Com relação a morar em bairro onde vivessem apenas alemães, doze informantes (66,66%) disseram que comprariam uma casa em bairro com esse perfil, embora uma informante tecesse um comentário depreciativo em relação aos membros dessa etnia: “Ia ser difícil a convivência, porque alemão é teimoso, mas eu compraria também” (Inf. 4). Um informante (5,56%) declarou que compraria, mas estabeleceu a condição de que eles não falassem a língua de herança. Quatro informantes (22,22%) disseram que não comprariam casa em bairro de alemães, mas apenas dois justificaram:

INF.- Acho que não, daí, né, porque daí... eu acho que pende mais o racismo, né. Por causa que é uma coisa feia, né, mas... tem, né, existe, né, não tem como... (Inf. 1)

INF.- Aí que não [risos], essa raça é ruim.

[...]

INQ.- Por que essa raça é ruim, na tua opinião?

INF.- Ué, porque eles são maus, tem muita coisa que eles pecam. (Inf. 2)

Merecem uma análise mais detalhada, aqui, as referências aos alemães como um grupo racista ou uma “raça ruim”. A vinculação do racismo ao povo alemão pode ter se originado no contexto entreguerras, devido ao advento do Nazismo, com sua ideologia racista e xenofóbica. Essa hipótese pode ser reforçada pela resposta dada pelo informante 1 em outro momento da entrevista (na questão relativa à procura por profissionais da saúde das diversas etnias), em que o inquirido, ao dar uma resposta válida a todas as etnias, faz um comentário fornecendo um exemplo com referência aos alemães:

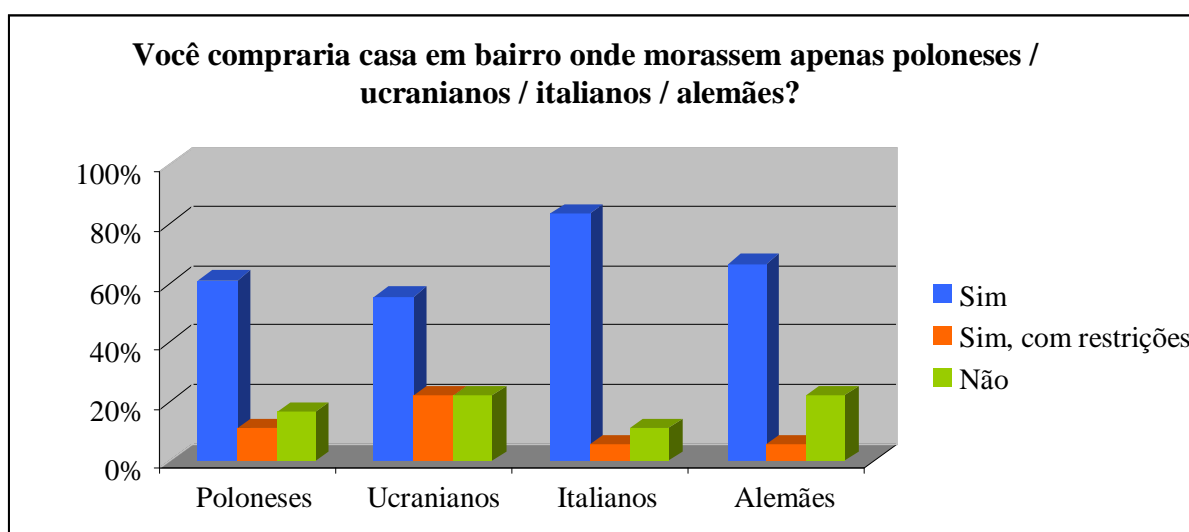
INF.- Ah... eu acho... eu acho que com todos, né, porque geralmente... se fosse assim, daí a gente caísse na mão de um médico alemão, ele matava a gente, né. Porque antes tinha, na época do Hitler, hoje já tá modificando, né. Já tem até jogador preto na Alemanha. (Inf. 1)

Pode-se ver, nessa resposta, a vinculação do povo alemão com o evento do Nazismo, ou seja, “na época de Hitler”. Parece que o episódio permanece na memória coletiva, o que incide na rotulação dos alemães em geral, inclusive os imigrantes e descendentes, conforme uma característica de parcela da população alemã tal qual se observava na Alemanha nazista na época, embora se reconheça que hoje a realidade é diferente, pois “tem até jogador preto na Alemanha”.

Ainda com relação à última pergunta, não foi possível ouvir a resposta de um informante (5,56%), em razão da pouca nitidez da gravação.

O Gráfico 27 mostra os resultados comparativos das respostas sobre a possibilidade de viver em um bairro onde morassem membros de determinado grupo étnico. Foram consideradas, para a elaboração do gráfico, apenas as respostas afirmativas (com ou sem restrições, ressalvas ou condições) e negativas, ignorando-se a porcentagem referente a perguntas não formuladas, respostas inaudíveis e outras (o que só ocorreu nas perguntas referentes aos poloneses e aos alemães, em número não representativo).

Gráfico 27 – Tendência de reação frente à possibilidade de morar em bairro constituído de membros de um grupo étnico específico, em Irati



A próxima questão a ser analisada diz respeito à possibilidade de estabelecimento de relações afetivas com membros dos diversos grupos étnicos, identificada a partir da pergunta “Você namoraria ou se casaria com um(a) polonês(a)/ucraniano(a)/italiano(a)/alemão(ã)? Por quê?”.

Sobre o relacionamento afetivo com poloneses, dez informantes (55,56%) responderam que namorariam ou se casariam com um membro dessa etnia. Outro informante (5,56%) respondeu afirmativamente, mas apresentou condição: “se ela falasse a língua...” (Inf. 7). Quatro informantes (22,22%) responderam que não namorariam ou se casariam com um(a) polonês(a). Um informante (5,55%) disse não saber, um (5,55%) disse que dependeria da situação, mas não apresentou as condições, e um (5,55%) deu uma resposta que pareceu ser negativa (um trecho ininteligível impossibilitou coletar o dado que poderia desambiguar sua resposta):

INQ.- ... com uma polonesa?

INF.- É.

INQ.- Se casaria também?

INF.- [Inint.] mas hoje em dia, não... não se cruza, né, o santo não se bate.

INQ.- Não bate?

INF.- Não bate.

INQ.- Por que será?

INF.- Por causa que tem a... que nem eu falei, tipo, o... é... o antissocialismo, né, por causo que eles são da... da lavoura, tudo, a língua deles... acha que tem que casar com alguém da própria raça, né. E não tem nada a ver, né. (Inf. 1)

Observa-se, na resposta do informante 1, a referência ao casamento intraétnico como forma de assegurar, talvez, a manutenção da língua e da cultura de herança. Porém, se, por um lado, a decisão de evitar casamentos interétnicos pode constituir um fator facilitador para que os elementos culturais originários sejam preservados, por outro, pode colaborar para a marginalização da comunidade. Segundo Fishman (1972a), se os imigrantes se casam somente entre si, se seguem apegados aos seus costumes originários e se continuam valorizando somente a companhia mútua, com o passar do tempo, podem se tornar uma sociedade marginal, com crenças e tradições próprias.

Corroborar essa percepção do informante 1 sobre a prática da endogamia na comunidade polonesa um comentário do informante 17:

INQ.- O senhor se casaria com uma descendente de polônês?

INF.- Olha, aí é meio difícil responder, né, porque... isso está em cada um. Eu acho que não existe, veja bem, um exemplo que também conhece é o Rio do Couro, a família Manera, quem não é Manera vai ficar Manera de qualquer maneira, né.

INQ.- Vai.

INF.- Então o casamento é entre... eles mesmo, né. Então, eu acho que não seria assim, a gente não sabe explicar o porquê, né. (Inf. 17)

Contudo, algumas pesquisas (JACUMASSO, 2009; RAMOS, s.d.) mostram que as comunidades ucranianas é que se mantêm fechadas, adotando práticas que facilitam a preservação da sua língua e cultura, tais como a formação de comunidades predominantemente rurais, o casamento entre ucranianos e a adoção do rito católico ortodoxo, entre outras.

Além disso, a menção feita pelo informante 1 ao “antissocialismo”, ou seja, à existência de uma possível atitude antissocial, corrobora o que disse anteriormente a informante 10 com relação à possibilidade de comprar uma casa em que morassem apenas poloneses. Note-se que tanto o informante 10 quanto o informante 1 são descendentes de ucranianos, o que contribui para fortalecer a hipótese de um conflito interétnico latente, ainda mais se forem considerados também os comentários dos informantes 9 e 17, na questão referente à falsidade das amizades, já analisada, e da própria informante 10, que, na resposta à questão sobre morar em bairro de poloneses, sugeriu a existência de “discriminação da parte deles”.

Retornando à análise das perguntas, agora com referência ao relacionamento amoroso com parceiros de origem ucraniana, treze informantes (72,22%) responderam que namorariam ou se casariam com alguém dessa etnia. As respostas vão desde as mais vacilantes, como

“Acho que sim” (Inf. 11), até as mais enfáticas, como “Ah, com certeza, né!” (Inf. 1) ou “Ah, sim! Sim...” (Inf. 4). Contudo, apenas quatro desses informantes justificaram suas respostas:

INF.- Porque... ah, tudo vai do conhecimento, e o ucraniano é uma pessoa que gosta de cozinhar muito, fazer muitas coisas, inventar e eu... gosto de comer, eu tinha que... (Inf. 9)

INF.- Por que tanto faz, né, se gostasse... (Inf. 13)

INF.- Minha mulher era ucraniana. (Inf. 17)

INF.- Desde que eu gostasse da pessoa, a origem não vai interferir em nada. (Inf. 18)

Três informantes (16,66%) disseram que não namorariam ou se casariam com um(a) ucraniano(a). Um informante (5,56%) disse que namoraria ou se casaria, mas impôs condição: “Se ela falasse minha língua, sim” (Inf. 7).

Uma informante (5,56%) colocou a questão da diferença de costumes como possível empecilho para o relacionamento efetivo com alguém de outro grupo étnico – nesse caso, um ucraniano –, mas não descartou a possibilidade de namorar alguém desse grupo étnico: “Depende... porque acho os costumes deles um pouco estranhos” (Inf. 2). Novamente, aparece, aqui, a delimitação de uma fronteira étnica e identitária, do “nós” *versus* “os outros”.

Com relação aos italianos, quinze informantes (83,33%) disseram (ou deixaram implícito) que namorariam ou se casariam com um membro dessa etnia. Alguns o fizeram até mesmo de forma enfática, como se observa nas respostas dos informantes 11 – “Ah, uma italiana!” – e 16 – “Com um italiano eu casaria!”. Desses quinze informantes, porém, apenas quatro justificaram suas respostas:

INF.- [...] hoje em dia não tem mais esse negócio da religião ou língua, né, ou posição social, né, dando que... se acertando, né. (Inf. 1)

INF.- Porque eu acho que tenho mais afinidade. (Inf. 2)

INF.- Ahan... daí tava em casa já. (Inf. 4)

INF.- Acho que não tem nada a ver, né, etnia, não tem nada a ver com a cultura. (Inf. 5)

As respostas dos informantes 1 e 5, apesar de se relacionarem diretamente à pergunta sobre os italianos, acabam abrangendo as demais etnias, no sentido de dissociar o sucesso de um relacionamento afetivo com o pertencimento do(a) parceiro(a) a determinado grupo

étnico. Um informante (5,56%) disse que namoraria ou se casaria com uma italiana, mas apresentou condição: “Também, se ela falasse a língua... português...” (Inf. 7). Outra informante (5,56%), que havia dito que não namoraria ou se casaria com uma pessoa de origem ucraniana ou polonesa, mostrou-se inclinada a pensar na possibilidade de namorar ou se casar com uma pessoa de origem italiana: “italiano talvez, mas...” (Inf. 10). Apenas um informante (5,55%) respondeu que não namoraria ou se casaria com um(a) italiano(a), mas não apresentou razão para sua atitude.

Com relação aos alemães, onze informantes (61,11%) responderam que namorariam ou se casariam com um membro dessa etnia, e não apresentaram restrições. Um informante (5,56%) também respondeu afirmativamente, mas apresentou condição: “Desde que morasse no Brasil” (Inf. 1). Uma informante (5,56%) começou a responder dando a impressão que colocaria restrições ou que não namoraria ou se casaria com um alemão:

INF.- Ih, aí ia ficar complicado, alemão é muito teimoso. Acho que não ia dar muito certo, mas eu ia casar, não ia dar muito certo porque alemão quando briga, Nossa Se...

INQ.- Mas você namoraria... ou se casaria?

INF.- Não, namoraria sim, sim, sem problema, sem problema. (Inf. 4)

Quatro informantes (22,22%) respondem que não namorariam ou se casariam com um(a) alemão(ã), e um deles foi categórico: “Com certeza, não” (Inf. 16). Porém, nenhum dos que não namorariam ou se casariam com alguém dessa etnia apresentou justificativa para suas respostas.

Um informante (5,55%) disse inicialmente não saber, mas manifestou, em seguida, sua falta de afinidade com os alemães:

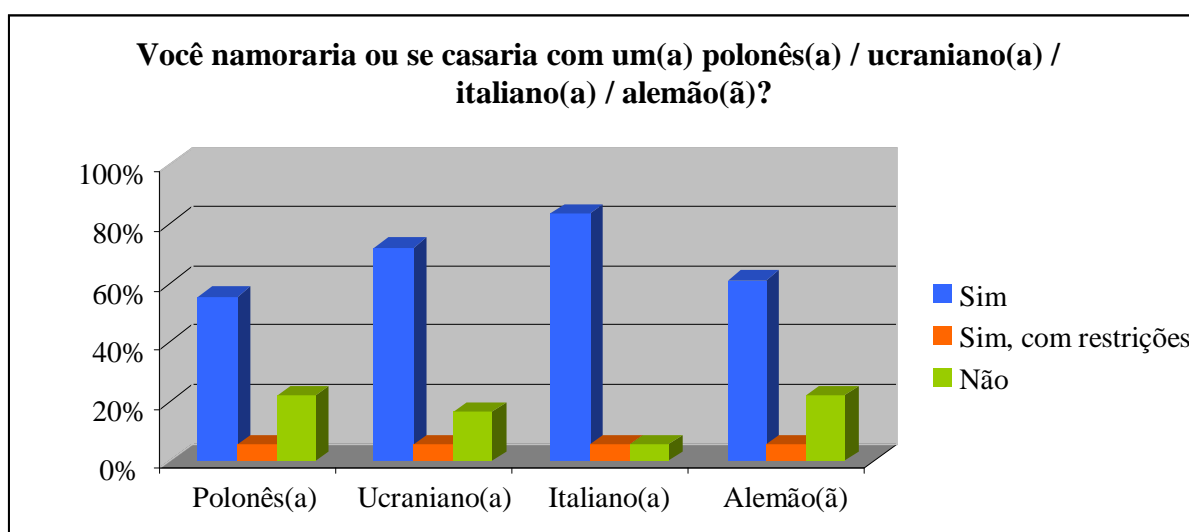
INF.- Não sei, eu nunca gostei muito [risos].

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eu nunca tive muita afinidade com alemão. (Inf. 2)

Novamente, no Gráfico 28, foram consideradas apenas as respostas afirmativas (com ou sem restrições, ressalvas ou condições) e negativas, ignorando-se a porcentagem das demais.

Gráfico 28 – Tendência de reação frente à possibilidade de relacionamento afetivo com membros dos diversos grupos étnicos de Irati



O último conjunto de perguntas analisadas neste bloco diz respeito à questão “Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um polonês/ucraniano/italiano/alemão? Por quê?”.

Sobre a possibilidade de consulta a um profissional de origem polonesa, apenas um informante (5,56%) disse que não procuraria um médico ou dentista dessa etnia. Os demais (94,44%) forneceram respostas positivas. As justificativas destacaram principalmente a questão da formação e do preparo do profissional, que independeria de sua origem.

Com relação a profissionais de origem ucraniana, apenas um informante disse, num primeiro momento, que não procuraria um médico ou dentista dessa etnia, com a justificativa de que “não ia entender nada o que ele ia falar” (Inf. 11). Porém, quando o inquiridor aventou a possibilidade de o médico ou dentista falar em português, esse informante reconsiderou sua resposta, de modo que se tem, então, um total de 100% de repostas positivas. O mesmo ocorre com relação à possibilidade de consulta a um profissional de origem italiana, em que todos os informantes se mostraram dispostos a procurar um médico ou dentista dessa etnia.

Finalmente, no que concerne à possibilidade de consulta a um médico ou dentista alemão, o resultado foi idêntico à pergunta sobre os profissionais de origem polonesa: apenas um informante (5,56%) respondeu negativamente, o que dá 94,44% de respostas positivas. Algumas das respostas são:

INF.- Da mesma forma, né, porque ele tá exercendo a função dele, se ele for levar pro lado... d’outro lado, vira uma guerra, aí. (Inf. 1)

INF.- Também, né. Se falasse português... (Inf. 11)

INF.- [...] alemão, eu nunca tive assim um...

INQ.- Mas se precisasse consultar com alemão, consultaria?

INF.- Não, iria, claro, só que primeiro eu faço uma sondagem do profissional. (Inf. 17)

Destaca-se uma resposta em relação à possibilidade de consultar profissionais das diversas etnias:

INQ.- Por que que você procuraria os quatro?

INF.- Ué... porque... [risos] porque a etnia não faz, não faz a pessoa, o que faz é a personalidade de cada um. A etnia não influencia.

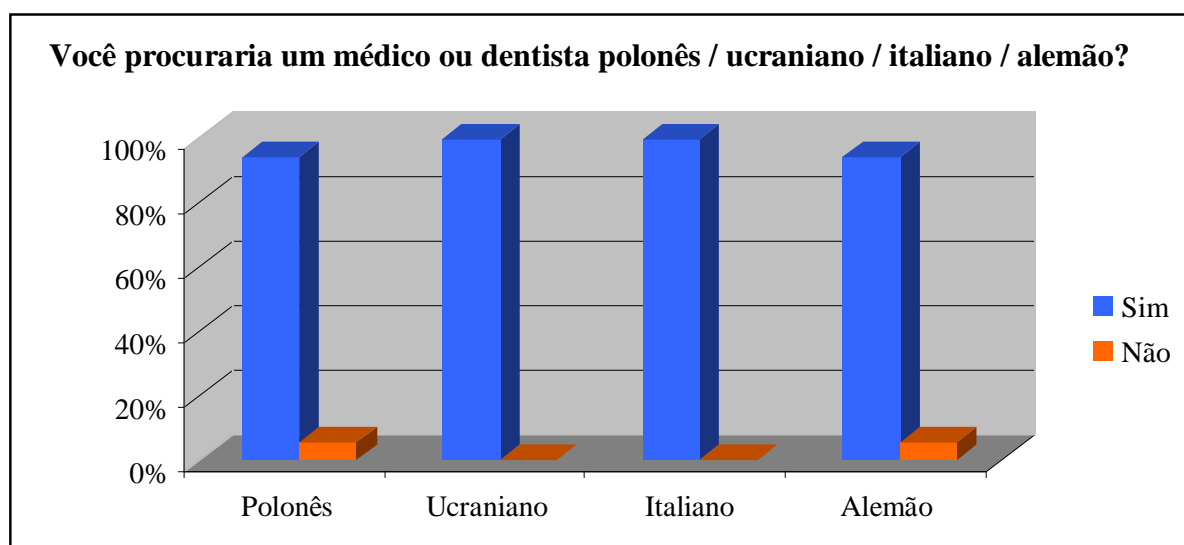
INQ.- Tudo bem.

INF.- Só um pouquinho que eles são... o alemão é mais teimoso um pouco, mas não quer dizer... os polaco e os ucraino também são teimoso, mas não é, não é mais. (Inf. 4)

Pode-se observar que a informante 4 declara, primeiramente, que a origem étnica do profissional não influenciaria a escolha do cliente com relação a esse profissional. Contudo, logo a seguir, denuncia o que pensa dos alemães, poloneses e ucranianos (taxando-os de teimosos), embora o faça de forma modalizada, utilizando termos que visam a atenuar a atribuição dada aos membros desse grupo, tais como “só um pouquinho”, “um pouco”, bem como adicionando ressalva: “mas não é, não é mais”.

O Gráfico 29, de caráter comparativo, mostra resultados muito semelhantes para todas as etnias:

Gráfico 29 – Tendência de reação frente à possibilidade de consulta a profissionais da área da saúde pertencentes aos diversos grupos étnicos de Irati





Os resultados deste bloco mostraram que os informantes, de modo geral, tendem a reagir positivamente frente às línguas de herança faladas em Irati, expressando vontade de aprender a falar alguma(s) delas, e aos seus falantes, manifestando disposição para conviver com os membros das diversas etnias (como vizinho ou namorado/cônjuge) e procurar um médico ou dentista dessas etnias. De modo geral, observou-se – e não apenas neste último bloco – que os informantes desvinculam certos aspectos referentes às relações sociais dos diversos grupos e às características pessoais dos indivíduos de seu pertencimento a grupos étnicos específicos.

## 7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE

Nesta seção, são analisados os inquiridos de Santo Antônio do Sudoeste. A análise obedece à mesma sequência de blocos vista na Seção 6, em conformidade com o proposto na seção destinada à descrição dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

### *BLOCO 1: Identificação da(s) língua(s) de aquisição e de uso do informante*

A questão que busca verificar a consciência linguística do informante quanto à língua que usa mostrou que metade dos informantes é monolíngue em português. Oito informantes se declararam bilíngues: sete (38,88%) o são em português e espanhol, e um informante (5,56%) é bilíngue em italiano e português. Uma informante (5,56%) se declarou trilíngue: “Eu falo português e arrasto um pouquinho o espanhol. Italiano também.” (Inf. 18).

Cinco dos informantes que se declararam bilíngues em português e espanhol admitiram possuir competência apenas de nível elementar neste último idioma. Porém, conforme já citado, esta tese assume a concepção de que a bilinguagem do sujeito pode variar com relação ao domínio das diversas competências (GROSJEAN, 2010). Merecem destaque as respostas de alguns desses informantes:

INF.- Ah, eu falo o português nosso um pouco, e muito pouco o castelhano, mas muito arranhado. (Inf. 5)

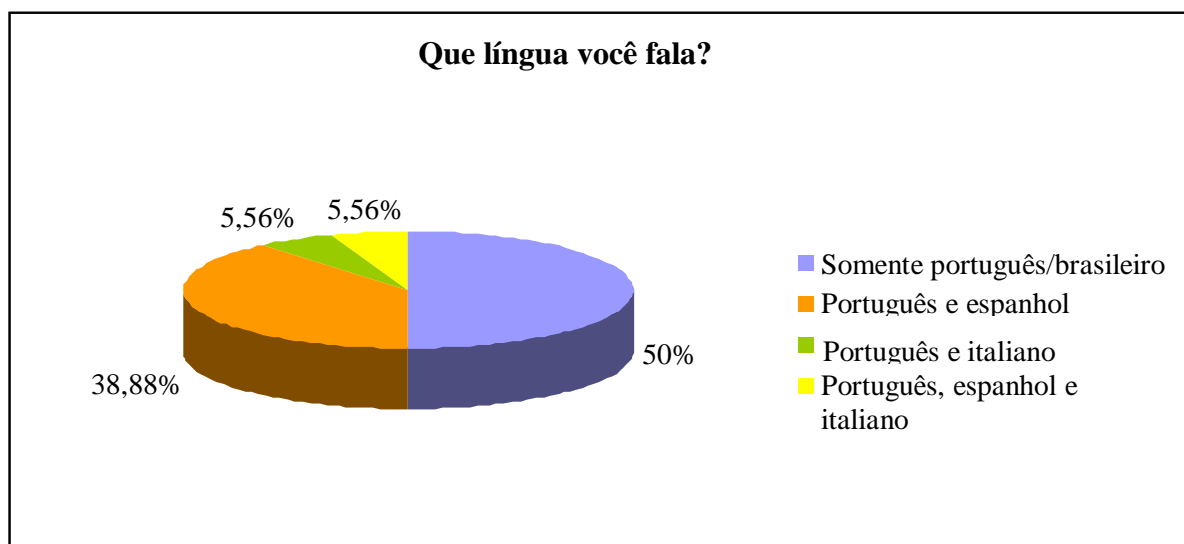
INF.- Eu... eu falo português, quer dizer, tento, né. [...] E espanhol, eu fiz... eu fiz três anos espanhol, né, eu procuro entender alguma coisa, mas faz tempo que eu fiz, já não... a gente, quando escuta eles falando meio rápido assim, né, geralmente [inint.] vai embolando, juntando, às vezes... já perdi aquela prática, né. Mas quando vou na Argentina, tranquilo, consigo fazer umas compras, ler alguma coisa, eu... principalmente ler, é mais fácil que falar, né? (Inf. 13)

INF.- Eu falo português, e dou uma remediada aí no espanhol quando... quando me encontro com os argentinos aí. (Inf. 15)

As respostas dão indícios de que muitos informantes que conhecem o espanhol adquiriram esse idioma espontaneamente ou o aprenderam na escola, movidos pela necessidade de interação cotidiana com os argentinos. Trata-se de um fenômeno comum em regiões de fronteira com países de outra língua. Esse relativo domínio do espanhol é descrito da seguinte forma: “arrasto um pouquinho”, “muito arranhado”, “vai embolando, juntando”, “dou uma remediada”, demonstrando que o uso do idioma tem a finalidade de buscar estabelecer comunicação básica com o argentino.

O Gráfico 30 permite visualizar a distribuição de monolíngues e bilíngues em Santo Antônio do Sudoeste, a partir da amostra dos informantes:

Gráfico 30 – Proporção de monolíngues e bilíngues entre os informantes de Santo Antônio do Sudoeste



Na questão que objetivava identificar a(s) língua(s) em que os pais interagiam com o informante em sua infância, verificou-se que os pais de treze informantes (72,22%) falavam com eles apenas em português ou brasileiro (como denominado por alguns), embora dois desses informantes tenham relatado que os pais falavam com seus cônjuges ou outros familiares mais velhos também em uma língua de herança, conforme se verifica nas seguintes respostas:

INF.- O português. Meu pai... é descendente de italiano, mas, é... mais ele falava com a mãe dele, né. Pra gente, já, pouca coisa ele passou pra gente. (Inf. 4)

INF.- Em português, e meu pai falava em árabe, né.

INQ.- E você entendia?

INF.- Não, eu nunca entendia, minha mãe entendia [...]. (Inf. 13)

Três informantes (16,66%) disseram que seus pais falavam em português e italiano com eles, mas, para dois desses informantes, o português era o idioma que prevalecia nas interações, como apontam as falas a seguir:

INF.- Mais era o português. A mãe até que falava um pouco de italiano, mas, no mais, era em português mesmo. (Inf. 15)

INF.- Português. Algumas... algumas frases em italiano, que minha mãe é italiana. Mais português. (Inf. 16)

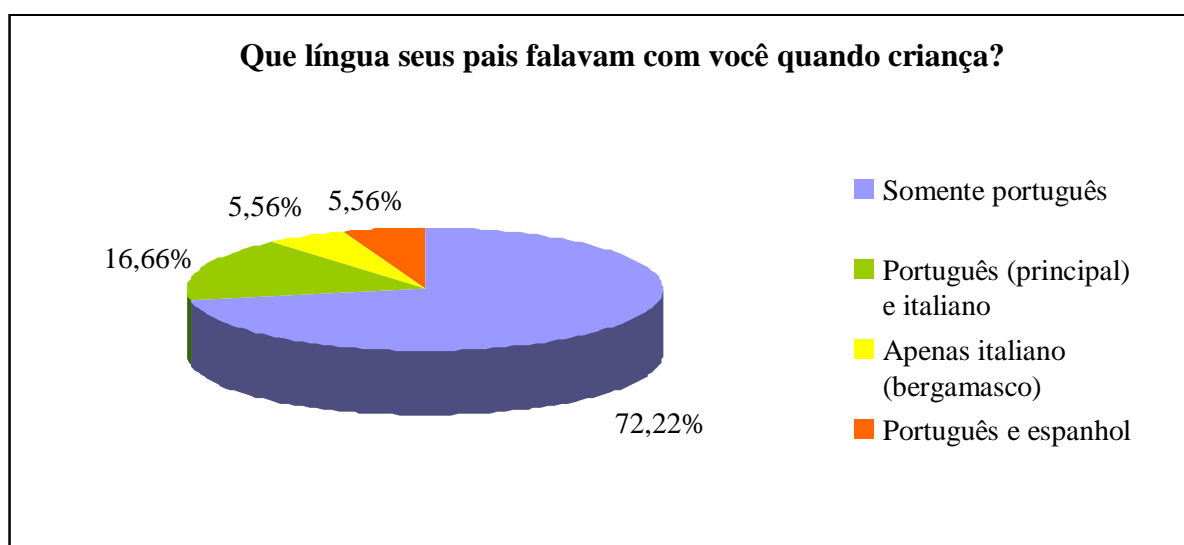
Uma informante (5,56%) disse que seus pais falavam com ela em bergamasco (dialeto italiano) e relata a dificuldade por que passou, ao ingressar na escola, por somente falar essa variedade.

INF.- Ih! Aquela era difícil, era o bergamasco, eu sofri foi na escola, gente do céu o que eu sofri! Eu não sabia nem pedir água em... em brasileiro. (Inf. 6)

Uma informante (5,56%) disse que seus pais falavam com ela em espanhol e português.

No Gráfico 31, visualizam-se os resultados da segunda pergunta do questionário:

Gráfico 31 – Língua(s) falada(s) pelos pais na interação com o informante santo-antoniense durante a infância

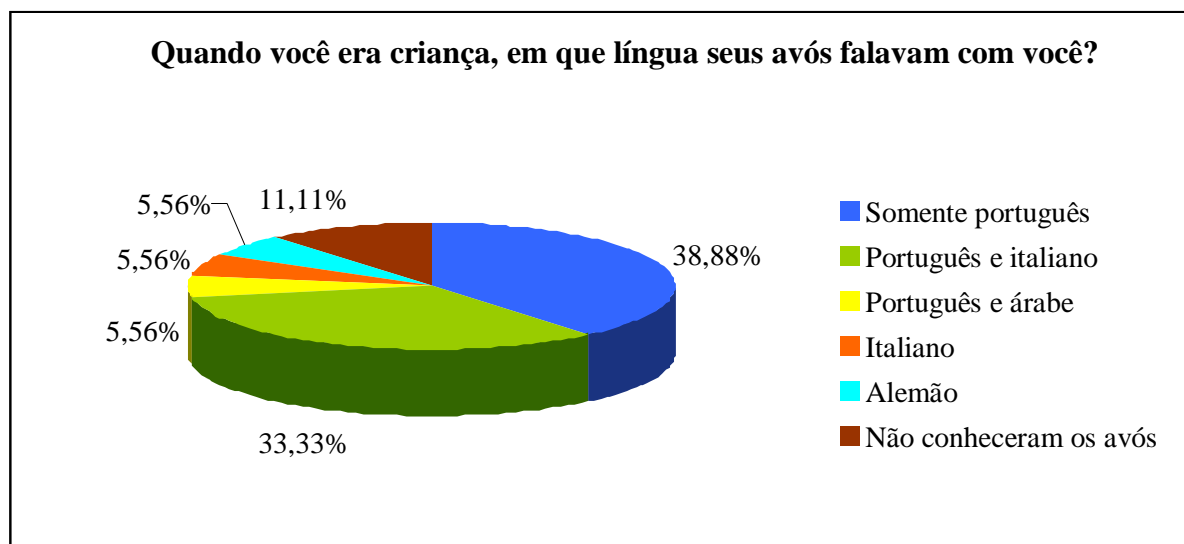


A terceira questão, que buscava descobrir as língua(s) utilizada(s) pelos avós do informante para se comunicarem com ele, durante a infância, trouxe os seguintes resultados: sete informantes (38,88%) relataram que seus avós falavam com eles apenas em português; seis (33,33%) disseram que seus avós mesclavam o português e o italiano, embora, para alguns, o italiano prevalecesse, e, para outros, o português; um informante (5,56%) disse que seus avós falavam somente em italiano; um informante (5,56%) disse que somente o alemão era usado; um informante (5,56%) disse que a comunicação com os avós era basicamente em

português, mas a avó materna falava em árabe também; e dois informantes (11,11%) não chegaram a conhecer os avós.

As respostas a essa questão podem ser visualizadas no Gráfico 32:

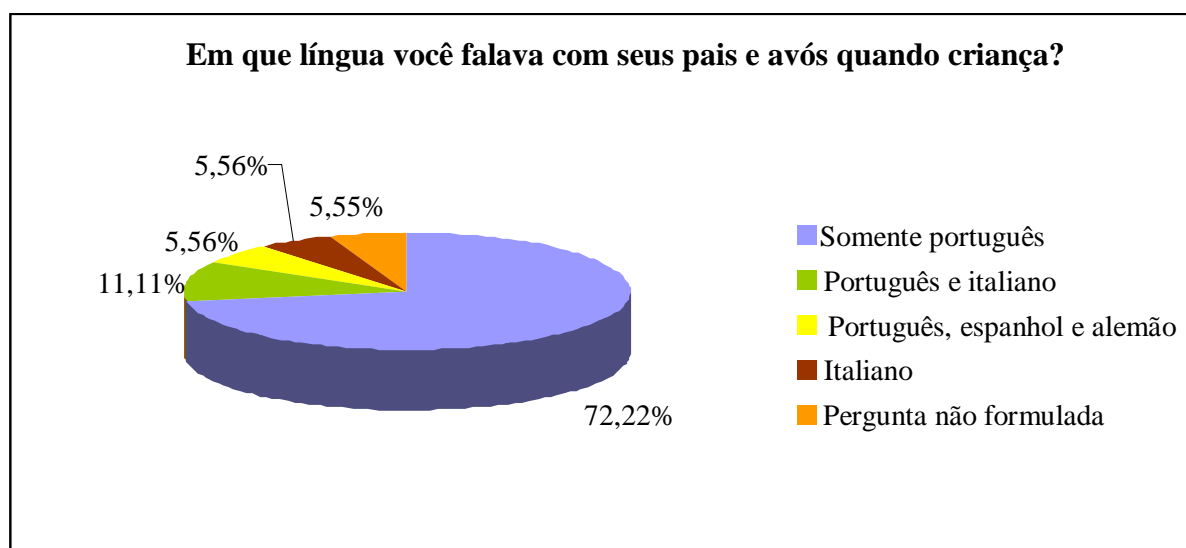
Gráfico 32 – Língua(s) falada(s) pelos avós na interação com o informante santo-antoniense durante a infância



Na última pergunta deste bloco, que visava à identificação da(s) língua(s) usada(s) pelo informante, na infância, para se comunicar com seus pais e avós, foram obtidos os seguintes resultados: treze informantes (72,22%) declararam que falavam com os pais e/ou avós somente ou majoritariamente<sup>82</sup> em português (ou brasileiro); dois informantes (11,11%) falavam em português e italiano; um (5,56%) somente em italiano; um (5,56%) em espanhol, alemão e português; e a um informante (5,55%), a pergunta não foi formulada. Esses resultados estão visualmente expostos no Gráfico 33:

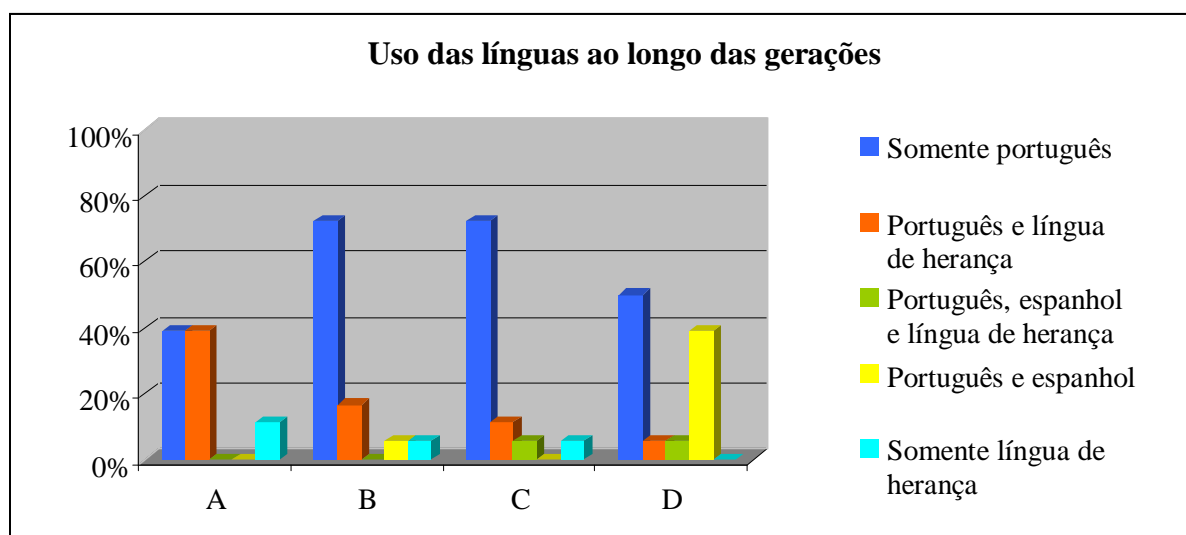
<sup>82</sup> Neste caso, alguns informantes relataram que tentavam, de algum modo, “corresponder” (geralmente de forma passiva) quando um familiar mais velho falava com eles na língua de herança.

Gráfico 33 – Língua(s) usada(s) pelo informante santo-antoniense na interação com os pais e avós durante a infância



O Gráfico 34 apresenta os resultados comparativos das questões deste bloco, desconsiderando-se os percentuais relativos às perguntas não formuladas:

Gráfico 34 – Uso do português, das línguas de herança e do espanhol em Santo Antônio do Sudoeste no decorrer do tempo



- A: Língua em que os avós falavam com o informante na infância.  
 B: Língua em que os pais falavam com o informante na infância.  
 C: Língua em que o informante falava com os pais e avós na infância.  
 D: Língua que o informante fala atualmente.

Os resultados deste bloco apontam para um fenômeno digno de observação: ao mesmo tempo em que se constata uma diminuição do uso da língua de herança ao longo das gerações,

verifica-se também um aumento do uso do espanhol. A monolingualidade em português cresce na segunda geração representada no gráfico (pais dos informantes), apresentando a mesma proporção verificada entre os informantes na infância, mas estes vão, posteriormente, adquirindo bilinguagem (ativa ou passiva) em espanhol, motivada pelas relações sociais e comerciais com os argentinos.

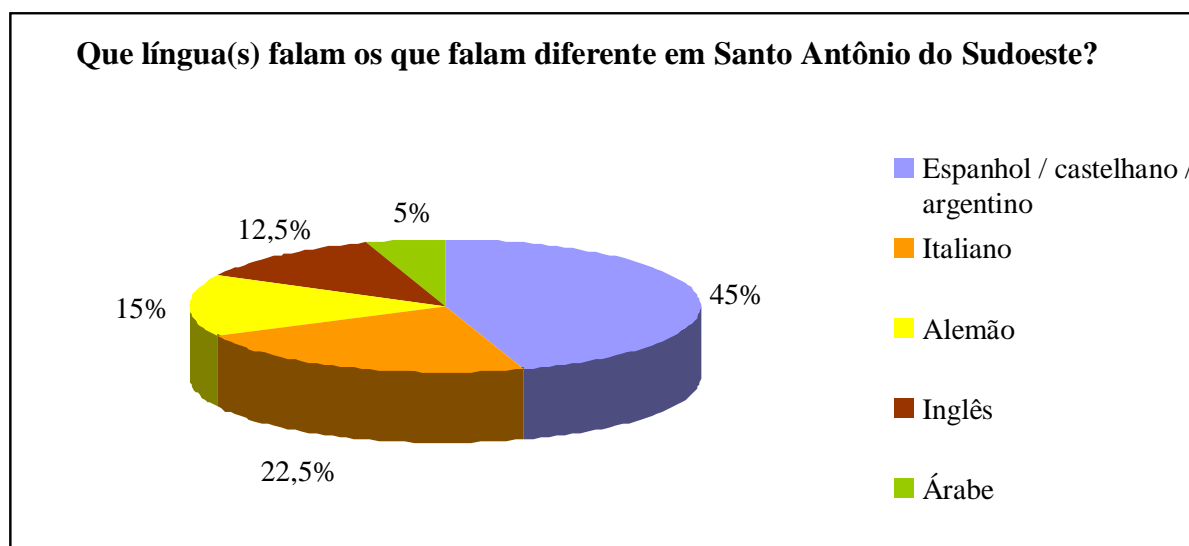
*BLOCO 2: Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade*

Neste bloco, são analisadas as questões que objetivavam identificar o grau de consciência do informante com relação à diversidade de línguas faladas na localidade e o nível de conhecimento dessas línguas.

Em resposta à questão “Aqui em Santo Antônio do Sudoeste, existem pessoas que falam diferente de você?”, todos os informantes mostraram ter consciência de que se fala(m) outra(s) língua(s) além do português, na localidade. Alguns, inicialmente, responderam negativamente à pergunta, mas, arguidos em seguida sobre o espanhol (ou o idioma falado pelos argentinos), reconheceram prontamente a situação de bilinguismo societal presente na localidade. Essa hesitação inicial dos informantes sugere que o espanhol já está de tal modo arraigado nas interações sociais da localidade que, inconscientemente, parece não ser visto como uma língua “estrangeira”.

As menções às línguas faladas na localidade, obtidas principalmente na pergunta “Que língua(s) falam os que falam diferente aqui?”, foram também adiantadas por alguns informantes na questão anterior. A variedade mais lembrada foi o espanhol (assim denominado por quatorze informantes), ou castelhano (dois informantes), ou argentino (dois informantes), totalizando 45% das menções. As demais línguas tiveram os seguintes resultados: o italiano foi citado por nove informantes (22,5% das menções); o alemão, por seis (15% das menções); o inglês (língua aprendida em contexto escolar) foi mencionado cinco vezes (12,5% das menções); e o árabe teve duas menções (5%). O Gráfico 35 permite visualizar esses resultados:

Gráfico 35 – Identificação das línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste



Com relação às línguas de imigração, muitos informantes reconheceram que não há muita frequência em seu uso, ou que elas estão restritas a situações específicas, ou, ainda, que se trata de uma variedade alterada pelo contato com o português, como exemplificam as respostas a seguir:

INF.- Não, é muito pouco praticado o italiano aqui. O italiano, o alemão, esses aqui tem bastante pra esses lados, mas não... só fala mais o brasileiro mesmo. (Inf. 5)

INQ.- Grupos que falam italiano, não?

INF.- Talvez com certeza tenha, porque tem bastante pessoas de origem italiana em nossa região, mas são mais grupos fechados, que se reúnem pra jogar uma carta, pra conversar entre elas... [inint.]

INQ.- Aqui, alemães, não?

INF.- Tem alemães, inclusive os meus sogros são alemães, mas raramente falam alguma coisa, alguma frase ainda. (Inf. 16)

INQ.- Italiano, alemão, não tem ninguém que fala?

INF.- Tem um pessoal que fala, mas não... É misturado com o português, não o italiano puro. (Inf. 17)

Alguns informantes demonstraram a consciência de que a variedade usada na interação entre brasileiros e argentinos não é, de fato, o espanhol, mas uma “mistura” dessa língua com o português, conforme exemplificam estas respostas:

INF.- O espanhol, né, porque tem os castelhano aqui, né, daí tem a... às vezes se casam, né. Não é bem o espanhol, um portunhol, assim, faz uma mistura, e o português, né. (Inf. 13)

INF.- [...]. O espanhol também, porque a gente é vizinho da Argentina, né, eles falam também espanhol. O portunhol, né, no caso, né, mistura o português com espanhol. (Inf. 14)



Uma informante observou que os argentinos usam o português para interagir com os brasileiros:

INQ.- Aqui você acha que só moram aqueles brasileiros? Não moram, assim, descendentes de argentinos, paraguaios?

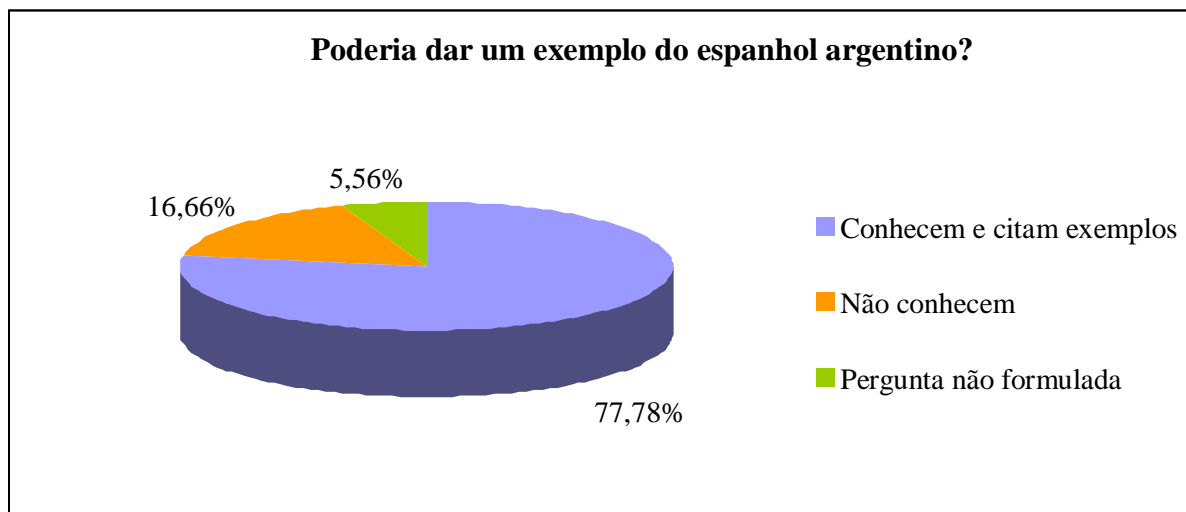
INF.- Também, moram. Principalmente descendentes de argentinos.

INQ.- E que língua que eles falam, assim, no dia a dia?

INF.- Eles falam português. (Inf. 16)

Nas perguntas do questionário destinadas a averiguar o quanto os informantes sabiam a respeito das línguas faladas na localidade, era-lhes solicitado que citassem exemplos das diversas línguas. Com relação ao espanhol argentino, apenas três informantes (16,66%) não souberam informar exemplos dessa variedade, e a um informante (5,56%), a pergunta não foi formulada. Os demais informantes (77,78%) apresentaram, ao menos, um exemplo. Esses resultados estão representados no Gráfico 36:

Gráfico 36 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em espanhol argentino pelos santo-antonienses



Os exemplos mais lembrados foram fórmulas de cumprimento, palavras usadas para estabelecer comunicação, conforme ilustra a fala da informante 14:

INF.- Espanhol, no caso, a gente que convive aqui, né, dentro da farmácia fala bastante, ‘¿hola, que tal?’, ‘muy bien, ¿y vos?’, essas coisas assim. ‘Buenos dias’, né, ‘até luego’, essas coisas mais comunicativas assim, né. (Inf. 14)

Ou, como diz a informante 10, a propósito de outra pergunta do questionário<sup>83</sup>:

INQ.- Em que lugar que você ouve essas pessoas falando diferente?

INF.- Aqui na rua, no meu trabalho, né, no dia a dia da gente, sabe? Conversa com uma pessoa, responde pro'cê, às vezes, responde '¿hola, que tal?', '¿cómo está?', '¿cómo le va?', seria no caso o espanhol, né. A gente podia falar 'bom dia', 'boa tarde', já fala assim: '¿cómo estás?', né, a gente já fala 'bom dia', já fala 'tchau', entendeu? Eu falo 'salud', essas coisas, a gente tá na rua, no trabalho meu, sabe? São essas coisas aí [risos]. (Inf. 10)

Algumas palavras lembradas refletem um vocabulário útil nas relações comerciais, pois nomeiam produtos geralmente comprados por brasileiros na Argentina, onde os preços são mais baixos se comparados aos praticados no Brasil: “*nafta*, que é gasolina, e... *goma*, que é borracha” (Inf. 5), “uma roupa, no caso, uma *collera*, um *pantalón*” (Inf. 10).

Uma informante cita dois exemplos peculiares: “É... é... *pata* seria ‘pé’. ‘O meu pata’, eles falam [...]. *Macana*, *macana* é ‘sacana’” (Inf. 4). Outro informante cita até mesmo um termo que não parece fazer parte do vocabulário espanhol (algo que soa como ‘inchatan’), mas, ao ser indagado sobre o significado, reconhece: “Não consigo me lembrar” (Inf. 7).

Foram também bastante citadas palavras ou expressões que atuam principalmente como marcadores conversacionais, elementos necessários para gerir a relação entre os interlocutores, tais como “*Mira cá*, vem cá, olha lá... *mira*...” (Inf. 5) e “*adelante*, né, *arriba*, que seria ‘pra cima’” (Inf. 16). É certo que os itens incluídos nessa categoria, na Tabela 4, também têm outras funções, mas é mais provável que os informantes os usem como estratégias, notadamente com características metadiscursivas, para dar naturalidade ao discurso e, assim, obter êxito no processo de interação comunicativa.

A Tabela 4 apresenta todos os exemplos citados pelos informantes:

---

<sup>83</sup> Embora se trate de resposta a outra pergunta do questionário, os exemplos fornecidos pelo informante são considerados na análise deste bloco e compõem a Tabela 5.

Tabela 4 – Campo conceitual das palavras ou expressões em espanhol argentino citadas pelos informantes de Santo Antônio do Sudoeste

<b>Campo conceitual</b>	<b>Exemplos citados</b>	<b>Porcentagem</b>
Fórmulas de saudação	<i>Buenos dias</i> (duas menções) <i>Salud</i> <i>Até luego</i> [= <i>Hasta luego</i> ] <i>Hola</i> (duas menções) <i>¿Hola, que tal?</i> (duas menções) <i>¿Cómo tá?</i> [= <i>¿Cómo estás?</i> ] <i>¿Cómo está?</i> [= <i>¿Cómo estás?</i> ] <i>¿Cómo está, señor?</i> <i>¿Cómo está, señorita?</i> <i>¿Cómo estás?</i> <i>¿Cómo le va?</i> <i>Muy bien, ¿y vos?</i>	48%
Designação de itens comercializados na fronteira	<i>nafta</i> <i>goma</i> <i>collera</i> <i>pantalón</i>	13%
Marcadores conversacionais	<i>Bueno</i> <i>Mira</i> <i>Mira cá</i> <i>Tranquilo</i> <i>No puede</i> <i>Adelante</i> <i>Arriba</i> (duas menções)	26%
Estruturas fráscas	<i>Me gusta mucho</i> <i>Me gustcha todos hermanos</i> [= <i>Me gustan todos los hermanos</i> ]	6,5%
Outros	<i>pata</i> <i>macana</i>	6,5%
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Alguns dos exemplos apresentados na Tabela 4 mostram a interferência do português. É o caso das variações de *¿Cómo estás?* (*¿Cómo tá?*, *¿Cómo está?*) e de *Hasta luego* (*Até luego*), caracterizando o que os informantes chamam de portunhol.

INF.- [...]. E portunhol é assim, as palavras são muito semelhantes, então falam junto, enrolado, misturam algumas expressões que são brasileiras, misturam, né. É... tipo, talvez o sotaque [inint.] ali, assim, o português mais antigo, né, mas eles falam, a gente troca, né, mas eu consigo... não tenho também como explicar agora. (Inf. 13)

INF.- Ah, sim. Eles falam muito o que a gente costuma dizer portunhol, né. Eles misturam muito os idiomas. A... eles misturam a frase, algumas palavras português, algumas espanhol. (Inf. 16)

Quanto ao espanhol paraguaio, a pergunta não foi formulada a dez informantes (55,56%), provavelmente em razão da constatação dos inquiridores de que a maioria dos entrevistados não tinha efetivamente contato com paraguaios, tendo em vista que a localidade fica relativamente distante do Paraguai.

Algumas respostas, na verdade, foram dadas na questão anterior como sendo exemplos do espanhol ou castelhano de modo geral, mas, pelo fato de o contato se dar mais com os argentinos da fronteira com Santo Antônio do Sudoeste, presume-se que os informantes tenham aprendido essas expressões na relação com esses argentinos, razão pela qual elas figuram na Tabela 4.

Apenas a informante 2 (5,56%) demonstrou saber termos específicos do espanhol paraguaio, mas não quis citá-los, dizendo tratar-se de linguagem proibida. Essa informante fez referências a “coisas que não dá pra comentar muito”, isto é, palavras interditas, termos sancionados pelas convenções sociais, comum em todas as línguas. Geralmente, são termos relacionados a sexo e a membros do corpo especialmente envolvidos no ato sexual, os quais são vistos como linguagem chula ou palavrão, isto é, “aquele item que ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade” (ORSI, 2011, p. 335). Trata-se de tabu linguístico, que, segundo Orsi (2011, p. 336), “é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais”.

Devido ao alto índice de perguntas não formuladas sobre exemplos do espanhol paraguaio, não será apresentado o gráfico para visualização dos resultados, de modo a evitar uma distorção em sua interpretação.

Com relação à solicitação de exemplos em alemão, a pergunta não foi formulada a dez informantes (55,55%), pois esses entrevistados já haviam mencionado que não tinham contato com falantes de alemão. Três informantes (16,67%) alegaram não conhecer exemplos de alemão, e dois informantes (11,11%) disseram não se lembrar de nenhum exemplo, embora conhecessem algo desse idioma.

Três informantes (16,67%) citaram exemplos:

INF.- O pai... o pai, até que ele... *alles prau* [= *alles blau*], [inint.] essa história toda, isso aí o pai sabe, aprendeu quando era criança também. (Inf. 15)

INF.- Do alemão eu conheço, assim, o *alles blau*, *alles brau* [= *blau*], que é ‘tudo azul’, né. Tem uma senhora que trabalha comigo no outro colégio, ela chega, “tudo *alles brau*”, né, daí ela diz que é ‘azul’. (Inf. 17)

INF.- Ah, em alemão eu não arrasto nada, não sei, só sei de duas palavras, mas são muito feia [risos].

INQ.- [Risos] Não pode falar?

INF.- Não, não pode.

INQ.- Como eu não sei alemão... [risos].

INF.- Não, porque vaca, vaca eles chamam de 'cu' [= *Kuh*]. E... quero ver outra palavra que eu sei, porque falo muito pouco com ale... com pessoas que falam alemã, né, porque são bastante... são pessoas assim bastante reservadas, não são pessoas... elas falam muito entre si, né. Então a gente não tem muita comunicação com elas. Tinha um senhor que morava aqui que ele era da Alemanha mesmo, o seu Nilma, mas ele... ele falava com a gente assim muito bem, né, explicava alguma coisa, faz tantos anos que eu esqueci algumas coisas que ele falava. (Inf. 18)

A expressão *alles blau*, citada pelos informantes 15 e 17, é uma forma de cumprimento (= tudo azul, tudo bem) comum entre membros de comunidades alemãs. Como foi visto ao longo desta tese, tais fórmulas estão entre as mais usadas pelos descendentes, mesmo que já não sejam mais fluentes na língua de herança, e, de certa forma, são também absorvidas pelos interlocutores habituais do grupo.

O exemplo dado pela informante 18 faz alusão a um termo que se caracteriza como tabu linguístico em português. Na verdade, o termo a que faz referência (*Kuh*), em alemão, é pronunciado com a vogal prolongada e aspirada, mas os brasileiros com ouvidos não acostumados a esse idioma geralmente não identificam essa distinção fonológica, percebendo a palavra com a pronúncia mais aproximada em português (interferência fonológica)<sup>84</sup>. Novamente, aparece aqui a questão do tabuísmo, ou seja, a interdição das palavras que “são muito feias” e “que não se pode falar”.

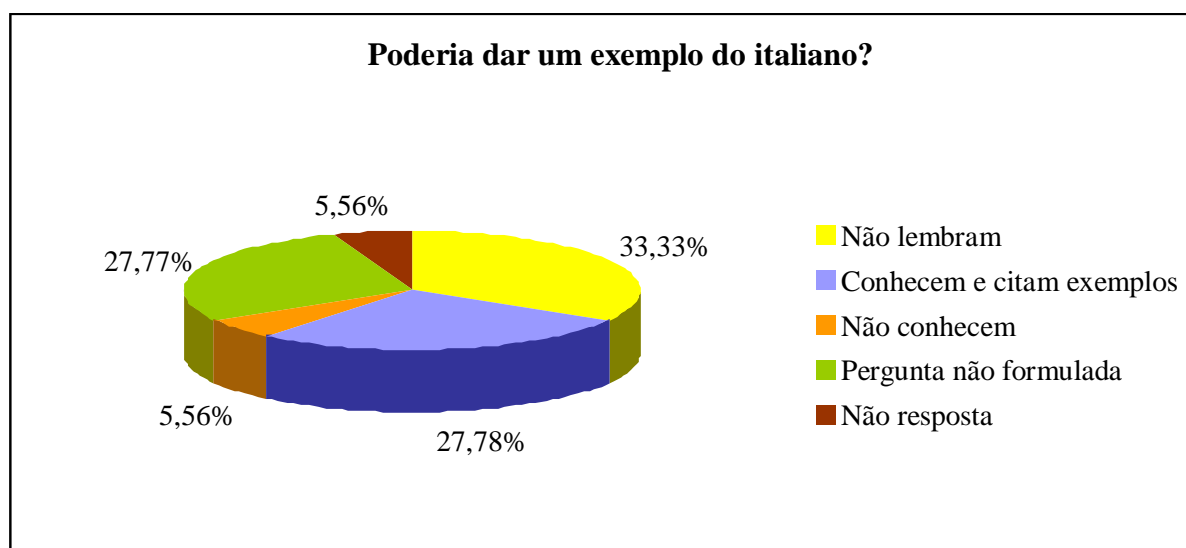
Devido ao alto índice de perguntas não formuladas, também não será exposto o gráfico referente aos resultados dessa questão; tampouco se faz necessária a apresentação de tabela relativa ao campo conceitual das palavras ou expressões em alemão citadas pelos informantes.

Com relação ao italiano, a pergunta não foi formulada a cinco informantes (27,77%), pois, mais uma vez, os inquiridores certamente observaram que esses entrevistados não tinham contato com falantes de italiano. Cinco informantes (27,78%) citaram palavras ou expressões do italiano; seis informantes (33,33%) alegaram não se lembrar de nenhum exemplo; um informante (5,56%) disse não conhecer nenhum exemplo; e um informante (5,56%) não respondeu (a pergunta fora formulada em bloco, referindo-se a todos os idiomas de uma vez, e não fora reformulada posteriormente pelo inquiridor).

O Gráfico 37 ilustra os resultados dessa questão:

<sup>84</sup> Em sua experiência de passar boa parte de sua vida em comunidade de descendentes de imigrantes europeus (italianos, principalmente, mas também poloneses e alemães), a autora desta tese pode atestar que essa referência jocosa ao termo (*Kuh* = vaca) não é incomum em comunidades onde convivem falantes de alemão e falantes de português e de outras línguas de herança.

Gráfico 37 – Citação de exemplos de palavras ou expressões em italiano pelos santo-antonienses



Entre os exemplos dados, além de um termo de saudação, aparecem expressões que têm função interjetiva, incluindo termos torpes:

INF.- Ah, os italianos costumam dizer bastante *porco giorno*, é... *porca pipa*, alguma coisa assim... (Inf. 8).

INF.- Tem vários em italiano, *buongiorno*, né, tem outras tantas também, né. (Inf. 10)

INF.- *Mamma mia*, *porca Madonna*, *porco cane*, essa história toda, xingamento [risos]. (Inf. 15)

Da mesma forma como ocorreu em Irati, aparecem, nos inquéritos de Santo Antônio do Sudoeste, alusões ao costume atribuído aos italianos de usar palavras torpes como blasfêmia ou “xingamento”. Novamente, verifica-se a presença de tabu linguístico no uso do turpilóquio, em que uma expressão de linguagem torpe (*porco Dio*) aparece em uma forma que atenua a ofensa: *porco giorno* (literalmente, ‘dia porco’).

Também foi citada uma frase, pela informante 18, cujo final não foi possível ouvir com nitidez: *Che belle creature 'sto mondo* (inint.) (‘Que belas criaturas este mundo...’). Além disso, uma informante apresenta exemplos que não correspondem ao italiano, mas mostram visível interferência do espanhol e empréstimo do português, e, por isso, não serão incluídos na Tabela 5. Veja-se:

INF.- É... mu... “muitos gratios”, é... “muchas graças”.

INQ.- Uhum. E comparando...?

INF.- Aipim é mandioca. (Inf. 4)

Tabela 5 – Campo conceitual das palavras ou expressões em italiano citadas pelos informantes de Santo Antônio do Sudoeste

<b>Campo conceitual</b>	<b>Exemplos citados</b>	<b>Porcentagem</b>
Fórmulas de saudação	<i>buongiorno</i>	14%
Locução interjetiva	<i>mamma mia</i>	14%
Termos torpes	<i>porco giorno</i> <i>porca pipa</i> <i>porca Madonna</i> <i>porco cane</i>	58%
Estrutura frásica	<i>Che belle creature 'sto mondo (inint.)</i>	14%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>

As respostas à pergunta “Em que lugares você ouve essa(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?” mostram que as línguas, de modo geral, são usadas em diferentes contextos comunicativos: o espanhol argentino é mais usado no âmbito público (embora alguns o usem no espaço privado, entre parentes), e as línguas de herança, no privado (ou no público, mas apenas com membros da própria etnia). A seguir, são transcritas algumas das respostas que mostram a consciência da divisão dos contextos em que cada língua é falada:

INF.- No interior, bastante o italiano, né, e na cidade, principalmente perto da divisa, ali, perto da aduana, o espanhol. (Inf. 8)

INF.- Aqui da cidade? A gente, no caso, aqui na farmácia, a gente tem bastante, no caso, aqui da Argentina, né, os castelhanos, que falam, né. Aqui vem bastante. Nos bancos também, lojas, sempre vem bastante gente, tem mais contato com o pessoal, né, porque eles vêm pra cá, né, ou a gente vai pra lá. Mas é mais com eles mesmo.

INQ.- E os italianos, você ouve, assim, muita gente falando italiano?

INF.- Não, é raras as vezes, algumas só, não é muitos não, tem... usa mais o português mesmo aqui, é mais quando se encontra, tipo, né, os mais antigos que se encontram, daí, no caso, é dia de banco, início de mês que eles se encontram aqui na frente, daí a gente ouve alguma palavrinhas, quando no caso tem duas pessoas que falam, né, se acaso é só uma, daí não.

[...]

INQ.- E o alemão?

INF.- É, aqui também, nesses casos também, mais quando vem, assim, início de mês. (Inf. 14)

INF.- A maior parte é no comércio. Porque os... os castelhanos compram muito no Brasil, e nós brasileiros compramos muito na Argentina. Então essa... essa... essa... esse negócio, entende, que a gente tem com eles lá e eles conosco aqui. Então, onde eu mais ouço falar espanhol é no comércio.

INQ.- E o italiano? E o italiano?

INF.- O italiano é mais na família, né, nas famílias, assim. Mas na rua ou nos colégios, na... na... na... no comércio não se ouve falar italiano. Mas nós, por exemplo, assim, nós temos grupo de... de... de jogar canastra, né, buraco, e nós falamos muito italiano entre nós. Porque são pessoas da mesma origem, que a gente entende falando. Então, a nossa linguagem... é mais assim.

INQ.- Ahan. E alemão?

INF.- Alemão também, mais nas famílias. (Inf. 18)

As respostas relativas aos locais em que se ouve o espanhol argentino indicaram os seguintes contextos: na(o) alfândega/aduana/fronteira/fisco (cinco menções), na rua (quatro menções), no comércio – farmácia, bancos, lojas – (quatro menções), no trabalho (uma menção) e entre familiares e conhecidos que moram na Argentina (uma menção).

As respostas sobre os contextos de uso do espanhol argentino reafirmam a frequente movimentação entre Brasil e Argentina:

INF.- Ah, na fronteira, quando a gente vai, né. No outro lado ali, mesmo os brasileiros quando tão lá, querem se comunicar e falam tudo errado, né [risos]. (Inf. 12)

INF.- [...] eles vêm e falam, conversam com a gente, vai ali também, que é pertinho, atravessar a ponte. (Inf. 13)

INF.- Ah, o argentino... aqui é a proximidade, praticamente um passo e você tá lá na Argentina. É que eles vêm pra cá, a gente vai pra lá [...]. (Inf. 15)

Observe-se o comentário da informante 12, no último grupo de respostas, sobre a variedade usada pelos brasileiros para se comunicar com os argentinos, rotulada como “falar tudo errado”. Possivelmente, a informante se referiu ao uso do portunhol, visto por muitos de forma negativa, geralmente caracterizado como resultado de corrupção da língua. Conforme Lipski (2006, p. 2), uma das atitudes em relação a essa variedade é a de que “[...] *portuñol* is undesirable, and the result of laziness, indifference, or lack of respect for the other language and its speakers”<sup>85</sup>.

Quanto ao alemão e ao italiano, muitos informantes alegaram que dificilmente se ouve esses idiomas entre os moradores, como sintetiza a fala a seguir:

INQ.- E de... dentre, assim... quando, assim, se reúnem todos, né, italianos e alemães, eles se dão bem, se comunicam bem...?

INF.- Se comunicam bem.

INQ.- Eles não falam mais a língua dos pais?

INF.- Não.

INQ.- Não, né? Só português, você havia dito, né?

INF.- Só. (Inf. 16)

Quando ocorrem, as conversas em alemão e italiano são ouvidas nos seguintes contextos: em casa, entre os membros da família (três menções), nas comunidades do interior

---

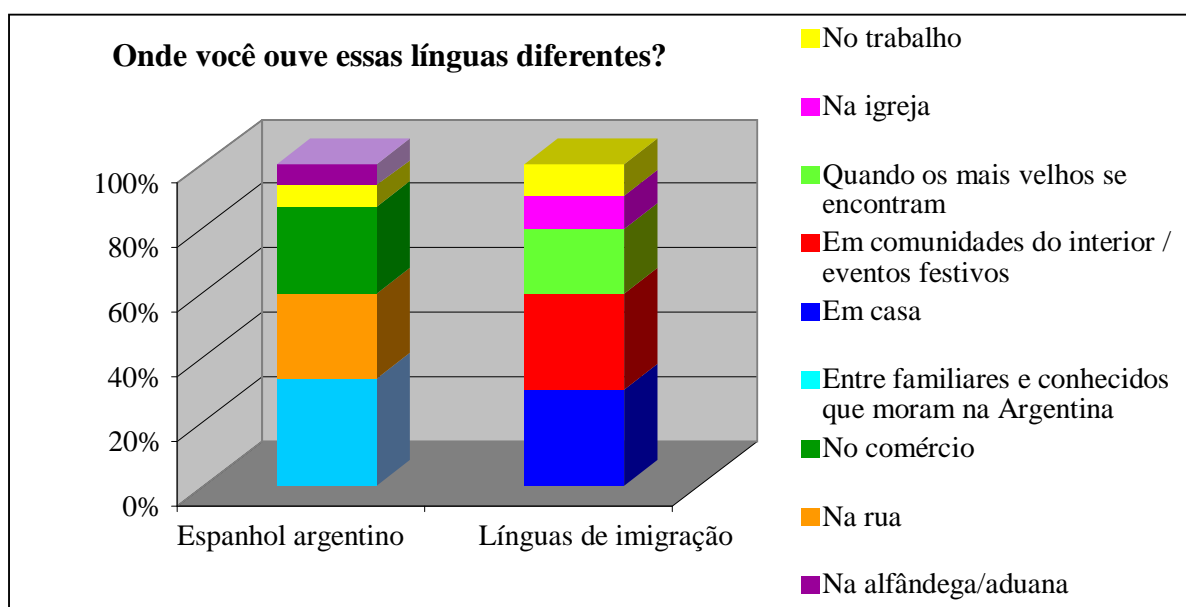
<sup>85</sup> [...] o portunhol é indesejável, e é o resultado da preguiça, indiferença ou falta de respeito pela outra língua e por seus falantes.



do município, principalmente em dias de festa (três menções), quando as pessoas da mesma origem, especialmente os mais velhos, encontram-se em público (duas menções), na igreja (uma menção) e no trabalho (uma menção).

No Gráfico 38, visualizam-se os resultados referentes a essa questão:

Gráfico 38 – Locais em que se ouvem as línguas diferentes do português em Santo Antônio do Sudoeste



Instados a responder se estudaram ou se falavam alguma dessas línguas, oito informantes (44,44%) declararam que nunca estudaram, nem falavam nenhuma das línguas ouvidas em Santo Antônio do Sudoeste. Dois informantes (11,11%) disseram que nunca estudaram nenhuma língua não portuguesa, mas que entendem um pouco do espanhol. Um informante (5,56%) declarou que não estudou nenhuma das línguas citadas, mas que compreende o espanhol e fala um pouquinho desse idioma; porém, não esclareceu de que modo aprendeu a língua. Um informante (5,56%) declarou ter estudado apenas inglês na escola e na faculdade. Os demais informantes (seis, ou 33,33%) têm algum conhecimento de espanhol por tê-lo aprendido na escola ou em curso livre, ou no dia a dia; dois desses informantes também declararam ter estudado uma “língua de escola” (francês ou inglês).

Destacam-se algumas das respostas desses seis informantes:

INF.- No caso, eu estudei na Argentina uma época, né. Então eu aprendi um pouco. No Paraguai, eu estudei dois anos, só que não... o estudo lá do outro país não vale pra nós brasileiros, né. Então, daí você chega aqui, tem que começar desde o zero de novo, né.

INQ.- E hoje em dia você fala nessas... alguma dessas línguas?

INF.- Não. O espanhol, falo um pouquinho. (Inf. 2)

INF.- Eu estudei francês também, quando era época do ginásio [risos].

INQ.- A senhora fala que línguas? A senhora fala o espanhol?

INF.- Falo um pouquinho de espanhol. (Inf. 12)

INF.- Eu fiz um curso de espanhol, mas de alemão e italiano não fiz, só espanhol.

INQ.- E por que que você fez espanhol?

INF.- Porque me interessei na época, eu gosto da língua espanhola, até foi por isso que eu fiz o curso. (Inf. 14)

A pergunta “Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Santo Antônio do Sudoeste, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?” não foi formulada à maioria dos informantes (77,78%). Um informante (5,56%) disse não ter nada a acrescentar, e três informantes (16,66%) fizeram os seguintes comentários:

INF.- Olha, se eu tivesse que escolher estudar idiomas, no caso, né, eu gostaria, com certeza, se tivesse no colégio, mas o que tem ali é inglês. Então, se pudesse ter mais idiomas pros alunos, eu acho que seria...

INQ.- Que pudesse escolher...?

INF.- ... é até melhor. (Inf. 2)

INF.- Não, a única coisa assim que eu acho que, no meu pensar, a raça é importante, né, a origem da pessoa... E não é porque é de uma origem ou outra que a gente não vai valorizar, né, como pessoa, como ser, né, cada um tem seus costumes, cada um veio de um... que nem, o alemão, né, o paraguaio é de país diferente, né, mas que são no nosso meio, né, são... (Inf. 4)

INF.- Não, é que o nosso... o nosso maior convivência aqui é realmente com os argentinos...

INQ.- Com os argentinos...

INF.- Têm um convívio bom, eles se esforçam, quando a gente conversa, eles já esforçam pra... pra conseguir transmitir pra nossa língua aquilo que entende, e da mesma forma eles também... a gente se esforça pra que eles consigam entender o que eles tão querendo transmitir pra gente, então... aqui não tem problema, a gente consegue se comunicar bem.

INQ.- E o italiano e o alemão, na verdade, fica em uma situação bem restrita, assim...?

INF.- Bem restrita, só a nível familiar... (Inf. 15)

Nessas respostas, ecoam opiniões e reivindicações presentes ao longo da análise dos dados de Santo Antônio do Sudoeste (algumas delas também presentes nos dados de Irati): a informante 2 sugere que a escola dê mais opções para o aprendizado de línguas, ofertando não apenas o inglês; a informante 4 afirma a importância de valorizar as pessoas e sua cultura, independente do grupo étnico a que pertencem; o informante 15 reforça que a situação de contato linguístico é maior com relação aos argentinos, já que os descendentes de imigrantes, quando usam a língua de herança, fazem-no em âmbitos mais restritos. Além disso, o informante 15 comenta como se dão as relações interativas entre brasileiros e argentinos,

ressaltando o esforço para se fazerem entender (o que implica, quase sempre, o uso doportunhol).

*BLOCO 3: Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade*

Neste bloco, analisam-se as respostas às questões referentes a) ao comportamento linguístico e social dos falantes das diversas etnias com relação ao uso de suas línguas (nativas ou de herança) na interação com seus pares, quando alguém que não pertença a esse grupo se aproxima; b) à proibição ou não do uso do espanhol e das línguas de herança dos imigrantes em lugares públicos em Santo Antônio do Sudoeste; c) à conveniência ou não do uso dessas línguas em serviços religiosos; e d) ao ensino dessas línguas na escola.

Com relação ao primeiro grupo de questões, “Quando você se aproxima dos argentinos/paraguaios/alemães/italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?”, é preciso destacar que foram consideradas as respostas que se referiam a espanhóis ou castelhanos como se referindo aos argentinos, pois é provável que, na maioria das vezes, os informantes (e até mesmo os inquiridores) estivessem se referindo especificamente a esse grupo.

Dez informantes (55,56%) declararam que os argentinos continuam falando entre eles em sua língua materna quando alguém se aproxima do grupo, embora alguns informantes ressaltassem que eles tentam se comunicar da melhor maneira possível com a pessoa que se aproxima do grupo, como exemplificam as falas a seguir:

INF.- Eles continuam na deles, mas tentam que a gente também consiga entender, né, o sotaque deles. (Inf. 4)

INF.- Não, eles continuam, a gente entra no meio da conversa, eles falam metade argentino, metade em brasileiro, ali vai tudo... Só se não for conhecido... se for conhecido, a gente entra na conversa junto. (Inf. 5)

INF.- Não, eles continuam falando normal. Inclusive, falam espanhol com a gente. Espanhol não, né, porque é muito semelhante, não é aquele espanhol clássico lá, né, aquele espanhol lá da Espanha, eles falam... é um espanhol diferente, até quando... quando eu estudei espanhol, tinha algumas expressões diferentes, assim, o jeito de falar, aquele sotaque carregado, chegava ali, não era assim, porque é meio... como é muito próximo do Brasil, falam como a gente, assim, só que espanhol, né. (Inf. 13)

INF.- Não, geralmente eles não param, não, eles continuam o diálogo, e daí dão atenção pra mim sempre na minha língua. (Inf. 18)

Os comentários desses informantes indicam que há um esforço dos argentinos em incluir os brasileiros na interação e se fazer entender, seja usando oportunhol, seja usando o próprio português. O informante 13 reconhece que o espanhol fronteiriço falado em Santo Antônio do Sudoeste se distingue do espanhol europeu, caracterizado como “aquele espanhol clássico”, “aquele espanhol lá da Espanha”, deixando implícito que avalia positivamente a variedade argentina (“falam como a gente”) em contraste com a variedade espanhola, com “aquele sotaque carregado”.

Cinco informantes (27,78%) disseram que os argentinos param de falar na língua deles quando alguém se aproxima. Porém, as razões por que o fazem diferem de informante para informante, conforme se pode ver a seguir:

INF.- Ah, eles param, né. Se é para não entender, então não vão falar, né (risos). Eles param de falar, né. (Inf. 1)

INF.- Param, têm medo de falar, porque tá...  
INQ.- A senhora tá entendendo... (Inf. 6)

INF.- Param naturalmente. Ahan, eles param. Porque, às vezes, a gente não entende, né. Eles até tentam se expressar com a gente pra conversar, mas a gente fica meio... não entendido, eles repetem em brasileiro, daí. Em português, no caso, né. (Inf. 14)

Dois informantes (11,11%) deram, ainda, outras respostas:

INF.- As pessoas não têm o costume de ficar falando em italiano, né, ou... claro, tem o espanhol que... [inint.] bastante por causa [inint.] da Argentina aqui dentro do município, né, daí, claro, eles falam lá um pouco português, um pouco o espanhol, né, faz uma mistura, né. (Inf. 3)

INF.- Depende da pessoa. Se é conhecido, continua, se é... se é mais desconhecido, dão uma parada, sabe? Muitas das vezes, quando é assim, sabe, chega uma pessoa, percebe que é uma pessoa que chega, eles dão uma cortada, né? Se não, eles continuam falando, se é conhecido, sabe? (Inf. 10)

A um informante (5,55%), a pergunta não foi formulada.

Com relação aos paraguaios, a treze informantes (72,22%), a pergunta não foi formulada, ou foi formulada de maneira genérica, utilizando termos como ‘castelhanos’ e ‘espanhóis’, incluindo também os argentinos. Considerando apenas as respostas a perguntas que faziam referência explícita aos membros desse grupo, têm-se os seguintes resultados: dois informantes (11,11%) disseram que os paraguaios continuam falando na língua deles quando alguém se aproxima do grupo; outros dois (11,11%) disseram que eles param de falar em espanhol; e um informante (5,56%) deu a seguinte resposta: “Se eles, é... entram na nossa

língua, eles... a gente consegue compreender, mas dificilmente eu compreenderia um paraguaio” (Inf. 4).

Sobre o comportamento dos alemães, três informantes (16,67%) disseram que eles continuam conversando em sua língua quando alguém se aproxima do grupo. Uma informante deu um depoimento depreciativo em relação a esse comportamento:

INF.- Aí elas continuam falando e bem mal-educadas mesmo, sabe, porque eu acho que uma pessoa que fala em outra língua e fica falando perto da gente é falta de educação, sabe. Não é verdade? Eles podem tá falando de mim e eu não sei (risos). (Inf. 10)

Quatro informantes (22,22%) disseram que os alemães param de falar quando alguém se aproxima do grupo, embora um deles afirmasse não ter muita certeza disso. Uma informante (5,56%) disse que os alemães continuam conversando entre eles, mas falam também em português com quem se aproxima do grupo, resposta que dá indícios de que a conversa ocorre simultaneamente nas duas línguas:

INF.- Eles continuam falando até que... daí, no momento que a gente se aproxima, é lógico, né, também se dirige em português pra falar com a gente, né. (Inf. 14)

Três informantes (16,67%) disseram que não se fala mais alemão em público, na localidade, como exemplifica esta resposta:

INF.- Alemães, aqui não tem muito, são poucos, né, então... eu conheci uns alemães, assim, que falavam em casa, mas já faz muito tempo, quando eu era criança. (Inf. 17)

Um informante (5,55%) deu a seguinte resposta, sem responder especificamente à pergunta:

INF.- Ah, aí não dá, porque, além de não entender, eu não tenho... a gente não vai chegar, daí, né, acho que vai um pouco da educação da pessoa não... não se intrometer na conversa dos outros. (Inf. 5)

A seis informantes (33,33%), a pergunta não foi formulada.

A respeito do comportamento dos italianos, três informantes (16,66%) disseram que eles param de conversar em sua língua quando alguém se aproxima do grupo, e dois (11,11%) disseram que eles continuam conversando. Uma informante, incluída na última estatística, justificou desta forma sua resposta:

INF.- Geralmente não, eles não param porque eles sabem, principalmente... os espanhóis até... os castelhanos até param, mas o... que falam o italiano não param porque eles sabem que a gente pouco entende do que eles tão falando, sabe, principalmente os mais antigos, assim. O meu vô e minha vó, quando eles queriam falar alguma coisa que não queriam que a gente entendesse, eles falavam em italiano [risos], não queriam que a gente soubesse o que eles tavam falando. (Inf. 8)

Duas informantes (11,11%) disseram que os italianos continuam conversando entre si, mas que alternam a conversa em português com os interlocutores que não falam a língua deles, como demonstra esta informante:

INF.- Não, geralmente eles não param, não, eles continuam o diálogo, e daí dão atenção pra mim sempre na minha língua. Eu nunca tive assim essa... esse impacto de chegar num lugar e as pessoas estiverem falando italiano ou alemão, ou japonês, seja lá o que for, e eles pararem de falar, porque dá a impressão que estão falando da gente, né, mas eu nunca tive isso, não. Eles continuam o diálogo deles e depois voltam a dar atenção pra gente. (Inf. 18)

As respostas de quatro informantes (22,22%) indicam que os italianos praticamente deixaram de usar a língua de herança na localidade, pois já dominam o português, ainda que com traços do italiano. Um desses informantes lembra que apenas algumas expressões do italiano são ainda faladas pelos mais velhos. Vejam-se três das respostas:

INF.- Italianos é conforme a ocasião, né. Porque o italiano fala o... bem o português também, puxando pro italiano, mas eles...

INQ.- Conseguem se comunicar em português?

INF.- Conseguem. Uhum. (Inf. 4)

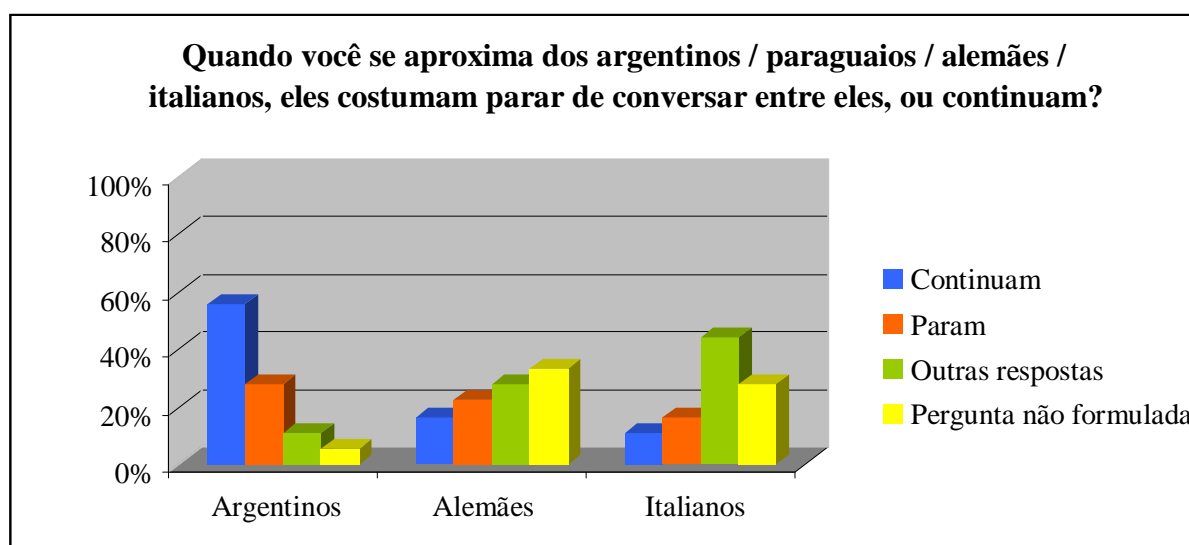
INF.- Os italianos, pra dizer bem a verdade, mais é os mais antigos, os avós, o pai, não é assim uma língua muito fluente. Eles falam... eles falam entre eles, assim, os mais antigos, eles falam algumas expressões italianas, mas em geral eles falam mais o próprio português, né. (Inf. 15)

INF.- Italiano hoje ainda existe muito, as pessoas de origem. Só que falar italiano mesmo, hoje, não se vê. Tem essa mistura do português com o italiano. (Inf. 17)

Um informante (5,56%) afirmou nunca ter tido essa experiência; outro (5,56%) não respondeu propriamente a pergunta; e a cinco informantes (27,78%), a pergunta não foi formulada.

Os resultados dessa questão aparecem representados visualmente no Gráfico 39, de forma comparativa. As respostas com relação aos paraguaios não serão representadas no gráfico, devido à possibilidade de distorção na interpretação dos resultados.

Gráfico 39 – Percepção dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste sobre o comportamento social e linguístico dos falantes dos diversos grupos étnicos quando alguém se aproxima do grupo



Indagados a respeito da conveniência ou não de proibir o uso das línguas não portuguesas em lugares públicos de Santo Antônio do Sudoeste, apenas um informante (5,56%) disse que o proibiria, caso pudesse, mas não apresentou razão para isso:

INF.- Ah, eu não, né. Não pode mudar a pessoa, né [risos]. Não posso, né. Nem que force, não adianta [risos], controlar a boca dessas...

INQ.- Mas se pudesse, você proibiria?

INF.- Se pudesse, né. Se pudesse [inint.] [risos]. (Inf. 1)

Os demais informantes disseram que não proibiriam, a maioria defendendo, às vezes de forma veemente, o direito de as pessoas falarem suas línguas maternas ou de herança. Vejam-se algumas respostas que exemplificam essa posição:

INF.- Não, não, de forma alguma, eu acho que... o direito é igual, tanto que a gente frequenta bastante o lado da Argentina lá também, então... eu fico curioso até, em algumas coisas que eles fala, a gente fica curioso de saber o... a tradução, então... mas eu acho que não podia proibir, eu não seria contra de forma alguma. (Inf. 3)

INF.- Não, porque acho que isso tem que tá pra comunicação do povo, né, até teria que ser bem valorizado em todas as classes, a origem, do público, né. Todo mundo teria que saber pronunciar um pouquinho, né, o básico, eu acho, de cada origem. (Inf. 4)

INF.- Ah, eu não!

INQ.- Por que não?

INF.- Porque não, porque cada um tem o direito de falar sua língua! (Inf. 6)

INF.- Não, de forma alguma!

INQ.- Por que não?

INF.- Porque eu acho que é uma cultura, né, é uma coisa que eles... eles vêm desde pequenininho aprendendo a falar, eles têm esse costume, a cultura deles, então tem que preservar. (Inf. 8)

INF.- Não, de jeito nenhum, eu acho que não. Eu não proibiria porque eu acho que isso aí é cultura, uma coisa que já foi, né... o Brasil mesmo já... já... quantas vezes, né, assim em épocas anteriores, né, cancelou, não deixava ninguém falar essas línguas estrangeiras, e isso contribuiu pra nossa juventude, né? [...] tem muitos jovens que... tipo assim, que são descendentes de alemães, de italianos, do próprio espanhol, que ti... tivessem cul... cultivado aquelas línguas, hoje estariam bem melhor, né. (Inf. 11)

INF.- De maneira alguma! Eu acho que cada um deveria se expressar por sua própria língua!

INQ.- Mesmo estando aqui no Brasil?

INF.- Mesmo estando aqui no Brasil, eu acho que cada um tem a sua... e acho que isso aí é um direito que assiste à pessoa, né [...]. (Inf. 18)

Conforme apontam as respostas, pode-se dizer que há uma atitude bastante positiva, quase unânime, em relação ao uso das línguas étnicas na localidade, visto até como uma forma de enriquecimento cultural. O informante 11 fez alusão ao período em que o governo brasileiro proibiu o uso das línguas de imigração, mostrando reprovação a tal política, que, segundo ele, contribuiu para que as gerações mais jovens abandonassem suas línguas de herança.

Quanto ao uso das línguas faladas na localidade em serviços religiosos (missa ou culto), sete informantes (38,89%) não veem necessidade de o sacerdote, pastor ou palestrante falar em outra língua, além do português, a seus fiéis, argumentando que as pessoas que moram em Santo Antônio do Sudoeste entendem o português, que essa é a língua oficial do país e que dificilmente os argentinos vêm ao Brasil para participar da missa. Já seis informantes (33,33%) responderam que as línguas diferentes do português deveriam ou poderiam ser usadas, sobretudo o castelhano ou espanhol, uma vez que há muitos argentinos que frequentam missa no Brasil.

Cinco informantes (27,78%) deram outras respostas, geralmente no sentido de descrever o que já acontece na localidade. Destacam-se as respostas mais representativas:

INF.- Tem uns [sacerdotes/pastores] que falam, já. Geralmente, é um pessoal que não entende, né, mas tem outros que já... (Inf. 2)

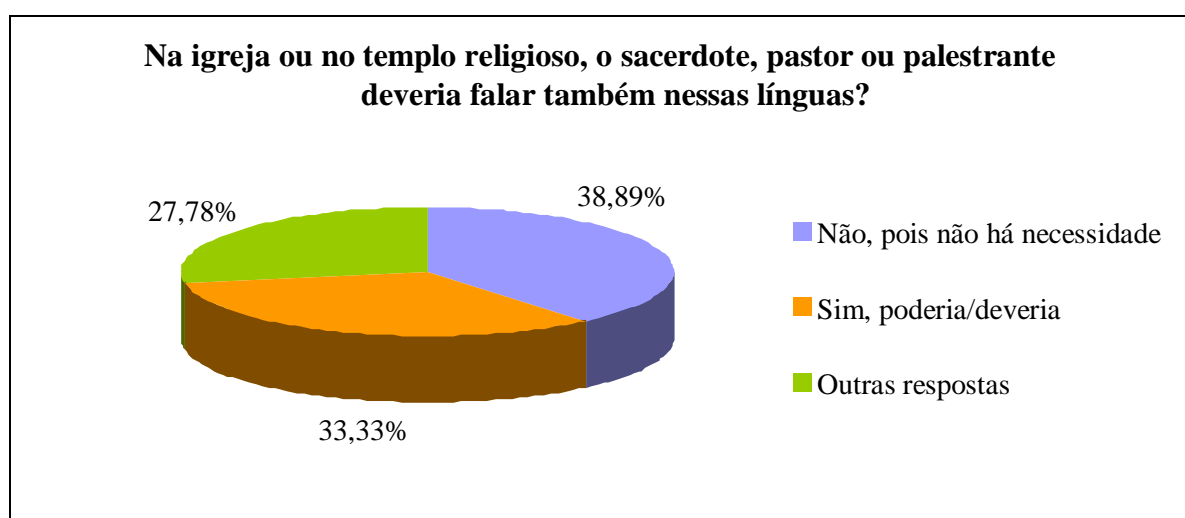
INF.- Aqui temos um padre, aqui, que é chileno. Então, ele fala meio... já meio aportuguesado, já, mas não ia ter problema, porque muito... o espanhol e o italiano não ia ter muito problema, o italiano ia entender, mais é o alemão que tem um pouco mais... tem uma igreja aí que é praticamente só de alemães, até acredito que lá eles possam até difundir mais esse idioma alemão do que na nossa comunidade, no caso. (Inf. 15)



INF.- Olha, eu... não po... não sou autoridade pra dizer, assim, que eles deveriam pregar nas línguas, por exemplo, português, italiano, espanhol, porque nós temos várias re... é... igrejas aqui, né, várias religiões, sabe Deus se é o mesmo, né, mas enfim... Mas na igreja evangélica, por exemplo, eles pregam em alemão, né. Na nossa católica eles pregam em português, lá na Argentina eles pregam o... o... porque nós não temos aqui no Brasil uma igreja que frequentem espanhóis, porque quem mora aqui no Brasil fala o espanhol e fala também o português, então entende bem o português. Então, eu acho que não há necessidade de o padre falar assim [...]. (Inf. 18)

O Gráfico 40 apresenta os resultados dessa questão:

Gráfico 40 – Crenças dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste sobre o uso de línguas diferentes do português em serviços religiosos



Finalmente, com relação ao papel da escola em ensinar as línguas faladas na localidade, onze informantes (61,11%) opinaram que a escola deveria ensinar todos os idiomas, principalmente o espanhol, por causa do contato com pessoas do país vizinho. Esta resposta parece sintetizar as opiniões desses informantes: “O espanhol, né, porque eu acho que aqui na América, eu acho que é o espanhol, né, e um pouco de... de cada uma dessas que você citou aí” (Inf. 4). Um dos informantes, incluído nessa estatística, defendeu, ainda, o ensino das línguas de herança para que elas sejam preservadas ou resgatadas:

INF.- Deveria. Deveria por causa da descendência nossa aqui, né. Pouquíssimos são brasileiros natos, né, porque a maioria é tudo descendente de alemães, de italianos, de espanhóis, né. Então, eu acho que deveria, a escola deveria mesmo, pelo menos, pra voltar um pouco dessas língua aí, né. (Inf. 11)

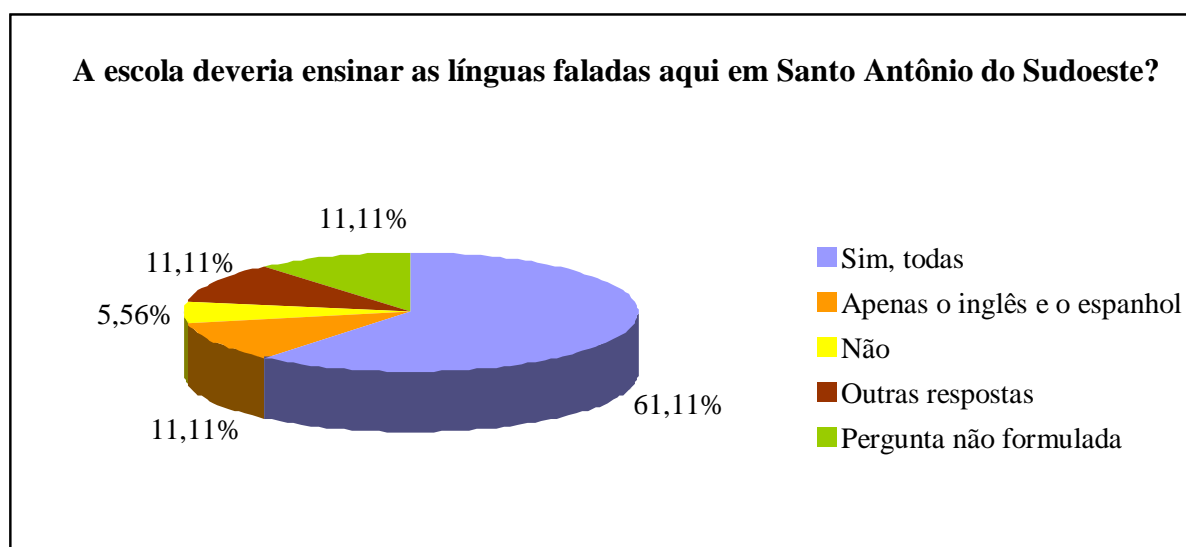
Dois informantes (11,11%) disseram que a escola deveria ensinar apenas as línguas estrangeiras mais exigidas para a inserção social, notadamente no mundo do trabalho (no caso, o inglês e o espanhol). Um informante (5,55%) disse que a escola não deveria ensinar outras línguas, mas apenas o português, com a seguinte justificativa:

INF.- Eu acho que não. Porque a escola é assim, ó: no ensino fundamental dos colégios, eu, que não tenho filhos que estudam, então, pra eles aprenderem línguas diferentes se torna... deixar um pouco de lado o que é obrigação do... do nosso português aí... que nós já temos vários... é história, é geografia, é isso e aquilo, é matemática, é o português, então, é... pesa um pouquinho na carga horária dos alunos, né. (Inf. 3)

Um dos informantes (5,56%) apenas enumerou as duas línguas que são ensinadas (espanhol e inglês) e outro (5,56%) declarou não ter opinião sobre o ensino ou não das línguas faladas na localidade. A dois informantes (11,11%), a pergunta não foi formulada.

O Gráfico 41 permite visualizar os resultados. Embora o inglês não seja foco da pesquisa, pois se trata de uma “língua de escola”, o idioma foi incluído no quadro por figurar ao lado do espanhol nas opções reivindicadas por alguns informantes.

Gráfico 41 – Crenças dos informantes sobre a inclusão das línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste no currículo escolar



Sintetizando os resultados deste bloco, verificou-se que, no tocante ao comportamento dos grupos étnicos com respeito ao uso de língua não portuguesa na presença de outras pessoas, alguns informantes destacaram o esforço dos falantes para se fazerem entender. Isso foi observado especialmente com relação aos argentinos, que usam duas estratégias principais para tentar se comunicar da melhor maneira possível com o brasileiro: repetir a informação em português e misturar o espanhol com o português.

Os informantes, de modo geral, manifestaram que não proibiriam o uso do espanhol ou das línguas de herança em lugares públicos, geralmente defendendo o direito à livre expressão, e grande parte desses informantes salientou a importância de considerar as línguas

de herança na decisão quanto à inclusão das diferentes línguas no currículo escolar, embora defendendo que se dê privilegio ao espanhol, da mesma forma que o inglês (que já é obrigatório). Quanto ao uso do espanhol ou das línguas de herança nos serviços religiosos, os informantes, de modo geral, não veem necessidade desse recurso, já que todos os fieis, sejam brasileiros ou argentinos, dominam o português.

#### *BLOCO 4: Descrição e avaliação do círculo de amizades do informante*

Neste bloco, avaliam-se as respostas às perguntas destinadas a verificar as relações de amizade do informante com membros das diversas etnias, a origem ou o contexto dessas amizades, e a avaliação que o informante faz da experiência de relacionamento com os membros desses grupos étnicos.

Quanto ao círculo de amizades com os membros das diversas etnias, o maior percentual foi verificado com relação aos argentinos: apenas um informante (5,56%) disse não ter amigos dessa etnia. Os demais (94,44%) disseram que tinham amigos ou conhecidos argentinos. A constituição de laços de amizade com os argentinos tem sua origem, principalmente, na existência de relações culturais e comerciais estabelecidas na fronteira e no fato de parentes dos informantes morarem na Argentina, conforme a fala da maioria dos entrevistados, das quais são reproduzidas as mais representativas:

INF.- Não, amigos... amigos, eu tenho o dono do posto que vou abastecer lá, o cara que eu vou comprar no mercado dele, o cara da cantina que eu vou lá às vez tomar uma cerveja sem álcool, o... tenho... é assim, né, amigos assim, né. (Inf. 5)

INF.- Bom, os argentinos, da vizinhança que a gente tem com a Argentina, né, é lógico que a gente tem, mesmo porque tem muitos argentinos, né, que vêm para o Brasil, tem parentes lá, tem parentes aqui que são meus amigos, né. (Inf. 11)

INF.- Ah, que nem os que eu citei antes, aquele que participa do Rotary Club aqui com a gente, e... e... outros mais da infância, moravam aqui, foram pra lá, continuam lá e a gente tem um relacionamento com bastante argentino. (Inf. 15)

INF.- [...] eu passo a fronteira e pelo meu próprio trabalho de cabeleireira, eles vêm muito pra cá, às vezes trabalham, e a gente cria um vínculo de amizade. (Inf. 16)

INF.- Bem, eu acho assim que foi mais... é... através de negócios mesmo, sabe, negociando. Em comércio, é... em viagens, e es... e essas opor... porque a gente faz, como eu falei pra você, intercâmbio cultural, né, então a gente visita as escolas, fala com os professores, sete de setembro eles desfilam aqui nas nossas esco... na nossa cidade, a gente, desde menina, é o Brasil, o... o... nossos jogadores de futebol aqui do Brasil é como se fosse a Copa do Mundo, era uma disputa, Brasil e Argentina, imagine o que nós fazia quando menina, né? Então, a gente... até namorar castelhana namorava [risos]. (Inf. 18)

A pergunta sobre os paraguaios não foi formulada a quatorze informantes (77,78%). Dois informantes (11,11%) responderam que não possuíam amigos paraguaios, e outros dois (11,11%) responderam que os tinham, mas apenas a informante 2 citou a origem da amizade: “A gente se conheceu num baile”.

Sobre o círculo de amizades com alemães, dez informantes (55,56%) disseram que tinham (ou que talvez tivessem) amigos dessa etnia, embora a maioria frisasse que eram muito poucos, pela presença escassa de pessoas dessa origem na localidade. Vejam-se as respostas mais ilustrativas:

INF.- Alemão? Alemão é mais difícil.

INQ.- É?

INF.- É difícil porque geralmente a mãe ou o pai é descendente de alemão, né, e já... como eles já estão aqui no Brasil, eles já muda, né. (Inf. 2)

INF.- Muito poucos.

INQ.- Uhum. E você acha que... por que tem poucos?

INF.- Não sei, não... é que na nossa região tem menos alemães. Tem mais é italiano. (Inf. 5)

INF.- Muito... tenho sim, tenho sim, a Dona L. M., ela só fala alemão, né, eu gosto muito dela. E ela é bem atrapalhada, eu rio muito com ela.

INQ.- E essa amizade começou com a família?

INF.- Também. Começou com a família dos meus pais, que eles são mais ou menos da idade dos meus pais, começou com eles, daí eles tinham filhos, daí a gente se reunia pra fazer sarau, né, e cantar e coisa assim, a gente foi se relacionando assim. Amizade de longo tempo. (Inf. 18)

Três informantes (16,66%) disseram que não tinham amigos alemães. A quatro informantes (22,22%), a pergunta não foi formulada, e um informante (5,56%) não respondeu à pergunta.

Com relação aos italianos, quinze informantes (83,33%) declararam que tinham amigos ou, pelo menos, conhecidos dessa etnia. Muitos deles assinalaram que há muitas pessoas dessa origem na localidade, o que pode favorecer o estabelecimento de um círculo de amizade com elas, já que o contato acaba se tornando mais frequente. Os informantes que têm amigos italianos alegaram que as amizades se originaram de relações de parentesco, de trabalho ou de vizinhança, muitas vezes iniciadas ainda na infância. As respostas mais ilustrativas são as seguintes:

INF.- Tenho bastante... amigo ou colega, assim, que são descendente de italiano.

INQ.- E essa amizade começou quando? Desde a infância...?

INF.- Desde a infância.

INQ.- E hoje, vocês...?

INF.- Todo mundo cresceu logo, um foi prum lado, outro foi pro outro, mas quando se encontremo, é aquela festa. (Inf. 5)

INF.- [...] os italianos, que nós temos na cidade vizinha da Pranchita aqui, tem muito italiano. Eu tenho amigos que eram... que são técnicos de contabilidade e coisa, que falam inclusive italiano, né, mas isso acaba geralmente a... gostando do que eles falam, né, aprendendo alguma coisa, (inint.) que eles cantam aquelas músicas italianas que a gente acaba gostando, né.

INQ.- E qual música que o senhor gosta em italiano?

INF.- *La verginella*... tem outra, como é que é? *Bella polenta*. Eu não sei como é que é a tradução, né (risos). É, tem várias músicas que eles cantam, né, tem músicas clássicas, né, que... que os funcionários cantam aí que são lindas, né, isso aí geralmente a gente escuta. (Inf. 11)

INF.- Esse tem, até por causa da minha própria descendência, né.

INQ.- Uhum. E essa amizade começou como? Na infância, no convívio...?

INF.- Ah, na infância, convívio, vizinhos, do tempo que eu morava no interior... preservando até hoje. (Inf. 15)

INF.- Tenho, que aqui a maioria são de origem italiana.

INQ.- E essa amizade começou de que forma? No trabalho, na... dia a dia...?

INF.- No dia a dia, né? (Inf. 17)

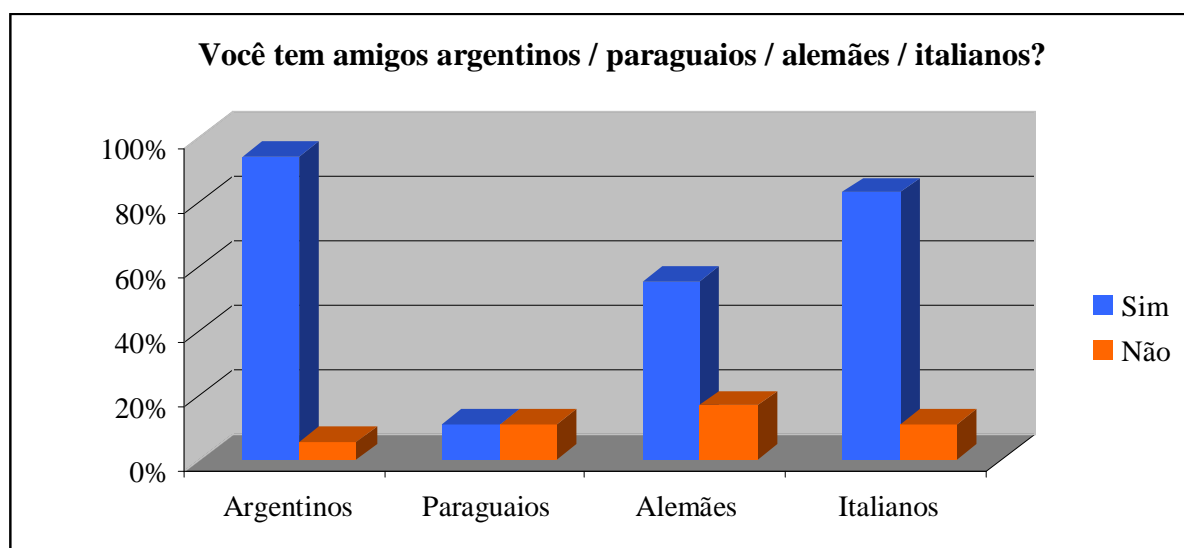
INF.- São famílias que vieram como eu de outro estado e foram pais e mães fazendo amizade, e a gente foi se criando junto e conversando, isso foi... é, assim, tornando muito sólida, que permanece até hoje, então foi essa... essa convivência que tornou a gente quase que irmãs, dessas famílias italianas. (Inf. 18)

O informante 11, no último grupo de respostas, acaba dando uma pista importante quanto ao esforço de preservação dos costumes dos italianos por meio das músicas folclóricas, que parecem ser bastante ouvidas na comunidade, fator que leva o informante a apreciar a companhia dos italo descendentes.

Dois informantes (11,11%) disseram não ter amigos italianos, e a um informante (5,56%), a pergunta não foi formulada.

O Gráfico 42, de caráter comparativo, permite visualizar os resultados desse grupo de questões. Foram desconsiderados, para este gráfico, os percentuais relativos às perguntas não formuladas e às não respondidas, o que explica a baixa representatividade de respostas afirmativas e negativas, principalmente em relação aos paraguaios e alemães.

Gráfico 42 – Relações de amizade dos informantes com membros dos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste



As três últimas questões deste bloco não foram formuladas à maioria dos entrevistados. Em razão disso, não serão apresentados gráficos referentes aos resultados dessas perguntas do questionário.

A pergunta “Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?” não foi formulada a quatorze informantes (77,78%). Os demais informantes (22,22%) deram as seguintes respostas:

INF.- Eu acho que o argentino.

INQ.- Argentino. Por que que você acha isso?

INF.- Eu não sei, porque geralmente a maioria dos meus amigos são argentinos, então... (Inf. 2)

INF.- O... italiano já... é... porque eu conheço a raça, né, a gente se identifica mais. O italiano é assim: o pingo em cima do ‘i’ e ponto, né [risos]. Então, seria a primeira o italiano, mas a gente... não é por causa da raça que a gente... você tem confiança com a pessoa, não é, né, a raça que vai... vai dizer se você pode confiar ou não, é a pessoa, né. (Inf. 4)

INF.- Ah, eu acho que a mais sincera é com os próprios italianos, né. (Inf. 15)

INF.- Eu acho que a amizade é com todos.

INQ.- Com todos.

INF.- Entende, a amizade, ela não depende, acho, que da origem, né, depende do caráter da pessoa, né. (Inf. 17)

Igualmente, a pergunta “Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?” não foi formulada a quatorze informantes (77,78%). Os outros quatro informantes (22,22%) deram as seguintes respostas:

INF.- Ah, geralmente o paraguaio é... [risos] é fogo. (Inf. 2)

INF.- Não. Porque todos são uma origem, descendência de forças bem firmes, né, bem... a cultura, todas elas são bem baseada na ética deles, né, cada um tem seu... (Inf. 4)

INF.- [Risos] Agora... agora que entram os argentinos. Aí, os argentinos, eles são um povo assim de bom relacionamento, mas tem sempre aquela... sabe, você fica com o pé atrás.

INQ.- Com o pé atrás?

INF.- O pessoal sempre fala: argentino, só tem dois tipos, aquele que te logrou e o que vai te lograr (risos). Mas eu não tenho nenhuma... nenhuma objeção com eles, eu falo em nível de... de... da população aqui. Mas é... o povo não confia muito nos argentinos. (Inf. 15)

INQ.- Então também não teria uma mais falsa ou interesseira...?

INF.- Não.

INQ.- ... seria da pessoa?

INF.- Da pessoa. (Inf. 17)

A pergunta “Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?” não foi formulada a onze informantes (61,11%). Cinco informantes (27,78%) afirmaram que nunca tiveram nenhum tipo de desentendimento, e dois (11,11%) relataram pequenos desentendimentos:

INF.- Não. De vez em quando dá uma discutida, assim, mas...

INQ.- Ah, tá.

INF.- Piazada, né. (Inf. 2)

INF.- Teve só uma vez lá [inint.] que eu fui preso lá dentro [na Argentina] sem documento. Fiquei três dias preso. (Inf. 5)

Os resultados deste bloco revelam que o vínculo de amizade dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste é maior com os argentinos do que com os membros das demais etnias referidas no questionário. Porém, uma porcentagem significativa também indica amizade com alemães e italianos, principalmente com estes últimos, refletindo o fato de o contingente de italodescendentes ser maior que o de teutodscendentes na comunidade. Segundo Battisti (2003), a maioria dos pequenos agricultores estabelecidos no Sudoeste do Paraná, na década de 40, era descendente, em segunda ou terceira geração, de imigrantes de países europeus, principalmente da Itália (40%) e da Alemanha (13%).

Com relação à amizade considerada mais sincera ou mais falsa ou interesseira, fica difícil fazer generalizações a partir de respostas tão escassas. Das quatro respostas obtidas sobre a amizade mais sincera, duas apontam os italianos, uma, os argentinos, e uma diz que a sinceridade independe do pertencimento a determinado grupo étnico. Porém, essas respostas

provavelmente estão condicionadas à experiência efetiva dos informantes em seu círculo de amizade. Já com relação à amizade mais falsa ou interesseira, houve uma menção ao paraguaio e uma menção ao argentino, que parecem estar ligadas a questões de identidade cultural (diferenças de costumes), e as outras duas respostas mostram uma desvinculação da falsidade ou do comportamento interesseiro do pertencimento a grupos étnicos específicos.

Os informantes também não relataram desentendimentos sérios com membros de nenhuma das etnias, o que pode favorecer a conclusão de que o surgimento de conflitos de amizade está mais ligado às características individuais dos sujeitos envolvidos que à sua vinculação a algum grupo étnico.

#### *BLOCO 5: Avaliação das línguas e de seus falantes pelo informante*

Este bloco apresenta as perguntas que solicitavam dos informantes a comparação das línguas e dos falantes das diversas etnias citadas na pesquisa, posicionando-se a respeito delas/deles: quem fala melhor, quem fala pior, qual língua é mais bonita e qual é a mais feia. Vale lembrar o problema metodológico relativo à ambiguidade das questões sobre quem fala melhor ou pior, comentado na seção anterior, que se reflete na dúvida de alguns informantes, como exemplificam as seguintes respostas:

INF.- Olha, tu diz na parte correta de... da gramática, né? (Inf. 3)

INF.- Da... de mais difícil de compreender o que eles falam? (Inf. 9)

INF.- Gramaticalmente falando?

INQ.- Sim, o que você acha?

INF.- Da expressão? (Inf. 18)

Contudo, apesar da falta de critérios claros do que deveria ser considerado em relação a “falar melhor” ou “falar pior”, as respostas trazem indícios importantes em relação ao componente afetivo das atitudes.

Com relação a quem fala melhor, dois terços dos informantes (66,67%) apontaram o argentino. Os que justificaram, apresentaram razões como as seguintes:

INF.- Ah, porque eu entendo mais. (Inf. 2)

INF.- O espanhol. O espanhol fala melhor.

INQ.- Fala melhor?



INF.- Pratica mais, e entende também, a gente tem mais intercâmbio nessa língua, né, falam bem, entende. (Inf. 10)

INQ.- Eles têm... o... o... eles são mais objetivos, assim, o... o... a língua espanhola, ela é bem objetiva. É... eles usam uns adjetivos que aqui quase não usamos. Eu falo bastante com eles, eu tenho um, inclusive, que faz parte do Rotary Club, então, ele fala... eu brinco muito com ele. Eles usam uns adjetivos que nós brasileiros não usamos, o nosso português não usa, eu acho muito interessante. Até ouço rádio espa... argentina pelo...

INQ.- Para ouvir?

INF.- Pelo prazer de ouvir, é... por causa dos adjetivos que eles usam e que aqui não tem. (Inf. 15)

INF.- Porque os italianos e alemães que moram aqui, eles são só descendentes. Eu não conheço pessoas que realmente vieram da Itália, que vieram da Alemanha. Então, como eles cresceram aqui no Brasil, eles adotaram já o português, então, eles cresceram falando o português. Já os argentinos, como nós estamos na fronteira, que é muito próxima, eles cresceram e estudaram o idioma deles, o espanhol. Então, por isso, eles dominam muito bem o idioma deles. (Inf. 16)

INF.- O argentino ou espanhol, porque eles falam, estudam a língua deles. O alemão, o italiano, eles... vieram... né, as pessoas que falavam tiveram que mudar para o português, e em vez ficou uma mistura, sabe. As pessoas que hoje falam é muito misturado, né. (Inf. 17)

INF.- Espanhóis. Por causa da fronteira da Argentina, né, que a gente tem muito o comércio, as amizades, então, a gente tem muita troca de... é o câmbio cultural, intercâmbio cultural o nosso, né. (Inf. 18)

Das justificativas apresentadas, a maioria diz respeito à familiaridade com a variedade argentina e, conseqüentemente, ao fator compreensibilidade, ou seja, fala melhor quem fala uma língua inteligível. A resposta do informante 15 parece estar mais relacionada a falar uma língua que ele aprecia ouvir. As respostas dos informantes 16 e 17 apontam para a questão da competência linguística de quem fala sua língua nativa em relação a quem fala uma língua herdada e, com o tempo, influenciada ou mesmo substituída pelo português.

Um informante (5,56%) citou os “castelhanos” na resposta, mas não respondeu explicitamente à pergunta, de modo que será considerada como não resposta, no gráfico:

INF.- Olha, aqui o... os castelhanos, como a gente diz, eles não têm um linguajar bem comum. Mais pra... mais pra dentro, né, em Buenos Aires, a gente teve lá, é diferente, né. Aqui já é meio misturado, né. É, eu acho... sei lá como. (Inf. 12)

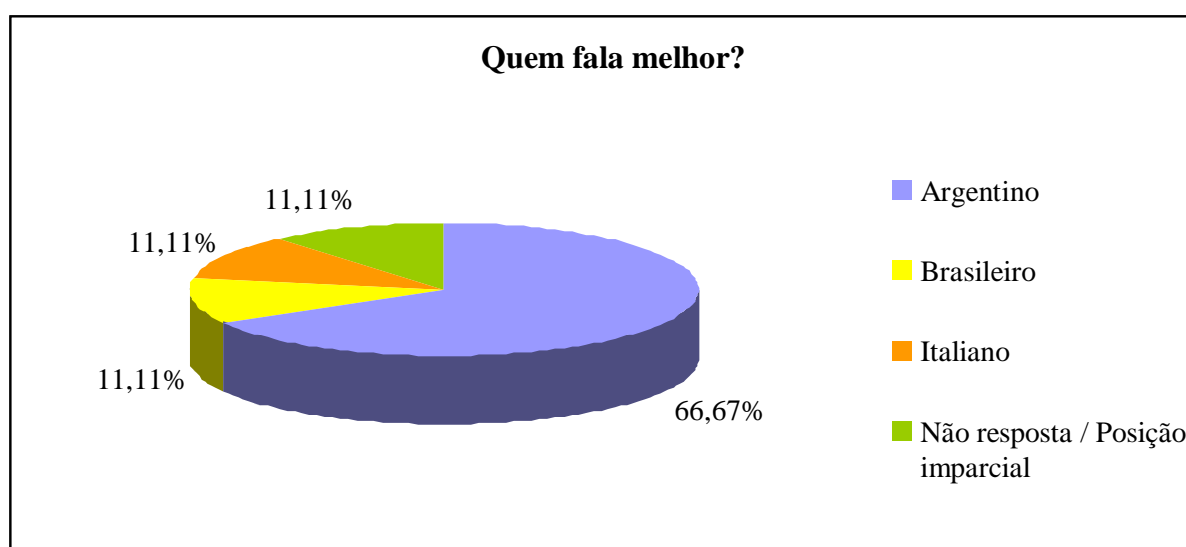
Dois informantes (11,11%) disseram que o italiano fala melhor, mas apenas um justificou: “Acho que é mais fácil de você divulgar ela” (Inf. 5). Outros dois informantes (11,11%) disseram que o brasileiro ou português fala melhor, mas apenas a informante 6 justificou: “Ah, eu... sei lá, eu acho que cada um na tua língua fala bem, né, mas a gente que não entende as outra, acha que o brasileiro é mais bem falado, né”.

Um informante (5,55%) deu a seguinte resposta, revelando uma consciência linguística tolerante em relação às variedades de uma língua:

INF.- Eu acho, assim, que o falar não tem melhor ou pior, né, depende de você... é o instrumento que você usa, a fala, né, então não existe um linguajar certo, correto, isso é... no tempo quando eu estudava, pelo menos, um profes... “ah, isso aqui é errado, esse é um otário, né, falando em outra língua” [risos]. Se eu for lá no interiorzão, e o cara falar “não mexe com minha muié”, o [inint.] fala assim, é... naquele meio, pra ele é perfeito, agora, o termo ‘o melhor’ ou ‘o pior’ depende do local que você tá, né. (Inf. 13)

Os resultados dessa questão estão visualmente representados no Gráfico 43:

Gráfico 43 – Avaliação de quem fala melhor em Santo Antônio do Sudoeste



Sobre quem fala pior, metade dos informantes citou o alemão, embora muitos reformulassem sua resposta na sequência, geralmente fazendo ressalvas no sentido de que a língua não é propriamente feia, mas difícil de entender. Porém, para fins de composição do gráfico, será considerada a primeira menção do informante, por se entender que a presença da expressão ‘falar pior’ na pergunta foi suficiente para desencadear sua resposta apontando para o alemão, mesmo que depois o informante tenha atenuado essa caracterização. As respostas mais ilustrativas são as seguintes:

INF.- Os alemão, só pode, né [risos]. É mais difícil de entender o alemão do que o castelhano. Castelhano é fácil de entender, mas alemão... falar em alemão não é fácil! (Inf. 1)

INF.- Vamos concordar que é bem complicado. (Inf. 2)

INF.- Porque... a pronúncia, né, é mais... como que posso dizer... mais puxada, né. E... como a gente não tem muito convívio com alemão aqui na nossa região, é pouco entendido, eu penso, né. (Inf. 4)

INF.- Eu acho que é o alemão, não é fala pior, é que a gen... alemão é mais difícil de entender, então, pra mim vai ser mais fraco. (Inf. 5)

INF.- Ixe! O que eu não entendo nada é de alemão [risos]. [...] pra mim é os alemão que falam pior [risos], que é difícil, mais difícil de entender, né. (Inf. 6)

INF.- Na nossa região aqui o pior seria o alemão pra gente entender, né, mais complicada, né. (Inf. 10)

INF.- Ah, eu sei porque a minha esposa é descendente de alemães, meus sogros falam só em alemão e é muito atrapalhado [risos]. (Inf. 11)

INF.- É o mais atrapalhado, né, não dá pra entender muito também. (Inf. 14)

Como se pode ver nessas falas, muitos informantes consideram o alemão uma língua difícil de entender e acreditam que seus usuários falam de modo “atrapalhado”, provavelmente se referindo ao fato de que falam português com traços do alemão (sotaque, *code switching* etc.).

O italiano foi citado por quatro informantes (22,22%) como quem fala pior, mas apenas três apresentaram as razões por pensar assim:

INF.- Com mais erros, você diz?

INQ.- É, que você acha que é pior?

INQ.- Eu acho que os italianos têm uma... uma tendência a falar mais errado. (Inf. 16)

INF.- Eu acho que é o italiano, que ele fala muito misturado o português. Por exemplo, eu tive muita dificuldade de pronunciar os dois erres, assim.

INQ.- Ah, sim.

INF.- Por causa que eu me criei no meio de pessoas italianas. Eles falam então com um erre, então, ‘jarra’ falam ‘jara’, né.

INQ.- Ah, é o português que tem interferência...

INF.- É, tem interferência e daí vira... então, eu penso assim que... que é o que fala mais... né, que dá mais problema, porque o espanhol, ele é mais... as pessoas, quando falam espanhol, eles já falam mais correto. (Inf. 17)

INF.- Porque eles falam muito dialeto. Eles não... não... não... assim, você... a língua italiana é bonita se você falar ela corretamente, nós temos até escola de italiano aqui. Tem professora, que a menina estudou na Itália muitos anos, ela dá aula de italiano aqui. Mas mesmo as pessoas que vão pra escola não conseguem. Eu acho que é... ela parece muito com a espanhola, a língua italiana, né, e eles misturam muito. Inclusive, eu misturo muito a minha... quando eu vou falar italiano ou espanhol, eu misturo um pouco espanhol com italiano e vice-versa. (Inf. 18)

As justificativas dos informantes 16 e 17 se referem ao italodescendente que, quando fala português, acaba manifestando traços da língua italiana, como o caso da pronúncia do

fonema /r/. Segundo Frosi e Raso (2011, p. 332-333), entre as “realizações fonéticas típicas que se constituíram em marcas identificadoras o grupo étnico italiano”, está a não realização da vibrante múltipla em contextos em que ela é esperada pelo padrão fonológico do português: “são realizações típicas do ítalo-brasileiro *careta* em vez de *carreta*, *caro* em vez de *carro*, *carinho* em vez de *carrinho*” (FROSI; RASO, 2011, p. 333). Tais traços, aliados a outras realizações típicas dos italo-descendentes, na maioria das vezes, contribuem para a estigmatização da fala de contato com o italiano, conforme apontam vários autores (MARGOTTI, 2004; FROSI; RASO, 2011; FAGGION; LUCHESE, 2011).

Já a informante 18, no último grupo de respostas, critica o uso do dialeto, que, inclusive, dificultaria a aprendizagem do italiano padrão, no seu ponto de vista. Coincidentemente, esses três informantes (16, 17 e 18) são sujeitos com ensino superior, o que pode explicar a tendência de analisar as variações como erros, já que passaram mais anos nos bancos escolares e podem, assim, ter já cristalizadas as noções de língua “correta”.

Um informante (5,56%) citou o castelhano, da seguinte forma: “Ah, se for tipo a... o que mora na Argentina, que são mesmo castelhanos, que não é... tem o pessoal brasileiro que foi pra lá, é... o mais difícil que falam é o castelhano” (Inf. 9).

Embora o português não estivesse incluído originalmente na pergunta, dois informantes (11,11%) disseram que quem fala português fala pior, mas um dos informantes se referiu aos brasileiros em sua tentativa de falar espanhol:

INF.- [Risos] Os que são brasileiros e querem falar espanhol e não sabem [risos]. (Inf. 12)

INF.- Português, o pessoal... por causa da... da... das regiões, tem... lá no Rio Grande é um jeito de falar, em Santa Catarina é outro, aqui no Paraná é mais tipo São Paulo, então é... é... o português tem uma... por causa dos costumes, ela tem... é uma língua, assim, mais... o pessoal vai remediando ela. (Inf. 15)

Há, nessas respostas, críticas implícitas ao uso de variedades não padrão: no primeiro caso (Inf. 12), em relação ao uso do portunhol, e no segundo (Inf. 15), em relação às variedades regionais do português, que tenderiam a fugir do modelo suprarregional idealizado de “língua correta”. Trata-se da noção de “certo e errado” atribuída às variedades, tão propalada pela escola e pelos meios de comunicação.

Um informante (5,56%) deu a entender que o português, mesmo com suas variantes regionais, é mais bem falado do que todas as demais línguas usadas na localidade:

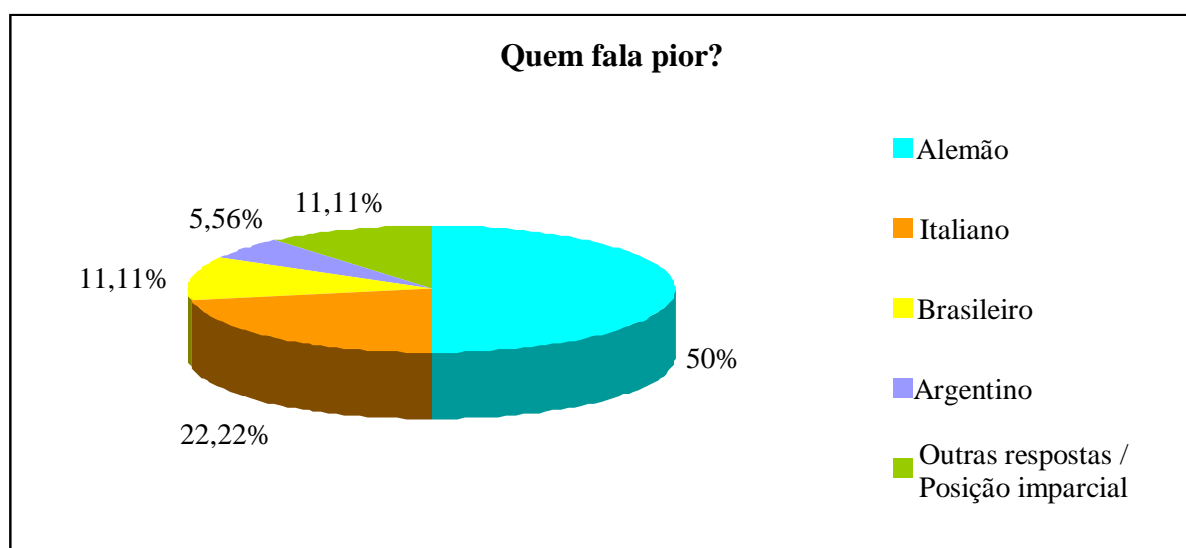
INF.- Todos, que o nosso português, assim, não tinha... hábitos diferente pra falar, né, lá no Rio Grande, lá eles tem uma formação, né, então, às vezes, a gente acha que é erro, sabe, ou do Rio de Janeiro, por

exemplo, lá já puxa mais o “esse”, né, então... eu acho que o português é uma língua que não é mal falada, né, ela tem um som diferente. (Inf. 3)

O informante 13 (5,55%), ratificando sua resposta a outras questões, disse que não existe uma forma correta de falar, pois tudo depende do contexto e da finalidade.

O Gráfico 44 ilustra os resultados referentes à avaliação dos informantes sobre quem fala pior:

Gráfico 44 – Avaliação de quem fala pior em Santo Antônio do Sudoeste



Instados a avaliar se falam melhor os que falam o português ou os que falam as outras línguas citadas na pesquisa, dez informantes (55,56%) apontaram que os falantes de português falam melhor, embora alguns apresentassem ressalvas. Algumas respostas revelam, novamente, um conceito de língua relacionado à ideia de correção ou de adequação à norma padrão, reflexo, principalmente, do processo de escolarização.

INF.- Quem fala o... os que falam o português, só português falam melhor. Agora, aqueles que falam o misturado ali, falam... uma hora tão falando italiano, outra hora o português, daí já falam meio... embrulhado [risos]. (Inf. 6)

INF.- Português, com... com certeza.

INQ.- E entre o português e o italiano, quem fala melhor?

INF.- Também o português, porque os que tem aqui não sabem perfeitamente, né, falar a língua mesmo, né, certa. Dá umas arranhada, só [risos]. (Inf. 12)

INF.- É, apesar de nós falarmos errado o português, eu acho que é o melhor, ainda. (Inf. 17)

INF.- Ah, eu acho a nossa mais bonita. Apesar de ser mais difícil, eu acho que a nossa língua portuguesa é muito difícil, mas eu acho mais bonita a nossa, porque eles [os argentinos] falam muito depressa.

[...]

INQ.- E você acha quem é que fala melhor: os que falam a língua portuguesa ou os que falam italiano?

INF.- Ah, com certeza os que falam português.

INQ.- Ahan. E em relação ao alemão, também?

INF.- Também. Porque são descendentes, não são... não são natos, digamos, da Itália ou do... da Alemanha. São descendentes, e eu acredito, assim, que já tem que começar, que nem eu falei pra você já, mudando muito, né, arrastando por causa do dialeto. (Inf. 18)

Dois informantes (11,11%) citaram os argentinos como quem fala melhor, corroborando suas próprias respostas à primeira questão deste bloco. As justificativas estão relacionadas à erudição atribuída ao argentino e à beleza da língua conferida pelo uso de recursos não identificados (pelo informante 15) no português e que a tornariam agradável aos ouvidos.

INF.- Pergunta difícil, né? Eu acho que ainda é o port... o espanhol, tá? Apesar de, assim, ser brasileiro, né [risos].

INQ.- Por que o senhor acha?

INF.- Eu acho que eles têm mais cursos do que nós. Principalmente os do meu círculo de amizade, né, são bem mais cultos do que o brasileiro. O caso que me impressiona é a maneira que eles se expressam com a gente, né. Por isso que é... que eles falam melhor. (Inf. 11)

INF.- Eu... eu acho que a Argentina tem um... acho que é... é... é outro idioma, mas é os adjetivos que eles usam, é uma língua bem gostosa de se ouvir, e dá pra se entender perfeitamente também quando eles... a não ser quando... principalmente quando eles falam com a gente, agora, quando eles falam entre dois argentinos, o diálogo entre eles, a gente tem que se antenar bem que daí consegue entender. (Inf. 15)

É interessante notar que, do mesmo modo como ocorreu em Santo Antônio do Sudoeste, alguns informantes da pesquisa de Amâncio (2007) viam a variedade argentina como mais rica em recursos que o português, o que a tornaria mais bonita: “o espanhol é mais cheio de ‘floreio’, mais bonita que o português” e “a própria fonética deles é mais interessante que a nossa” (AMÂNCIO, 2007, p. 68).

Ainda com relação a essa pergunta, os demais informantes (33,33%) mostraram-se imparciais, declarando que tal avaliação depende da competência ou do desempenho do falante:

INF.- Eu acho que daí varia da pessoa, né. A pessoa que entende bem uma língua, ela... fala melhor. (Inf. 2)

INF.- Depende o... o conhecimento, porque o português é bem... bem falado, né.

INQ.- Bem falado?

INF.- Se você é meio... que nem, eu sou meio descendente de italiano, na minha época pouco se pronunciava, se comunicava com italiano, pouco falava, né, mas... cada descendente, né, acho que quando tá... vê que você... que nem, o alemão, um italiano vê que eu sou portu... falo português, vai puxar mais pro português, né. (Inf. 4)

INF.- Não, é... entra naquela mesma questão, né, o importante é que você seja entendido. Então o melhor ou o pior é questão de... de como você trabalha aquela linguagem, né, qual é a finalidade daquela linguagem, né. Tipo, na cadeia, se falar em gíria, [inint.], tá ótimo, pra eles teve a finalidade, né. Lá no interior, se a gente ouve falando palavrões ou falando o jeito que a gente acha errado, mas eles entendem, então... né.

INQ.- E assim, pra você ouvir, qual que você acha melhor? O espanhol, o português, o árabe...?

INF.- Eu acho melhor aquilo que eu entendo [risos]. Sendo um linguajar que eu entendo, [inint.]. O importante é a informação, acho que a linguagem é uma forma, né, é um instrumento que você usa. Se aquele instrumento atender à finalidade... (Inf. 13)

INF.- Olha, eu acho que depende, tem uns que têm mais facilidade pra falar, né, o português, e outro mais na língua deles mesmos, né.

INQ.- Sim, mas por exemplo, comparando a sua língua, você falando... a língua portuguesa, em relação à língua italiana, à língua espanhola...?

INF.- Ah, eu acho mais fácil o português.

INQ.- Falam melhor?

INF.- É, o português.

INQ.- Você vê duas pessoas conversando, uma em português, a outra em uma língua estrangeira, quem você acha que fala melhor?

INF.- Eu acho que vai do domínio da pessoa, né [risos], pra dominar a língua, né. (Inf. 14)

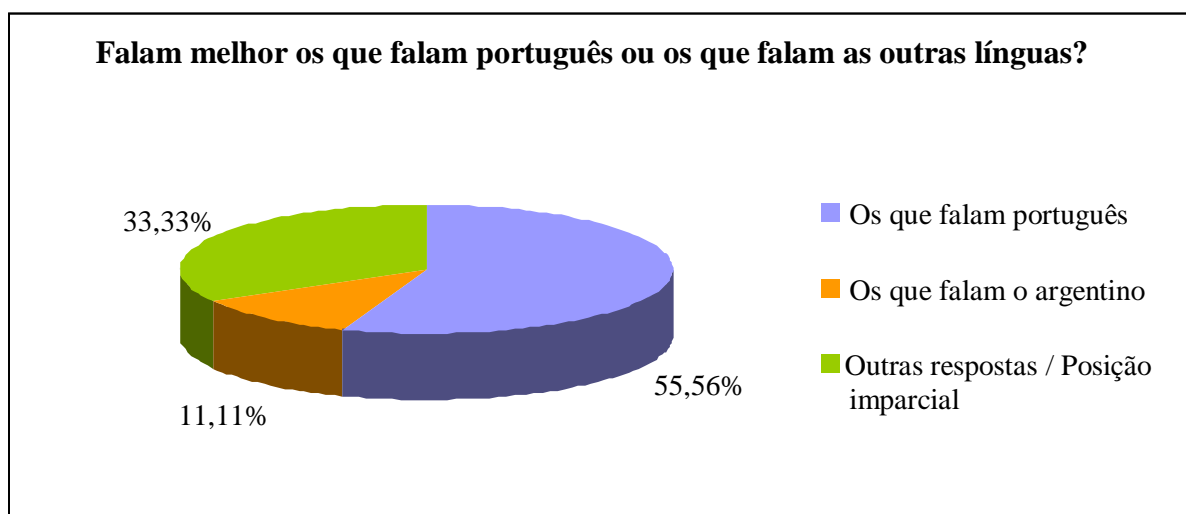
INF.- Olha, o português é uma língua, um idioma muito complexo, né, então, mas não... não saberia avaliar. (Inf. 16)

Conforme se observa na resposta da informante 14, ela, primeiramente, sinalizou para o português como uma língua mais fácil para quem já a fala e, pressionada pelas perguntas do inquiridor, até admitiu que quem fala português fala melhor, mas, no fim, reforçou que qualificar o desempenho do sujeito como “falar melhor” depende do seu domínio em determinada língua.

Digno de nota é o fato de que a maioria dos informantes que deram respostas imparciais a essa questão é do sexo feminino, de diferentes graus de escolaridade.

O Gráfico 45 permite visualizar os resultados dessa questão:

Gráfico 45 – Avaliação do desempenho dos falantes de português em comparação com o dos falantes das outras línguas faladas em Santo Antônio do Sudoeste



Quanto à questão “Essas línguas são feias ou são bonitas?”, oito informantes (44,44%) expressaram, de forma direta ou indireta, uma apreciação positiva de todas as línguas não portuguesas. Muitos desses informantes ponderaram que cada língua tem a sua beleza, a sua peculiaridade, conforme as respostas a seguir:

INF.- Eu acho que é bonito, porque é a cultura da... da... da raça, né, a raça italiana, argentina, alemão, cada um tem sua cultura, então, deve se valorizar, né, mesmo se você não consiga entender bem, mas é uma origem, né. (Inf. 4)

INF.- Eu acho todos os idiomas bonitos. Cada um tem a sua origem, eu não discrimino nenhum. (Inf. 16)

Cinco informantes (27,78%) opinaram que algumas línguas são bonitas, e outras, difíceis de entender, “esquisitas” ou mesmo feias, como mostram as respostas a seguir:

INQ.- Vamos uma de cada vez. O espanhol, né, falado por um argentino, você acha que é feio ou bonito?

INF.- Não, é bonito, não é feio não.

INQ.- E o italiano?

INF.- Também acho bonito.

INQ.- E o alemão?

INF.- O alemão, vou falar assim que eu não entendo, então, eu acho [inint.], às vezes, pode até ser mais bonito que os outros, só que eu não entendo. (Inf. 5)

INQ.- E o espanhol, você acha feio ou bonito?

INF.- Maravilhoso. Quero... já quero fazer um curso de espanhol, quero, sim.

INQ.- E o alemão, feio ou bonito?

INF.- Esquisito, na minha... eu acho [risos].

INQ.- E o italiano?



INF.- O italiano, eu também acho muito lindo, gosto muito. (Inf. 10)

INQ.- Você acha o espanhol feio ou bonito, a língua?

INF.- É uma língua difícil, mas eu gosto.

INQ.- E o italiano, você acha feio ou bonito?

INF.- Bonito [risos].

INQ.- E o alemão?

INF.- Alemão? Eu acho feio [risos], não entendo... porque eu não entendo nada o que falam em alemão, nada, nada, não sei nem... (Inf. 14)

INF.- Eu gosto mais do argentino, pra falar a verdade, do espanhol. (Inf. 15)

INQ.- Você acha o espanhol dos argentinos feio ou bonito?

INF.- Ah, eu acho bonito. Toda língua que não é a minha também eu acho bonita, seja qual for ela, eu acho bonito, e admiro, porque cada um fala a sua língua com amor, com carinho, né.

[...]

INQ.- Tá certo. E em relação ao... já perguntei do espanhol, e em relação ao italiano, você acha o italiano feio ou bonito?

INF.- Acho bonito também. Acho bonito, acho lindo. Cantando, também eu acho lindo o italiano.

INQ.- E o alemão?

INF.- Eu não tenho muito contato, assim, é um contato mais... é ocasional, não é assim uma... como é que eu vou dizer pra você, é... são poucas as famílias, né, que tem aqui, então... é uma língua que eles falam, como eu falei antes, entre si, nas fa... nas próprias famílias, né. E a gente nunca se interessou em aprender o alemão, então, por isso, eu não tenho assim muita admiração e acho que eles não falam tão... tão puramente como deveria ser o certo [...]. (Inf. 18)

Embora a informante 18, nesta última resposta, tenha inicialmente manifestado uma opinião positiva a respeito de todas as línguas – “Toda língua que não é a minha também eu acho bonita, seja qual for ela, eu acho bonito, e admiro” –, mais adiante, ao ser arguida sobre o alemão, ela confessa que não tem “assim muita admiração”. O motivo alegado é o de que os alemães “não falam tão puramente como deveria ser o certo”, revelando um julgamento negativo a respeito de uma variedade não padrão do alemão.

Ainda sobre essa questão, dois informantes (11,11%) manifestaram certa imparcialidade, acenando para uma avaliação positiva de todas as línguas.

INF.- Ah, eu acho que cada povo tem o seu... né, linguajar diferente, não...

INQ.- Uhum.

INF.- Se eu pudesse, saberia todas, com certeza, aprenderia, né. (Inf. 2)

INF.- Não, eu... acho uma coisa feia ou bonita, assim, não me preocupo se é feio ou bonito, eu desisti já [risos], então pra mim, o importante é a finalidade, né, entendendo basta, né. (Inf. 13)

Um informante (5,56%) dá a seguinte resposta, dando a entender que o espanhol seria bonito se não houvesse a interferência do português (portunhol), deixando implícito que avalia como feia a “mistura de línguas”:

INF.- Eu acho assim: a língua espanhol é... se ela fosse bem orientada pra... pra ser... é... falada aqui na nossa cid... nossa região, eu acho que sim, mas aqui o pessoal mistura muito, fala o portunhol mesmo, né, na mesma hora eles estão falando espanhol, outra hora o português de volta, né.

INQ.- E você acha isso feio ou bonito?

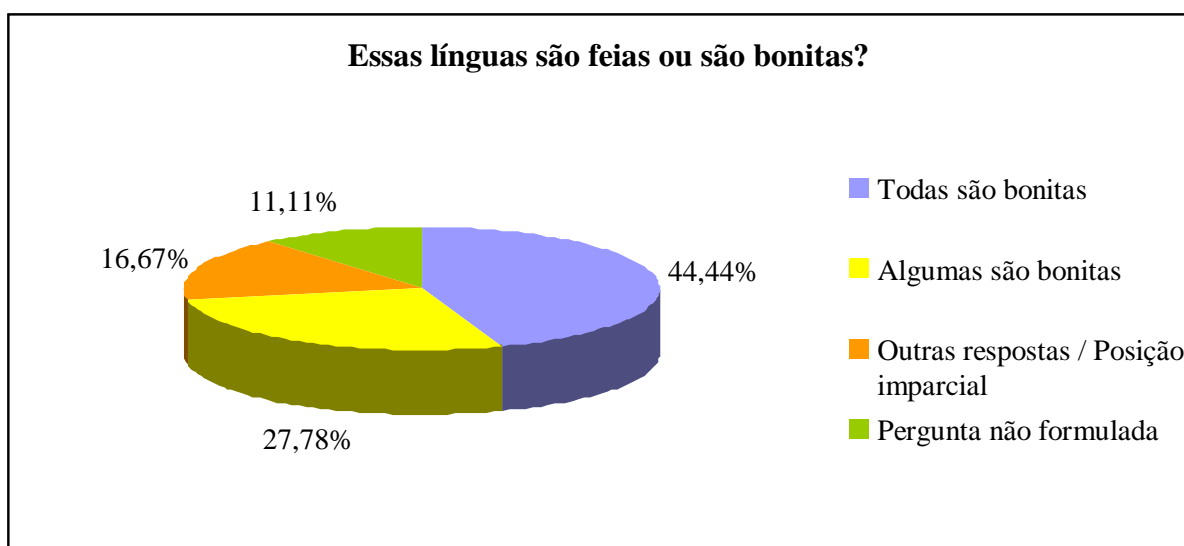
INF.- Ah, eu acho feio.

INQ.- Feio?

INF- [Inint.] tipo... se tu não tem o conhecimento de falar a língua, então é melhor não... não tentar, né. (Inf. 3)

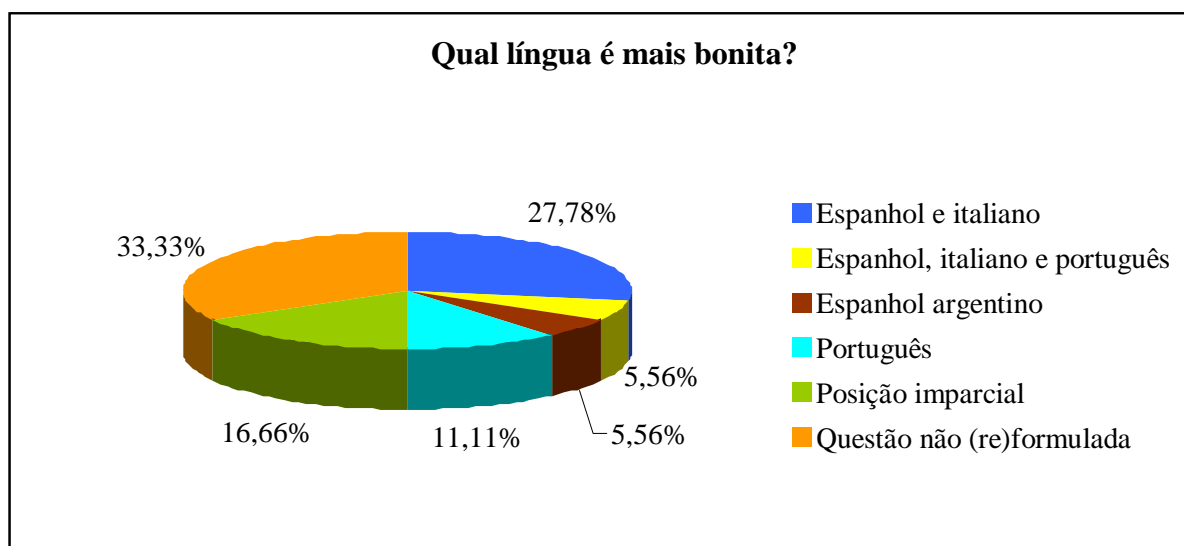
A dois informantes (11,11%), a pergunta não foi formulada. Os resultados dessa questão estão expostos no Gráfico 46:

Gráfico 46 – Avaliação estética geral das línguas diferentes do português faladas em Santo Antônio do Sudoeste



Com relação à pergunta “Qual língua é a mais bonita?”, muitas das respostas foram adiantadas na questão anterior. Os resultados, conforme ilustra o Gráfico 47, foram os seguintes: cinco informantes (27,78%) avaliaram como mais belas as línguas espanhola e italiana; dois informantes (11,11%) consideraram o português mais bonito; três informantes (16,66%) mostraram-se imparciais, dizendo que nenhuma é mais bonita (ou que todas são bonitas); um informante (5,56%) avaliou o espanhol argentino como mais bonito; e um informante (5,56%) avaliou positivamente o italiano, o português e o espanhol. A seis informantes (33,33%), a pergunta não foi formulada ou reformulada.

Gráfico 47 – Avaliação da língua mais bonita em Santo Antônio do Sudoeste



Já com relação à pergunta sobre a língua mais feia, sete informantes (38,89%) mencionaram o alemão na resposta, embora alguns fizessem ressalvas. Para eles, o alemão soa feio, esquisito ou, colocado de uma forma mais branda, incompreensível, como se pôde ver nas respostas dos informantes 5, 10 e 14 a perguntas anteriores, e como mostram as respostas reproduzidas a seguir:

INF.- Não. Mais feia não... de repente, não seria o feio, mas a pronúncia que chama bastante a atenção é do alemão, né, como eles pronunciam, assim, bem agudo, já dizendo. (Inf. 4)

INF.- A mais feia eu falei, o alemão, lógico, né [risos]. (Inf. 11)

INF.- [...] o alemão é muito complicado pra entender, eu não entendo praticamente nada do alemão. (Inf. 15)

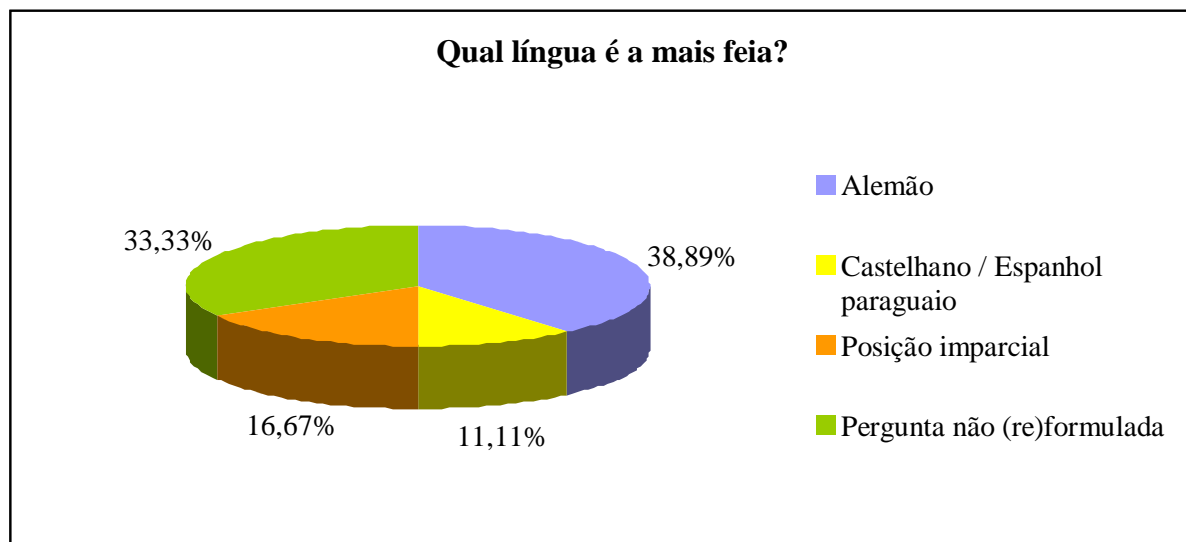
INF.- Olha... feia, eu não digo, mas a mais difícil assim de entender as palavras é o alemão. (Inf. 17)

Dois informantes (11,11%) avaliaram as variedades do espanhol como as mais feias: um se referiu explicitamente à variedade paraguaia, e outro se referiu ao castelhano, sem dar pistas sobre a variedade a que se referia: “Ah, o castelhano fala feio. O castelhano fala feio, pelo amor de Deus!” (Inf. 1).

Três informantes (16,67%) disseram, nessa pergunta ou em pergunta anterior, que nenhuma língua era feia. Um deles (Inf. 13) disse ser incapaz de julgar se uma língua é feia ou bonita, pois o que importa é a finalidade comunicativa. A seis informantes (33,33%), a pergunta não foi formulada ou reformulada.

Veja-se o Gráfico 48, representativo desses resultados:

Gráfico 48 – Avaliação da língua mais feia em Santo Antônio do Sudoeste



Resumindo os resultados apresentados neste bloco, verifica-se uma avaliação geral positiva em relação aos argentinos e à sua língua materna, bem como ao português, embora, no caso desta última variedade, alguns tenham demonstrado incômodo pelo fato de se tratar de “mistura” de línguas. Entre as línguas de imigração, o italiano é visto como bonito e bem falado por mais informantes em relação ao alemão, avaliado geralmente como difícil de compreender, e não propriamente uma língua feia. De fato, o italiano e o espanhol argentino, por serem línguas latinas, são mais compreensíveis ao brasileiro que a língua alemã, de origem germânica.

Observou-se, entre alguns informantes, uma avaliação negativa do português ou brasileiro, indicando um possível resultado do processo de escolarização, em grande medida, calcado nos moldes tradicionais, e da divulgação da noção de “língua correta” ou “falar certo” pelos meios de comunicação, na voz de alguns “defensores” da norma padrão.

#### *BLOCO 6: Identificação das tendências de reação do informante*

O último bloco desta seção reúne as perguntas que objetivavam identificar tendências de reação do informante em relação às línguas não portuguesas faladas na comunidade e aos seus falantes: se gostariam de aprender a falar alguma dessas línguas, se comprariam casas em

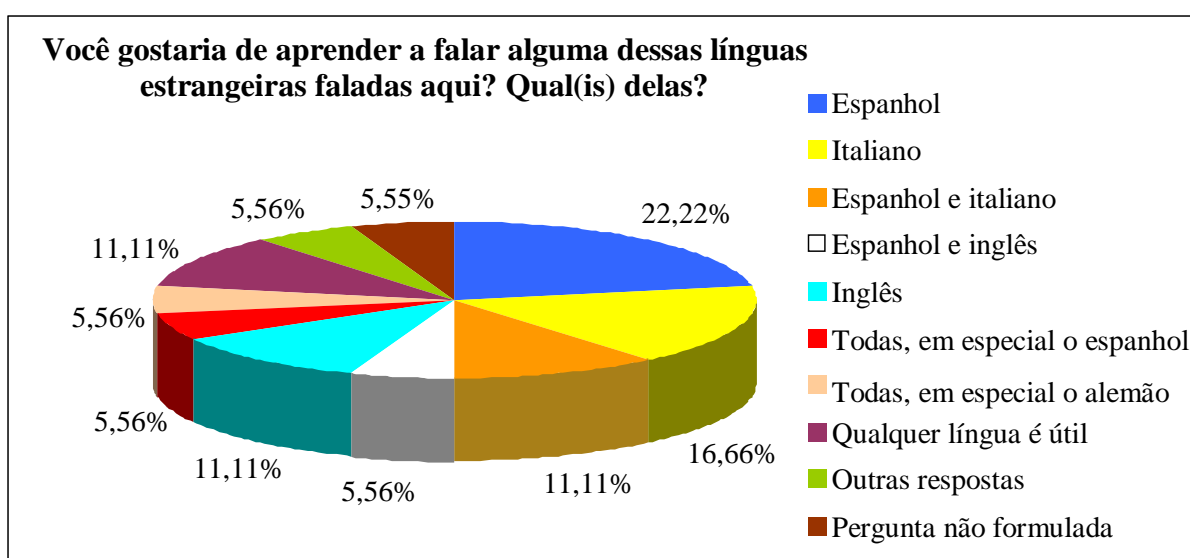
bairros onde só morassem membros de determinada etnia, se namorariam ou casariam com alguém dessas etnias, e se procurariam um médico ou dentista dessas etnias.

A pergunta “Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?” não foi formulada a um informante (5,55%). Todos os demais declararam que gostariam de aprender uma língua adicional. O espanhol foi a língua mais citada: a maioria dos informantes disse que gostaria de “aprender bem” o espanhol, ou porque gostariam de se comunicar eficientemente com os argentinos, ou porque apreciam a língua.

As menções às línguas se distribuíram da seguinte maneira: espanhol (citado por quatro informantes, ou 22,22%); italiano (citado por três informantes, ou 16,66%); inglês (citado por dois informantes, ou 11,11%); italiano e espanhol (citados por dois informantes, ou 11,11%); inglês e espanhol (citado por um informante, ou 5,56%); espanhol e “um básico de todas as outras” (citado por um informante, ou 5,56%); e todas as línguas, especialmente o alemão (citado por um informante, ou 5,56%). Dois informantes (11,11%) não deixaram claro quais línguas gostariam de aprender, mas se observa em suas respostas a opinião de que o aprendizado de qualquer língua agrega conhecimento útil ao indivíduo. Um informante (5,56%) apenas disse que já aprendeu inglês, resposta que será considerada no gráfico na categoria ‘outras respostas’.

Esses resultados figuram no Gráfico 49:

Gráfico 49 – Disposição do informante santo-antoniense para aprender línguas adicionais



A seguir, estão reproduzidas algumas respostas a essa questão:

INF.- Ah, o espanhol é uma que eu gostaria, porque eu adoro mesmo falar, e eu entendo a maioria das coisas que eles falam, eu entendo, só não consigo falar direito [...] (Inf. 6)

INF.- Ah, o espanhol, o italiano mesmo, sabe? Eu gostaria muito.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eu acho interessante a comunicação, né. (Inf. 10)

INF.- Gostaria de aprender o italiano.

INQ.- É? Por quê?

INF.- Eu acho assim uma língua bonita, né, tipo... jeitosa, pra falar bem a verdade, pra falar assim, bem... (Inf. 14)

INF.- Ah, gostaria de aperfeiçoar mais o espanhol. [...] Você falando o espanhol é quase que nem o inglês, vai pelo mundo aí, o pessoal entende. (Inf. 15)

INF.- Principalmente o inglês e o espanhol.

INQ.- Por que que o senhor acha, assim?

INF.- O inglês, porque eu pretendo, um dia, fazer uma viagem pro exterior, principalmente para os Estados Unidos. Não sei quando, mas pretendo.

INQ.- Sim.

INF.- E o espanhol, porque nós moramos na fronteira, né, então, nós temos a necessidade, apesar que ali se entende bem, entende bastante o português, daí... (Inf. 17)

INF.- Italiano, com certeza. Eu gostaria de aprender falar bem italiano.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eu sou descendente de italiano, e porque eu acho minha língua muito bonita. Eu acho assim, não porque seja assim... é... rass... como é que vou te dizer, um preconceito, mas eu gosto da língua. E como eu arrasto um pouquinho o italiano, eu queria me aperfeiçoar. Queria, não, quero. (Inf. 18)

Quanto a morar em bairro onde só houvesse argentinos, todos os informantes se mostraram dispostos a comprar casa em bairro com esse perfil, embora alguns apresentassem condições. Algumas das justificativas apresentadas foram as seguintes:

INF.- Iria. Ia aprender, né. (Inf. 1)

INF.- Eu acho que moraria, sim, porque a convivência com o estrangeiro não vai atingir o modo da gente viver. (Inf. 3)

INF.- Se eu gostasse da casa, eu me entrosaria com o povo e compraria, sim. (Inf. 4)

INF.- Compraria.

INQ.- Compraria? Por quê?

INF.- Porque eles são seres humanos que nem nós. Eu acho que o convívio, basta você se adaptar, cada um tem o seu jeito. (Inf. 5)

INF.- Eu até compraria, mas primeiro ia ter que estudar bem mais pra aprender [risos]. Apesar que o convívio com eles tu aprende, convivendo [...]. (Inf. 14)

INF.- Compraria, com certeza. Ah, eu ia me juntar a eles e ia fazer a maior festa do mundo porque eu sou muito alegre. Eu sou de fácil adaptação, onde eu vou morar eu me... minha mãe dizia que eu sou que nem ovelha, me acostumo com facilidade em qualquer lugar. Sou mesmo, e me... me relaciono bem com as pessoas onde quer que eu vá, tenho esse dom, sou Peixes [risos]. (Inf. 18)

É importante mencionar que muitas dessas respostas se referiam a todos os grupos étnicos incluídos no questionário, citados em bloco na pergunta pelo inquiridor.

Já com relação aos paraguaios, a pergunta não foi formulada a sete informantes (38,89%). Metade dos informantes disse que moraria em um bairro onde houvesse apenas membros dessa etnia. Dois informantes (11,11%) disseram que não morariam em um bairro de paraguaios, apontando diferenças linguísticas e culturais como justificativas: “porque o povo fala muito guarani, né, e a coisa fica muito complicado” (Inf. 11); “Acho um povo muito... diferente do nosso” (Inf. 12).

Referente aos alemães, doze informantes (66,66%) mostraram-se dispostos a comprar imóvel em bairro onde vivessem apenas membros dessa etnia e cinco (27,78%) disseram que não morariam em tal vizinhança, apresentando as seguintes razões:

INF.- Porque acho que... porque eu não me adaptaria a eles. Não eles a mim, eu não me adaptaria.

INQ.- Por causa da...?

INF.- Da língua.

INQ.- Da língua.

INF.- Eu acho muito difícil. (Inf. 5)

INF.- Não gosto.

[...]

INF.- Só os alemães que não.

INQ.- Por que não?

INF.- Por causa que eu acho que o que eles fizeram na segunda guerra mundial foi uma coisa muito... Não gosto de alemão. (Inf. 9)

INF.- Mais difícil, porque nós somos discriminados, sabe? Isso vem do povo, sei lá, como discriminação, sabe? Tem de cor, raça, sabe... aqui mesmo, a gente tem pessoas que são alemãs, que discriminam certas pessoas, tá.

INQ.- E você sente?

INF.- Eu sinto, claro. (Inf. 10)

INF.- Eles são racistas [risos]. (Inf. 12)

INF.- Não, não tenho assim... não sou nada contra eles, só que eu acho que é uma língua mais difícil de falar, né, de tu entender, né, a língua alemã, acho que eu não aprenderia, assim, eu tenho que ver comigo, assim, que acho que eu não aprenderia o alemão, acho ela bem mais complicada de se entender ela, né, traduzir ela pro português, assim, eu acho difícil. (Inf. 14)

Das justificativas apresentadas, duas delas indicam a barreira da língua como empecilho para viver em bairro de alemães. As outras três apontam, implícita ou explicitamente, o problema do presumido racismo atribuído aos membros dessa etnia. Trata-se de estereótipos construídos com base em representações sobre determinado grupo, ligadas, portanto, a questões identitárias, que propiciam a atribuição de rótulos a um grupo étnico a partir de generalizações. Em outras palavras, concebe-se um grupo em sua totalidade como portador de uma característica observada em alguns membros desse grupo. O informante 9 manifesta um estereótipo vinculado à memória de uma guerra, como se observou também nos dados de Irati.

Um informante (5,56%) disse que moraria num bairro de alemães se não houvesse alternativa, mas, se pudesse escolher, optaria por não morar em tal bairro devido à barreira da língua.

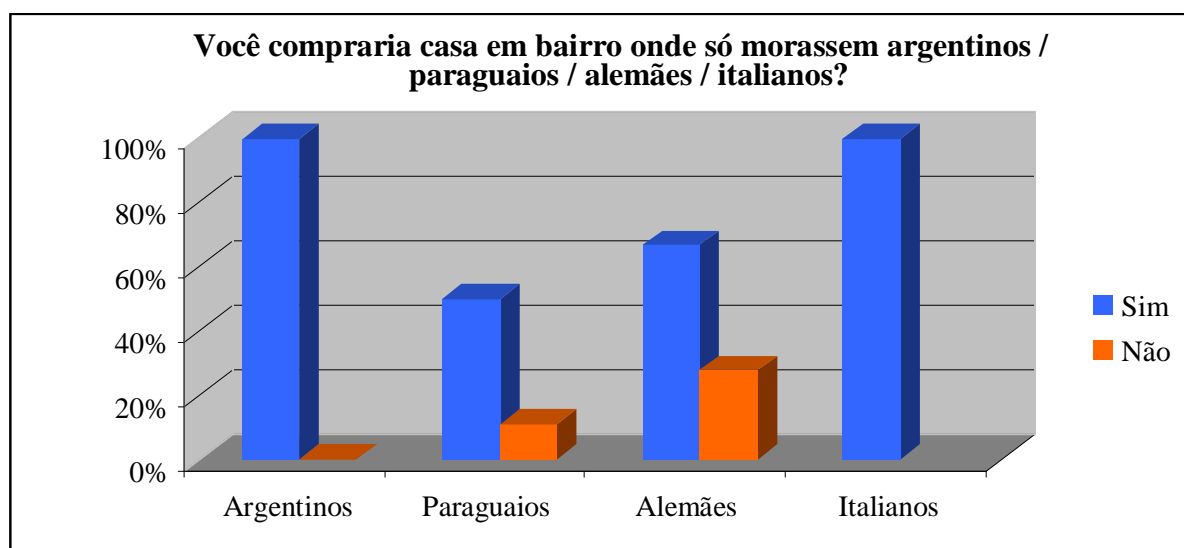
INF.- Daí eu só ficava um pouquinho com o pé atrás, né, porque eu não entendo nada [risos], eu não entendo nada, como é que eu ia me relacionar se eu precisasse de alguma coisa e eles falassem só alemão? Como é que eu pediria se eles não me entendessem? É mais difícil, né? Eu ia tentar, e se fosse necessário, eu moraria, sim, se a situação me obrigasse, né. Agora, se eu tivesse condição de escolher, eu não escolheria, não [risos]. (Inf. 18)

Com relação aos italianos, verificou-se resultado idêntico ao obtido na pergunta sobre os argentinos: todos os informantes se mostraram dispostos a morar onde viviam apenas membros dessa etnia. Somente dois informantes apresentaram justificativas: “Sim, o italiano é mais fácil de conviver, sabe?” (Inf. 10) e “Porque eu gostaria de aprender a língua deles [risos]. Seria interessante” (Inf. 14).

No Gráfico 50, estão expostos os resultados relativos apenas às respostas positivas (índices de aceitação) e negativas (índices de rejeição), descartando-se outras respostas (o que ocorreu apenas com relação aos alemães, no percentual de 5,56%) e as perguntas não formuladas. No caso das questões não formuladas, houve um percentual significativo (38,89%) em relação aos paraguaios, representando mais de um terço dos informantes, o que pode gerar distorções na interpretação do gráfico se forem considerados apenas os valores absolutos. Porém, é preciso atentar que, em termos relativos, o índice de aceitação é significativo, superando em quase cinco vezes o índice de rejeição.



Gráfico 50 – Tendência de reação frente à possibilidade de morar em bairro constituído de membros de um grupo étnico específico, em Santo Antônio do Sudoeste



Questionados se namorariam ou se casariam com um(a) argentino(a), apenas uma informante (5,56%) respondeu que não estabeleceriam vínculos amorosos com alguém dessa nacionalidade. Os demais se mostraram dispostos a namorar ou se casar com argentinos (alguns até o fizeram de forma efusiva). Vejam-se algumas respostas:

INF.- Se meu santo se agradar, né [risos]. Se meu santo se agradar [risos]. (Inf. 1)

INF.- Sim, sem dúvida.

INQ.- Por quê?

INF.- Mas eu gost... eu já... eu sempre falo [inint.] acho elas bonita, eu acho elas bonita. O modo delas falar, acho bonito o modo delas falar. (Inf. 5)

INF.- Se fosse bonita, sim [risos]. (Inf. 11)

INF.- Namoraria e casaria [risos].

INQ.- É? Por quê?

INF.- Porque eu sinto aquela simpatia com a Argentina. Eu acho que dos países da América do Sul, tirando o Brasil, a Argentina seria a minha preferida, apesar que no futebol a gente tem rivalidade, né... (Inf. 17)

Já com relação à possibilidade de namorar ou se casar com um(a) paraguaio(a), um terço dos informantes (33,33%) mostrou disposição para se relacionar com um membro dessa etnia, ou com pessoas de qualquer nacionalidade (já que, algumas vezes, as perguntas foram feitas em bloco, isto é, englobando todas as nacionalidades em uma única pergunta). Três

informantes (16,67%) responderam negativamente, mas não apresentaram razões para isso. A nove informantes (50%), a pergunta não foi formulada.

Indagados sobre a possibilidade de relacionamento afetivo com alemães, onze informantes (61,11%) mostraram-se dispostos a namorar ou a se casar com alguém dessa origem. Vejam-se algumas das respostas:

INF.- Casaria, eu acho elas bonita. (Inf. 5)

INF.- Se eu gostasse, porque não, né? [risos]. (Inf. 10)

INF.- [Risos] Desde que ele falasse minha língua também, sim. (Inf. 14)

INF.- Não tenho esse tipo de objeção, então, eu acho que não ia ter diferença... (Inf. 15)

INF.- Sem dúvida, quem ia decidir isso era o meu coração, não era bem eu que ia decidir, né [risos]. (Inf. 18)

Dois informantes (11,11%) mostraram-se indecisos, e dois (11,11%) disseram que não namorariam ou se casariam com um(a) alemã(o), mas não apresentaram razões para isso. A três informantes (16,67%), a pergunta não foi formulada.

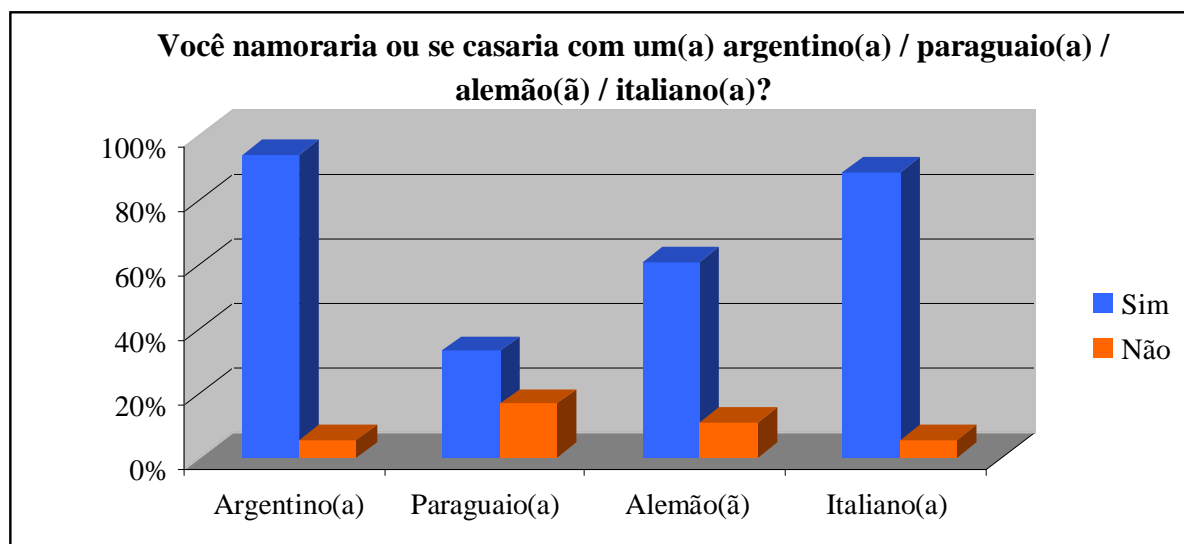
No que concerne aos italianos, dezesseis informantes (88,88%) disseram que namorariam ou se casariam com um membro dessa etnia. Um informante (5,56%) se mostrou indeciso, e a um informante (5,56%), a pergunta não foi formulada.

A resposta da informante 18, a seguir, é representativa da desvinculação, por parte dos informantes em geral, da possibilidade de desenvolver sentimentos de afeição ao pertencimento a grupos étnicos específicos:

INF.- Também, isso é um sentimento que não dá pra gente dizer: “eu vou escolher porque eu quero um brasileiro, um argentino, um espanhol, um japonês, um sei lá o quê”, né? Ah, se eu gost... se meu coração mandasse, se eu sentir mais... claro que eu me casaria [risos]. (Inf. 18)

O gráfico 51 também expõe apenas os resultados para os índices de aceitação e de rejeição, descartando-se outras respostas (indecisão dos informantes) e perguntas não formuladas. Nesse sentido, vale também para esse gráfico a consideração feita a respeito dos paraguaios na questão anterior, já que a pergunta não foi formulada à metade dos informantes. No entanto, diferentemente do resultado da questão anterior, a diferença entre o índice de aceitação e o de rejeição é menor: apenas o dobro de respostas positivas em relação às negativas.

Gráfico 51 – Tendência de reação frente à possibilidade de relacionamento afetivo com membros dos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste



Com relação à possibilidade de consultar médico ou dentista das diferentes etnias, quatorze informantes (77,77%) declararam que procurariam um profissional argentino. Alguns desses informantes justificaram dizendo que o que conta é a competência, o profissionalismo; outros disseram que “o mesmo estudo deles aqui é o mesmo lá. O mesmo tratamento, assim” (Inf. 2), que “na Argentina tem excelentes médicos” (Inf. 13) e que, inclusive, “aqui tem um pessoal que vão num médico argentino aí que é muito bom” (Inf. 17)

Um informante (5,56%) disse que somente procuraria um médico ou dentista argentino se não houvesse um brasileiro disponível. Dois informantes (11,11%) disseram que não procurariam um médico ou dentista argentino, apresentando as seguintes justificativas:

INF.- Eu não sei, o serviço deles aqui... o problema da Argentina é que eles tão bem aquém da nossa realidade, eles tão... vamos dizer assim, dez a vinte anos, aqui na nossa região, aquém da nossa realidade. (Inf. 15)

INF.- Não teria confiança.

INQ.- Por quê?

INF.- É a maneira deles, são meio largadão. Eu acho que não teria aquela confiança que tenho num médico brasileiro. [Inint.] tratam a gente diferente deles, que eu já tive experiência. (Inf. 5)

A um informante (5,56%), a pergunta não foi formulada.

Com relação a médico ou dentista paraguaio, a pergunta não foi formulada a nove informantes (50%). Seis informantes (33,33%) disseram que procurariam um profissional dessa etnia, mas apenas uma informante apresentou justificativa, dizendo que “a formação é a

mesma” (Inf. 2) que a de médicos de qualquer outro país. Três informantes (16,67%) não se mostraram dispostos a procurar um médico ou dentista paraguaio, conforme se vê nas respostas a seguir:

INF.- Ah, aí já é mais longe, como diz o outro, já é mais difícil. (Inf. 6)

INF.- Menos ainda. [Inint.] conhece o paraguaio, né? A gente tem uma má impressão, sei lá por quê... (Inf. 12)

INF.- De um paraguaio, daí complica [risos]. Acho que mais brasileiro, acho que a gente confia sempre, né, nos da gente, mais assim, né? (Inf. 14)

Vale mencionar que a informante 14 afirmou, nas perguntas seguintes do inquérito, que procuraria alemães e italianos.

Na questão relativa à possibilidade de consultar médico ou dentista alemão, quatorze informantes (77,78%) responderam que procurariam um profissional dessa etnia. Um deles apresentou a seguinte justificativa: “Com certeza, teria informação bem mais... até pela... pela cultura e pela... pela descendência, acredito que seria bem melhor do que um argentino” (Inf. 15). Dois informantes (11,11%) responderam que não procurariam um médico ou dentista alemão, e a dois informantes (11,11%), a pergunta não foi formulada.

Finalmente, em relação à possibilidade de consultar médico ou dentista italiano, dezesseis informantes (88,89%) responderam que procurariam um profissional dessa etnia. Apenas dois informantes (11,11%) não se mostraram dispostos a procurarem um médico ou dentista dessa origem.

A resposta do informante 13, a seguir, parece sintetizar o que a maioria pensa sobre procurar um médico ou dentista não brasileiro.

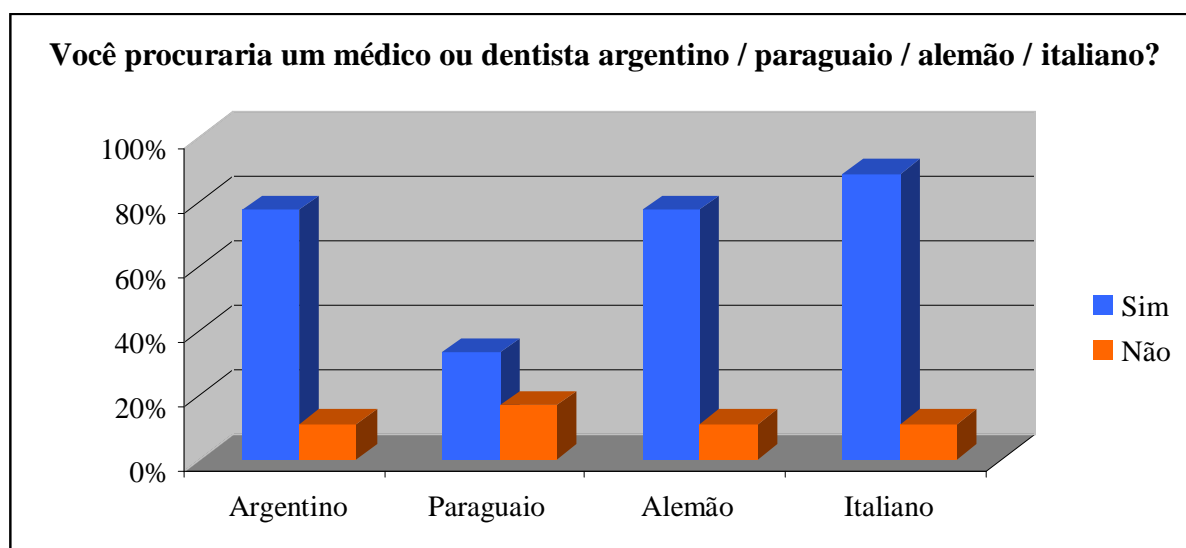
INF.- É aquela questão: não importa a nacionalidade do cidadão, a condição que ele tá, importa a capacidade dele, se é um bom profissional, né... na Argentina tem excelentes médicos, a Argentina tem excelentes advogados, dentistas, músicos, tem coisas boas na Argentina, tem coisas boas no Paraguai. Paraguai não é só seu contrabando, ali, entendeu? Tem gente boa em todo lugar, como também tem tranqueira, em todo lugar, então isso é... é uma questão de preconceito, então...

INQ.- [Inint.]

INF.- Se tem qualidade, por que não? Se não tem, aí vai brasileiro [risos]. (Inint.) (Inf. 13)

O Gráfico 52 permite visualizar os resultados dessa questão, com as mesmas ressalvas feitas em relação aos últimos dois gráficos (50 e 51).

Gráfico 52 – Tendência de reação frente à possibilidade de consulta a profissionais da área da saúde pertencentes aos diversos grupos étnicos de Santo Antônio do Sudoeste



Os resultados deste bloco mostram que os informantes, de modo geral, tendem a reagir positivamente frente às línguas não portuguesas faladas em Santo Antônio do Sudoeste e aos seus falantes. Todos os informantes arguidos manifestaram vontade de aprender a falar uma língua adicional, em especial o espanhol, o que se justifica pelo contato frequente estabelecido com os argentinos nessa região fronteiriça. Além disso, de modo geral, os informantes a) manifestaram disposição para comprar casas em bairros em que vivessem apenas membros de determinada etnia (notadamente em relação aos argentinos e italianos), b) declararam que namorariam ou se casariam com alguém dessas etnias (principalmente com argentinos e italianos) e c) mostraram-se dispostos a procurar um médico ou dentista dessas etnias.

## **8 ATITUDES LINGUÍSTICAS EM IRATI E SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS**

Nesta seção, faz-se uma síntese comparativa dos principais resultados obtidos nas duas localidades pesquisadas e se aprofunda a discussão pertinente aos achados. Para isso, segue-se a divisão dos blocos conforme dispostos nas seções destinadas às análises. Os blocos retratam não apenas a situação de bilinguismo das diferentes comunidades, mas também os índices afetivo, cognoscitivo e comportamental em relação a diferentes variedades linguísticas e/ou a seus falantes. Assim, os resultados por blocos serão agrupados conforme a predominância desses índices. Essa divisão, no entanto, não pretende ser uma camisa de força, pois resultados obtidos em outros blocos podem ser convocados para concentrar a discussão de determinados tópicos.

O termo 'índice' se justifica, aqui, pelo fato de os resultados representarem apenas parcialmente os componentes da atitude na perspectiva da abordagem mentalista, ou seja, são dados meramente indicadores de tais componentes. Conforme previsto na Seção 5, referente à metodologia da pesquisa, e comprovado ao longo das análises, a descrição dos resultados relativos a cada componente retrata apenas a predominância desse componente, mas os aspectos cognitivo, emocional e comportamental das atitudes estão interrelacionados. As crenças, por exemplo, são de natureza cognitiva, mas podem desencadear reações emocionais e ser por elas desencadeadas.

### **8.1 ÍNDICES COGNOSCITIVOS DA ATITUDE**

Esses índices refletem a percepção metalinguística e epilinguística dos falantes a respeito da(s) própria(s) variedade(s) e das demais variedades coexistentes nas localidades pesquisadas. Incluem-se aqui as crenças, os estereótipos e pré-julgamentos, as opiniões ou convicções, a consciência linguística dos informantes, bem como o conhecimento a respeito da própria bilinguagem e a designação das variedades que falam e ouvem. Esses elementos, do ponto de vista cognitivo, representam os modos de conceber e interpretar o mundo e seus fenômenos, coconstruídos no conjunto de experiências dos sujeitos e resultantes de um processo interativo de interpretações e (re)significações.

### **8.1.1 Línguas de aquisição e de uso dos informantes: um retrato da situação de bilinguismo nas localidades pesquisadas**

Ambas as localidades pesquisadas para esta tese se caracterizam pela presença significativa de vários grupos étnicos minoritários, usuários de variedades linguísticas distintas da língua majoritária, o português. Os resultados da análise dos dados apontam para um fenômeno que tem se tornado comum nas localidades brasileiras colonizadas por imigrantes europeus, sobretudo naquelas onde houve integração entre/com diversos grupos étnicos: estudos sobre a diversidade dialetal em regiões de colonização alóctone no Sul do Brasil revelam que as línguas minoritárias ou minorizadas estão sendo relegadas em favor da língua portuguesa, especialmente entre pessoas mais jovens.

Comparando o desempenho linguístico dos avós dos informantes com o dos informantes na atualidade, tem-se, nas duas localidades, a seguinte realidade: a) enquanto 44,44% dos avós dos informantes iratienses ainda falavam as línguas de imigração (27,78% eram, inclusive, monolíngues nessas línguas) e somente um terço usava unicamente o português, apenas 22,22% dos informantes fala hoje as línguas de herança (e todos já dominam o português); e b) enquanto metade dos avós dos informantes santo-antonienses eram falantes da língua de herança ou bilíngues e 38,89% eram monolíngues em português, apenas dois informantes (11,11%) são bilíngues em português e na língua de herança, mas, em compensação, 44,44% já falam o espanhol (língua que nenhum dos avós dominavam).

Assim, nas duas localidades, observa-se uma diminuição do uso das línguas de herança dos informantes com relação às gerações anteriores, resultado do grande domínio da língua majoritária (português). Esse quadro mostra que as línguas minoritárias vêm perdendo gradativamente sua importância, sobrevivendo apenas em contextos restritos, confirmando o que vem sendo registrado em várias outras localidades com perfis semelhantes. O caso do espanhol, em Santo Antônio do Sudoeste, distingue-se dessa configuração por ser um língua de fronteira: como língua materna de falantes do país fronteiriço, de língua não lusófona, goza de vitalidade.

Em Irati, observa-se uma vitalidade maior das línguas de imigração, se comparadas em conjunto, em relação ao panorama que se vê em Santo Antônio do Sudoeste; entretanto, os inquéritos apontam que essa vitalidade é mais visível com relação às línguas eslavas. Considerando que aspectos geográficos e socioculturais são determinantes para a manutenção linguística, tal vitalidade pode estar relacionada a alguns fatores que colaboram para a preservação, ainda que precária, das línguas e culturas desses grupos, conforme já sinalizado

nas análises: a) a religião; b) o casamento intraétnico; c) os eventos e produtos culturais; d) o isolamento geográfico; e e) a resistência às medidas nacionalizadoras.

A religião tem um papel significativo na preservação da língua étnica, notadamente quando se mantém os ritos nessa língua, como é o caso dos ucranianos ortodoxos. Segundo Renk (2009), para os ucranianos, a língua materna era a língua da leitura dos textos e das celebrações religiosas e, portanto, seu aprendizado era essencial para que poder ler e compreender os textos sagrados. No entanto, na atualidade, a manutenção da língua étnica nas missas de rito ortodoxo é apenas parcial, já que, conforme a informante 10, parte da missa já está sendo feita em português, e, aos sábados, a missa é realizada toda em português, como Ogliari (2003) também observou na vizinha Prudentópolis.

O casamento intraétnico facilita a preservação da língua e da cultura de um grupo minoritário (nos inquéritos, há registros de que isso acontece com os poloneses e ucranianos de Irati), na medida em que permite que a interação dos cônjuges seja, total ou parcialmente, mediada pela variedade de herança já usada em suas famílias de origem. Na direção oposta, o casamento com membros de outros grupos étnicos favorece a perda de elementos culturais e acelera o abandono linguístico (HOLMES, 2001).

Os eventos e produtos culturais, entendidos aqui como as festas típicas, as apresentações de dança, os programas de rádio – com foco não apenas, mas especialmente, nas comunidades eslavas de Irati – e os jornais étnicos (ucranianos), em sua função de rememorar aspectos da cultura e da língua desses grupos, reforçam a identidade cultural e, por extensão, linguística.

O fato de os imigrantes estabelecidos em Irati não serem oriundos de colônias prévias e a proximidade com municípios que tiveram um modo de ocupação semelhante possivelmente contribuíram para essa vitalidade maior observada em Irati, já que, conforme Luersen (2009, p. 73), “a fixação, em certas localidades, de famílias originárias de uma mesma região e que permanecem em certo isolamento pode contribuir para a manutenção do dialeto falado por essas famílias”.

No caso das colônias eslavas, Renk (2009) mostra como elas se distribuíram no Paraná entre 1820 e 1940: dos dezessete grandes núcleos, sete se concentraram no Sudeste do Paraná (Irati, Prudentópolis, Cruz Machado, Mallet, São Mateus do Sul, São João do Triunfo e Ipiranga). Outros nove núcleos se estabeleceram em regiões próximas: Centro-Sul (Guarapuava), Sul (União da Vitória), Centro Oriental (Palmeira) e Região Metropolitana de Curitiba (Curitiba, Araucária, Campo Largo, Contenda, Lapa e Rio Negro). Apenas um núcleo ficou mais afastado: o estabelecido em Apucarana, na região Centro-Norte. Além



disso, as famílias ucranianas e polonesas de Irati, a julgar pelo depoimento dos informantes 1, 13, 15 e 17, concentram-se especialmente na zona rural, o que contribui para a situação de isolamento. Jacumasso (2009), por exemplo, realizou sua pesquisa em uma colônia ucraniana localizada na zona rural de Irati, a comunidade Itapará, também citada pelo informante 17 como reduto de poloneses e ucranianos.

Finalmente, o último aspecto a ser apontado, no que se refere à peculiaridade de Irati quanto à maior conservação das línguas de herança, é a resistência às políticas homogeneizadoras perpetradas pelo Estado Novo em seu ideal de nacionalização. Renk (2009) afirma que os grupos eslavos, no Paraná, acionaram estratégias para manter a identidade cultural:

O processo de resistência cultural foi realizado em casa, sem alarde, mantendo as tradições. Os ritos e celebrações religiosas foram momentos especiais para manter elementos da identidade cultural. Atualmente, muitos entrevistados mantêm em casa as tradições religiosas, principalmente a Páscoa e a Quaresma, que a família praticava quando eram jovens e que remontam à pátria dos antepassados [...] (RENK, 2009, p. 212).

Apesar de a língua de herança ser bastante utilizada na comunicação intragrupo de alguns grupos étnicos – como é o caso especialmente do ucraniano, em Irati –, de modo geral, as línguas de origem dos eurodescendentes permanecem restritas à comunicação entre os membros mais velhos, de forma esporádica, sobrevivendo apenas em forma de algumas expressões, configurando o que Mackey (2004) chama de bilinguismo residual. Isso pode ser constatado por meio dos exemplos das diversas línguas, citados pelos informantes das duas localidades: majoritariamente, as tabelas dos campos conceituais das palavras e expressões citadas apontam para temas circunscritos a conversas cotidianas, no lar ou em público entre amigos e vizinhos, que parece ser o único âmbito onde ainda sobrevive o uso das línguas de imigração.

Em Santo Antônio do Sudoeste, as línguas de herança dos descendentes de imigrantes aparentam ainda menor vitalidade em comparação com a situação de Irati, provavelmente em virtude da representativa presença do espanhol (aliada a outros fatores). Conforme já foi visto, as gerações mais jovens já não falam mais as línguas étnicas, mas vêm gradativamente adquirindo o espanhol.

Tal situação emerge de uma configuração interessante: a) primeiramente, os grupos de descendentes de imigrantes europeus sofrem um processo de deslocamento de suas colônias prévias, geralmente caracterizadas como ilhas linguísticas, para se fixarem em novas terras; b)

no novo território, deparam-se não só com os “brasileiros” (não descendentes de europeus), mas, como se inserem em um contexto de fronteira, convivem também com os argentinos, cuja língua nativa é diferente do português; c) nesse contexto, a par do processo de perda das línguas de herança, tendência comum entre os mais jovens na maioria das comunidades de descendentes de imigrantes, surge a necessidade de adquirir uma língua adicional para gerir as situações interacionais cotidianas. Ou seja, a premência da comunicação com esse novo grupo se sobrepõe ao cultivo de uma língua que vai paulatinamente perdendo sua importância no meio social.

Há vários fatores que podem levar um grupo a abandonar uma língua em favor de outra. Em todos os casos, a atitude do falante é a peça-chave. A questão da estigmatização das línguas, presente em alguns inquéritos, é um desses fatores, tema que será aprofundado na subseção 8.1.3.

### **8.1.2 Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas nas localidades: um retrato dos domínios de uso do espanhol e das línguas de herança**

A pesquisa demonstrou que os informantes das duas localidades têm consciência da variedade linguística presente nas localidades. Em Irati, as línguas eslavas foram as mais lembradas; em Santo Antônio do Sudoeste, como já era esperado, o espanhol foi a língua mais citada. Da mesma forma, exemplos das línguas de herança foram mais produtivos em Irati do que em Santo Antônio do Sudoeste, onde prevaleceram os exemplos do espanhol ou castelhano.

Os exemplos dados se relacionavam, em sua maioria, às fórmulas de cumprimento e despedida, aos marcadores conversacionais (no caso específico do espanhol), aos itens da culinária típica, à descrição das condições do tempo, às designações de laços de parentesco e às expressões que, de certa forma, rotulam um grupo étnico (*nache lhude*, *tutto buona gente*) ou os caracterizam (os turpilóquios usados pelos italianos). Parece haver, também, entre os informantes, um conhecimento latente de palavras ou expressões em outras línguas, na medida em que disseram conhecer exemplos, mas não se lembravam de nenhum em específico. Essa informação é importante porque evidencia a existência de uma situação de contato linguístico, mas que vem gradativamente se dissolvendo.

As respostas dos informantes confirmam a situação de bilinguismo residual e mostram os ambientes a que se restringe o uso das línguas alóctones na atualidade: principalmente em contextos mais propícios à reunião dos grupos étnicos, como em missas e eventos festivos e

folclóricos, bem como nas comunidades do interior, que, por serem mais isoladas, tendem a ser mais conservadoras com relação à manutenção das línguas de herança. Mesmo nesses casos, as línguas étnicas são faladas geralmente pelos mais idosos.

O fato de haver poucas indicações de uso dessas línguas nas interações no âmbito doméstico evidencia que, na maioria dos casos, elas já não vêm mais sendo transmitidas aos descendentes. Tal fenômeno pode ser atribuído à grande difusão da língua portuguesa e seu alcance institucional e à perda de prestígio ou limitação de funções das línguas minoritárias. Segundo alguns autores (OGLIARI, 2001; FRAGA, 2008; PERTILE, 2009, entre outros), os pais não viam ou veem mais sentido em ensinar a língua de herança aos filhos, devido, principalmente, ao seu baixo valor simbólico no mercado linguístico.

Assim, enquanto as línguas de imigração são usadas em contextos muito específicos e, geralmente, por pessoas mais velhas, no caso de Santo Antônio do Sudoeste, o espanhol é falado no âmbito público (nos estabelecimentos comerciais, na rua, nos locais de trabalho etc.) também pelos mais jovens.

A designação das línguas, que apareceu não apenas nas questões circunscritas a este bloco, mas cuja discussão se faz aqui porque está ligada à consciência linguística do informante, também pode ser relevante para explicar atitudes com relação ao “pertencimento” da língua nomeada. Segundo Orlandi (2005, p. 29), “a questão da língua que se fala, a necessidade de nomeá-la, [...] toca os sujeitos em sua autonomia, em sua identidade, em sua auto-determinação”.

Sturza (2005) reflete sobre o processo de designação da(s) prática(s) linguística(s) resultante(s) do contato linguístico entre o português do Brasil e o espanhol do Uruguai, mas sua discussão pode se aplicar também à pesquisa aqui relatada. Segundo a autora,

[...] designar essa prática linguística é uma tarefa que já apresenta dificuldades e posicionamentos políticos no próprio contexto nacional de ambos países [*sic*] envolvidos, pois o português é ‘brasileiro’ e o espanhol é ‘castelhano’, o que já por si mesmo marca a diferença das línguas internamente às suas hereditariedades linguísticas – língua portuguesa de Portugal e língua espanhola da Espanha e aos seus domínios políticos na América hispânica (STURZA, 2005, p. 48).

A designação ‘brasileiro’ para a língua portuguesa ocorreu ao longo dos inquéritos das localidades, sobretudo nos blocos iniciais. Conforme pontuou Sturza (2005), esse termo marca a diferença entre a língua falada pelos brasileiros em oposição à falada em Portugal, mas também marca a distinção entre a língua falada no Brasil em oposição à falada nos países hispânicos fronteiriços, como se reforçasse o sentimento de brasilidade. Convém lembrar,

ainda, que a denominação ‘língua portuguesa’ é difundida por instituições formais, principalmente a escola, a grande responsável por sedimentar essa crença entre os informantes (AGUILERA, 2008b).

No que concerne à língua falada na fronteira com a Argentina, ocorre, nas respostas de muitos informantes de Santo Antônio do Sudoeste, a designação ‘castelhano’, provavelmente como forma de diferenciar o espanhol da América do Sul daquele da Espanha. Nas perguntas avaliativas, o castelhano foi descrito pelo informante 13 como “um espanhol diferente” do “espanhol clássico”, “da Espanha”, com “aquele sotaque carregado”; distinto, portanto, da variedade dos argentinos, que “falam como a gente”.

Informantes analisados por Amâncio (2007) também distinguem o espanhol do castelhano ou do argentino, considerando a primeira a língua dos espanhóis, que coincidiria com o espanhol aprendido formalmente por alguns informantes; o argentino falaria o castelhano, ou o argentino. Nesse sentido, é possível que a escolha pela designação ‘castelhano’ reflita a preferência dos próprios falantes e tenha motivação política ou ideológica, já que a denominação ‘espanhol’ remeteria ao período colonial, em que os países hispanófonos da América do Sul eram dependentes da Espanha. Mas há também o fato de que o espanhol ensinado nas escolas corresponde à variedade padrão, que é espelhada na língua escrita e, por isso, não é identificada em sua totalidade no espanhol falado (língua do Estado *versus* língua vernácula).

Orlandi (2005) denomina ‘identidade dupla’ o modo como funcionam as variedades do espanhol latino-americano e do português brasileiro em relação às línguas dos países colonizadores:

Estamos diante de línguas que são consideradas as mesmas – as que se falam na América Latina e na Europa – porém que se marcam por se historicizarem de maneiras totalmente distintas em suas relações com a história de formação dos países. É o caso do português do Brasil e o de Portugal. Falamos a ‘mesma’ língua, mas falamos diferente. [...] Produzem discursos distintos, significam diferentemente (ORLANDI, 2005, p. 30).

Em relação ao portunhol, o termo é citado por muitos informantes para designar uma variedade híbrida usada nas interações cotidianas entre brasileiros e argentinos. A rotulação do portunhol como ‘mistura’, sintetizando as percepções dos informantes santo-antonienses sobre essa variedade, é um fenômeno bastante comum nas situações de línguas de contato, pois, conforme Lipski (2006, p. 1), “sustained contact between two languages in unofficial settings, such as border or immigrant communities or in multilingual trade environments,

frequently produces a range of linguistic contact phenomena that are popularly referred [*sic*] to by words suggesting mixed parentage”<sup>86</sup>. Segundo observa Elizaincín (2004), o contato do espanhol com o português tem um *status* especial, pois as duas línguas apresentam a mesma origem, são tipologicamente muito próximas e têm forte relação areal.

No entanto, como reflete Spinassé (2008) a respeito do *hunsrückisch* (variedade de imigração de base alemã de grande abrangência no Brasil), mas cuja reflexão pode ser aplicada à descrição e análise de qualquer variedade de contato, o termo ‘mistura’ acaba por revelar uma visão redutora, pois, “pensando assim, ignora-se toda a regularidade existente na gramática dessa língua” (SPINASSÉ, 2008, p. 121). Assim, o portunhol, embora seja efetivamente uma variedade híbrida, originada da mescla do português com o espanhol, possivelmente não se concretiza a partir de “qualquer mistura”. Embora ainda não tenha o *status* de idioma ou dialeto, por não ser estável nem homogêneo, além de depender do repertório de cada interlocutor, o portunhol já adquiriu uma personalidade própria.

### **8.1.3 Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes e da conveniência ou não do uso em público e ensino das línguas faladas nas localidades: a valorização das línguas étnicas e a necessidade de políticas de educação bilíngue**

Os resultados deste bloco mostraram que, nas localidades estudadas, prevalece uma atitude de abertura em relação ao cultivo das línguas de imigração e ao uso do espanhol/castelhano e portunhol, tanto no âmbito institucional (escola e igreja) como no âmbito das interações cotidianas.

Nas questões que objetivam identificar crenças dos informantes a respeito do comportamento linguístico e social dos falantes das diversas etnias com relação ao uso de suas línguas de herança na interação com membros do mesmo grupo étnico, quando alguém que não pertença a esse grupo se aproxima, os relatos mostram que a percepção maior, em Irati, é a de que eles continuam a conversar na língua étnica, embora muitos informantes não tenham vivenciado tal situação. Em Santo Antônio do Sudoeste, porém, essa percepção se aplica apenas em relação aos argentinos. Alguns informantes santo-antonienses destacaram que, embora determinados grupos muitas vezes continuem falando na língua deles, quando

---

<sup>86</sup> O contato mantido entre duas línguas em contextos não oficiais, tais como comunidades de fronteira ou de imigrantes ou em ambientes comerciais multilíngues, frequentemente produz uma série de fenômenos de contato linguístico a que são popularmente referidos por meio de palavras que sugerem linhagem mista.

alguém não falante dessa língua se aproxima do grupo, há um esforço, especialmente dos argentinos, para se fazer entender.

Referente à proibição ou não do uso das línguas étnicas em lugares públicos, a maioria dos entrevistados das duas comunidades (88,89% em Irati, e 94,44% em Santo Antônio do Sudoeste) manifestou que não proibiria o uso dessas línguas em espaços públicos, geralmente defendendo a legitimidade de as pessoas falarem suas línguas, salvaguardando não só o direito à livre expressão, como também o de manter suas culturas por meio da língua (como fator de identidade).

Na questão em que o informante deveria se manifestar sobre a conveniência ou não do uso das diferentes línguas em serviços religiosos, ou seja, se o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas faladas nas comunidades, quase dois terços dos entrevistados iratienses manifestaram uma opinião favorável de que as línguas de herança fossem usadas, limitadas, porém, à capacidade de entendimento da totalidade dos fiéis, ou em momentos diferenciados para grupos de fiéis falantes das línguas específicas.

Em Santo Antônio do Sudoeste, nessa questão, foram levantados resultados que, à primeira vista, parecem incoerentes com relação aos resultados de outras questões, pois houve mais respostas negativas do que positivas. Porém, é preciso destacar que as respostas afirmativas se referiam à opinião não só de que as línguas estrangeiras “deveriam”, mas também de que “poderiam” ser usadas pelos líderes religiosos nas cerimônias. Já as respostas negativas, de modo geral, não retratam uma opinião contrária ao uso dessas línguas, mas a percepção de que não há necessidade de seu uso, uma vez que os descendentes de imigrantes já dominam plenamente o português, e raramente os argentinos participam de cultos ou missas no lado brasileiro. Desse modo, entende-se que os resultados não mostram uma atitude negativa dos santo-antonienses em relação ao uso de outra língua, além do português, nas instituições religiosas; apenas, há uma percepção de que tal uso não se faz necessário.

Resultados positivos também foram identificados em favor da inclusão das línguas de herança (e do espanhol, em Santo Antônio do Sudoeste) no currículo escolar: quase dois terços dos informantes (61,11%) de ambas as localidades pensam que elas deveriam ser ensinadas nas escolas, ao lado de outras línguas estrangeiras de prestígio internacional (inglês e espanhol). Ou seja, ao lado da segurança que uma língua estrangeira pode oferecer em termos de mercado de trabalho, dado o valor simbólico dessa língua em âmbito internacional, insinua-se também o desejo de acesso ao patrimônio da cultura étnica de origem.

A reivindicação dos informantes aponta para a necessidade de políticas de educação bilíngue que venham valorizar não apenas as línguas de comunicação internacional, mas

também as línguas locais, das minorias, como forma de resgatar e/ou preservar as culturas de herança. Diversos autores defendem que o caminho mais eficiente para isso acontecer seria a inclusão das línguas ameaçadas no currículo escolar. Jacumasso (2009), por exemplo, ao constatar a diminuição de uso do ucraniano entre os mais jovens na comunidade de Itapará, em Irati, propõe uma alternativa para resgatá-la: “a implantação de língua ucraniana como língua no currículo da escola da comunidade seria uma iniciativa de valorização dos descendentes de ucranianos que lá habitam” (JACUMASSO, 2009, p. 129).

Já Fishman (2001), ao propor um modelo de oito etapas para revitalizar línguas ameaçadas ou adormecidas (*sleeping languages*) ou torná-las sustentáveis, postula que é preciso, antes, incentivar o uso informal da língua entre as pessoas de todas as faixas etárias e reforçar seu uso frequente nas famílias (precedência, portanto, da língua falada) para só depois concentrar esforços em medidas de uso institucional. O autor acredita que seria desperdício, por exemplo, instituir o uso de uma língua nos serviços do governo se quase nenhuma família tem o hábito de usá-la.

Conforme consta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a inserção de uma língua estrangeira moderna é obrigatória no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998) orientam que sejam adotados critérios históricos e locais para a decisão de que idioma(s) ensinar em determinada comunidade. A importância do inglês no mundo contemporâneo, em virtude da hegemonia econômica dos Estados Unidos, pode influenciar a integração dessa língua ao currículo escolar – e é isso o que geralmente acontece –, mas a forte presença de uma comunidade imigrante pode determinar a inclusão do idioma falado por ela. Segundo esse documento, o principal objetivo educacional do ensino de uma língua estrangeira é a aprendizagem intercultural:

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua auto-percepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social (BRASIL, 1998, p. 19).

No estado do Paraná, a Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR) mantém o CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas –, com oferta extracurricular e gratuita de ensino de diversas línguas estrangeiras nas escolas da rede pública estadual, destinado aos alunos, professores e funcionários, bem como à comunidade externa. As línguas ofertadas, no

âmbito do estado, são as seguintes: espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polonês, ucraniano, japonês e mandarim. Entretanto, de acordo com dados fornecidos na página do CELEM (SEED-PR) relativa aos cursos oferecidos em todo o estado<sup>87</sup>, apenas o espanhol é ofertado nas duas localidades pesquisadas (em Irati, há oferta também de inglês nas escolas em que o espanhol é obrigatório no currículo).

Oliveira e Altenhofen (2011), ao tratarem da questão das motivações político-linguísticas pertinentes a cada contexto linguístico, abordam uma das posturas desejáveis no sentido de promover a educação linguística, a tolerância, os direitos linguísticos dos falantes de diferentes comunidades de fala e o plurilinguismo:

Se, de um lado, a *internacionalização* tem sido mencionada constantemente como palavra-chave do desenvolvimento, de outro é preciso enfatizar o papel de uma política de inclusão plurilíngue como elemento fundamental para a construção do que Fishman (2006) chama de democracia cultural (*ethnolinguistic democracy*). Nesse sentido, é preciso pensar nos aspectos positivos do plurilinguismo na conformação das políticas internas do país – sobretudo o avanço da democracia, que tende a tomar um caráter cada vez mais cultural, e das políticas externas do país, em função da internacionalização seletiva que é a reação hoje mais importante à globalização total proposta, em discurso, pelos países anglo-saxões (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011, p. 194).

Nas duas localidades pesquisadas, observou-se um discurso de valorização das línguas de herança, presente em muitos inquéritos. Os informantes, de modo geral, manifestaram a crença de que o conhecimento da língua de herança é um bem cultural e também econômico – uma vez que falar línguas estrangeiras “abre portas” no mercado do trabalho – e demonstraram consciência da necessidade de respeito à diversidade étnica e, por extensão, linguística e cultural.

Diversos fatores devem ser considerados na tentativa de explicar a razão dessa mudança na forma de tratamento dos bens culturais, que passou do acanhamento ou mesmo repressão das variedades linguísticas faladas, no passado, ao respeito (pelo menos, no discurso) a essas variedades, no presente. O discurso de valorização da diversidade cultural vem permeando a sociedade há vários anos. No Brasil, a Constituição de 1988 pode ter tido um papel importante nessa direção, pois estabelece alguns princípios para o tratamento do patrimônio cultural brasileiro, definido como “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988, art. 216).

---

<sup>87</sup> Informações disponíveis no portal Dia a Dia Educação, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná: <<http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=345>>. Acesso em: 15 maio 2013.



Assim, a discussão pautada pela diversidade cultural (e pelos direitos e bens culturais dela decorrentes) tem sua fundamentação no texto constitucional, com base em princípios como o respeito à diversidade e à liberdade de expressão dos grupos formadores da sociedade brasileira, sobretudo daqueles desfavorecidos histórica, social e economicamente.

Vale lembrar que a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)<sup>88</sup> propõe como direito básico do ser humano não só o de se expressar livremente e de ser educado na língua de sua comunidade linguística, mas também o de ser poliglota, de aprender e usar a(s) língua(s) mais apropriada(s) ao seu desenvolvimento pessoal ou à sua mobilidade social.

Na contramão da história está o Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que não registra a origem étnica do total dos recenseados nem as línguas por eles faladas, não obstante a realidade plurilinguística do Brasil. Como avaliam Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 39), “infelizmente, a diversidade linguística e cultural brasileira [...] aparece, nos censos atuais do IBGE, subsumida sob os velhos conceitos de ‘raça’ e ‘cor’. Não há uma questão explícita sobre as competências linguísticas dos brasileiros”. No censo mais recente, o de 2010,

[...] se acenava com a possibilidade de reinclusão da pergunta sobre ‘outras línguas faladas no lar, ao lado do português’. Infelizmente, o que era para ser um aceno de ‘lucidez linguística’ sucumbiu à antiga e antiquada visão monolingualista e tecnocrata que reduz as relações de valor e representatividade/relevância social a quantidades numéricas (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011, p. 189).

O último censo a indagar sobre as línguas faladas no âmbito do lar foi o de 1950, “em um contexto marcado pelas tensões vivenciadas pela Segunda Guerra Mundial, em que se fazia referência aos imigrantes e suas línguas como ‘estrangeiros e alienígenas’” (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 39-40).

A inovação do censo de 2010 ficou por conta da inclusão, pela primeira vez, de dados sobre as etnias e línguas indígenas (nos censos anteriores, a população indígena era apenas representada no quesito ‘cor ou raça’)<sup>89</sup>. Mas, de modo geral, o Estado vinha/vem ignorando essas questões, ou porque se dava/dá pouca relevância a tais aspectos, ou porque partia/parte do pressuposto de que todos falam português, e somente português. No entanto, a consideração das demais línguas faladas deve se estender a toda a população, ainda que hoje

<sup>88</sup> Documento construído sob iniciativa do PEN Internacional (associação de escritores empenhados na defesa da liberdade de expressão e dos direitos e valores humanistas) e assinada em Barcelona, em 1996, sob o patrocínio da UNESCO e de outras organizações não governamentais. O documento, na íntegra, está disponível em: <[http://penclube.no.sapo.pt/pen\\_internacional/dudl.htm](http://penclube.no.sapo.pt/pen_internacional/dudl.htm)>. Acesso em: 15 maio 2013.

<sup>89</sup> Informação disponível no *site* do IBGE: <<http://indigenas.ibge.gov.br/apresentacao-indigenas>>. Acesso em: 12 maio 2013.

não se possa mais reconhecer de forma tão nítida a homogeneidade étnica do passado, já que apenas alguns traços originais persistem no tempo e no espaço. Assim como o censo de 2010 revelou um cenário mais diversificado do que o esperado por pesquisadores<sup>90</sup>, no tocante às línguas (e etnias) indígenas, também pode dar uma real dimensão das línguas alóctones ainda faladas no Brasil.

A escola certamente ajuda a difundir a consciência da diversidade como algo a ser defendido. Não é de surpreender que, em Irati, o discurso da valorização da língua como patrimônio cultural ocorreu com mais frequência entre informantes com curso superior. Por permanecerem mais tempo nos bancos escolares, terem mais leitura e estarem mais atualizados com as pautas político-ideológicas, esse grupo se mostra capaz de incorporar mais facilmente os ideais do discurso “politicamente correto”. É preciso mencionar também a expressiva influência dos meios de comunicação, que, cada vez mais, difundem as novas ideias de tolerância cultural, respeito às diferenças e valorização da diversidade (de qualquer natureza).

Há, ainda, um aspecto que não pode ser ignorado: embora tenham também uma motivação econômica – a de impulsionar o turismo –, as festividades típicas acabam por reforçar as identidades culturais dos grupos que compõem uma localidade. Essa pode ser uma das razões pelas quais se verifica, em Irati, uma maior conservação das identidades étnicas dos colonizadores, conforme já mencionado. Mas, até que ponto esses eventos refletem uma genuína prática cultural dos colonizadores, sem estereotipação? E em que medida eles realmente colaboram para o resgate ou, numa perspectiva mais realista, para a manutenção do que restou das línguas de herança? Além disso, pensando em uma política linguística de inclusão das línguas minoritárias no currículo escolar, que língua deverá ser ensinada: a variedade padrão, ou o dialeto falado pelos grupos que se estabeleceram na comunidade? Seria a língua escolhida para compor o currículo uma variedade possível de o estudante usar com seus pais e avós, considerando a proposta de Fishman (2001) de desenvolver o uso informal da língua de herança?

A bilingüidade é valorizada hoje como um bem, ou seja, há uma comodificação do bilingüismo, como postula Heller (2000), que, no entanto, alerta: “this is a bilingualism of the economic elite, a bilingualism in which what counts is the economic exchange value of

---

<sup>90</sup> Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1135045-brasil-tem-305-etnias-e-274-linguas-indigenas-aponta-censo-2010.shtml>>. Acesso em: 12 maio 2013.

linguistic practices and the ability to use bilingualism as a way of advancing local interests in the global marketplace”<sup>91</sup> (HELLER, 2000, p. 14).

Esse é o caso, principalmente, do inglês, mas, nos contextos de pesquisa, também do espanhol e, em menor grau, das línguas de herança dos imigrantes europeus. Muitos informantes iratienses e santo-antonienses manifestaram a ideia de que ser bilíngue, especialmente em inglês e na língua de herança do indivíduo, possibilitar-lhe-ia o acesso a bons empregos, por exemplo. A escola parece ser, então, a instituição sobre a qual recai a expectativa de realização dessa tarefa:

The purpose of the school is to prepare students for entry into the modern world, on the basis of an ideology of democracy and meritocracy. The reason for having those zones is in order to acquire forms of linguistic capital which are understood as having value *not* primarily within the confines of the minority market, but rather on the broad, global market<sup>92</sup> (HELLER, 2000, p. 16).

Segundo essa autora, o bilinguismo comodificado toma uma forma muito específica: em primeiro lugar, as variedades envolvidas devem ser as mais social, regional e geograficamente neutras possíveis; em segundo lugar, trata-se de um bilinguismo que se desdobra em dois monolinguismos que se acomodam lado a lado, cada língua mantendo-se “íntegra”, “intacta”, separada da outra. Nesse sentido, tem-se “a bilingualism in which traces of contact in language practices are potentially dangerous, and which are certainly institutionally negatively sanctioned”<sup>93</sup> (HELLER, 2000, p. 17). Ou seja: o uso das línguas de imigração e do português com traços dessas línguas pode continuar sendo desvalorizado.

A hipótese de Heller (2000) é a de que, nas ideologias linguísticas dominantes na pós-modernidade, o bilinguismo que agrega valor e reconhecimento é aquele baseado em determinados comportamentos e determinadas práticas linguísticas que só chegam a alterar muito superficialmente as ideologias monolíngues e estandardizadoras hegemônicas na modernidade.

Alguns informantes das comunidades investigadas nesta tese demonstraram reconhecimento de que essa realidade – a da valorização da língua e cultura dos imigrantes –

<sup>91</sup> Esse é um bilinguismo da elite econômica, um bilinguismo em que o que conta é o valor econômico de troca das práticas linguísticas e a capacidade de usar o bilinguismo como uma forma de fazer avançar os interesses locais no mercado global.

<sup>92</sup> O objetivo da escola é preparar os estudantes para a entrada no mundo moderno, com base em uma ideologia da democracia e meritocracia. A razão por ter essas zonas é no sentido de adquirir formas de capital linguístico que são entendidas como tendo valor *não* principalmente dentro dos limites do mercado minoritário, mas, sim, no amplo mercado global.

<sup>93</sup> [...] um bilinguismo em que os traços de contato nas práticas linguísticas são potencialmente perigosos e, por certo, institucionalmente sancionados de forma negativa.

é recente. É nesse sentido que a informante 12 de Irati disse ser um “orgulho pra pessoa saber a outra língua”, acrescentando que isso não seria comum há anos atrás, numa provável referência ao medo ou vergonha de falar a língua de herança. Também em Santo Antônio do Sudoeste, ao defender o direito à livre expressão, o informante 11 disse que, no passado, já foi proibido falar em língua não portuguesa, pois o governo brasileiro “não deixava ninguém falar essas línguas estrangeiras”, remetendo à interdição das línguas dos imigrantes no período do Estado Novo, época em que o português se impôs em todo o território nacional:

Com a campanha de nacionalização do ensino, instituída pelo governo federal, seu uso tornou-se obrigatório, em detrimento das falas étnicas que foram interdidas, com punição dos sujeitos, sempre que as normas fossem por eles transgredidas. Sabendo ou não, todos deveriam expressar-se na língua oficial do país (FROSI; RASO, 2011, p. 327).

Embora Oliveira e Altenhofen (2011) afirmem que foi nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde “a estrutura minifundiária e a colonização homogênea de certas regiões garantiram condições adequadas para o uso do alemão e do italiano, que a repressão linguística, através do conceito jurídico de *crime idiomático*, formulado pelo Estado Novo, atingiu sua maior dimensão” (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011, p. 192), Renk (2009) mostrou que isso ocorreu intensivamente também no Paraná, onde “a proibição de falar a língua materna em espaços públicos foi uma experiência traumática para muitos descendentes de imigrantes” (RENK, 2009, p. 149). E isso não ocorreu apenas com alemães e italianos, mas também com os grupos eslavos: escolas étnicas ucranianas e polonesas foram fechadas, jornais étnicos foram proibidos de circular, clubes e sociedades étnicas foram confiscados ou tiveram de mudar suas denominações, e até mesmo os estatutos dessas associações sofreram intervenções, segundo a autora.

Em seu estudo sobre o processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná, Renk (2009) constatou que

A experiência de uma geração que viveu tempos de guerra são lembranças de uma época de temor e repressão que deixou marcas profundas na vida dos entrevistados. [...] Essa geração foi marcada pelo nacionalismo de um governo e pela formação de um sentimento de brasilidade por meio da escola. As escolas étnicas haviam sido fechadas, a língua materna foi criminalizada. Eram tempos de apreensão, desconfiança e silêncio revelados nas falas de quem os vivenciou (RENK, 2009, p. 148).

Essa experiência traumática relatada por muitos imigrantes e descendentes é dificilmente esquecida por quem a enfrentou, pois

[...] a *língua materna silenciada na história deixa no sujeito sua memória*. Ela deixa *inscrito um lugar de língua*, que não poderia, entretanto, ser preenchido por uma suposta restituição da língua apagada, através do ensino da língua estrangeira correspondente (alemão, japonês, italiano...), como às vezes se imagina. Se as línguas dos imigrantes, em sua maior parte silenciadas, têm um papel na memória social brasileira, *isso se dá em seu estatuto de língua apagada mesmo*, cuja presença remota pode ser às vezes apenas notada, por exemplo, através do riso (equivoco) que acompanha o seu aparecimento; da prática sinestésica do canto da língua silenciada, em antigas canções em dialetos; na denegação de sua presença ocorrendo na ultra-correção do português (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 46).

Assim, há uma memória, oriunda da experiência própria – no caso da estigmatização – ou de ouvir falar (dos pais? Da mídia?) – no caso da proibição das línguas de imigração no passado –, de uma época de medo e repressão, sentimentos que não fazem mais sentido num mundo que prega o discurso do respeito à diversidade cultural e do orgulho de falar uma língua adicional, vista como um patrimônio imaterial. As respostas da informante 12, de Irati, são representativas dessa polarização quando ela citou os termos ‘vergonha’ e ‘orgulho’ para se referir, respectivamente, ao passado e ao presente: “ela [a mãe] e o pai falavam o polonês, só que nós, os filhos, tínhamos vergonha, porque na escola a gente falava muito atrapalhado”; “é um orgulho pra pessoa saber a outra língua”.

No entanto, esse discurso da valorização das línguas parece contraditório quando alguns informantes desta pesquisa se manifestaram sobre o comportamento de grupos falando em sua língua de herança quando outra pessoa se aproxima do grupo: a impressão geralmente é a de que, quando continuam conversando em uma língua não dominada pelo interlocutor que se aproxima, as pessoas estejam falando mal, “xingando” a pessoa que não fala aquela língua do grupo. Ou seja: há o entendimento de que é desrespeitoso falar uma língua que as pessoas ao redor não possam entender.

Ao se referirem ao passado, alguns informantes iratienses e santo-antonienses aludiram a eventos que demonstravam a atuação do preconceito linguístico. Apesar de, atualmente, haver uma maior valorização das línguas de herança, ao menos aparentemente, informantes de Irati, por exemplo, relataram que: “fazia muita gozação” do fato de os pais falarem em italiano (Inf. 18); sentia vergonha de falar polonês e um português “atrapalhado”, deixando de falar polonês, embora hoje reconheça “que é um erro” (Inf. 12); falava polonês com os pais e avós, “mas só de brincadeira” (Inf. 14). Em Santo Antonio do Sudoeste, a informante 6 relatou o sofrimento por que passou na escola por falar somente no dialeto bergamasco. Nesse sentido, o aspecto afetivo da atitude levou a um comportamento: o

abandono da variedade dialetal, pois a estigmatização da variedade falada por um grupo étnico é um dos fatores que podem influenciar o deslocamento linguístico.

Digno de nota é o fato de que os informantes que fizeram tais relatos são todos do sexo feminino. Segundo Labov (2001), em situações de variação estável, as mulheres tendem a preferir formas prestigiadas, ou seja, tendem a evitar a fala estigmatizada. Mouton (2005) traduz bem a situação dessas informantes ao repetir o postulado laboviano de que “las mujeres siempre están dispuestas a hablar ‘mejor’. Y eso las hace estar dispuestas también a abandonar sus hábitos dialectales si descubren que no tienen prestigio. Esta percepción es fundamental en las actitudes que generan un comportamiento u otro”<sup>94</sup> (MOUTON, 2005, p. 230).

## 8.2 ÍNDICES AFETIVOS DA ATITUDE

O componente afetivo nada mais é do que uma resposta emocional ao objeto atitudinal, estando assentado, portanto, no componente cognitivo. A avaliação social e cultural em relação a determinado grupo geralmente se pauta em pontos de referência, que são os estereótipos atribuídos àquele grupo, cujos valores estão localizados no domínio da memória das crenças sociais e, nesse sentido, podem ser compreendidas como objetos mentais compartilhados de cognição social.

### 8.2.1 Descrição e avaliação do círculo de amizades do informante: as experiências pessoais como balizadoras das atitudes

Vistas sob a perspectiva de Bem (1973), as perguntas circunscritas a este bloco seriam indicadoras do componente social da atitude, mas optou-se aqui por discuti-las na seção relativa ao componente emocional porque as respostas estão ligadas a experiências pessoais dos informantes, as quais são mediadas pelas emoções.

Com relação às entrevistas realizadas em Santo Antônio do Sudoeste, as perguntas sobre o círculo de amizades, constantes do questionário original, não foram formuladas a todos os informantes. Mas estas, do ponto de vista sociolinguístico, têm menor relevância, servindo mais como um elemento capaz de avalizar as demais respostas do informante. A

---

<sup>94</sup> As mulheres sempre estão dispostas a falar ‘melhor’. E isso as faz estar dispostas também a abandonar seus hábitos dialetais se descobrem que não têm prestígio. Essa percepção é fundamental nas atitudes que geram um comportamento ou outro.

ocorrência de desentendimentos com membros de um grupo étnico específico, por exemplo, pode fornecer pistas sobre a razão pela qual, ao longo da entrevista, o informante avaliou negativamente uma língua ou um grupo étnico.

Em Irati, os informantes, de modo geral, relataram que mantêm amizade com membros de todas as etnias, com predomínio de amigos ucranianos. Solicitados a avaliar a amizade mais sincera ou mais falsa ou interesseira, entre 50% e 61,11%, respectivamente, dos informantes não vincularam esse quesito ao pertencimento a um grupo étnico específico, e a maioria (83,33%) não relatou qualquer desentendimento com alguém de um dos grupos citados. Contudo, ao se avaliar a segunda colocação, 22,22% disseram que os italianos são mais sinceros, e 16,67% disseram que os ucranianos são mais falsos ou interesseiros.

Com relação a esse aspecto, não se pode esquecer que, pelo menos, metade dos informantes iratienses possui origem étnica italiana (conforme mostra o Quadro 2). Essa realidade mostrou, em algumas situações, resultados que poderiam ser julgados contraditórios à primeira vista, como, por exemplo, o prestígio do grupo étnico italiano e de sua língua numa localidade em que o contingente populacional mais expressivo é o de eslavos.

Em Santo Antônio do Sudoeste, foram relatados laços de amizade principalmente com argentinos (94,44%), e os italianos ficaram em segundo lugar. O alto índice de perguntas não formuladas sobre a amizade mais sincera e mais falsa ou interesseira, bem como sobre possíveis desentendimentos com membros das diferentes etnias que convivem na localidade, impossibilita uma análise comparativa.

Os contextos de amizade abrangem vários segmentos, desde o âmbito mais formal (escola, igreja e local de trabalho) até o informal (relações cotidianas estabelecidas com parentes, vizinhos e parceiros amorosos). Em Santo Antônio do Sudoeste, vários informantes disseram ter parentes argentinos ou casados com argentinos, o que pode explicar a simpatia que os santo-antonienses têm por esse grupo étnico.

De modo geral, crê-se que as respostas estejam condicionadas à experiência efetiva dos informantes em seu círculo de amizade. Com relação à pergunta sobre a amizade mais falsa ou interesseira, especialmente, algumas menções aos grupos étnicos parecem estar ligadas a questões identitárias (diferenças culturais), mas a maioria das respostas mostra uma desvinculação da falsidade ou do comportamento interesseiro do pertencimento a grupos étnicos específicos.

Poucos relatam desentendimentos com membros de alguma das etnias, a não ser casos isolados de ocorrências sem gravidade. Isso indica que, em caso de existência de conflito intergrupal, ele permanece, de alguma forma, encoberto. Não se ignora, porém, que tal

conflito, se houver, acaba se manifestando em forma de comentários e anedotas depreciativas ou até mesmo influenciando certas decisões do indivíduo, ou seja, pode se manifestar em crenças e reações comportamentais de que nem mesmo o indivíduo tem consciência.

Resquícios de situações conflitivas entre grupos étnicos foram observados nas respostas de quatro informantes iratienses de descendência ucraniana e polonesa. A esse propósito, cabe mencionar Ramos (s.d.), que fez um estudo, na área de História, na localidade de Prudentópolis, município vizinho a Irati e com características similares em termos de ocupação do espaço (colonização) e de constituição étnica da população. O autor analisou a formulação da identidade prudentopolitana com o intuito de identificar o sistema simbólico criado para a manutenção de fronteiras entre poloneses e ucranianos, partindo da hipótese de que esse sistema serviria de base para a disputa identitária que se verifica até hoje entre esses grupos. Ramos (s.d.) identificou que os conflitos entre poloneses e ucranianos nessa região são constantes, refletindo uma disputa histórica entre esses grupos étnicos cuja gênese remonta às disputas pela hegemonia de território ainda em solo europeu.

Esse imaginário coletivo, criado em terras europeias, é reproduzido em terras brasileiras, onde grupos que nunca haviam se encontrado se hostilizam, seja em forma de gestos, de termos pejorativos, de recusas de ajuda ou de uso da língua étnica, seja em forma de luta corporal mesmo. Segundo Ramos (s.d.), muitos dos descendentes de ucranianos nem sabem a origem da “raiva” em relação aos poloneses, mas, mesmo assim, carregam esse sentimento que transcende as gerações. Parece que essa realidade também se aplica a Irati, a julgar pelos comentários dos informantes 1, 9 e 10, de origem ucraniana, e 17, de origem polonesa, que, em diversos momentos das entrevistas, manifestaram depreciação mútua: os ucranianos foram apontados como “fogo de palha” (Inf. 17); os poloneses foram acusados de “antissocialismo”, pois “acha[m] que têm que casar com alguém da própria raça” (Inf. 1), de querer “tirar proveito” (Inf. 9), ou de “discriminação da parte deles” (Inf. 10).

Vale ressaltar que, embora poloneses e ucranianos sejam igualmente eslavos, constituem grupos étnicos distintos. Apesar de algumas semelhanças na língua, na religiosidade e nos costumes, cada um desses grupos tem uma história particular e faz questão de manter a distintividade cultural, chegando mesmo a se ofender quando confundidos.

Na interação dos grupos étnicos, os valores culturais tendem a se manifestar como um sistema de oposições e contrastes, ou seja, a identidade étnica é uma identidade contrastiva, entre “nós” e “eles”, uma afirmação do “nós” diante dos “outros” (RENK, 2009). Isso fica evidente também nas respostas da informante 16, de Irati, de ascendência italiana, quando diz que os ucranianos “têm um modo de vida diferente”, “uma cultura diferente”, e da informante



12, de Santo Antônio do Sudoeste, quando diz que o paraguaio “é um povo muito diferente do nosso”.

A delimitação identitária pode se traduzir nos resvaladiços conceitos de ‘raça’ e ‘sangue’, como demonstram as falas de alguns informantes: “ser do meu sangue” (Inf. 18 – Irati); “alguém da própria raça” (Inf. 1 – Irati); “essa raça é ruim” (Inf. 2 – Irati); “mais ligado entre eles do que qualquer outra raça” (Inf. 12 – Irati); “a raça é importante, né, a origem da pessoa” (Inf. 4 – Santo Antônio do Sudoeste); “a raça italiana, argentina, alemão, cada um tem sua cultura” (Inf. 4 – Santo Antônio do Sudoeste), entre outras. Tais conceitos funcionam como demarcadores de uma presumida “linhagem”, com nuances que se revelam mais biológicas do que culturais.

Sobre essa delimitação identitária, é preciso lembrar que, como observa Hall (2006), tal fronteira é social e culturalmente estabelecida, por meio da construção de um padrão legitimado pelos usos e costumes, das representações coletivas, da criação de estereótipos e de outros aspectos tidos como tradicionais pelas coletividades. É nessa perspectiva que cada grupo estabelece seu próprio tipo ideal, seu modelo de interação e de convivência, formando representações preconceituosas daqueles que não compartilham de tal modelo e vendo o “outro” como diferente, como detentores de “costumes estranhos”.

Esse processo de construção das representações sobre determinado grupo é que define os estereótipos, que se revelam na atribuição de rótulos a um grupo étnico a partir de generalizações. É assim, por exemplo, que, em Irati, os ucranianos foram rotulados como descomprometidos – “fogo de palha” (Inf. 17) –, e os poloneses, como oportunistas – “querem tirar proveito” (Inf. 9); e, nas duas localidades, os italianos foram rotulados como blasfemadores (usuários de termos torpes), e os alemães, como racistas.

No caso de potencial rivalidade entre brasileiros e argentinos, que, como bem diz Amâncio (2007, p. 9), “já está fixada no imaginário popular como algo inquestionável”, os dados de Santo Antônio do Sudoeste não indicaram nenhuma situação conflitiva aparente, a despeito da experiência histórica dos dois países.

Brasil e Argentina apresentam desde o início de sua formação incontáveis semelhanças e diferenças. São países cuja história se entrelaça em diversos pontos e que reproduzem antigas rivalidades, talvez herdadas de seus colonizadores, Portugal e Espanha. Rivalidades que, embora não explicitadas em determinadas situações, ficam evidentes em outras, como, por exemplo, nas piadas que brasileiros fazem com os argentinos e que, por certo, eles também fazem com os brasileiros. Além disso, há as rixas provocadas pela rivalidade no esporte. Brasileiros e argentinos são grandes esportistas, adoram futebol e são adversários ferrenhos (AMÂNCIO, 2007, p. 9).

A referência à rivalidade no futebol, nos inquéritos de Santo Antônio do Sudoeste, apareceu em duas oportunidades, mas em tom de brincadeira, pois o informante 17 declarou que sentia “aquela simpatia com a Argentina [...], apesar que no futebol a gente tem rivalidade”, e a informante 18, referindo-se aos laços de amizade criados ainda na infância, recordou que “nossos jogadores de futebol aqui do Brasil é como se fosse a Copa do Mundo, era uma disputa, Brasil e Argentina, imagine o que nós fazia quando menina”.

Assim, os resultados sugerem a inexistência, nessa localidade, de qualquer animosidade entre brasileiros e argentinos como consequência de conflitos do passado, corroborando o que diz Wachowicz (1985) sobre o relacionamento pacífico entre esses povos:

Talvez a difícil luta pela sobrevivência levava a uma exemplar convivência com os argentinos, para solucionarem os problemas comuns. Nunca existiu desejo de infiltração nem de dominação por nenhuma das partes. Todos passavam livremente pela fronteira, mas a mesma sempre foi respeitada (WACHOWICZ, 1985, p. 72-73).

O autor acrescenta que, em razão dessa boa convivência entre brasileiros e argentinos da fronteira, os casamentos entre pessoas das duas nacionalidades se tornaram frequentes, realidade que pôde ser observada em vários dos inquéritos de Santo Antônio do Sudoeste.

### **8.2.2 Avaliação das línguas e dos falantes pelo informante: identificação dos atributos dados às variedades e aos modos de falar dos diversos grupos étnicos**

As perguntas relativas à avaliação das línguas e de seus falantes não foram tão produtivas como se esperava, dado o problema metodológico contido especialmente nas perguntas sobre quem fala melhor e quem fala pior, por falta de critérios claros nos quais os informantes pudessem se basear. Entretanto, como já apontado no decorrer das análises, as respostas trazem muitos aspectos que merecem ser explorados por serem reveladores de atitudes linguísticas possivelmente compartilhadas no interior das comunidades.

Verificou-se que a avaliação tende a ser mais negativa com relação às variedades que não são entendidas pelos informantes, como é o caso das línguas eslavas e do alemão, que têm uma matriz diferente da língua latina. O italiano é mais bem valorizado nas comunidades, e o argentino é bem valorizado em Santo Antônio do Sudoeste. Assim, o fator “compreensibilidade” parece ser determinante para julgar uma língua como bonita ou bem falada.

É possível que o maior “prestígio” atribuído ao espanhol argentino, na comunidade santo-antoniense, esteja relacionado ao fato de se tratar de variedade nativa, em contraposição às variedades herdadas, que, ou são dialetos (vistos no sentido pejorativo do termo), ou são variedades que interferem negativamente, segundo a percepção dos informantes, no desempenho dos falantes de português. Outra hipótese é a de que a avaliação positiva da língua esteja atrelada ao fato de os próprios sujeitos da pesquisa serem também usuários dessa variedade para facilitar as trocas comunicativas, mas essa hipótese, aparentemente, contradiz o fato de que o português, do qual os informantes são utentes, não recebe a mesma avaliação de todos.

A avaliação negativa do português, que aparece, entre outros momentos das entrevistas, na comparação com outras línguas, traz à tona alguns mitos relativos ao conceito que se tem de língua, e também indicia a influência da escola e outras instituições na perpetuação desses mitos. A resposta da informante 18, de Irati, ao dizer que fala “só o português, mal e porcamente”, é representativa da avaliação negativa do próprio falar, da crença de que falar o português coloquial não é dominar “a língua”, mas, talvez, “um dialeto”, considerado no sentido pejorativo do termo.

Também em Santo Antônio do Sudoeste foram colhidas respostas que deixaram implícita uma noção de língua que se confunde com a noção de norma padrão: “os que falam o português, só português falam melhor. Agora, aqueles que falam o misturado ali, falam... uma hora tão falando italiano, outra hora o português, daí já falam meio... embrulhado” (Inf. 6); “Português, [...] porque os que tem aqui não sabem perfeitamente, né, falar a língua mesmo, né, certa. Dá umas arranhada, só” (Inf. 12); “apesar de nós falarmos errado o português, eu acho que é o melhor, ainda” (Inf. 17); “eu acho que a nossa língua portuguesa é muito difícil, mas eu acho mais bonita a nossa” (Inf. 18). Quanto ao perfil desses entrevistados, a maioria é do sexo feminino e da faixa etária entre 51 e 70 anos (informantes 6, 12 e 18), embora de diferentes níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior, respectivamente; o informante 17 é do sexo masculino, igualmente da faixa etária 3, e de nível superior. Nesse sentido, as variáveis sexo e/ou faixa etária parecem ser decisivas na rotulação negativa da variedade do português falada no local, embora os informantes tenham manifestado apreço por ela (prestígio encoberto).

De fato, as formas prestigiadas na sociedade geralmente correspondem à variedade padrão, cultivada ou difundida por instrumentos (gramáticas e dicionários), pela pedagogia tradicional e pelos meios de comunicação, entre outros agentes. De modo geral, pode-se dizer que as noções de certo e errado, de língua “pura” e língua “deturpada, misturada”, entre outras

reveladas pelos informantes ao longo dos inquéritos, é resultado, principalmente, do processo de escolarização.

O falar português com interferência da língua de herança foi, muitas vezes, mal avaliado. O uso dessas variedades de contato foi descrito como falar “misturado”, “arranhado”, “embrulhado”, “enrolado” e “atrapalhado”. Em Santo Antônio do Sudoeste, a língua e o modo de falar dos descendentes de italianos foi rotulada negativamente por duas informantes de curso superior: os italianos teriam “uma tendência a falar mais errado” (Inf. 16), e “a língua italiana é bonita se você falar ela corretamente” (Inf. 18), comentários que são representativos do julgamento negativo do português com interferência da língua de herança. Já o informante 17, também com curso superior, e ele próprio descendente de italianos, relatou sua dificuldade de pronunciar os róticos, visto por ele como “falar errado”.

Essa é uma avaliação recorrente nos estudos sociolinguísticos referentes ao contato do italiano com o português, como os de Santos (2001) e Margotti (2004), que abordam o *sotacon*, sotaque característico dos italo descendentes que denuncia sua origem étnica, como marca de identidade que tanto está ligada à estigmatização dessa variedade quanto ao orgulho pelo pertencimento a esse grupo. Silva-Poreli (2010), em sua pesquisa sobre crenças e atitudes na cidade de Pranchita, coletou comentários semelhantes aos obtidos na vizinha Santo Antônio do Sudoeste sobre o falar dos italianos.

No caso do domínio do espanhol num nível básico ou do portunhol, esse uso também foi rotulado como “arranhar”, “arrastar”, “remediar”, “misturar” e “embolar”, termos que poderiam ser indícios de que, na verdade, essa variedade recebe uma avaliação negativa, ou seja, tais atributos poderiam refletir o modo como se avalia essa variedade. No entanto, apesar do uso de tais termos, depreende-se da fala da maioria dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste que o portunhol não é visto negativamente, embora haja algumas vozes dissonantes, como a de uma informante que rotulou o uso da variedade como “falar tudo errado” (Inf. 12). Assim, avalia-se que os informantes tenham usado tais termos apenas para descrever o desempenho nessa variedade como uma tentativa de usar o espanhol (por parte dos brasileiros) ou o português (por parte dos argentinos), ou seja, no sentido de “aproximar-se, saber superficialmente”.

Na pesquisa de Amâncio (2007), a autora verificou que, mesmo os argentinos sendo alvo de atitudes explicitamente negativas por parte dos informantes brasileiros, e mesmo havendo a “recusa” destes de falar espanhol, a avaliação do espanhol falado pelos vizinhos argentinos foi, em geral, positiva. Nesse sentido, uma avaliação positiva pode escamotear as atitudes efetivas com relação ao espanhol e ao portunhol.

As atitudes contraditórias se mostram relevantes em situações de contato linguístico: ao mesmo tempo em que uma variedade não prestigiada é geralmente encarada pelos falantes como uma variedade pouco conceituada do ponto de vista do estatuto social, também é frequentemente encarada como depositária da identidade cultural do grupo que a usa, sendo, nessa medida, positivamente avaliada, caracterizando o prestígio encoberto (como acontece também com relação à variedade não padrão do português, nesta pesquisa).

Frosi, Faggion e Dal Corno (2005), em estudo sobre os italo descendentes da RCI, em que abordam o revigoramento/ressurgimento do orgulho étnico, constataram que as mesmas declarações que exemplificam a aceitação da presença do dialeto de base vêneta (o *talian*) e o sentimento de conhecimento insuficiente do português revelam a manutenção da fala dialetal como marca de etnicidade e solidariedade do grupo linguístico. Essas marcas são, no contexto atual, dadas como inerentes à cultura local, que não pode excluir suas origens constitutivas, e são hoje aceitas pelos italo descendentes dessa região, indicando uma superação do preconceito e o reforço da lealdade e solidariedade do grupo anteriormente desprestigiado.

O Quadro 5, a seguir, resume os atributos positivos e negativos dados pelos informantes das duas localidades às línguas, aos modos de falar e aos falantes. Nota-se que muitos desses atributos, geralmente com referência ao português com interferência da língua de herança e ao portunhol ou “espanhol básico”, estão predominantemente ligados à proficiência limitada do falante, conforme mostram os sentidos sinalizados entre parênteses (na célula denominada “Atributos negativos dados aos modos de falar”).

Quadro 5 – Atribuições dos informantes às línguas, aos falantes e aos modos de falar

ATRIBUTOS POSITIVOS DADOS ÀS LÍNGUAS	ATRIBUTOS NEGATIVOS DADOS ÀS LÍNGUAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>(mais) bonita</i></li> <li>• <i>suave</i></li> <li>• <i>(mais) fácil</i></li> <li>• <i>mais sonora</i></li> <li>• <i>(muito) linda</i></li> <li>• <i>gostosa de ouvir</i></li> <li>• <i>bem clara</i></li> <li>• <i>mais parecida com o português</i></li> <li>• <i>uma língua que se entende mais</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>(mais) difícil</i></li> <li>• <i>(mais) complicada</i></li> <li>• <i>complexa</i></li> <li>• <i>atrapalhada</i></li> <li>• <i>maltratada</i></li> <li>• <i>estranha</i></li> <li>• <i>esquisita</i></li> <li>• <i>pouco sonora</i></li> <li>• <i>feia</i></li> <li>• <i>língua que tem uma pronúncia mais fechada/aguda</i></li> <li>• <i>língua que não dá pra entender nada</i></li> <li>• <i>língua que deixa a desejar</i></li> </ul>

ATRIBUTOS POSITIVOS DADOS AOS MODOS DE FALAR	ATRIBUTOS NEGATIVOS DADOS AOS MODOS DE FALAR
<ul style="list-style-type: none"> <li>• falar <i>certo</i></li> <li>• falar <i>mais correto</i></li> <li>• falar <i>mais objetivo</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>arranhar</i> ou falar <i>arranhado</i> (conhecer pouco)<sup>95</sup></li> <li>• <i>arrastar</i> (mover a custo)</li> <li>• <i>remediar</i> ou falar <i>remediando a língua</i> (arranjar-se, arrumar-se [com algo]; mas também servir-se de coisa inferior à falta de outra melhor)</li> <li>• <i>enrolar</i> ou falar <i>enrolado</i> (tornar complicado, confuso; complicar; mas também enganar, tapear)</li> <li>• <i>embolar</i> (enrolar, emaranhar [no sentido de misturar])</li> <li>• <i>misturar</i> ou falar <i>misturado</i> (juntar coisas diversas; confundir, embaralhar)</li> <li>• falar <i>embrulhado</i> (confuso; ou também complicado, difícil)</li> <li>• <i>atrapalhar-se</i> ou falar <i>atrapalhado</i> (desconexo; incoerente; confuso; desordenado)</li> <li>• falar <i>errado</i></li> <li>• falar <i>bem complicado</i></li> <li>• falar <i>muito ligeiro</i></li> <li>• falar <i>emendando palavras</i> de línguas diferentes</li> <li>• falar <i>mal e porcamente</i></li> </ul>
ATRIBUTOS POSITIVOS DADOS AOS FALANTES	ATRIBUTOS NEGATIVOS DADOS AOS FALANTES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>mais cultos</i></li> <li>• <i>mais objetivos</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• têm <i>tendência a falar mais errado</i></li> <li>• <i>falam muito dialeto</i></li> <li>• <i>vão arrastando por causa do dialeto</i></li> <li>• <i>não falam tão puramente como deveria ser o certo</i></li> </ul>

O ato de atribuir rótulos a eventos, objetos, comportamentos etc. é uma operação normal no ser humano, respondendo à necessidade de categorização, de distinção. No terreno sociolinguístico, a percepção dos falantes com relação à variação diatópica frequentemente se traduz em forma de atributos aos diferentes falares, conforme assinala Mota (1994):

A consciência de variações diatópicas e a impressão que tais variações causam nos falantes de outras áreas linguísticas integram-se no saber geral de qualquer pessoa,

<sup>95</sup> Nesta célula, as informações contidas entre parênteses se referem a significados dicionarizados dos termos em itálico, consultados em Ferreira (1999), que se aplicam ao contexto desta pesquisa.

alfabetizada ou não, e expressões como ‘fala incompreensível’, ‘fala agradável’, ‘fala musical’, ‘fala mole’, etc., são freqüentemente ouvidas quando se apresentam situações de contato entre variedades lingüísticas geograficamente diversas (MOTA, 1994, p. 155).

Muitos informantes demonstraram maior aceitação das variedades, dos diferentes modos de falar, como a informante 16, de Irati, ao dizer que as línguas de imigração, “dentro do dialeto delas, elas são compatíveis e são bonitas de ouvir”, embora, em outro momento da entrevista, essa informante tenha avaliado negativamente o português falado pelos italo descendentes. Em Santo Antônio do Sudoeste, esse discurso tolerante foi recorrente na fala do informante 13, conforme exemplificam estes recortes: “o falar não tem melhor ou pior” e “não existe um linguajar certo, correto”. O informante 3, de Santo Antônio do Sudoeste, também julgou positivamente as variedades regionais do português, ao destacar o fato de que “no Rio Grande, lá eles tem uma formação, né, então, às vezes, a gente acha que é erro, sabe, ou do Rio de Janeiro, por exemplo, lá já puxa mais o ‘esse’”, concluindo que “o português é uma língua que não é mal falada, né, ela tem um som diferente”.

### 8.3 ÍNDICES COMPORTAMENTAIS DA ATITUDE

A atitude não é meramente um resultado, mas um processo, envolvendo um complexo sistema de crenças, juízos de valor, emoções, reações e comportamentos. A tendência para certo tipo de ação se torna, nessa perspectiva, o produto, o resultado final desse confronto: é o momento em que as crenças e os valores afetivos se transformam em intenções comportamentais.

A atitude não é necessariamente um comportamento, mas uma disposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente ao objeto atitudinal. É por essa razão que as atitudes não permitem predizer exatamente qual será o comportamento linguístico de um indivíduo ou de uma comunidade (PUOLTATO, 2006; KAUFMANN, 2011). Ressalva-se, portanto, que perguntas sobre como os informantes se comportariam em determinada situação não são bons preditores de reações ou comportamentos futuros se a ação ou o evento realmente acontecesse, pois, em muitas ocasiões, os falantes se manifestam em um sentido (isto é, expressam certas crenças e julgamentos), mas agem na direção contrária.

As perguntas do bloco correspondente à identificação das tendências atitudinais também correspondem à medição do componente cognitivo, pois se relacionam ao que o informante pensa a respeito das línguas e de seus falantes.

### **8.3.1 Identificação das tendências de reação: a disposição dos informantes para aprender uma língua adicional e para empreender relações pessoais e profissionais com membros de diversas etnias**

Buscando a identificação das tendências de reação dos sujeitos pesquisados, verificou-se uma inclinação positiva em ambas as localidades, pois os informantes, de modo geral, a) manifestaram vontade de aprender a falar alguma das línguas de herança, em especial o italiano; b) manifestaram disposição para comprar casas em bairros em que vissem apenas membros de determinada etnia; c) declararam que namorariam ou se casariam com alguém dessas etnias; e, finalmente, d) mostraram-se dispostos a procurar um médico ou dentista dessas etnias.

No que concerne à disposição para conviver com membros de todas as etnias e/ou usufruir serviços por eles prestados, os informantes, de modo geral, desvinculam aspectos das relações sociais e das características pessoais ao pertencimento a grupos étnicos específicos. Os índices mais altos de respostas positivas ocorreram na questão sobre a possibilidade de consultar profissionais da saúde, em que os informantes destacaram que o importante é a qualidade de formação profissional do médico ou dentista, e não o pertencimento a dada etnia.

Algumas ressalvas nas respostas a essas questões (relacionamentos profissionais e pessoais) dizem respeito à dificuldade de comunicação, no caso de o sujeito não usar a língua portuguesa, e a diferenças culturais. Em Santo Antônio do Sudoeste, algumas ressalvas com relação a profissionais paraguaios e argentinos se relacionam a diferenças econômico-culturais entre os países, ou seja, aos costumes atribuídos ao povo argentino/paraguaio e/ou à falta de infraestrutura adequada de formação profissional: “conhece o paraguaio, né? A gente tem uma má impressão” (Inf. 12); “o problema da Argentina é que eles são bem aquém da nossa realidade” (Inf. 15); “[os argentinos] são meio largadão. [...] não teria aquela confiança” (Inf. 5).

Os resultados deste bloco, para Santo Antônio do Sudoeste, agregados a outros apresentados nos demais blocos, são indicativos de que as localidades brasileiras fronteiriças à Argentina podem se diferenciar no tocante ao comportamento sociolinguístico dos falantes. Nessa localidade, alguns informantes relataram o esforço de argentinos em se fazer entender, usando o portunhol ou o português; os próprios informantes declararam falar o portunhol, e mais de dois terços demonstraram o desejo de que o espanhol seja ensinado na escola. Esses resultados se assemelham aos encontrados por Silva-Poreli (2010) na cidade vizinha de



Pranchita, e por Pastorelli (2011) na localidade de Capanema, situada a pouco mais de cinquenta quilômetros de Santo Antônio do Sudoeste, ambas no Sudoeste do Paraná, na fronteira com a Argentina: as autoras constataram que a maioria dos informantes mantinha uma atitude positiva com relação aos argentinos.

Resultados divergentes, porém, foram encontrados por Amâncio (2007) nas cidades “trigêmeas”, ou seja, nas localidades conurbadas de Barracão (Paraná, Brasil), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina, Brasil) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina). O município de Barracão também se localiza na região Sudoeste do Paraná, e dista menos de trinta quilômetros de Santo Antônio do Sudoeste; portanto, trata-se de realidades muito próximas. A autora relata que, embora grande parte dos informantes afirmasse gostar do espanhol e muitos deles soubessem, de fato, falar essa língua, nas interações entre membros dos dois grupos, a língua dos argentinos ficava relegada a um plano secundário. A maior parte das conversas era feita ou em português ou em portunhol, e alguns informantes argentinos demonstraram insatisfação pelo fato de serem “obrigados” a falar português para que a interação com os brasileiros fosse possível.

Amâncio (2007) avalia que a recusa em falar o idioma dos vizinhos evidencia uma atitude negativa dos brasileiros frente a essa língua e, principalmente, frente aos falantes dessa língua. Além disso, segundo a autora, parece haver uma tentativa de dominação e detenção do poder por meio da língua, uma vez que, ao estabelecer a língua mais forte, estabelece-se, também, o grupo mais forte, ou seja, à medida que o idioma do outro não tem força, o outro passa a ser, conseqüentemente, o grupo mais fraco. Na avaliação da autora, há um importante fator político-econômico que pode favorecer, ao menos em parte, tais manifestações: a infraestrutura local. Bernardo de Irigoyen se encontra em uma região pouco prestigiada da Argentina, distante do desenvolvimento e do requinte da capital Buenos Aires e de outras regiões mais favorecidas desse país. Já Barracão e Dionísio Cerqueira apresentam melhor infraestrutura, ainda que também sejam municípios de pequeno porte. Logo, ao que parece, o Estado mais rico e desenvolvido atrai avaliações mais positivas, ao contrário do Estado menos favorecido, que, por sua vez, recebe avaliações mais negativas.

A situação das cidades fronteiriças de Santo Antônio do Sudoeste e San Antonio apresenta características similares às observadas nas cidades trigêmeas: San Antonio é menos desenvolvida que a vizinha brasileira, de modo que os argentinos continuamente atravessam a fronteira para buscar serviços médicos, comprar medicamentos etc. na cidade brasileira, conforme atestaram vários informantes. Por sua vez, os brasileiros costumam atravessar a fronteira para abastecer seus carros ou fazer compras em supermercados argentinos, que

apresentam preços mais baixos que no Brasil, devido à desvalorização do peso argentino em relação ao real.

As divergências entre as atitudes verificadas nas diferentes localidades do Sudoeste do Paraná (de um lado, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita e Capanema, e de outro, Barracão) no tocante à forma de contato com os argentinos podem ser atribuídas, talvez, à proximidade em relação a um centro urbano argentino, entre outros fatores. No caso de Capanema e Pranchita, além do rio Santo Antônio que as separa da Argentina, há uma distância razoável entre essas cidades e algum centro urbano daquele país. Santo Antônio do Sudoeste e San Antonio, por sua vez, são cidades gêmeas, mas há o rio que as separa. Já no caso de Barracão, as cidades apresentam continuidade urbana entre si, o que pode explicar as atitudes mais acirradas em relação aos argentinos, uma vez que o contato é ainda mais intenso do que nas outras localidades.

De qualquer modo, é certo que a complexa interdependência entre as formas de comunicação humana e a multitude de fatores sócio-históricos e geográficos tornam cada localidade única. O ambiente onde se desenvolvem os contatos tanto interfere nas formas linguísticas produzidas, como resultado de um processo de hibridização que pode não se efetivar em nenhum outro lugar, quanto molda os modos de interagir, de avaliar as variedades linguísticas e seus falantes e de se comportar em relação aos usos linguísticos em uma comunidade.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou identificar atitudes em relação às variedades em/de contato e aos seus falantes nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, bem como averiguar de que modo essas atitudes se manifestam nas duas localidades, tendo em vista seus perfis diferenciados em termos geográficos, socioeconômicos e histórico-culturais.

As localidades pesquisadas abrigam vários grupos étnicos minoritários, usuários de variedades linguísticas distintas da língua majoritária, o português. No caso das línguas de imigração, no passado, elas eram utilizadas com maior frequência, muitas vezes na condição de língua materna, na comunicação intragrupo. Aos poucos, seus falantes se viram diante do impasse entre a manutenção das línguas de herança e a adoção do português em função das novas necessidades impostas pelo meio social: estabelecer comunicação com outros grupos étnicos e ter acesso a bens culturais somente oferecidos na língua majoritária, como a escolarização. Assim, apesar do processo silencioso de resistência de alguns grupos étnicos no Estado Novo, a língua portuguesa foi disseminada, falada nos espaços públicos e ensinada em todas as escolas do país, ao passo que as línguas de herança, em maior ou menor grau, foram gradativamente perdendo sua condição de língua materna para os eurodescendentes, tendo, hoje, um uso mais restrito.

No caso do espanhol, em Santo Antônio do Sudoeste, as novas gerações vêm adquirindo bilinguagem (ativa ou passiva) nessa língua ou, pelo menos, emportunhol, em função das novas necessidades geradas pelo contexto de fronteira: estabelecer relações sociais e comerciais com os argentinos. Ou seja, não se trata de um bilinguismo de berço, mas adquirido na interação social com grupos que têm língua materna diferente do português, contexto que favorece a aquisição de uma língua adicional.

Assim, cerca de um século após a chegada de imigrantes europeus em Irati, e mais de meio século após a chegada dos colonizadores de origem europeia em Santo Antônio do Sudoeste (e decorridos mais de setenta anos da nacionalização compulsória), verifica-se um lento e gradual processo de dissolução dos núcleos culturais (em intensidades diferentes nas duas localidades), atrelado a mudanças geradas por fatores de ordem social, cultural e econômica. O contato linguístico-cultural e o próprio processo histórico de colonização produziram uma cultura compartilhada com outros grupos (imigrados ou locais), o que torna difícil ater-se à representação que se faz de uma identidade étnica específica, pois os limites se tornaram fluidos, e as identidades tiveram de se atualizar.

Em Santo Antônio do Sudoeste, a diluição das fronteiras étnicas (hibridismo cultural) foi mais intensa para dar lugar às demandas comunicativas emergenciais geradas pela situação de contato, e, hoje, o bilinguismo existente nessa região fronteiriça possibilita a continuidade do uso do portunhol, que já se constituiu como aspecto cultural da localidade, onde a convivência dos habitantes concretizou essa variedade como forma rotineira de comunicação.

A situação de substituição ou abandono linguístico tem a ver com a atitude dos falantes, mas também com as políticas linguísticas. A trajetória das políticas linguísticas no Brasil foi, historicamente, direcionada para o monolinguismo, mas a Constituição de 1988 trouxe um novo rumo para as atuações do Estado e da sociedade visando à proteção da diversidade. Desse modo, os grupos formadores da sociedade brasileira, especialmente os histórica, social e economicamente desfavorecidos (comunidades brasileiras falantes de línguas indígenas, afro-brasileiras e de imigração), têm o respaldo do texto constitucional para ações que lhes permitam não somente se expressar em seus próprios idiomas – seja no domínio público, seja no privado –, como também ter sua língua reconhecida como patrimônio cultural brasileiro e, conseqüentemente, ensinada nas escolas. Também o estatuto de cooficialidade nas comunidades onde determinada língua ainda é bastante usada pelos seus membros é almejado nas políticas linguísticas.

Um recenseamento que incluísse uma pergunta a respeito das línguas diferentes do português faladas nos lares possibilitaria, a partir dos dados obtidos, conhecer mais precisamente as habilidades linguísticas da população a fim de promover a diversidade linguística e cultural, por meio de políticas linguísticas adequadas a cada região, tais como a formação de associações que incentivem o uso informal das línguas minoritárias ou minorizadas e a inclusão dessas línguas no currículo escolar. Conforme já observado nesta pesquisa, as realidades de Santo Antônio do Sudoeste e de Irati diferem em muitos aspectos no tocante à situação plurilinguística de cada localidade, o que descarta a validade de políticas homogeneizadoras.

De qualquer forma, reverter o declínio de uma língua ou dialeto requer o esforço de várias partes – governo, pesquisadores e a própria comunidade, por exemplo – envolvidas no mesmo projeto. Além disso, é preciso pensar que a perda de língua/dialeto representa a perda de identidade cultural (ou, ao menos, parte dela), pois uma língua está simbolicamente ligada à sua cultura. Em alguns casos, as culturas foram já tão erodidas que pode ser difícil retornar às suas condições prévias.

As exteriorizações de atitudes linguísticas por parte dos sujeitos da pesquisa levaram a admitir algumas hipóteses de pesquisa e a refutar, ao menos parcialmente, outras, pois os

dados são heterogêneos, já que a própria realidade é heterogênea. É importante reforçar que, na concepção adotada nesta pesquisa, a atitude não é meramente um resultado, mas um processo. Isso equivale a dizer que a percepção do objeto por um indivíduo e a demonstração ativa a partir dele e com relação a ele são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele.

Assim, verificou-se que a primeira hipótese, a de que *ocorre estigmatização das diversas línguas e variedades faladas em ambas as regiões e, por consequência, de seus falantes, criando conflitos linguísticos e identitários em diferentes esferas sociais*, não se efetiva se se levar em conta o conceito de estigmatização assumido nesta tese. O que ocorre são manifestações, por parte de uma parcela pequena dos informantes, de preconceitos fundados em visões estereotipadas, culturalmente construídas (no seio da própria comunidade ou via instituições como a escola e os meios de comunicação). É preciso considerar que os preconceitos e, principalmente, os estereótipos constituem um importante agente na recíproca delimitação dos grupos sociais, na manutenção da coesão do grupo, no fortalecimento do sentimento de pertença a um grupo. A presença de estereótipos se torna particularmente notável com relação a grupos minoritários, que encontram na manutenção deles uma forma de defesa da própria identidade.

Concernente à segunda hipótese, a de que *ocorre preconceito ou estigmatização em relação ao uso da fala dialetal de herança e da variedade linguística de português com interferências do dialeto de herança pelo próprio grupo étnico, e em relação às variedades dialetais ou à variedade do português com interferência dos respectivos dialetos de outros grupos étnicos*, os preconceitos são mais visíveis em relação ao uso do português “misturado” com (ou afetado por) línguas de imigração, especialmente entre informantes santantonienenses. O mesmo se observou em relação à terceira hipótese, a de que *ocorre o prestígio da variedade do português padrão, ou, mais especificamente, da norma culta do português*: constatou-se que tal avaliação, de fato, aparece nas respostas de muitos informantes, refletindo um modo de pensar que está longe de ser novidade. A língua majoritária, em sua variedade padrão, é geralmente vista como mais apropriada a diversas situações de interação, sendo mais bem avaliada pelos falantes bilíngues do que a língua minoritária ou mesmo a variedade não padrão dessa mesma língua majoritária. Esse tipo de avaliação pode encontrar eco nos epítetos usados para qualificar o português, o espanhol, o portunhol e as variedades faladas pelos eurodescendentes, como ocorreu nos inquéritos das duas localidades (veja-se o Quadro 5, na Seção 8), ainda que se trate de manifestação de prestígio encoberto.

Finalmente, com relação à quarta hipótese, a de que *as atitudes linguísticas se mostram diferentes entre os dois municípios, dado que cada um dos municípios apresenta características geográficas, histórico-culturais e socioeconômicas distintas*, não foram encontradas diferenças significativas. Assim, o fato de Irati: a) estar localizado numa posição mais central no estado, distante da capital e da fronteira, b) possuir municípios limítrofes com perfil sócio-histórico semelhante, c) ter sua população formada, em grande medida, por grupos étnicos de diferentes origens, mas todas europeias, e d) ser palco de eventos culturais que valorizam a cultura e a língua das diferentes etnias, entre outros fatores, poderia, ao conferir à localidade um ambiente mais tradicional, voltado à preservação dos usos e costumes dos grupos étnicos, revelar a presença de atitudes mais rígidas, desfavoráveis à variação linguística. Mas o que se encontrou de diferente em relação aos dados de Santo Antônio do Sudoeste foi apenas que a cultura, entendida como um “complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2011, p. 54), mostrou-se mais coesa entre ucranianos e poloneses.

Por sua vez, o fato de Santo Antônio do Sudoeste estar localizado em região de fronteira com um país hispanófono, favorecendo o contato entre brasileiros e hispânicos, especialmente motivado pela necessidade comercial, mas também tendo sido colonizado por descendentes de imigrantes europeus vindos de outros estados do Sul, entre outros fatores, poderia, ao gerar uma permanente interação linguístico-cultural, revelar uma atitude mais aberta, mais tolerante em relação à variação, apesar do hipotético conflito com argentinos. É importante lembrar que Santo Antônio do Sudoeste foi uma localidade que passou por muitas mudanças e por deslocamentos ao longo de sua história, o que lhe propiciaria maior dinamicidade. Os dados da pesquisa mostraram, de fato, o prestígio dos argentinos e da variedade falada por eles, mas revelaram também mais avaliações negativas em relação ao português informal e/ou de contato do que as constatadas em Irati, ainda que se trate de prestígio encoberto.

Os dados analisados nesta pesquisa mostram que a identidade dos membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme, mas inconstante e, até mesmo, contraditória. Há um imaginário do que é ser um brasileiro e um argentino, assim como há também um imaginário do que é ser um ítalo-brasileiro, um teuto-brasileiro, um polono-brasileiro ou um ucraino-brasileiro. Esses mitos são construídos historicamente, no e pelo discurso. Mas, no mundo contemporâneo, não há mais identidades rígidas e inegociáveis, como no passado – não há mais um “eu” coerente. As identidades são construídas na especificidade dos modos de convívio entre vários grupos, entre várias gerações. Por isso, ser

italodescendente em Irati não é o mesmo que ser um italodescendente em Santo Antônio do Sudoeste, por exemplo.

A emergência da etnicidade ocorre nos contatos com outros grupos e não nas situações de isolamento, ou seja, é uma identidade que surge por oposição. A identidade contrastiva está no cerne da identidade étnica. Nos dados obtidos nesta pesquisa, ainda há certa distinção identitária etnicamente fundamentada, mas os limites estão cada vez mais fluídos, pela formação de uma cultura de contato (miscigenada), resultando em superposições dialetais próprias de contextos linguísticos complexos. Questões identitárias (conflitos) ainda persistem, mesmo que numa minoria, apesar do discurso corrente de apelo à tolerância, à diversidade e aos direitos das minorias (inclusive, os direitos linguísticos). Esse pode ser um discurso velado, ou, realmente, as pessoas estão cada vez mais incorporando a nova ética que se estabelece na contemporaneidade nas arenas científica, política e midiática.

Com relação às limitações da pesquisa, um primeiro ponto a ser destacado diz respeito aos problemas metodológicos encontrados, especialmente em relação à elaboração e aplicação do questionário, que impediram a obtenção de respostas mais homogêneas em determinados aspectos. Um exemplo é o que já foi apontado em seções anteriores, relativo às perguntas sobre quem fala melhor ou pior: muitas vezes, os informantes se mostraram confusos, e as respostas foram dadas segundo critérios individuais dos respondentes. Contudo, entende-se que as respostas foram, se não na totalidade, ao menos parcialmente, produtivas. Outros autores (MORALIS, 2000; PARCERO, 2007; SILVA-PORELI, 2010; PASTORELLI, 2011; SANTANA, 2012) usaram essas questões e também obtiveram resultados satisfatórios.

Nas entrevistas realizadas em Santo Antônio do Sudoeste, houve o problema das perguntas constantes do questionário original que não foram formuladas a todos os informantes: a) as perguntas sobre os paraguaios e o espanhol paraguaio não foram aplicadas a todos, devido, muito possivelmente, à constatação de que a convivência com membros dessa etnia e, conseqüentemente, com a variedade falada por eles, era escassa naquela comunidade; e, igualmente, b) três perguntas referentes ao círculo de amigos não foram feitas, mas se desconhece a razão dessa decisão.

Uma pesquisa piloto teria sido interessante no sentido de testar o questionário e minimizar o risco de perguntas ambíguas e de outras que não se mostraram tão relevantes (como no caso das perguntas sobre os paraguaios, em Santo Antônio do Sudoeste).

As variáveis de controle definidas (faixa etária, grau de escolaridade e sexo), na maioria das vezes, nesta pesquisa, não foram consideradas cruciais para explicar as atitudes

dos informantes, de modo que só foram levadas em conta quando representaram alguma forma de polarização de respostas em uma ou duas dimensões das variáveis.

Uma avaliação das respostas que revelam questões identitárias mostra que mais uma variável de controle poderia ter sido incluída, de alguma forma, já na definição do perfil dos informantes: a origem étnica dos sujeitos da pesquisa, de modo que o universo de informantes fosse composto a partir de uma representação equilibrada de todas as etnias englobadas pelo questionário. Dessa forma, não se correria o risco de obter respostas que, consideradas em conjunto, permitissem resultados enviesados. Por exemplo, pergunta-se: os italianos e a língua italiana teriam obtido o mesmo índice de simpatia dos informantes se não houvesse uma preponderância de membros dessa etnia entre eles? O certo é que os diferentes *backgrounds* culturais dos sujeitos da pesquisa, tomados de forma aleatória (sem controle), podem, ao lado de outros fatores, ter influenciado os resultados. No entanto, entende-se que a decisão de constituir um universo de informantes homogêneo em relação à origem étnica poderia comprometer ou até mesmo inviabilizar a pesquisa, em virtude da própria dificuldade de encontrar informantes para atender a todos os requisitos (variáveis extralinguísticas).

Não se pode esquecer igualmente a possibilidade de os resultados serem influenciados pela tendência de os informantes darem respostas socialmente mais apropriadas e desejadas (*social desirability bias*). Segundo Kaufmann (2011), métodos diretos muitas vezes perdem em confiabilidade justamente porque os sujeitos sob investigação dão respostas mais adequadas às normas sociais, de modo a não parecerem preconceituosos. Porém, no caso desta pesquisa, acredita-se que a precaução tomada em conduzir as entrevistas individualmente – embora em uma ou outra se perceba a interferência de um circunstante – e em garantir a confidencialidade e o anonimato tenha reduzido esse risco.

Vale lembrar que a fragilidade da abordagem feita nesta pesquisa é comum a qualquer pesquisa sobre atitude, porque representa a tentativa de investigar um tema de significativa complexidade, razão pela qual existem diversas abordagens da atitude. A atitude é um construto hipotético, na medida em que não é diretamente observável (na concepção adotada nesta tese), mas pode ser inferida a partir de respostas (verbais ou não) observáveis. Cabe ao pesquisador construir sua pesquisa a partir dos indícios, das pistas anunciadas, buscando interpretá-las à luz de um aporte teórico-metodológico consistente. Assim, não obstante essas questões metodológicas (das pesquisas sobre atitudes em geral e desta pesquisa em particular), acredita-se que esta tese trouxe resultados significativos no sentido de identificar crenças, avaliações e tendências de comportamento com relação às línguas e aos grupos étnicos em contato nas localidades investigadas.



Embora os resultados desta pesquisa, a despeito das limitações que ela apresentou, possam contribuir significativamente para o entendimento da natureza complexa das atitudes no contexto das localidades pesquisadas, claro está que ainda há muito o que ser investigado. Sugere-se complementar a pesquisa em cada uma dessas localidades, utilizando outro instrumento, de preferência com uma abordagem indireta como a *Matched Guise Technique*, que tem o poder de identificar mais eficazmente as atitudes latentes, para obter resultados mais consistentes e confrontá-los com os descritos nesta tese.

Para o futuro da pesquisa, portanto, há necessidade de refinamento e de complementação do instrumento de coleta de dados. Além disso, uma investigação das características do portunhol falado na fronteira de Santo Antônio do Sudoeste e das demais localidades do Sudoeste Paranaense com a Argentina se configura também como uma pauta importante para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos, já que essa variedade se apresenta de forma diferente de região para região. Aprofundar a pesquisa sobre as atitudes tanto de brasileiros/paranaenses quanto de argentinos em relação ao uso do portunhol se torna relevante, especialmente para confirmar, refutar ou reformular resultados já encontrados, que se mostram díspares, como já foi mencionado nesta tese.

A realidade polimórfica linguístico-cultural verificada nas localidades pesquisadas, assim como em muitas outras localidades paranaenses (limitando a abrangência da análise ao estado do Paraná), é resultado das complexas e dinâmicas relações mantidas entre os grupos e é determinada por fatores de ordem social e filtrada pelos modos de crer, avaliar e reagir dos falantes, como bem assinalam Busse e Sella (2012). Há, entre língua e sociedade, segundo essas autoras, uma relação dinâmica de determinação, em que a fala é direcionada pelo jogo de relações de poder e prestígio entre os grupos, que, na esfera linguístico-cultural, revela-se na convivência entre as formas ou na concorrência e adoção de elementos diferentes. Assim, a relevância de se investigarem as atitudes linguísticas de uma comunidade reside em fornecer pistas para compreender as forças ideológicas que operam nessa comunidade. Nesse sentido, acredita-se que esta tese, ao atingir os objetivos propostos no projeto de pesquisa inicial, tenha contribuições a oferecer nessa área de pesquisa e possa também colaborar para fomentar políticas linguísticas específicas a cada região.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina*. 1987. 313 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1987.
- AGUILERA, V. A. *Atlas lingüístico de Ortigueira*. Londrina: UEL, 1993. [Inédito].
- AGUILERA, V. A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008a.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II*. Niterói: EdUFF, 2008b. p. 311-328.
- AGUILERA, V. A. *Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- ALTENHOFEN, C. V.; KOCH, W.; KLASSMANN, M. S. *ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Volumes I e II. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: EdUFSC; Curitiba: EdUFPR, 2002.
- ALTENHOFEN, C. V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana – RILI*, Bremen, v. 3, n. 1, p. 83-93, maio 2004.
- ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*. 1979. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AMÂNCIO, R. G. *As “cidades trigêmeas”*: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARBOSA, A. O. *Brasileenses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística*. 2002. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BARBOSA, G. C. *Atitudes lingüísticas e identidade na fronteira Brasil-Colômbia*. 2004. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

BATTISTI, E. *Agricultura familiar e cidadania: os embates da ASSESOAR*. 2003. 236 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas*. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. 2000. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes, 2007.

BISINOTO, L. S. J. Uma reflexão sobre atitudes lingüísticas. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, p. 35-43, 2009.

BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BOLOGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. Línguas de imigrantes. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 42-46, abr./jun. 2005.

BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS – CIELLI, 1., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

BOTASSINI, J. O. M. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. 219 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira – 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- BURKO, V. N. *A imigração ucraniana no Brasil*. 2. ed. Curitiba: OSBM, 1963.
- BUSSE, S. *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná*. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectologia*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CONFORTÍN, H. Atitudes lingüísticas de falantes bilíngües. *Revista Letras*, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, dez. 2001.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EdUEL, 2001.
- COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectologia*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Série Cuadernos de Lingüística, n. 8).
- DORIAN, N. C. Linguistic and ethnography fieldwork. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 25-41.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- ELIZAINCÍN, A. Las fronteras del español con el portugués en América. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Frankfurt, n. 4, p. 105-118, 2004.
- FAGGION, C. M.; LUCHESE, T. A. Bilinguismo e escolarização na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*, v. 2. Campinas: Pontes, 2011. p. 197-224. (Coleção Linguagem & Sociedade).
- FERREIRA, M. B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HYMES, D. H. (Ed.). *Language in culture and society: a reader in Linguistics and Anthropology*. New York; London; Evanston; Tokyo: Harper & Row, 1964. p. 429-439.
- FISHMAN, J. A. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972a.

FISHMAN, J. A. Domains and the relationship between micro- and macro-sociolinguistics. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds.) *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. Oxford: Basil Blackwell, 1972b. p. 435-453.

FISHMAN, J. A. Sociolinguistics. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 152-163.

FISHMAN, J. A. (Ed.) *Can threatened languages be saved? Reversing language shift, revisited: a 21<sup>st</sup> century perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

FRAGA, L. *Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico*. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRANCESCHINI, D. C. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011. p. 41-72.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 257-280, jul./dez. 2005.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Turpilóquio: o léxico do falar na linguagem oral da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...*, Pelotas: Educat, 2008. v. 8, p. 255-256.

FROSI, V. M.; RASO, T. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 317-347.

GILES, H.; NIEDZIELSKI, N. Italian is beautiful, German is ugly. In: BAUER, L.; TRUDGILL, P. (Eds.). *Language myths*. London: Penguin Books, 1998. p. 85-93.

GOFFMAN, E. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GREGORY, V. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. 1997. 360 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. *Bilingual: life and reality*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2010.

GUMPERZ, J. J. *Language in social groups*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

GUMPERZ, J. J. Sociocultural knowledge in conversational inference. In: SAVILLE-TROIKE, M. (Ed.) *Linguistics and Anthropology*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1977. p. 191-212.

GUMPERZ, J. J. The speech community. In: DURANTI, A. (Ed.) *Linguistic Anthropology: a reader*. 2<sup>nd</sup> ed. Malden; Oxford; Chichester: Wiley-Blackwell, 2009. p. 66-73.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMEL, R. E. La política del language y el conflicto interétnico: problemas de investigación sociolingüística. In: ORLANDI, E. P. *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988. p. 41-73.

HELLER, M. Bilingualism and identity in the post-modern world. *Estudios de Sociolingüística*, Vigo, v. 1, n. 2, p. 9-24, 2000.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOLMES, J. *An introduction to Sociolinguistics*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Longman, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2012. [site oficial]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

IRATI. Prefeitura Municipal de Irati. 2012. [site oficial]. Disponível em: <<http://www.irati.pr.gov.br/municipio>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

JACUMASSO, T. D. *Diversidade lingüística, cultural e políticas lingüísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolingüística: aspectos teóricos e metodológicos. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Os contatos lingüísticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 187-216.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Orgs.). *Estudos de Geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 55-69.

KRIEG-PLANQUE, A. A palavra *etnia*: nomear o outro – origem e funcionamento do termo *etnia* no universo discursivo francês. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-33, 2009.

KRUG, M. J. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de Imigrante – RS*. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken language. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, Toronto, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAZIER, H. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. 3. ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LIEBKIND, K. Social psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LIPSKI, J. M. Too close for comfort? The genesis of ‘portuñol/portunhol’. In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 8., 2004, Minneapolis; Saint Paul. *Selected Proceedings...* Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006, p. 1-22.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

LUERSEN, R. W. A situação de contato plurilíngüe no sul do Brasil. *Visões: Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora*, v. 7, p. 70-87, jul./dez. 2009.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: WEI, L. (Ed.). *The bilingualism reader*. London: Routledge, 2000. p. 22-50.

MACKEY, W. F. Bilingualism in North America. BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (Eds.) *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell, 2004. p. 607-641.

MARGOTTI, F. W. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MELLO, H. A. B. Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás. *Signum: Estudos da Linguagem, Londrina*, v. 6, n. 1, p. 233-268, dez. 2003.

MELLO, H. A. B. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011a. p. 141-177.

MELLO, H. A. B. Prefácio. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011b. p. 9-13.

MELLO, H.; RASO, T. O contato intraindivíduo: aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Os contatos linguísticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 461-477.

MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 69-88. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORALIS, E. G. *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas*. 2000. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, J. A. Teste de reação subjetiva: relatório de uma experiência. In: FERREIRA et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. rev. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

MOUTON, P. G. Mujer, dialecto y prestigio. In: SANCHO RODRÍGUEZ, M. I.; RUIZ SOLVES, L.; GUTIÉRREZ GARCÍA, F. (Orgs.). *Lengua, literatura y mujer*. Jaén: Universidad de Jaén, 2005. p. 223-234.

MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: an introduction to bilingualism*. Malden: Blackwell, 2006.

OGLIARI, M. M. O bilingüismo português/ucraniano na família: influências sociodemográficas na situação bilíngüe familiar. *Guairacá*, Guarapuava, n. 17, p. 55-78, 2001.

OGLIARI, M. M. Contato, diglossia e bilingüismo: situações linguísticas gestadas em Prudentópolis-PR. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2003, p. 1075-1082.

OLIVEIRA, G. M.; ALTENHOFEN, C. V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Os contatos linguísticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 187-216.

OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. 2<sup>nd</sup> ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.



- ORLANDI, E. P. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 203-212. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- ORLANDI, E. P. A língua brasileira. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, p. 29-30, 2005. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- ORREDA, J. M. *Irati, teu nome é história: revista do centenário*. Irati: O debate, 2007.
- ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 9, n. 17, p. 334-340, 2011. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em 25 out. 2012.
- PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.
- PARCERO, L. M. J. *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*. 2007. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- PASTORELLI, D. S. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 99-112. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- PERTILE, M. T. *O ‘talian’ entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho*. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PUOLTATO, D. *Francese-italiano, italiano- ‘patois’*: il bilinguismo in Valle D’Aosta fra realtà e ideologia. Bern: Peter Lang, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p. 21-45. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- RAMOS, F. Atitudes lingüísticas de falantes da cidade de João Pessoa. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE – GELNE, 16., 1998, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal da Paraíba, 1998, p. 351-353.
- RAMOS, O. F. *Ilhas cercadas por “quase” todos os lados?: ucranianos, poloneses e brasileiros em Prudentópolis*. s.d. Disponível em: <<http://www.facef.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Odinei%20Fabiano.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Os contatos linguísticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

RENK, V. E. *Aprendi falar português na escola!* O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná. 2009. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMAINE, S. *Language in society: an introduction to sociolinguistics*. London: Blackwell, 1994.

SANTANA, V. R. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu*. 2012. 283 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

SANTOS, S. R. P. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidades, atitudes linguísticas e manutenção do bilingüismo*. 2001. 208 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SAVEDRA, M. M. G. *Bilingüismo e bilingüidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã*. 1994. 436 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: an introduction*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford: Blackwell, 2003.

SEBRAE. Programa Líder: Liderança para o Desenvolvimento Regional. *Caminhos da fronteira: uma proposta de desenvolvimento*. SEBRAE Nacional: 2009. [Projeto].

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SILVA, S. S. A colônia do Rio Uvã: um contexto de imigração alemã e deslocamento linguístico. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilingüismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011. p. 117-140.

SPINASSÉ, K. P. O *hunsrückisch* no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, n. 19, p. 117-126, 2º sem. 2008.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

VANDRESEN, P. O estudo do bilingüismo em Santa Catarina. ENCONTRO SOBRE BILINGÜISMO NO SUL DO BRASIL, 1., Porto Alegre, 1982. *Anais...* Porto Alegre:

UFRGS, 1982, p. 28-35.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. 5. ed. Curitiba: Vicentina, 1982.

WACHOWICZ, R. C. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.